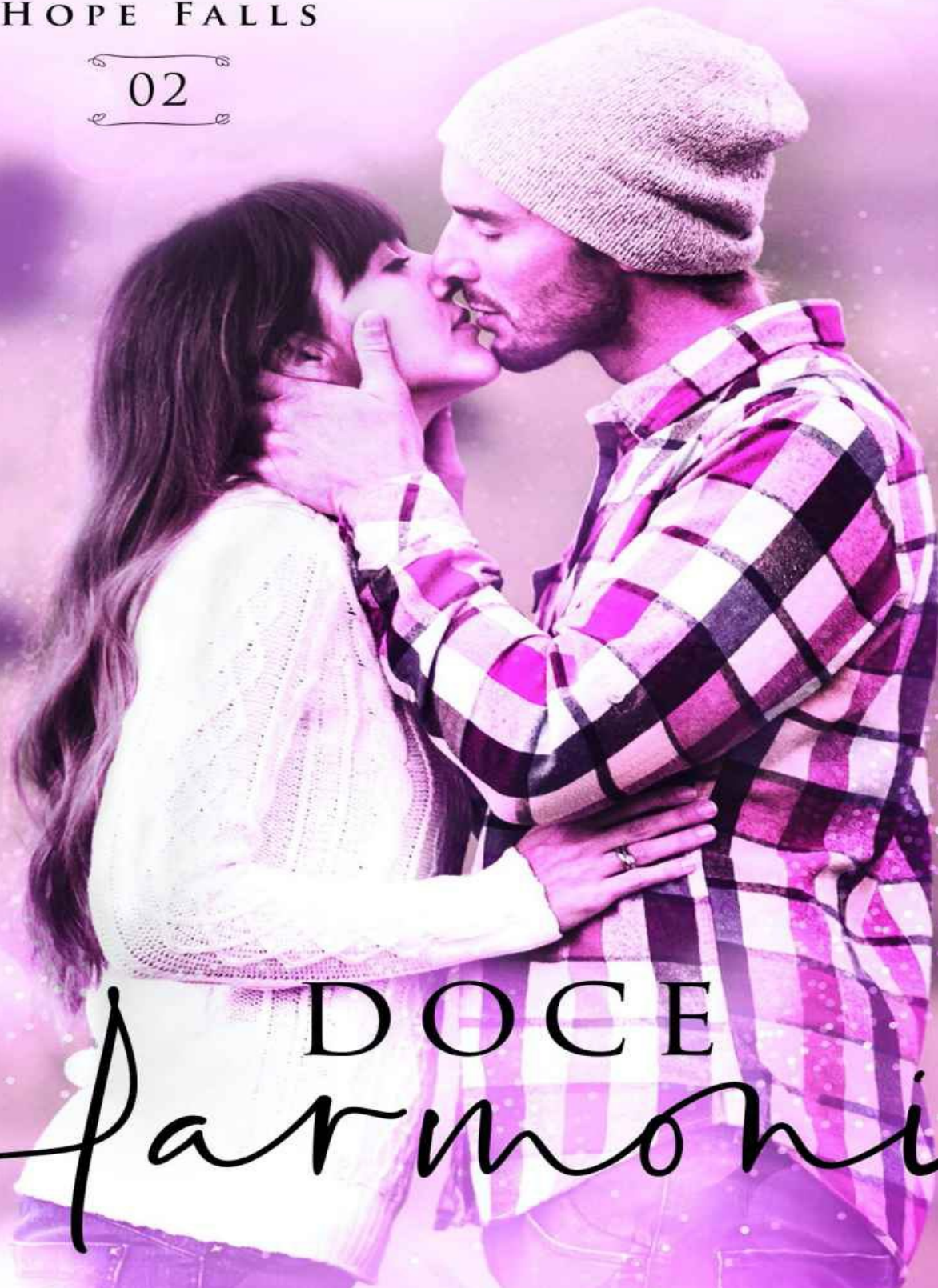


UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

cherish  
BOOKS

02



DOCE  
*Harmonia*

autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn



autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn

DOCE  
*Harmonia*

UM ROMANCE EM HOPE FALLS 02

*cherish*  
BOOKS

Título Original: Sweet Harmonies  
Copyright © 2013 by Melanie Shawn  
Copyright © 2020 by Cherish Books

Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob  
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.  
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: A.J. Ventura  
Revisão: Evelyn Santana  
Diagramação: AJ Ventura  
Capa: L.K. Design

Shawn, Melanie.

Doce Harmonia / Melanie Shawn; tradução de A.J. Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2020.

Tradução de: Sweet Harmonies

1. Ficção americana I. Ventura, A.J. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Cherish Books

## SUMÁRIO

|                                       |
|---------------------------------------|
| <a href="#"><u>Capa</u></a>           |
| <a href="#"><u>Capítulo 1</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 2</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 3</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 4</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 5</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 6</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 7</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 8</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 9</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 10</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 11</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 12</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 13</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 14</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 15</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 16</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 17</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 18</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 19</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 20</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 21</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 22</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 23</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 24</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 25</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 26</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 27</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 28</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 29</u></a>    |
| <a href="#"><u>Sobre a Autora</u></a> |
| <a href="#"><u>Notas</u></a>          |



É isso — *minha encruzilhada.*

Karina Blackstone sempre viveu sua vida com base em instintos, e agora eles estavam gritando para que ela tomasse a decisão certa. Sua vida poderia seguir um de dois caminhos e, instintivamente, ela sabia que tudo dependia *dessa* conversa. Ela tinha uma chance de felicidade, mas ela poderia significar mandar pelo ralo a carreira que havia trabalhado tanto para construir. Ou ela poderia proteger sua carreira e acabar infeliz.

Depois de soltar o cabelo longo e escuro do rabo de cavalo no alto da cabeça, ela passou as mãos por ele, frustrada. Respirando fundo, deixou que ele caísse sobre seus ombros nus. Inquietude nem começava a descrever o que ela sentia quando se virou para olhar pela grande janela do Sue Ann's Café, em sua pequena cidade natal, Hope Falls, que ficava a cerca de uma hora do Lago Tahoe.

*Respira fundo.*

Esfregando a parte de trás do pescoço, tentou se concentrar na cena pitoresca do outro lado do vidro, absorvendo o que ela transmitia e permitindo que fizesse o que sempre fazia: acalmar seus nervos.

Do lado de fora da janela ficava a Main Street, no Centro. Uma seção pitoresca da cidade caracterizada por calçadas de madeira parecendo um deque e pequenas lojas gerenciadas por famílias locais. Por trás dessa visão



imediate, erguiam-se as *Sierra Nevadas*, a majestosa cordilheira que circunda Hope Falls. Pinheiros verdes e pontos de álamos vermelhos e alaranjados enchiam sua visão, acrescentando vivacidade à paisagem arborizada.

Era a visão favorita de Karina em todo o mundo, e ela tinha como saber. Havia viajado pela maioria dos pontos do globo. Sua carreira como cantora de grande sucesso — ou, mais precisamente, estrela pop — a levava a todos os cantos do mundo. Ela viu o Taj Mahal, a Torre Inclinada de Pisa, Stonehenge, o Grand Canyon, o Coliseu, a Grande Pirâmide de Gizé e tudo isso era de tirar o fôlego. Ela não conseguia contar o número de cidades espetaculares que visitou como Veneza, Roma, Paris, Milão, Tóquio, Amsterdã e Rio de Janeiro. Em todas elas, ela tinha meios de se instalar e se tornar moradora, se quisesse. Mas tudo que as viagens fizeram foi solidificar que, bem ali, naquele pequeno canto do mundo que nutria sua alma quando criança e adolescente, era o lugar que ainda nutria sua alma quando adulta.

Decisão tomada. Não importava o que custasse, Karina sabia que tinha que fazer a coisa certa, o que significava... que ela ia voltar para casa. Ela já tinha dado o primeiro passo e comprado uma casa ali, cujas chaves havia pegado naquela tarde. Este era o segundo passo: convencer seu agente de que ela não tinha enlouquecido.

Logicamente, essa transição parecia bastante direta. Ela queria — não, *precisava* — voltar às raízes de quem era como artista, cavar fundo e produzir músicas que realmente expressassem sua alma.

Para fazer isso, ela precisava voltar ao lugar em que poderia entrar em contato consigo mesma, com a pessoa que era antes de toda a loucura da fama começar. Precisava voltar às *Sierra Nevadas* para se reconectar com a vida simples que a inspirava, apagar todas as luzes brilhantes da cidade e se deleitar com o brilho suave das estrelas nas montanhas. Ela precisava passar um tempo com pessoas que a conheciam como Karina Blackstone, seu nome legítimo, não Karina Black, seu nome artístico caiado de branco, que havia sido designado a ela para sua carreira como uma princesa pop palatável ao rádio. O nome que convenientemente retocava sua identidade como nativa americana. Ela precisava estar com pessoas que a conheciam e a amavam como a amiga inteligente e ultra-leal que era, não com aquelas que a adoravam de longe. Ela precisava voltar para casa.

*Isso é totalmente razoável*, ela pensou.

No entanto, havia uma pessoa que absolutamente, inequivocamente, *não* concordava com ela. Seu agente, Bernie Kaplan, que estava sentado à sua

frente na mesa do restaurante de Sue Ann. Karina continuou olhando pela janela, evitando seu olhar.

Não era que ele *parecesse* intimidador. Com quase um metro e oitenta e cinco, ele era muito magro, com mechas de cabelos brancos brotando loucamente em um anel em volta do topo da cabeça careca. Seus olhos redondos e esbugalhados eram ampliados por trás das lentes grandes dos seus óculos de armação grossa. Não, não era a aparência dele que a deixava incomodada, era o fato de Bernie, aos setenta anos de idade, poder se intrometer em seu caminho, e era daí que seu nervosismo se originava.

Bernie tinha sido seu agente nos últimos oito anos, e eles sempre tiveram um ótimo relacionamento de trabalho — até agora. Ela parecia não estar chegando a lugar algum em sua conversa com ele, e uma resolução parecia mais fora de alcance do que um Tiranossauro Rex tentando amarrar seus próprios sapatos.

Afastando o olhar da vista pitoresca, Karina tentou manter o tom uniforme e profissional.

— Acho que expressei isso de todas as maneiras que sei. Eu apenas sinto que preciso fazer isso para voltar ao tipo de música que me representa. Algo mais despojado. Apenas instrumentos, minha voz e músicas que eu escreverei.

— Você já escreve suas músicas! — Bernie protestou, interrompendo-a.

— Bernie... — Ela soltou uma risada frustrada. — Eu não sei se discordo da precisão da palavra “escreve” ou “músicas” nessa frase. Quer dizer, fala sério! Eu invento pequenas frases rimadas e as envolvo com melodias cativantes, mas não é o que eu consideraria uma composição real.

Karina colocou uma das muitas expressões alegres e falsas que aperfeiçoou ao longo dos anos na roda de hamster da mídia, enquanto estalava os dedos e balançava a cabeça, cantando com ênfase extra em cada linha para ilustrar melhor seu argumento.

*“Eu penso com ardor  
Em você como meu amor  
O sentimento está certo  
Quero ter você por perto  
Com um beijo, você poderia me salvar...”*

Bernie parecia confuso.

— Eu não reconheço essa. É sua?

A frustração a inundou, substituindo seu nervosismo.



— Bernie! Acabei de inventar essa porcaria agora. Você tá brincando comigo?

Um sorriso largo cobriu o rosto de Bernie quando ele estendeu as mãos para a frente dele, as palmas para cima.

— O que eu te disse, querida? Você tem um dom! — Ele pegou o iPhone e apertou o botão de gravação. — Cante de novo. Sinto o cheiro de um *single* para entrar nas dez melhores.

Karina tentou não deixar explodir o aborrecimento que estava fervendo dentro dela enquanto dizia categoricamente:

— O fato de você não saber a diferença entre essa idiotice sem sentido e uma das minhas músicas *reais* ilustra perfeitamente o meu argumento.

Agora foi a vez de Bernie olhar pela janela, os ombros caídos em derrota. Karina percebeu que ele estava tão irritado quanto ela, e seu coração se partiu. O relacionamento deles era muito mais do que apenas agente e artista. Bernie era como um pai para Karina. Não que ela soubesse como era realmente, pois nunca conheceu seu próprio pai, e até seu avô faleceu antes de ela nascer.

Mas Bernie cuidava dela. Ele a protegia. Ele a protegia de muitas maneiras da dura realidade daquele negócio. O que em sua mente era o que um “pai” faria. Seu apoio significava muito mais para ela em um nível pessoal do que no profissional.

No primeiro ano em que ela se tornou sua cliente, ele a levou de uma virtual desconhecida a uma megaestrela. E em um feito que foi realmente muito mais impressionante no mundo inconstante da música pop, ele a manteve no topo, passando por todas as tendências da indústria da música. Quando muitos artistas estavam sumindo, se perdendo ou jogando a toalha, Bernie mantinha a carreira de Karina constantemente crescendo e prosperando.

E ela era grata — *realmente* grata —, mas tinha que ser fiel a si mesma agora.

Bernie suspirou profundamente e desviou o olhar para a mesa.

— O que você está falando é a destruição completa da marca que passamos anos construindo, polindo e protegendo. Depois de tudo o que passamos... eu já te guiei errado?

Inclinando-se para o outro lado da mesa, Karina cobriu a mão dele e apertou. Com lágrimas nos olhos, deu o seu melhor para explicar de uma maneira que ele realmente ouviria e esperançosamente entenderia.

— Bernie, veja, isso é uma coisa minha, não tem a ver com você. Você é a razão de eu estar onde estou hoje. Tanto seu intelecto quanto seus instintos são brilhantes, quase de forma assustadora. Não se trata de eu não confiar em você. Tem a ver com eu chegar a um ponto em que não tenho escolha, a não ser seguir meu coração. A persona que você construiu para mim não é ruim. Caberia a muitas pessoas. Mas é tão longe de quem eu realmente sou que me sinto uma versão diluída de mim mesma. Foi isso que minha vida se tornou. Se eu estou com outra pessoa, qualquer outra pessoa, estou ligada. Estou constantemente na personagem Karina Black.

Depois de um suspiro, continuou:

— Se eu continuar nesse caminho de fingir, de ser falsa, literalmente, o tempo *todo*, correrei o risco de perder quem realmente sou. — Fungando quando uma lágrima escorreu por seu rosto, Karina deu de ombros. — Estou com muito medo de que, se não parar agora, posso nunca mais encontrar o caminho de volta para mim. A verdadeira *eu*. Você consegue entender isso?

Bernie balançou a cabeça, sua postura ainda rígida, mas seus olhos estavam amolecendo.

— Não. Para ser sincero, não consigo. Minha especialidade são os negócios. Minhas ferramentas são os números. As emoções nunca foram algo com que consegui lidar. Mas eu te conheço, Bubeleh. E se isso é algo que você precisa fazer, então... eu respeito sua decisão.

Suspirando, trêmula de alívio, Karina sorriu.

— Obrigada, Bernie. Eu realmente preciso fazer isso. Estar aqui agora. Eu preciso estar com minha avó. Eu preciso estar com a tribo. Eu preciso estar com meus amigos. Eu preciso me encontrar novamente.

Bernie assentiu uma vez.

— Bem, então é isso. Eu estou bem. Mas não cometa o erro de pensar que a gravadora vai entender tão gentilmente a sua transformação. Você está falando de um esforço de reposicionamento de marca completo, total e de cima para baixo...

Interrompendo em um tom encantadoramente brilhante, ela apontou:

— Viu? Você diz reposicionamento de marca, mas eu gosto de pensar nisso como ausência de marca. Quero apenas tirar todos os adornos, e o que restar comigo sou eu.

Sua correção fez Bernie soltar uma risada cínica.

— Pode chamar como quiser, querida. Mas a gravadora investiu milhões de dólares em marketing na criação e manutenção da marca Karina Black, e

eles não vão gostar que você queira jogá-la fora como o lixo de ontem.

Karina sentiu seu estômago se contorcer quando ela ajustou os ombros, tentando transmitir mais confiança do que realmente sentia.

— Resumindo, Bernie. O que vai acontecer? Eles não vão lançar os álbuns?

Bernie deu de ombros e respondeu:

— Você terá sorte se eles não te processarem.

O coração de Karina bateu em seu peito quando ela se recostou na cadeira.

— Essa é uma possibilidade séria?

Bernie parou por um momento enquanto pensava em considerar a pergunta.

— Não. Eu não acho que seja. Isso os enquadraria como o grande inimigo mortal, na mente dos seus fãs, o que prejudicaria as vendas do seu catálogo antigo.

Alívio tomou conta dela.

— Ok, bom...

— Não tão rápido, docinho. Não cometa o erro de pensar que eles facilitarão para você também.

— Então você acha que eles vão parar de apoiar meus álbuns? Sem mais turnês, sem mais imprensa?

— Acho que eles engavetarão seus álbuns e se recusarão a lançá-los até que você lhes dê algo de que eles gostem. E quando os custos de produção não forem recuperados pelas vendas do álbum, porque eles demoraram demais a lançar, eles cobrarão de você, o que eles têm o direito de fazer.

— Eles não fariam isso — Karina protestou, incrédula.

— Hum... Se você os irritar o suficiente, eles o farão. Se isso tivesse feito isso seis meses atrás, talvez tivéssemos uma chance de resolver tudo, mas você acabou de assinar seu novo contrato. E acho que, se você seguir em frente e levar adiante essa ideia de não ter marca para os próximos cinco álbuns pelos quais está contratada, é uma boa maneira de queimar sua fortuna. É o que eu penso.

Karina soltou um suspiro de ar, em derrota, enquanto passava os dedos pelos cabelos.

Bernie continuou delicadamente.

— Eu também acho que, se você não estiver sendo paga, então eu não estarei sendo pago. E qual é o sentido disso? Se eu quisesse passar todo o

meu tempo com alguém que não quisesse ouvir meus conselhos e estivesse me custando dinheiro, voltaria a morar com minha ex-esposa.

Os olhos de Karina se ergueram.

— Espere. Você está falando...? Você está me largando, Bernie? A primeira vez em oito anos que eu me defendo e você vai esquecer isso?

Bernie começou a juntar os papéis espalhados à sua frente e se levantou, enfiando-os na velha pasta de couro velha e desgastada.

— Bernie? — O pânico aumentou na garganta de Karina. Ela sabia que sua gravadora talvez não apoiasse sua escolha, mas ela nunca pensou que Bernie não a ajudaria.

— Ah, não tire as calças pela cabeça ainda — ele disse, rispidamente. — Deixe-me falar com a gravadora e obter a opinião deles. Quem sabe? Talvez eles estejam esperando ansiosamente o próximo Joni Mitchell entrar pelas portas deles e você seja a resposta para suas orações. Ligo para você na próxima semana.

Karina sabia que isso era o máximo que ela podia esperar. Ela se levantou e abraçou o agente com força.

— Você é o melhor. Sabe disso, né, Bernie?

— Ha! Se eu fosse o melhor, seria capaz de convencê-la a não cometer suicídio profissional. Acho que não sou o melhor. Mas eu tentarei.

Bernie saiu do restaurante de Sue Ann olhando para baixo enquanto passava pela mesa da avó de Karina, Renata, e uma de suas melhores amigas, Amanda, sentadas por perto para dar apoio moral. Se sua postura fosse alguma indicação, Bernie era quem estava precisando de um pouco de apoio moral.

Erguendo a mão, ela disse ao seu agente derrotado com uma voz alegre.

— Tchau, Bernie. Falo com você em breve.

Sua única resposta foi um aceno de costas, sem virar a cabeça para olhar para ela.

— Ele me ama. Sou a cliente favorita dele — disse ela em tom de alegria para a avó e Amanda, enquanto as duas se levantavam e faziam uma curta caminhada até ela, onde se sentaram.

Karina olhou do outro lado da mesa para suas *pessoas*. Seu sistema de apoio. Amanda olhava para ela com olhos azuis amplos e inocentes, seus cabelos loiros caindo frouxamente em volta dos ombros. Sua avó estava sentada alta, com sua longa trança de cabelos grisalhos, com uma expressão séria, que Karina sabia que não tinha nada a ver com a reunião que acabara de

ter. Sua avó sempre tinha uma expressão severa. Apenas a visão das duas mulheres a fez se sentir mais centralizada e segura.

— Isso não soou muito bem — disse Amanda com simpatia.

Karina deu de ombros.

— Não foi o ideal, mas era muito melhor do que poderia ter sido, porque é o Bernie. Se tivesse sido meu primeiro agente, digamos que palavras teriam sido ditos e ameaças teriam sido feitas, e sangue poderia ter sido derramado. — Karina também manteve um relacionamento com seu primeiro agente, que terminou mal quando decidiu trabalhar com Bernie, o que Amanda sabia, mas sua avó não precisava tomar conhecimento.

Respirando fundo, Karina explicou:

— Bernie pode não entender por que estou fazendo o que estou fazendo, mas ele ainda me apoia, à sua maneira.

Os lábios de Renata se apertaram.

— Ele precisa saber o quão importante sua comunidade é para você. Está na hora, Karina. Hora de você estar em *casa* e se estabelecer com um bom garoto da tribo.

— Uau. Rebobine — disse Karina, girando rapidamente os dedos em sua direção para ilustrar o conceito. — Eu disse que queria voltar para minhas raízes, sim. Mas acho que a parte do “bom garoto” foi uma edição criativa da sua parte.

— Vamos ver — respondeu Renata, imperturbável.

— Preciso me concentrar na minha música agora, vó — disse Karina pragmaticamente. — Eu não tenho espaço no meu coração, ou na minha agenda, para qualquer tipo de envolvimento romântico.

— Eu acho que é bom que a reunião tenha terminado com um tom positivo! — Amanda interveio.

Karina sabia que devia ter sido uma tentativa de recolocar a conversa no caminho certo, antes que esse tópico frequentemente discutido entre avó e neta pudesse se transformar em uma longa e desgastada discussão sobre Karina se estabelecer.

— Eu também acho — Karina concordou. — Ele vai tentar convencer a gravadora. O quão bem-sucedido será é um mistério. Mas, como Bernie apontou corretamente, ele não ganha dinheiro a menos que eu ganhe dinheiro. Então eu sei que ele tentará.

— Café fresco chegando! — Sue Ann Perkins, gerente e proprietária do Sue Ann's Café, apressou-se até a mesa com uma jarra de café, enchendo suas

canecas.

Sue Ann era uma personagem de longa data em Hope Falls. Era uma mulher alegre, com cabelos grisalhos e óculos delicados, que usava em uma corrente em volta do pescoço. Desde que Karina se lembrava, ela sempre usava uma variação de uma saia floral / camisa de botão / conjunto de cardigã combinando. E ela nunca deixava de cumprimentar os clientes de seu restaurante como se fossem amigos há muito perdidos, mesmo que tivessem ido lá momentos antes. Ela era uma das muitas, muitas coisas que faziam Karina sentir que Hope Falls não era apenas sua cidade natal. Era sua casa.

Todas se cumprimentaram e, depois de colocar açúcar no café que acabara de ser servido, Renata perguntou:

— Ouvi dizer que seu neto está na cidade para uma visita para lhe dar uma ajuda muito merecida. Fico feliz em ouvir isso. Você trabalha demais.

Sue Ann sorriu.

— Sim, ele está! Ele chegou ontem. Deixe-me chamá-lo aqui. Eu adoraria apresentar vocês. — Virando-se para a cozinha, ela berrou: — Ryan, querido, você pode vir aqui um minuto? Há algumas mulheres que eu gostaria que você conhecesse.

Era exatamente sobre isso que Karina estava falando. Vida em cidade pequena. Netos aparecendo para ajudar suas avós no verão.

— É ótimo que seu neto tenha vindo ajudá-la — Karina lembrou quando soube que o filho de Sue Ann havia se mudado para Montana para trabalhar na fazenda da família de sua esposa. Na semana passada, ela a ouviu contar para algumas crianças do ensino fundamental, que estavam no balcão, que seu neto trabalhava em uma fazenda, com o rosto todo iluminado quando falou sobre ele. — Será que os pais dele o deixaram voar sozinho?

— Ryan, aqui! — Sue Ann acenou alegremente.

Ela ergueu os olhos para ver o *garoto* e ficou sem fôlego ao olhar para o belo espécime masculino que acabara de sair da cozinha pelas portas duplas.

A câmera lenta fora algo que Karina via no cinema e na televisão como um efeito especial, mas nunca pensou que pudesse acontecer na vida real. Ela estava errada.

Ele se aproximou delas com um ar de confiança casual. Ele era alto e bronzeado, com cabelos loiros dourados e olhos macios, profundos e castanhos. Seus ombros eram largos e seus braços estavam esculpidos com músculos que fizeram o coração de Karina pular tantas batidas que ela ficou preocupada que pudesse sofrer uma parada cardíaca. Enquanto seus olhos

continuavam avaliando, ela engoliu um grande nó na garganta. O ajuste do jeans dele indicava que seus braços não eram as únicas coisas nele que eram bem proporcionadas e perfeitamente modeladas.

Este homem parecia um deus grego em botas de caubói.

*Oh, meu Deus...* Aparentemente, ver um deus grego em botas de caubói fazia surgir a debutante sulista interior de Karina. Era tudo o que ela podia fazer para não se abanar de modo expansivo ou acabar desmaiando.

O que poderia ter acontecido, se não fosse a sensação de respiração que cobriu sua orelha quando Amanda sussurrou:

— Ei, Kar, você devia levantar sua mandíbula do chão antes que ele chegue aqui.

Os ouvidos de Karina estavam zumbindo quase tanto quanto o resto do corpo, então ela mal registrou as palavras da amiga.

— Minha mandíbula? — Karina levou a mão ao rosto, confusa. Quando ela a tocou, as nuvens de luxúria que estavam embaçando seu cérebro se dissiparam e ela percebeu a que Amanda estava se referindo.

Ela não tinha certeza do que estava acontecendo ali. Estava doente? Teve um derrame? Luxúria podia causar derrames?

Antes que pudesse responder a qualquer uma das muitas perguntas que voavam em seu cérebro como pássaros em um filme de Alfred Hitchcock, o deus grego em botas de caubói, que parecia um modelo de cuecas Calvin Klein, chegou à mesa.

Sue Ann irradiava orgulho.

— Gostaria de apresentar a vocês Ryan Perkins, o filho de Grant, meu filho. Ele ficará por aqui por um tempo. Ele veio de Montana para me ajudar, e eu não poderia estar mais agradecida por isso.

A boca de Ryan se levantou e revelou os dentes mais retos e brancos que Karina já tinha visto. Ele passou o braço em volta de sua avó, dando-lhe um pequeno aperto.

— Estou feliz por estar aqui, vovó.

Outra onda de tontura atingiu Karina quando seus lábios se ergueram em um sorriso que parecia pertencer a um comercial de creme dental e a covinha mais adorável surgiu em sua bochecha direita. Na verdade, ela teve que conscientemente impedir que o braço se levantasse por vontade própria, para poder passar os dedos sobre ela.

Sue Ann continuou, com orgulho:

— Ryan, esta é a Sra. Blackstone e sua neta, Karina. E essa é Amanda



Jacobs.

Cada uma das mulheres, por sua vez, apertou a mão de Ryan. Quando a vez de Karina se aproximou e ela antecipou a sensação do toque de Ryan, seu coração bateu mais rápido e suas bochechas coraram.

Sua mão tremia um pouco quando ela a estendeu.

Quando a pele da palma da mão de Ryan entrou em contato com a sua, ela sentiu a forte pressão dos dedos dele no pulso, o que enviou um choque elétrico ao seu braço. O choque físico fez com que ela o olhasse surpresa, e percebeu que ele parecia tão surpreso quanto ela.

Honestamente, parecia que ela estava vivendo uma cena em uma comédia romântica.

Seus olhos se encontraram, e seu sorriso provocou a aparição da covinha com força total. Era um sorriso tão grande, brilhante e sexy que ela teve um sobressalto. Desta vez, porém, estava em um lugar que não era nem de longe tão inocente quanto seu braço.

Ryan lentamente puxou a mão para trás, arrastando os dedos ao longo do interior de seu pulso e palma, nunca diminuindo a potência em seu sorriso ou desfazendo o contato visual. Ao sentir os dedos dele se movendo sobre sua pele, ela respirou fundo. Ela não pretendia, mas não conseguiu evitar.

— Ryan — perguntou Amanda —, você visitou sua avó em Hope Falls em um verão tipo... uau, sei lá quinze anos atrás?

Em um canto distante de seu cérebro, ela ouvia Amanda falando, mas não tinha ideia do que sua amiga estava dizendo.

Ryan piscou e balançou a cabeça um pouco antes de voltar sua atenção para Amanda. Parecia um dos momentos em que Karina e suas amigas prendiam a respiração debaixo d'água e depois finalmente respiravam. Colocando a mão no peito, Karina olhou para a mesa e inspirou profundamente, tentando acalmar o coração acelerado.

— Sim, eu visitei. Nossa. Ótima memória.

Amanda bateu na mesa.

— Sim, eu sabia! Eu sabia que você parecia familiar. Karina, Ryan esteve aqui naquele verão que você foi para o acampamento de música. Eu acho que vocês nunca se conheceram.

— Não nos conhecemos — disse Ryan, com uma certeza que provocou um arrepio na espinha de Karina.

Sentindo o calor de seu olhar, Karina olhou para ele. Mesmo sabendo que ele estava olhando para ela, isso não fez nada para diluir o poder do

momento.

Sua voz ficou mais profunda quando ele disse:

— Confie em mim. Eu teria lembrado disso.

Renata pigarreou.

— Bem, não teria importado. Minha neta levava a música tão a sério na época, quanto leva agora. Não havia tempo para jovens rapazes.

As palavras de sua avó foram como água fria sendo salpicada em seu rosto. Elas a tiraram do feitiço induzido pela luxúria em que ela havia caído. Seus olhos dispararam para os da avó com seu olhar mais incógnito de eu-não-acredito-no-que-você-acabou-de-dizer.

— Você não estava expressando esse sentimento momentos atrás? — Renata respondeu placidamente.

*Sério?!*

Karina estava se lembrando de que sua avó era mais velha e tentando encontrar uma maneira respeitosa de calá-la. No entanto, antes que ela pudesse falar, ouviu o tom estridente de Amanda e sabia que sua amiga estava intervindo sem sequer ouvir as palavras que dizia.

— Ryan, você está ocupado amanhã? Meu noivo, Justin, eu e nossos amigos Sam e Lauren vamos ajudar Kar a se mudar para a nova casa. Adoraríamos ter um par de mãos extra. Pizza e cerveja por nossa conta.

Ryan sorriu largamente, nunca tirando os olhos de Karina. Embora ela não tenha apreciado a imitação de Cupido de Amanda, ela se viu prendendo a respiração enquanto esperava ouvir a resposta dele.

— Certo. Eu adoraria — ele disse com um tom inconfundivelmente sexy em sua voz.

Bem ... pelo menos ela pensava que era inconfundivelmente sexy.

— Ótimo! Vamos buscá-lo às sete da manhã — disse Amanda com um pouco de entusiasmo demais para o gosto de Karina.

Sue Ann, no entanto, parecia estar entendendo tudo. Ela estava radiante, claramente feliz com essa reviravolta antes de seu rosto se iluminar ainda mais quando puxou o braço de Ryan, excitada, logo depois que a campainha sobre a porta do café tocou.

— Olha, elas estão aqui.

Todos se viraram e Karina viu a Sra. Maguire, a Sra. Kavanagh e a Sra. Lindon indo na direção deles.

Sue Ann apresentou as mulheres a Ryan antes de explicar:

— Essas são as mulheres que eu lhe contei do meu clube de bridge,

Ryan. Lembre-se, você *prometeu* que tocaria para elas.

— Prazer em conhecê-las. — Ryan sorriu para cada uma delas.

— Então, por que você não pega seu violão? — Sue Ann solicitou, seu tom uma mistura perfeita de comando e alegria. E embora tenha sido formulado como uma pergunta, na verdade era mais uma ordem que uma solicitação.

— Agora?

Karina viu os ombros de Ryan ficarem tensos e seus olhos se arregalarem um pouco.

— Não, amanhã, quando elas voltarem para casa. Sim, agora! Você prometeu. — A alegria agora se inclinava muito mais para o lado da pressão.

— Pensei que quisesse dizer quando fosse jogar cartas... ou algo assim... não aqui... não agora.

Embora o tom de Ryan fosse completamente respeitoso, ficou claro que ele não estava entusiasmado com essa mudança de rumo.

Talvez Karina devesse se sentir mal por ele estar sendo obviamente colocado sob os holofotes, mas honestamente ela estava animada demais para ouvi-lo tocar. Também (bônus!) era bom vê-lo meio desequilibrado, pois vê-lo a deixava tão desequilibrada quanto um elefante e um gatinho em uma gangorra.

Sue Ann ignorou o flagrante desconforto de Ryan ou simplesmente não se importou, porque ela estava entusiasmada com suas parceiras de bridge e também com Karina, Amanda e Renata.

— Ele toca violão e escreve as músicas mais lindas. E a voz dele, ah, vocês têm que ouvir. Ele tem uma voz de anjo.

— Ah, acho que é uma ótima ideia. — A empolgação de Amanda transbordou quando ela se virou para Karina. — Adoraria ouvir você tocar e tenho certeza de que Karina também adoraria.

Ela podia sentir os olhos de Ryan fixos nela e, por algum motivo — ela não tinha certeza de como explicar —, sabia que sua resposta significava algo para ele. E isso a fazia sentir-se em exibição. Exposta. Vulnerável.

Karina respirou fundo, na tentativa de se acalmar e se distrair de seu poderoso desejo de que o mundo se abrisse e a engolisse. Todos esses eram novos sentimentos para ela. Ela estava acostumada a estar completamente no controle de situações como essa. Na sua experiência, as pessoas ficavam perturbadas quando a conheciam, e não o contrário.

Era uma inversão desconfortável.

Em uma tentativa de enfrentar as coisas de frente, que era como ela normalmente lidava com as coisas em sua vida, tanto profissional quanto pessoalmente, e sair dessa roda gigante em que tinha tudo girando para fora do seu controle, ela ergueu os olhos para os de Ryan, literalmente. Olhou de frente para ele.

Grande. Erro. No segundo em que seus olhos se encontraram, formigamentos espalharam-se do topo da cabeça até a ponta dos dedos dos pés, e sua respiração começou a sair em espasmos.

Karina abriu a boca para tentar formar algum tipo de resposta inteligente. Algo que mostraria a esse homem lindo que mulher inteligente e espirituosa ela era. Para aliviar a tensão na sala e fazer todo mundo rir.

— Hum... sim... — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Para sua surpresa, parecia ter funcionado. Aparentemente, o fato de ela ter tentado mergulhar graciosamente nas águas lisas do oceano de emoções frias e, em vez disso, ter dado uma barrigada lamentável, não incomodou nem um pouco Ryan. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto e enviou um arrepio pelo corpo dela.

— Ok — sua voz profunda retumbou antes que ele se virasse e seguisse em direção ao corredor dos fundos.

Karina não parava de encarar seu corpo e como se movia ao se retirar.

Amanda se inclinou, a diversão em sua voz claramente evidente.

— Você odeia vê-lo partir, mas adora vê-lo partir.

Quando ele desapareceu ao virar da esquina, Karina tornou-se consciente de seu entorno imediatamente. Perguntas giraram em sua cabeça como um tornado.

Puxando o braço de Amanda em sua direção, em uma tentativa desesperada de uma tábua de salvação na confusão em que estava se afogando, ela sussurrou intensamente:

— Que diabos foi isso? Eu não posso... eu não... eu nunca... quem sou eu? Os alienígenas acabaram de invadir e eu fui arrebatada? Amanda, o que está acontecendo comigo?

Os olhos de Amanda dançaram divertidos enquanto ela tentava reprimir uma risadinha, antes de responder em uma risada sussurrada:

— Ah, seu corpo foi arrebatado, sim. Por um pequeno alienígena chamado paixão. Isso acontece com todos nós. *Ótimo*.

A declaração de sua amiga não era exatamente o salva-vidas que Karina estava procurando.

Ela praticamente podia ouvir o glug, glug, glug enquanto tentava respirar.

Recostando-se na cadeira, ela notou a avó dando às meninas uma expressão que já recebera mais vezes do que Karina poderia contar enquanto crescia. Uma careta de desaprovação.

No passado, Karina nunca acreditou ter merecido aquela expressão específica, mas hoje sentia que sua avó estava mais do que certa na avaliação de seu comportamento. Karina não poderia estar menos entusiasmada com o modo como ela mesma estava agindo.

Respirando fundo, colocou as mãos na superfície plana da mesa. A cada segundo que passava, se sentia mais como ela mesma. Balançando a cabeça lentamente, falou baixinho, para que apenas Amanda pudesse ouvir:

— Eu acho que foi uma loucura temporária. Veja. Estou bem. Eu posso falar, até terminar uma frase. Eu estou bem. Eu estou no controle. Estou bem.

O sorriso permanente que Amanda estava usando se espalhou ainda mais no rosto quando ela respondeu:

— Claro que sim.

No momento em que Karina estava prestes a fazer um comentário sarcástico sobre a dúvida de Amanda sobre seu estado mental, Ryan entrou pelas portas da cozinha, carregando seu violão. Ele foi até o banquinho que Sue Ann havia preparado para ele e todos os pensamentos sobre convencer sua amiga de que estava *bem* evaporaram como gelo seco em uma sauna.

Todo o oxigênio na sala parecia ter sumido e foi substituído pelo ar denso e eletricidade, e o mundo inteiro de Karina se resumiu a uma coisa. Ryan Perkins no palco. Em um movimento rápido, ele colocou a correia no pescoço e equilibrou o corpo do violão no joelho. Então ele respirou fundo e fechou os olhos quando começou a dedilhar e mexer nas cordas.

Karina reconheceu instantaneamente o olhar em seu rosto. Ela frequentemente usava essa mesma expressão. Era o olhar de alguém se deixando levar pela música.

Ele abriu a boca e começou a cantar. Sua voz era linda, rica e texturizada, e ele a usava com habilidade, explorando todas as camadas e nuances à sua disposição. Sedosa em um minuto, grave no seguinte, subindo em um falsete que levou Karina para outro mundo.

Sue Ann estava certa. Ryan cantava como um anjo. Um anjo que inspirava todos os tipos de pensamentos pecaminosos em Karina.

A sala ao seu redor desapareceu. Ela fechou os olhos quando a voz dele

a inundou, quente, aveludada, poderosa, como se uma substância física a estivesse cercando e permeando sua alma.

Karina sentiu gotas quentes espirrando em seu antebraço. Até aquele momento, ela não estava ciente de que duas grandes lágrimas rolaram por suas bochechas. Ela sentiu Amanda estender a mão e apertar a sua em apoio.

Abrindo os olhos, ela admitiu para a amiga com relutância.

— Talvez eu não esteja assim tão bem.





Karina vagou pelos cômodos da sua nova casa, tentando digerir os eventos do dia. Talvez devesse estar na cama, mas não conseguia dormir. Ela se sentiu virada de cabeça para baixo. Pessoalmente, profissionalmente, enfim. Todos os aspectos de sua vida que poderiam ter sido virados de cabeça para baixo foram movidos exatamente dessa forma, naquele dia.

Ela não tinha voltado para Hope Falls para simplificar sua vida? Esse não era o plano? O objetivo dela não era remover as distrações da vida em LA e na estrada?

No entanto, no primeiro dia, não apenas entrou em uma batalha profissional, mas também conheceu um homem. E não apenas qualquer homem. Um homem que a fazia questionar sua própria sanidade.

Karina nunca tinha sentido isso antes. Ela sentiu desejo por homens antes. Ela sentiu carinho. Talvez até amor...?

Sim, ela decidiu. Ela *amara* dois homens da maneira que era capaz de amar, da melhor maneira que sabia. Não era sobre o que ela escrevia músicas, ou as pessoas escreviam sonetos e faziam filmes bregas, mas era sua melhor versão do amor.

Mas ela nunca — *nunca* — se sentiu fora de controle da maneira como se sentira no Sue Ann's Café antes. A cabeça dela girava como se ela tivesse ingerido algum alucinógeno. Seu coração batia como se estivesse prestes a

sair do peito. Sua respiração se acelerou incontrolavelmente. E a pior parte, a parte que ela absolutamente não conseguia entender, por mais que tentasse, era que ela havia ficado sem palavras.

Ela.

Sem palavras.

Balançou a cabeça em uma tentativa vã de limpá-la, de tentar entender tudo isso enquanto caminhava sem rumo pela casa recém-adquirida.

Claro, ela tinha enfrentado sua parcela de problemas ao longo da vida quando se tratava de conversar, mas cada um deles resultou em não ser capaz de manter a boca fechada quando deveria ficar em silêncio — *nunca* por ser incapaz de se fazer falar.

Esta tarde foi a primeira vez que ela lembrou, a primeira vez em todos os dias em que habitara este planeta, que ela realmente queria, precisava, dizer algo, mas as palavras simplesmente não saíam.

E a coisa frustrante sobre essa anomalia foi que ela aconteceu na frente do único homem que ela realmente teve o desejo de impressionar.

*Pense numa ironia!*

Desde que ela conseguia se lembrar, os homens haviam tropeçado em seus pés, tentando impressioná-la, e não o contrário. E apesar de gostar da atenção, ela poderia facilmente viver sem ela. Felizmente. Ela nunca foi dessas garotas que precisam de afirmação ou mesmo carinho de um homem para se sentirem inteiras.

Tudo o que ela precisava para se sentir completa era um violão nos braços ou teclas de marfim sob as pontas dos dedos. Ela estava tão concentrada em sua música e em sua carreira, que seus relacionamentos pessoais eram uma coisa paralela, um divertimento, e ela nunca havia dedicado muita paixão ou pensamento a eles.

Mas no restaurante? Com Ryan? Aquela tinha sido uma situação totalmente diferente.

Naquela tarde, os papéis estavam invertidos. E ela não gostou nem um pouco.

Ou... talvez ela tivesse amado. Ela não conseguia decidir.

Ela arrastou as pontas dos dedos pelas paredes, desejando que a sensação tátil a trouxesse de volta à Terra.

Entrando na sala, ela respirou fundo, se recompondo. Os tetos abobadados estavam bem acima dela, dando ao espaço uma sensação cavernosa, semelhante a um anfiteatro. Ela atravessou lentamente a grande



sala e foi até a extensão de vidro que compunha a parede externa.

A vista deste refúgio no topo da montanha era de tirar o fôlego. Dali de cima, ela podia ver todas as luzes de Hope Falls no vale abaixo. A cidade parecia em miniatura, mas ela conseguia distinguir facilmente o centro da cidade, incluindo o café de Sue Ann, o centro de recreação e o colégio onde estudara no ensino médio. Ela desejou ter a capacidade de mapear sua paisagem interna de maneira tão precisa quanto fazia com o lado de fora da janela pela qual estava olhando agora.

Seu único consolo era que ela tinha um tempo sozinha para entender isso. Isso era o que ela nunca conseguia quando vivia a agitação de sua vida de pop-star. As pessoas pensavam que era tão fascinante, que ela estava constantemente cercada por lacaios pulando para obedecer suas ordens. Não muito. Ela tinha uma comitiva? Sim. Mas, na maioria das vezes, Karina sentia que — entre suas relações públicas, seu agente e até seu estilista — ela trabalhava para *elas* mais do que o contrário.

Ela estava acordada às quatro ou cinco da manhã para fazer entrevistas por satélite ou telefone e, em seguida, era um dia sem parar de fazer o que lhe era dito até pelo menos meia-noite. Nesse ponto, ela dormia por quatro ou cinco horas antes que tudo recomeçasse. A assistente dela lhe diria para onde ir. Seu agente lhe diria o que fazer. Seu representante de RP lhe diria o que dizer. O nutricionista lhe diria o que comer. Sua gravadora lhe diria o que cantar. Ela tinha certeza de que, em breve, haveria alguém na equipe para lhe dizer o que pensar.

Foi por isso que ela precisou pular fora da esteira da fama.

Claro, ela tinha dinheiro, fãs e sucesso profissional. A única coisa que ela nunca foi capaz de obter foi um tempo longo e ininterrupto sozinha para ser feliz. Pelo menos agora ela tinha alguma solidão, para lidar com o caos pessoal acontecendo dentro dela.

Assim que esse pensamento passou por sua mente, Karina se assustou com uma batida forte na porta, sua ressonância ecoando pelo espaço vazio.

Quando ela correu para a porta da frente, seu primeiro pensamento foi que deveria haver algum tipo de emergência para alguém aparecer sem aviso prévio e depois bater na porta com tanta força, a essa hora da noite, ou ela imaginava que já fosse manhã. Ela olhou pelo olho mágico e viu Sam, uma das melhores amigas dela e de Amanda, e seu coração se apoderou.

*Ah, não!* Será que aconteceu alguma coisa com Amanda ou Lauren?

Karina abriu a porta em pânico, temendo o pior.

No entanto, Sam virou o rosto brilhante para Karina e gritou:

— Ei! — Antes de passar por ela e se dirigir à sala de estar.

Karina a seguiu, perplexa, seu coração ainda batendo acelerado em ansiedade.

— O que está acontecendo? O que há de errado? — ela respirou.

Sam ainda estava andando para a frente, admirando o ambiente ao redor.

— Oooh, parece tão estranho e assustador no escuro com apenas as velas. Você liga a energia amanhã?

Karina balançou a cabeça e esfregou a testa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Hum... sim, eu acho. Amanhã ou hoje mais tarde. Lauren está cuidando disso. Sammy, o que você está fazendo aqui? Algo está errado?

Sam balançou a cabeça, seus olhos brilhando.

— Não. Só que ouvi de Amanda que você conheceu um cara hoje e você estava completamente... diferente. Eu tive que saber os detalhes por mim mesma. Quem é esse homem de aço que pode destruir as estrelas celestes?

A mão de Karina voou para o peito quando ela soltou um suspiro de alívio.

— Ah, isso. Ok. Eu pensei que algo terrível tinha acontecido. Sei que sua etiqueta social pode estar enferrujada, já que você esteve submersa na Terra do Nunca do treinamento olímpico todos esses anos, mas para referência futura, aparecer na casa de alguém sem aviso é o equivalente a uma chamada telefônica às três horas. Geralmente significa desastre, acidente de carro, morte ou alguém no hospital.

Sam acenou, deixando isso de lado.

— Ah, por favor. Não é como se eu não tivesse vivido no mundo. Eu sei disso. Mas eu acabei de falar com Amanda e mal podia esperar até de manhã para conseguir a informação. E como você é péssima com seu telefone celular, combinado com o fato de eu morar do outro lado da rua e saber que você é a própria Rainha Noturna, pensei... Por que não arriscar?

— Ótimo — Karina disse categoricamente.

Sam colocou as mãos nos quadris.

— Ah, vamos lá, você sabe que quer falar sobre tudo o que aconteceu esta tarde.

O rosto de Karina se suavizou, um ombro amigo não seria tão ruim.

— Ah, tudo bem. Pedi comida chinesa, que provavelmente já está fria, mas você é bem-vinda. Eu também tenho vinho. — Ela afundou

graciosamente no chão, sentada de pernas cruzadas na frente das caixas de comida chinesa, abrindo-as uma a uma.

Sam sentou-se na frente dela, dizendo:

— Não, nada de macarrão para mim, estou treinando, mas vou tomar um pouco de vinho.

Levantando uma sobrancelha, Karina esclareceu:

— Macarrão é uma porcaria para o seu treinamento, mas você pode ficar bêbada?

Sam deu de ombros.

— O vinho não é exatamente um shake de proteína, mas você deve se perguntar:

como vale mais a pena roubar no treinamento? *Foo yung frio*? Não muito. Taça de vinho? Sim, por favor!

Karina serviu vinho na taça de Sam primeiro e depois na sua. Ela tomou um gole e se deleitou com o calor que se espalhava por seus ombros e costas. Pegou a caixa de frango xadrez e colocou um dos pedaços doces e crocantes em sua boca. Mesmo frio, não era tão ruim.

Um sorriso surgiu em seus lábios. Sentada em sua própria casa em Hope Falls, bebendo vinho, comendo o que gostava, cercada por velas e amizade, ela se sentia mais em casa do que em qualquer outro lugar em anos. Convencia-a, mais do que qualquer outra coisa, que sua decisão de deixar a vida que vivera nos últimos dez anos e voltar para casa era a decisão certa.

Depois havia Ryan Perkins... Ele estaria na lista dos prós ou dos contras de voltar para lá?

Karina respirou fundo.

— Ok, então eu conheci esse cara hoje.

— Eu sei! — Sam explodiu. Então começou a contar as coisas com os dedos. — O nome dele é Ryan. Ele é neto de Sue Ann. Ele está aqui ajudando-a com o café. Ele é alto. Loiro. Sexy. Canta e toca violão como um sonho. Eeeeeee, aparentemente, ele reduziu você a uma pilha chorosa de mingau com apenas um aperto de mão.

Karina riu.

— Eu preciso estar aqui para esta conversa?

Sam franziu o rosto da maneira mais adorável, como costumava fazer quando eram crianças.

— Desculpe. Acho que me empolguei um pouco. Estou tão animada por você. Conte-me tudo. Eu não vou interromper. Prometo.

Deitando-se de costas, Karina olhou para o teto enquanto suspirava.

— Ok, eu admito que foi um pouco emocionante sentir aquela... aquela coisa avassaladora que eles falam nos filmes. Eu não vou tão longe a ponto de dizer que realmente gostei de me sentir fora de controle, mas é como se houvesse essa pequena parte de mim que realmente gostaria de se sentir fora de controle. Isso faz sentido?

Sam combinou o suspiro de Karina com o seu, embora o dela estivesse cheio de tristeza.

— Não, não faz sentido. Estou morrendo de vontade de conhecer alguém que me faça perder o controle dos meus sentidos.

Karina riu com vontade.

— Ah, certo, Miss Competitiva. Você diz isso agora, mas vamos ver qual é a história dez minutos depois de conhecer alguém que faz você esquecer quem é. Tenho a sensação de que não será uma imagem bonita.

— Verdade. É possível que eu esteja romantizando — Sam admitiu. — Talvez o sentimento real seja mais assustador do que eu imagino. Mas, para ser justa, provavelmente é mais emocionante do que eu imagino que seja também.

Karina ficou quieta por um momento antes de finalmente responder baixinho:

— Sim. *Definitivamente é.*





**A**s manhãs e Ryan Perkins não se davam bem.

Tendo crescido em uma fazenda, Ryan precisou acordar e fazer as tarefas antes do amanhecer desde que podia se lembrar. Ser uma coruja noturna por dentro significava que todas as manhãs eram uma luta colossal para conseguir acordar e sair da cama. Todos os dias, quando o despertador tocava antes do amanhecer, ele se arrastava da cama e entrava no banheiro, sentindo como se blocos de cimento estivessem amarrados aos seus membros.

Naquela manhã, ele não teve esse problema. Na verdade, ele saiu da cama quinze minutos antes que o alarme disparasse. Sem olhos turvos. Sem membros pesados. Ele se sentia como o coelho do comercial de pilhas quando foi tomar banho. O fato de que podia roubar mais quinze minutos preciosos de sono? Nem ocorreu a ele.

Sentindo-se bem acordado, Ryan girou o registro do chuveiro até que a temperatura estivesse bem alta. Algumas pessoas usavam água fria para acordar. Ryan era o oposto. Chuveiros quentes eram sua única salvação pela manhã. O calor pulsante da forte corrente de água batendo em seus músculos, respirar o vapor o fazia se sentir vivo.

Naquela manhã, o calor e o vapor derreteram com seus pensamentos sobre Karina. Isso quase o deixou tonto.

Droga. Ele não conseguia parar de pensar nela. Aquele cabelo preto comprido e brilhante. Aquela pele macia de caramelo. Aqueles olhos brilhantes e escuros. Ele não achava que alguma vez tivesse posto os olhos em uma mulher tão deslumbrante quanto ela. Não na vida real. Nem mesmo no cinema.

Durante toda a noite, ele se virou de um lado para o outro com imagens dela se revezando em sua cabeça. Havia algo tão especial nela. Uma confiança. Ou talvez fosse a postura. Mesmo depois de quase doze horas, Ryan não conseguia identificar o que era.

Inclinando a cabeça para trás para enxaguar o xampu, lembrou-se de que eles mal haviam dito duas palavras um para o outro. Ele estava dizendo isso a si mesmo desde que saiu da lanchonete, mas isso não o impedia de sentir que eles tinham uma conexão. E não apenas física, mesmo que, se ele fechasse os olhos, ainda pudesse sentir a pele macia e sedosa sob seu toque. Mas era mais do que isso. Quando os olhos deles se encontraram, ele sentiu que não apenas ela podia ver sua alma, mas ele também via a dela.

Depois que terminou o banho, se secou e, por algum motivo, uma filosofia que seu avô sempre pregou para ele lhe ocorreu.

*“Quem já fez uma caminhada cansativa por uma encosta íngreme dirá que certamente não é um passeio no parque, mas quando você chega ao topo dessa montanha e aproveita a vista deslumbrante que ganhou, percebe que as pessoas míopes que seguiram o caminho fácil não sabem o que estão perdendo e nunca conseguirão experimentar esse momento no topo da montanha.”*

Desde a primeira vez que ouviu isso, Ryan queria que sua vida fosse preenchida com momentos no topo das montanhas. Ele não se contentaria com nada menos. Não se importava com o quanto tivesse que trabalhar. Qualquer coisa espetacular na vida teria que ser conquistada.

Era estranho, ele sabia, mas Karina o lembrava dessa história. Ela era definitivamente uma mulher que representava o topo de uma montanha. Era especial. Não havia dúvida de que muito trabalho seria necessário para conhecê-la, para ver se a conexão que ele sentia era algo real, se valeria a pena.

Depois de se vestir, Ryan trancou a porta do apartamento e desceu as escadas para o café, onde encontrou sua avó andando pela cozinha, servindo café em xícaras e montando caixas de café da manhã.

— Vovó, deixe-me ajudar com isso — disse ele, com preocupação na

VOZ.

— Ah, bobagem. — Ela o afastou. — Você precisa economizar sua energia para todo o trabalho pesado que fará hoje.

— Tenho certeza de que vou ficar bem. — Ele sorriu enquanto se movia ao lado dela, formando uma linha de montagem dupla, entrando rapidamente em sincronia. — Mas falando em trabalho pesado — ele começou. — Você tem certeza de que posso te deixar aqui hoje sozinha? Eu vim aqui para ajudar a administrar o restaurante. E agora, vou sair e te deixar sozinha no sábado, um dos dias mais movimentados da semana. Não tenho tanta certeza de que seja uma boa ideia.

— Não seja bobo — garantiu Sue Ann. — Você terá tempo de sobra para me ajudar, além de eu ter três ajudantes hoje. E depois, eu realmente preciso da sua ajuda com a papelada e os sistemas, não preciso de você atendendo mesas ou recebendo pedidos.

— Tudo bem, mas prometa que me ligará se as coisas ficarem muito agitadas.

— Absolutamente — respondeu Sue Ann com convicção. — Mas não se preocupe comigo. Vá e divirta-se.

Ele riu.

— Bem, vou mover móveis e caixas. Eu não sei quanto divertido isso vai ser.

Ela o olhou maliciosamente.

— Ah, acho que existem pessoas que consideram um dia de trabalho ao lado da muito atraente Miss Karina mais divertido do que o que geralmente fazem por diversão.

Ele balançou a cabeça com um pequeno sorriso.

— Acho que você está vendo o que deseja ver.

— Ah, seja sincero, Ryan. Podemos não nos ver muito desde que você era criança, mas isso não significa que eu ainda te ache uma criança. E eu não sou cega. Vi como estava andando ontem, orgulhoso como um pavão toda vez que os olhos dela estavam em você. Não ache que eu não percebi esse entusiasmo em seu rosto quando ela disse que queria te ouvir tocar. — Ela terminou com uma risada.

— Não sei do que você está falando. — Ele amava sua avó, mas ela tinha uma tendência de transformar as coisas em mais do que eram. Não era isso que ele queria que acontecesse com Karina.

— Não seria fácil encontrar alguém melhor — ela argumentou. — Ela é

uma garota bonita, e vocês têm a música em comum.

— Bem, considerando o fato de ela ter imitado o papa-léguas direitinho ao sair daqui depois que eu toquei ontem, acho que ela pode não ser uma fã.

Não que Ryan realmente se importasse se ela gostava da música dele ou não. Era algo que ele sempre fazia para si mesmo. Se as pessoas gostassem, ótimo. Se não, nada de mais.

— Oh, querido, vamos lá — protestou Sue Ann. — Suas músicas são tão bonitas. Tenho certeza de que ela as amou.

Ryan riu.

— Você é minha avó. Você tem que dizer isso.

— Não sou obrigada, não. Confie em mim. Se fossem uma porcaria, eu diria a verdade.

— Sim — ele concordou, balançando a cabeça. — Bom argumento. Você diria.

— E sinto que ela também — continuou Sue Ann, confiante. — Ela é uma garota direta. Então, eu não me incomodaria muito com o fato de que ela saiu logo após suas músicas. Se ela não gostasse, não iria simplesmente se esquivar. Renata sempre fala sobre como a neta está ocupada. Ela provavelmente tinha um lugar para estar. Isso é tudo. Ela não é o tipo de pessoa que teria medo de lhe dar uma opinião honesta.

— Sempre gostei de saber onde estou com as pessoas.

Sue Ann riu.

— Você saberá onde está com Karina. Não se preocupe!

Ryan gostava quando as pessoas eram honestas e francas, mas estava começando a parecer que era mais do que isso.

— Então, o que há de errado? Ela é má ou algo assim?

Ela balançou a cabeça, fazendo com que seus cachos cinza e ondulados saltassem.

— Oh, não, definitivamente não. Ela não é má. Ela apenas dirá exatamente o que pensa.

*Bom.* Ryan sorriu para si mesmo. *Porque eu adoraria saber exatamente o que ela pensa.*







Karina e Sam pararam em frente à casa de Amanda e saíram do Range Rover de Karina antes de caminharem em direção à porta da frente.

— Isso é tão emocionante! — Sam disse cantando. — Não acredito que vamos te ajudar a mudar para sua nova casa hoje, e você está se mudando para o outro lado da rua, e eu vou encontrar Ryan hoje. Melhor. Dia. Da. História.

Karina não compartilhou o entusiasmo de sua amiga.

— Ainda não entendo por que tivemos que ir até a casa da Amanda apenas para voltarmos juntos para minha casa. E é cedo demais para estar tão alegre — ela resmungou.

— Amanda queria que todos fôssemos juntos na van. Além disso, é muito mais divertido assim. E eu amo essa hora da manhã — Sam borbulhou. — Você acorda cedo todos os dias também. Imaginei que gostasse tanto quanto eu!

Karina bufou.

— Levanto cedo por necessidade, não porque gosto. Eu acho que não é natural gostar de acordar tão cedo.

Elas alcançaram a porta de Amanda, tocaram a campainha e esperaram que alguém atendesse — o que era uma mudança de seu hábito bem estabelecido de bater e entrar —, desde que Justin havia se mudado, elas

tinham visto mais do que pretendiam. Mais de uma vez.

— Não é natural. Se você é um... vampiro — disse Sam e olhou para Karina com expectativa.

Sam havia recentemente tentado aprimorar seu manejo social, tentando fazer piadas regularmente nas conversas com as amigas. Ela sentia que seu senso de humor havia sido reprimido ao passar cada segundo de cada dia concentrada em seu treinamento.

— É muito cedo para a aula de comédia — declarou Karina, sem rodeios.

— Bem. Então você recebe a minha resposta chata e simples, que é: se não é natural gostar de acordar tão cedo, acho que não sou natural, porque adoro — disse Sam, sem diminuir sua alegria em nada.

— Ah, não — Karina gemeu. — Por favor, diga-me que não será assim o dia todo.

Naquele momento, Amanda abriu a porta e gritou:

— Vocês estão aqui! Excelente. Entrem. Estão todas de olhos brilhantes e cabelos escovados nesta linda manhã de dia de mudança? Ou devo dizer “Dia de Ryan”?

— Oh, meu Deus — disse Karina, continuando seu gemido. — Vai ser mesmo *assim* o dia todo.

Karina ficou aliviada quando a menos efusiva das Quatro Fabulosas — um apelido que eles tinham desde a escola primária —, Lauren, entrou na sala com naturalidade.

— Assim como? — ela perguntou secamente. Então ela acrescentou: — Estamos prontas para seguir em frente?

— Eu já te disse ultimamente o quanto eu te amo, Lauren? — Karina brincou. Ela sabia que, se pudesse contar com alguém para ser sensata, seria Lauren, que era completamente prática.

— Ah, por favor, ela quer conhecê-lo tanto quanto nós. — Amanda apontou acusadoramente para Lauren.

— Quem? Ryan? — Lauren esclareceu. — Mal posso esperar para conhecer esse cara. No entanto, os caminhões estarão em sua casa em menos de uma hora, por isso devemos nos apressar. Assim que eles começarem a descarregar... — Ela olhou diretamente nos olhos de Karina, sorrindo como quem guarda um segredo. — ... definitivamente haverá um quiz sobre o Ryan. Acredite.

O noivo de Amanda, Justin, estava descendo as escadas quando Lauren

terminou esta última observação e começou a rir.

— Uau. Elas começaram a te pressionar mais cedo do que eu esperava.

Os olhos de Karina se voltaram para Amanda, que obviamente havia dito a Justin sobre o que havia acontecido no almoço ontem.

— Realmente, ninguém tem mais nada sobre o que falar em suas vidas?

— Não — responderam os outros em uníssono.

Karina balançou a cabeça e suspirou.

— Vocês estão fazendo disso um assunto muito maior do que realmente é.

Amanda zombou.

— Umm... não, nós não somos assim. Você, Karina Blackstone, que nunca perdeu a cabeça por causa de um cara, nem mesmo uma vez, estava completa e totalmente apaixonada desde o primeiro instante em que Ryan Perkins saiu da cozinha ontem na Sue Ann. Foi diferente de tudo que eu já vi antes.

Karina se resignou com o fato de que essa história seria contada, porque Lauren e Sam estavam claramente focadas em cada palavra que saía da boca de Amanda.

Melhor apenas se render agora.

— Tudo bem — ela suspirou. — Conte a história. Mas você pode pelo menos contar no carro, por favor? Porque Lauren está certa. Nós temos muito o que fazer.

Amanda a ignorou completamente quando começou sua história com uma voz dramática.

— Então lá estávamos nós, sentadas à nossa mesa, cuidando de nossas próprias vidas. De repente, Sue Ann chama seu neto para vir nos encontrar. Ele saiu por trás e foi como... se o céu tivesse se aberto. Como se raios de luz celestial estivessem brilhando sobre sua cabeça dourada.

— Ah, por favor — disse Karina, mas Sam e Lauren a calaram.

Amanda continuou.

— Karina ofegou.

— Ok. Eu não ofeguei. Agora você está inventando coisas.

— Ah, você ofegou — Amanda assegurou. — Quero dizer, não era como se Freddy Krueger estivesse prestes a nos matar ou algo assim, mas houve uma ingestão curta e definitiva de ar. Agora fique quieta. Esta é a *minha* história.

— Como é a *sua* história? É sobre mim! — Karina protestou incrédula.

— Exatamente. Você é o assunto da *minha* história. — O tom de Amanda implicava que ela estava dizendo o óbvio.

As mãos de Karina voaram no ar.

— Ah, qual é!

Lauren estendeu a mão e, sem sequer um olhar em sua direção, colocou a mão sobre a boca de Karina.

— Então, de qualquer maneira — Amanda continuou, destemida —, Ryan sai, Karina está ofegando, eu praticamente posso ouvir seu coração batendo no peito, e todo o sangue foi drenado de seu rosto. Ele vem até nós, aperta a mão de Renata e aperta a minha. Então ele se vira para Karina e, eu juro, é como se algum tipo de holofote estivesse brilhando em seu rosto. Eu nunca soube o que a frase “seu rosto se iluminou” significava até que eu vi isso. Era como uma luz literal e física brilhando do rosto dele para Karina. E Karina, ela estende a mão para apertar a dele, e está tremendo como uma folha. Juro por Deus, apenas pairando no ar, tremendo. Então ele pega a mão dela com muita delicadeza, como se fosse levá-la à boca e beijá-la. E Karina, a Rainha Empoderada das Respostas Espirituosas, não consegue dizer nada! Ficou apenas aquele silêncio longo e pesado enquanto eles se entreolharam. Foi estranho até que finalmente comecei a falar para preenchê-lo.

Amanda respirou, algo que ela não tinha feito em um longo período, e continuou.

— E então, esta é a melhor parte, pessoal, quando ele cantou... — Ela fez uma pausa para um efeito dramático e juntou as mãos na frente do coração para mostrar o quão emocionante fora o momento que ela estava prestes a relatar. — Karina chorou.

As mandíbulas de Lauren e Sam caíram.

— Karina chorou ?! — Sam exclamou. — Você não me contou essa parte. Nossa Karina realmente derramou lágrimas?

— E seu coração cresceu três tamanhos naquele dia<sup>1</sup> — Lauren entoou secamente.

O resto do grupo riu.

— Devo admitir que isso muda as coisas — acrescentou Lauren.

Com isso, Karina tirou a mão de Lauren da boca.

— Isso não muda nada. A música dele foi... — Ela tentou colocar em palavras, mas não conseguiu, então afirmou o óbvio. — Eu sou um ser humano. Eu tenho sentimentos.

— Suspeitamos disso o tempo todo — disse Lauren. — Agora,

acabamos de ver evidências reais do fato.

— Bem — disse Sam, empolgada —, acho que a única coisa que resta a fazer é conhecer esse cara incrível que de alguma forma foi capaz de revelar o lado mole e sensível de Karina.



— Eles chegaram! — Sue Ann exclamou, pulando alegremente. Ela entregou-lhe a caixa contendo as caixas de sanduíches do café da manhã e colocou os suportes de papelão com as xícaras de café por cima.

Ryan levantou-se da mesa onde estava esperando e olhou pela grande vitrine da frente do café no momento em que uma van branca de passageiros apareceu. No lado, havia um logotipo verde-escuro composto por uma figura oval circundando um pinheiro e as palavras *Mountain Ridge Outdoor Adventures* inscritas no topo.

— Tudo bem, Ryan — ela disse antes de beijá-lo na bochecha. — Tem creme e açúcar no fundo da caixa. Eu acho que é isso. Divirta-se com seus amigos — ela terminou, dando um tapinha nas costas dele e mandando-o porta afora.

Ryan sentiu-se nitidamente como uma criança sendo enviada para o acampamento de verão, e esse sentimento não foi atenuado quando as portas laterais da van de passageiros se abriram e ele teve que subir desajeitadamente no banco de trás, como uma criança subindo em um ônibus escolar cheio de coisas. O sentimento foi ainda mais solidificado quando ele olhou pela janela enquanto a van se afastava e viu sua avó parada na calçada, acenando para o veículo que estava recuando.

*Obrigado, vovó.*

Depois de dizer um *oi* coletivo, ele se acomodou no assento vazio e solitário da van, que, por acaso, ficava atrás, bem ao lado de Karina.

*Ótimo.*

Ryan sorriu quando se virou para ela. Olhar nos olhos dela novamente causou a mesma sensação que ele sentiu no dia anterior, quando se conheceram. Conexão. Seu sorriso se espalhou ainda mais e seu tom ficou

baixo e íntimo quando ele disse:

— Bom dia, Karina.

Seus lábios se separaram, mas nada saiu. Ela rapidamente fechou a boca. Um rubor começou a subir por suas bochechas, e ela abriu a boca mais uma vez, mas, novamente, nenhum som escapou.

Ele estava prestes a perguntar se ela estava bem quando ouviu seu nome.

— Ei, Ryan — Amanda, que estava sentada no banco do passageiro da frente chamou, preencheu o silêncio. — Estamos tão felizes que você pôde nos ajudar com a mudança de Karina hoje.

— Sem problemas. Fico feliz em ajudar — Ryan respondeu honestamente.

— Fantástico! Deixe-me apresentá-lo a todos. — Seu rosto se iluminou quando ela olhou para o homem de cabelos castanhos ao lado dela, dirigindo a van. — Este é meu noivo, Justin.

Justin olhou no espelho retrovisor para Ryan e deu um pequeno aceno de cabeça.

— E aí, cara? Prazer em conhecê-lo — ele disse.

Outra mulher loira, alta e muito séria, especialmente a esta hora e para esta tarefa, virou-se para Ryan.

— Eu sou Lauren — ela disse, estendendo a mão graciosamente sobre o assento para apertar a dele.

— Prazer em conhecê-la — disse ele, devolvendo a saudação.

— E eu sou Sam — disse uma mulher fofa, parecendo uma fada, de cabelos ruivos sentada no banco do meio com Lauren. — Então você conhece todo mundo!

— Oi, Sam. — Ryan sorriu para a garota amigável. — Ei, se alguém estiver com fome, minha avó mandou alguns sanduíches e café.

Amanda se virou.

— Pensei ter sentido o cheiro de algo delicioso. Passe eles pra cá.

Nos próximos momentos, eles distribuíram a comida e o café e começaram a comer.

— Senhor! — Sam gemeu. — Ela me fez um saudável sanduíche de proteína para o café da manhã. Por favor, agradeça a ela por isso. Foi tão gentil da parte dela.

— E foi tão gentil da parte dela não fazer isso para o resto de nós — Justin interrompeu. — Definitivamente, agradeça a ela por isso.

— Ryan, se você quiser passar a caixa pra cá, podemos usá-la como

lixreira — instruiu Lauren.

— Lauren é a organizadora, apenas para que você saiba — disse Sam a Ryan. — Ela e a prancheta estão determinando o horário hoje.

— É bom saber — disse Ryan. Enquanto a van subia mais e mais alto nas montanhas acima de Hope Falls, ele olhou maravilhado para a paisagem. — Eu nem percebi que havia casas tão longe.

Lauren voltou-se para ele.

— Na verdade, estou no setor imobiliário e ajudei Karina a encontrar esta casa. Apenas recentemente voltei para a área também, por isso fiz muita pesquisa no MLS. Fiquei surpresa ao descobrir que existem algumas casas incríveis aqui nas colinas e montanhas que cercam a cidade. A maioria delas são casas de férias, no entanto, e não pertencem a moradores locais. É provavelmente por isso que as pessoas que vivem em Hope Falls naturalmente não as consideram parte da cidade.

Sam disse:

— Conte a ele sobre sua casa, Karina.

Ryan percebeu que Karina ficou tensa ao lado dele. Quando ele olhou, ela estava olhando para a amiga por uma fração de segundo antes de se virar para ele e respirar fundo.

— Lauren encontrou a melhor casa pra mim. Tem uma vista incrível, mas o que realmente me conquistou foi esse incrível estúdio de última geração. Era de propriedade de um produtor de música country que pensava que faria de Hope Falls uma Nashville, na costa oeste. O que infelizmente não aconteceu, mas funcionou bem para mim.

Ryan observou o rosto dela se transformar enquanto ela falava sobre o estúdio, e era como se todo mundo na van — todo mundo no mundo — tivesse desaparecido e fossem apenas os dois em uma pequena bolha, com um mundo completamente para si.

— Mal posso esperar para conferir — disse ele, enquanto seu coração batia forte no peito.

Os lábios carnudos de Karina se abriram em um sorriso, e uma poderosa onda de desejo o inundou.

— Ok, crianças. Deem um tempo. Chegamos — anunciou Amanda quando a van entrou na entrada de uma espetacular estrutura de pau-brasil e vidro.

Quando o motor desligou e todos soltaram os cintos de segurança, Justin disse a Amanda:

— Nada disso, senhorita. Você espera aí mesmo. — E rápido como um flash, ele tirou o próprio cinto de segurança, saiu da van, correu para o outro lado e abriu a porta de Amanda, estendendo a mão para ajudá-la a descer.

Amanda riu.

— Meu herói. — Ela fingiu desmaiar, apertando as mãos na frente dela.

— O Cavalheirismo não está morto.

Quando ela colocou a mão na de Justin, ele a surpreendeu agarrando-a pela cintura, puxando-a para fora do assento e girando-a nos braços. Amanda gritou e riu até que Justin a colocou no chão e a puxou para um beijo que poderia facilmente rivalizar com Leo e Rose na proa do Titanic.

— Bem... — Ryan riu, virando-se para Karina. — Se esse é o prêmio por ser cavalheiro por aqui, acho melhor ajudá-lo.

Karina piscou.

— Ei, jogue suas cartas direito... — ela provocou.

Agarrando a porta, saiu à frente das três damas e ajudou cada uma a sair da van. Karina foi a última, e quando ela desceu, ele sacudiu as sobancelhas para ela, o que teve o efeito desejado de fazê-la rir. Não era como se ele nunca tivesse ouvido uma garota rir antes. Mas havia algo diferente na risada de Karina. Era melódico, como o tilintar de teclas de piano, como pássaros cantando à luz da manhã. Ryan tinha a sensação de que o resto de sua vida seria medido não em semanas, meses ou anos, mas nos intervalos entre os momentos em que ouviria aquela risada intoxicante.

— Ok! — chamou Lauren, olhando para os papéis presos à sua prancheta. — Vamos nos reunir, pessoal. Temos muito o que revisar e estamos atrasados.

— Pronto, capitão. — Karina levantou a mão e saudou a amiga.

Lauren ignorou o gesto de provocação.

— Primeiro, aqui estão os mapas do interior da casa. Cada cômodo está marcado pela cor. Cada caixa e peça de mobiliário deve ter uma cor correspondente. Quando entrarmos, também colocarei placas em todas as salas que correspondem ao sistema codificado por cores, para que fique claro. A equipe de mudança estará lidando com os móveis, obviamente. Eu vou dirigir esse processo. Todos vocês podem começar pelas caixas, que estão no segundo caminhão. As mais leves devem estar no topo. Eu devo terminar de direcionar a equipe quando chegarmos às caixas pesadas, o que pode exigir mais de um par de mãos por caixa. Isto é tudo. Alguma pergunta?

Ryan se inclinou para Karina e falou baixinho:



— Uau. Ela é realmente organizada.

Karina sorriu.

— Não é? Monica de *Friends* é bagunceira perto dela. Lauren é a pessoa mais organizada e no controle das coisas que eu já conheci.

Sam, levantando a mão,, perguntou com inocência falsa:

— Então, basicamente, nós trazemos as caixas e as colocamos onde elas precisam estar?

A expressão de Lauren não mudou enquanto ela respondia:

— Praticamente.

Sam franziu o rosto e acenou com a cabeça.

— Acho que podemos lidar com isso.

Lauren pressionou.

— Bom. Vamos seguir em frente para que todos vocês possam começar a se familiarizar com a planta.

Ryan seguiu o grupo quando eles entraram na casa. Quando passou da entrada, ele parou. Ela se abria para um grande vestíbulo, de um lado havia uma sala de estar cavernosa, com tetos abobadados e uma parede de vidro com três andares de altura. Enquanto se moviam pelo espaço, a vista panorâmica das montanhas ondulantes de pinheiros verdes, com bosques de álamos amarelo e vermelho-alaranjado aqui e ali, chamou sua atenção. Toda a cidade de Hope Falls era visível no vale abaixo, parecendo um curioso modelo de trem em miniatura, montado a partir desta altura e distância. Completando a cena de tirar o fôlego, estavam os brilhantes pontos azuis de rios, riachos e lagoas que pontilhavam a paisagem.

Ryan ficou momentaneamente sem palavras pelo puro poder da beleza que estavam testemunhando. Era o tipo de visão com a qual você nunca poderia realmente se acostumar. Você podia vê-la cem vezes por dia durante cinquenta anos, mas toda vez que entrava na sala, uma pequena parte de você fica tão emocionada com a visão quanto estava quando a viu pela primeira vez.

Quando todos começaram a se dispersar, olhando seus mapas e checando a casa, ele e Karina foram deixados sozinhos.

— Esta casa é incrível! — ele disse, com admiração na voz.

Karina parecia envergonhada.

— Sim, acho que não sou mais uma artista morta de fome.

— Ah, você é artista?

Ela inclinou a cabeça para o lado, um olhar confuso cruzando seu rosto.

Era como se ela estivesse tentando descobrir se ele estava brincando ou não. Ele realmente não seguia o mundo da arte; por tudo o que sabia, ela poderia ser aclamada como o próximo Picasso.

Finalmente, ela falou devagar.

— Hum... sim, eu sou...

A conversa foi interrompida pelo estrondo de duas grandes vans em movimento parando do lado de fora, um som que atraiu o resto da multidão de volta para a entrada.

Depois disso, as coisas mudaram rapidamente. Ryan teve que admitir que, quando imaginou esse dia em sua mente enquanto tentava e não conseguia dormir na noite anterior, certamente não previra viagens intermináveis, com suor e quentura, através da enorme metragem quadrada da casa de Karina, carregando caixas contendo o que pareciam ser incontáveis posses.

Não, suas visões foram semelhantes às de montagens de filmes de comédia romântica. Fazendo viagens entre um caminhão e uma pequena cabana de estilo bangalô, rindo, flertando e brincando com Karina.

*Doce. Simples. Sutil.*

A realidade era drasticamente diferente do que ele havia imaginado. De fato, agora que ele viu a mansão deslumbrante para a qual Karina estava se mudando, ele estava começando a vê-la sob uma luz diferente e mais refinada. Pequenas coisas, como a graciosa curva de seu pescoço de cisne, sua graça natural, sua postura. Tudo isso indicava alguém com sofisticação.

Ao puxar mais uma caixa de uma das três grandes vans móveis com controle climático, Ryan percebeu que, quando se mudou para a Califórnia, ele empacotou todos os seus pertences em duas malas. E tudo consistia principalmente de roupas. O que eles poderiam ter em comum? Talvez ele estivesse louco por pensar que poderia haver algo entre eles.

Enquanto ele descia a rampa de aço para levar uma caixa marcada como laranja para a sala laranja, Karina saiu pelas portas duplas da frente e o sol atingiu seus brilhantes cabelos negros. Quando o olhar dela pousou nele, um choque de consciência o atingiu como um raio.

Mesmo a alguns metros de distância, ele podia ver um rubor subir pelas bochechas cor de mel, e Ryan sabia que ela também sentia isso.

Então havia isso. Eles tinham *isso* em comum.





Karina não sentia que esse dia emocionante estava sendo tudo que ela esperava que fosse.

Claro, suas coisas estavam sendo transferidas para a sua casa. Isso era importante? Sim. Alguns podem até dizer que era o objetivo de uma mudança. Ela estava plenamente consciente de que estava sendo petulante.

Mas no fundo de sua mente, ela esperava, *realmente* esperava, que o “dia de mudança” acabasse com ela e Ryan entrando furtivamente nos cantos da casa, roubando momentos, provocando e flertando e... Ela deixou sua mente vagar a partir daí.

O dia certamente começou com promessas. Ela estava recebendo vibrações específicas de Ryan na van. Elas a deixaram momentaneamente sem palavras? Sim. Mas esse não era o ponto. O ponto era que ela começara a sentir suas esperanças e desejos quanto ao dia se tornarem mais fortes e mais reais à medida que a viagem até a casa progredia.

Mas desde que chegaram em casa, ele deixou de enviar as vibrações de flerte explícito. Era mais como se eles estivessem em um time. Um pequeno grupo de dois trabalhando juntos. Ela havia flertado o suficiente para saber que esse era um dos níveis de bom flerte, no entanto. O estilo “sexy e sedutor” de flertar envelhece se for a única arma. Os melhores flertadores variam seu jogo com muitas formas diferentes de aproximação. Das poucas

experiências que ela tivera com Ryan, ficou claro que ele era versado em muitas abordagens, e ela estava ansiosa por provar todas elas.

Infelizmente, desde que começaram a mudança, trazendo caixas para a casa, houve muito poucas tentativas de aproximação. Ele não fez nada além de trazer caixas para a dentro todo esse tempo.

Claro, quando eles passavam um pelo outro nos corredores ou fora do caminhão, ele dava um sorriso de derreter calcinha ou um olhar igualmente chocante. Algumas vezes, ela podia jurar que ele até flexionava seus músculos consideráveis — e perfeitamente formados — apenas para seu benefício. Ou pelo menos era o que ela estava dizendo a si mesma.

Mas, no geral, ele estava apenas pegando caixas e as carregando para dentro de casa.

Por mais que ela apreciasse o trabalho duro dele, o que era verdade, ela decidiu que talvez precisasse influenciar negativamente na ética de trabalho insana dele e ver se poderia distraí-lo. Só um pouco.

Ela sorriu enquanto ideias para tentá-lo esvoaçavam em sua mente enquanto se inclinava e olhava os cabelos no espelho lateral da van em movimento. Não estava tão ruim. Ela nunca fora de falsa modéstia, concluiu mentalmente.

*Mesmo suada e empoeirada, eu ainda estou bem.*

Então, encostada no caminhão, tentando parecer natural, esperou até Ryan voltar.

Certificando-se de que seu sorriso continha um brilho extra, ela inclinou a cabeça.

— Ei, Ryan. Você poderia me ajudar com uma coisa?

Ele sorriu de volta brilhantemente, e ela teve o desejo mais insano de olhar de soslaio contra o brilho de mil watts de seu sorriso perfeito, o que obviamente foi acompanhado por seu parceiro sexy — a covinha deliciosa.

— Claro — ele respondeu. — O que você precisar.

Nossa. Ela definitivamente podia pensar em algumas coisas de que precisava vindas dele.

— Ótimo! Eu queria montar meu estúdio o mais rápido possível, e é um trabalho para duas pessoas. Importa-se de me ajudar com isso?

O rosto dele se iluminou.

— Não, eu não me importo! Eu adoraria dar uma olhada no seu equipamento.

Houve um silêncio constrangedor, e então os dois começaram a rir.

Balançando a cabeça, Ryan disse:

— Eu realmente não quis dizer isso do jeito que soou.

— Não se preocupe — ela brincou. — Você pode conferir meu equipamento a qualquer momento.

O deslize, fosse freudiano ou não, parecia ser apenas o quebra-gelo que Karina estava esperando, e ela se viu um pouco menos paralisada pela tensão que sentia em sua presença. Ela ainda sentia um frio na barriga enquanto o guiava pela casa em direção ao estúdio, mas ela estava começando a gostar do sentimento que não experimentava desde criança e ela, Amanda, Lauren e Sam iam até o Pico do Homem Morto e olhavam para baixo.

Andando pelo corredor, Ryan balançou a cabeça levemente.

— Eu sempre quis ter meu próprio estúdio. Nunca conheci alguém que tivesse um. Tenho que admitir que nunca pensei que, quando isso acontecesse, seria em Hope Falls.

— Oh, eu sei. — Karina sorriu. — Acho que nunca conheci mais ninguém em Hope Falls que teria se importado. Mas, sem querer que soe arrogante, acredito que sua avó não lhe disse que eu morava aqui, certo?

Um meio sorriso puxou seus lábios.

— Ela mencionou que havia uma garota muito bonita que amava música, mas eu não levei a sério. Para minha avó, alguém que ouve rádio “ama música”.

Ela deu um sorriso sedutor.

— Parece que ela me subestimou.

Quando o meio sorriso dele se abriu, a força de sua sensualidade quase a derrubou.

— Você está certa. Chamar você de “muito bonita” não lhe faz justiça.

Suas pernas tremiam quando dobraram a última esquina e entraram no estúdio. Seu coração batia tão forte no peito que ela pensou que poderia realmente ter asas e corria o risco de voar para longe. Ela estava acostumada a ouvir elogios, mas o jeito que Ryan acabara de dizer essas palavras a fazia sentir diferente.

Respirando trêmula, ela estendeu os braços como as dançarinas da TV apresentando produtos:

— Bem, aqui está. Obviamente, está uma bagunça agora. Na verdade, tudo ainda está em caixas. Mas é isso.

— É incrível — Ryan disse enquanto examinava a mesa de som e o vidro que dividia a pequena área de gravação. Então, virando-se para ela, ele

perguntou: — Por onde você quer começar?

*Umm... com seus lábios nos meus.*

Sacudindo essa imagem, os olhos de Karina vasculharam a pilha intimidadora de caixas e ela deu de ombros.

— Eu acho... escolha uma caixa.

— Parece bom. — Ele sorriu quando se abaixou para abrir a caixa imediatamente à sua esquerda.

Ele começou a tirar fotografias grandes e emolduradas de Karina e encostá-las na parede. Havia várias fotos de suas inúmeras turnês e aparições em premiações. Na que ele atualmente segurava em suas mãos, de uma aparição no VMA há alguns anos, ela estava vestida da cabeça aos pés em couro preto justo, até suas botas de cano alto. Ela amava essa porque não sabia exatamente onde terminavam suas madeixas negras e o couro escuro começava.

Ela se sentiu um pouco nostálgica quando ele continuou tirando fotos emolduradas da caixa. Em outro visual icônico, este de sua turnê futurista há três anos, ela estava revestida com um tecido elástico, luminescente e prateado. Seu cabelo estava preso em um penteado complicado, entrelaçado com fios prateados, e seu rosto estava coberto de maquiagem em todos os tons metálicos imagináveis.

Em mais uma foto, essa de uma performance no Hollywood Bowl, ela usava um vestido incrustado de joias com um decote em coração e uma saia que ia até o chão, cada centímetro coberto de diamantes de verdade. Ela lembrou que havia sido assegurado em mais de dez milhões de dólares. Ela também lembrou que o vestido elaborado era pesado pra cacete.

A foto estava nitidamente focada nela em primeiro plano, o fundo ligeiramente embaçado e desbotado, embora ainda se pudesse ver a seção de cordas da orquestra que a acompanhava no palco.

Ela adorava aquela foto em particular porque a capturou no topo de uma nota muito alta. Seu rosto estava virado para cima, os braços estendidos para os lados e o rosto era a coisa mais próxima que ela já vira de uma expressão arrebatadora. Em sua mente, ela intitulou a foto *“This is Music”*.

Entre as lembranças estavam alguns pôsteres emoldurados de turnês ou aparições especiais que ela havia feito e fotos dela com alguns de seus ídolos.

Quando Ryan desempacotou cerca de vinte pôsteres e fotos, ele riu.

— Uau. Você tem uma coleção completa!

Karina riu também, envergonhada.

— Ah, eu sei — ela disse, acenando com a mão para desviar a atenção.  
— É absolutamente ridículo. Eu preciso me livrar de muitas dessas coisas. Pensei em leiloá-las para caridade, mas você sabe. É como... o que você guarda, do que se livra? Era demais para pensar. Eu não sei.

— Para caridade? Sério? — ele disse, parecendo impressionado.

— Bem — ela disse, sentindo uma pontada de defesa —, quero dizer, eu provavelmente teria que autografar muito disso ou algo assim...

Antes, ele perguntou se ela era uma artista, e agora, isso? Ela não queria ser paranoica, mas as duas reações pareciam estranhas. Talvez fosse apenas o senso de humor dele.

— Olha — ela falou mais alto enquanto a adrenalina corria através dela.  
— Eu vou te dar o benefício da dúvida e supor que você está brincando, e eu sou a primeira a admitir que a música que eu lancei até agora pode não ser brilhante. Pode não ser profunda ou impregnada de significado artístico. Mas eu realmente tenho uma base de fãs. Uma base de fãs incrivelmente leal. Eles pagariam por lembranças, especialmente se fosse para caridade.

Ryan apenas olhou para ela. Ele não disse uma palavra. Ele ficou parado, imóvel, olhando para ela, a boca aberta, os olhos arregalados, parecendo estupefato. Ela franziu a testa.

Certo, ela sabia que não tinha sido agressiva o suficiente para causar tanto choque.

Ryan apertou os olhos, olhando para ela... firme. Ele estava rapidamente examinando o rosto dela como se estivesse fazendo um inventário facial. Sob o calor de seu intenso escrutínio, seu rosto ficou vermelho.

— O que foi? — ela perguntou, tocando seus cabelos, nariz, boca. — Eu tenho sujeira no rosto todo ou algo assim?

— Puta merda — Ryan respirou. — Você é Karina Black.

— Eu... sei — ela disse, sem muita certeza de aonde ele estava indo.

— Quer dizer... você é Karina Black de *verdade* — ele continuou como se isso esclarecesse as coisas.

— Eu sei — Karina concordou cautelosamente, sem ter ideia de aonde ele estava indo com isso.

— Eu não... — Ele balançou a cabeça, seu rosto bonito envolto em descrença. — Eu não sabia. Eu não percebi. Ninguém me disse.

Ela inclinou a cabeça para o lado, intrigada.

— Como assim, ninguém te disse? Eu te conheci ontem. Você esteve na



minha casa, fazendo a mudança o dia todo.

Ele assentiu devagar, os olhos ainda arregalados.

Continuando, ela levantou as mãos, palmas para cima.

— Quer dizer, não é como se eu usasse um disfarce. Não como Lady Gaga. Eu não estava fazendo a Hannah Montana. Sou só eu.

— Eu sei! — A voz de Ryan subiu e ecoou no pequeno espaço, e seu peito estava subindo e descendo à medida que suas respirações se tornavam mais rasas. Karina não pôde deixar de notar como o tecido macio de sua camiseta de algodão se esticava contra seu peito esculpido. — Isso tudo parece muito óbvio agora.

Então ele olhou para as fotos enquanto continuava, falando mais consigo mesmo do que com ela enquanto soltava uma risada dolorida.

— O nome deveria ter me avisado. Karina não é um nome comum. Em minha defesa, a partir do segundo em que pus os olhos em você, tudo o que eu conseguia pensar era... você é tão bonita... tudo o que eu pensava era... — Sua voz sumiu. — Ah... merda... — ele disse em um tom calmo, a cor sendo levemente drenada de sua face. Estendendo a mão, ele passou os dedos pelos cabelos. — Não acredito que toquei na sua frente. Você deve ter pensado que eu fui muito corajoso por tocar na sua frente como se não fosse grande coisa. O fato é que, para mim, não era grande coisa. Eu não sabia quem você era. Ok, bem — ele suspirou audivelmente —, faz mais sentido por que você saiu de lá como se o lugar estivesse pegando fogo.

Karina ainda estava tentando processar todo o lance de Ryan não saber quem ela era, mas ouvi-lo dizer que se arrependia que ela tivesse ouvido sua música cortou qualquer outro ruído da sua cabeça.

— Não, não foi assim — protestou ela, dando um passo à frente e pegando as mãos dele nas dela, apertando suavemente.

A vulnerabilidade em seus olhos, seu rosto, sua postura, eram a única coisa que Karina não conseguia entender desde o primeiro segundo em que o viu. Toda a energia nervosa e confusa que a tomara se dissolveu, e tudo o que ela sentiu foi um desejo calmo e intencional de garantir que ela realmente se conectasse com ele e transmitisse a mensagem que precisava que ele recebesse.

Estendendo a mão, ela gentilmente a colocou na lateral da bochecha dele, virando o rosto para que ele estivesse olhando diretamente nos olhos dela. Então ela moveu a mão para descansar em seu peito, imediatamente sobre seu coração acelerado.

— Ryan — ela disse de forma sincera e intensa —, acredite em mim quando digo que amei sua música. Foi comovente e real. Adorei a letra. Eu amei sua voz. Você me fez chorar. Foi com essa profundidade que sua música me tocou. Pareceu muito direta, muito real. Normalmente, não sinto essas coisas, não assim, por isso fui embora.

A respiração de Karina estava ficando cada vez mais difícil quando ela olhou para Ryan, o momento ficou pesado com intensidade enquanto eles se encaravam. O ar do pequeno estúdio crepitava com eletricidade que queimava e formigava por toda a superfície de sua pele.

Antes que ela pudesse impedir-se de surfar na onda de eletricidade entre eles, ela ficou na ponta dos pés e tocou os lábios nos dele desesperadamente, com fome, como se os lábios dele fossem o elixir da vida e ela precisasse beber deles por muito tempo. Por sobrevivência.

Enrolando os braços em volta do pescoço dele, ela pressionou seu corpo firmemente contra o dele, gemendo enquanto o beijo progredia fervorosamente e suas línguas se entrelaçavam. Deslizando os dedos em seus cabelos loiros e sedosos, ela se deleitou com a sensação suave contra as pontas dos dedos.

As mãos fortes de Ryan envolveram sua cintura como se ela fosse tão pequena e delicada quanto seu pulso. Enquanto seus corpos se moldavam perfeitamente ao do outro, um gemido primitivo retumbou profundamente no peito dele, vibrando contra o dela. A sensação a percorreu, e ela sabia que, naquele momento, faria qualquer coisa para senti-la novamente.

Precisando de ar ou talvez sentindo que precisava retomar o controle, Karina interrompeu o beijo intenso, abaixando a cabeça e sugando uma respiração áspera. Mesmo sem a conexão de seu beijo, ela ainda se viu dominada pelas sensações conflitantes que a invadiam.

Quando uma das mãos de Ryan chegou à parte de trás de sua cabeça e, gentilmente, mas com bastante firmeza, guiou-a de volta até que sua boca encontrasse a dele, ela entrou de bom grado no beijo devorador. A força e segurança em seu toque e a sensação de seus lábios firmes, mas macios, fizeram seu corpo pegar fogo. Ela não conseguia se lembrar da última vez — se é que houve alguma vez — que ela se viu tão completamente consumida pelo desejo, tão alegremente fora de controle. Em vez de tentar combater isso, imaginou que devia relaxar e aproveitar o momento.

Depois que essa decisão foi tomada, a urgência rugiu através dela para levar esse interlúdio intenso e agradável para o próximo nível. Ela estava

desesperada para sentir a pele áspera de seu peito musculoso contra seus seios nus. Quando Karina deslizou as mãos pela frente da camisa dele, notou que seus dedos estavam tremendo de excitação.

Logo quando ela se aproximou da linha de chegada, também conhecida como botão da calça jeans, Ryan recuou. Os olhos dela voaram para o rosto dele, e ela o encontrou olhando para ela como se não acreditasse que aquilo era real, como se pensasse que tudo isso poderia fazer parte de algum sonho que estava tendo.

Então suas mãos grandes cobriram ternamente as dela, parando sua exploração. Ele respirou fundo e depois repetiu o gesto. Seus lábios se transformaram em um sorriso que significava tanto arrependimento quanto determinação em partes iguais.

Com o sorriso docemente melancólico ainda em seus lábios, ele se inclinou e lhe deu um beijo doce, casto e lento na bochecha.

— O que você está fazendo? — ela perguntou. Parecia que ele não estava apenas pisando no freio. Ele havia estacionado o carro. — Você não quer...?

Quando ele tirou uma mecha de cabelo da testa dela, sua voz ficou ainda mais profunda:

— Eu quero. Acredite, eu definitivamente quero que isso aconteça. Mas não aqui e assim. Agora não. Com todos os seus amigos aqui.

Ela achou engraçado que ele estivesse tentando ser cavalheiresco. Mal sabia ele que não havia necessidade.

— Não se preocupe! Eles estão todos na frente da casa. — Fechando o espaço entre eles, ela olhou para ele e sussurrou: — Ninguém vai saber. Eu prometo.

Sem esperar pela resposta dele, ela ficou na ponta dos pés e começou a beijar a pele macia do pescoço dele. Depois de alguns momentos, os dedos dela voltaram ao progresso constante na frente da camisa dele. Ela queria fazer uma dança da vitória quando ele gemeu e respirou fundo contra os lábios dela. As mãos dele se moveram para seus quadris e os dedos flexionaram, cavando os lados dela. Ela tinha certeza de que era uma luz verde. Tinha funcionado.

— Karina... — Ryan respirou quando deu um passo para trás. Segurando-a no lugar, ele riu, trêmulo.

*Ok... então talvez não.*

— Olha, querida... — Sua voz vacilou enquanto ele falava. — O

pequeno fio de controle que estou segurando se romperá se eu permanecer nesta sala com você, então voltarei ao trabalho.

E com um rápido beijo na testa, ele se foi.

Karina ficou onde estava. Totalmente pasma. Além de confusa. Ela nunca fora rejeitada por um homem antes. Ela queria ficar com raiva. Ela queria se ofender, mas não conseguia chegar lá. Em vez disso, enquanto ouvia os passos firmes das botas dele ecoando pelo corredor, o que ela não podia deixar de sentir era respeito.

Ela sorriu para si mesma. Respeito, sim. Mas tingido com um pouco de competitividade.

Ela não estava acima de assumir um desafio. De fato, ela gostou da oportunidade.

— Vamos lá, Ryan — ela sussurrou com um sorriso.





Ryan acenou quando a van se afastou e se virou para destrancar a porta do café. Ele sorriu quando a imagem de si mesmo como uma criança sendo levada para casa depois do acampamento veio à sua mente.

Essa imagem foi imediatamente substituída por Karina em pé na frente dele no estúdio, seus lábios perfeitos inchados por seus beijos, seus olhos pegando fogo com paixão olhando para ele com descrença.

Afastar-se dela foi uma das coisas mais difíceis que ele já fizera. Ele tinha que admitir que estava preocupado de ter realmente estragado as coisas entre eles. Mas não importava o quanto ele quisesse despir Karina, empurrá-la contra a parede e mostrar a ela o quanto ele queria fazer aquilo, não conseguiu. Ryan nunca teve uma relação casual e não planejava começar uma com alguém com quem pensava que poderia se importar.

A boa notícia foi que Karina não parecia muito perturbada com isso. Quando eles estavam se despedindo, ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha.

Se ela estava brava, não demonstrou.

O que seria bom, se não fosse a verdadeira virada do jogo: saber que ela era Karina Black. Por um lado, ele sentiu que tudo o que pensou saber sobre ela, sobre a conexão deles, tinha sido virado e revirado de cabeça para baixo e agora estava inclinado em seu eixo.

Ela era uma *superstar* real.

Mas, por outro lado, ele simplesmente não conseguia conciliar a garota bonita, doce e engraçada, a garota que ele conheceu no dia anterior, mas que parecia conhecer por toda a sua vida, com a mega celebridade que viu naqueles pôsteres.

Ele ainda não conseguia acreditar que não a reconheceu.

Por anos, ele passara todos os seus momentos recuperando o rancho da família e tornando-o lucrativo para que seus pais pudessem ter a aposentadoria que mereciam.

Não havia tempo em sua vida para acompanhar as tendências ou a cultura pop.

Ele ouviu o nome dela, com certeza. Mas nunca prestava muita atenção quando as pessoas falavam sobre ela.

Claro, ele viu fotos dela em capas de tabloides no supermercado. Mas a garota na capa das revistas não parecia a garota que ele conheceu ontem.

E, claro, ele ouviu as músicas dela no rádio. Mas não era como se ele a tivesse ouvido cantar pessoalmente. Não. Ele era o imbecil que havia puxado seu violão e se apresentado.

Havia o fato de que, quando ele a encarou, seu cérebro teve um curto-circuito. Ele mal conseguia se lembrar de seu próprio nome, então ligar os pontos entre Karina Blackstone, a mulher maravilhosa que estava no café de sua avó, e Karina Black, a estrela pop internacional, era impossível.

Droga.

Ela era realmente famosa.

Ele levaria algum tempo para se acostumar com isso.

Ele ainda não conseguia conciliar o fato de que, quando estava perto dela, ela parecia tão normal. Como isso era possível? Como ela conseguia isso?

Quando Ryan fechou a porta atrás de si, antes de trancá-la e acionar o alarme de segurança, ele ouviu uma voz soar na escuridão, assustando-o.

— Oi, querido. Como foi o seu dia? Você se divertiu com seus amigos?

Girando, Ryan sentiu como se seu coração estivesse batendo forte no peito.

— Vovó! O que...? O que você está fazendo?

— Como eu não queria que as pessoas pensassem que estávamos abertos, pensei: “Mais fácil desligar as luzes.” Mal podia esperar para ouvir tudo sobre o seu dia — explicou ela.

Ryan riu enquanto balançava a cabeça e se movia em direção à mesa em que Sue Ann estava “escondida”, os dois ainda envoltos em uma escuridão quase perfeita. A única luz na sala era o brilho prateado e escuro da lua, que brilhava através do painel da janela da frente.

Ele sabia que “falar” era inevitável, então ofereceu

— Então, vovó. Por que você não vem para cima? Vou fazer o meu famoso chocolate quente e te conto tudo.

— Pensei que você nunca convidaria — ela respondeu alegremente enquanto se levantava e passava o braço pelo dele.

Ryan e Sue Ann subiram as escadas juntos, e ele destrancou e abriu a porta do seu apartamento aconchegante. O apartamento que Sue Ann havia decorado e consertado especialmente para ele.

O espaço era pequeno, mas confortável. Era óbvio que havia sido feito um grande esforço para dar ao apartamento uma sensação masculina. Não havia nada naquele espaço que pudesse ser descrito remotamente como babados ou feminino, os tons dominantes sendo escuros, tons ousados de marrom-chocolate e azul-marinho.

Os móveis eram de couro e estofados demais, e havia uma pequena lareira no canto. Era o tipo de lugar que fazia você querer se acalmar, respirar fundo, tirar os sapatos e apreciar um bom livro.

Tinha até uma porta de correr na sala que dava para uma pequena varanda, onde ele podia tomar uma xícara de café pela manhã ou uma cerveja à noite enquanto observava a agitação da pequena área do centro.

Quando Ryan saiu de Montana, embora estivesse empolgado por conhecer um lugar diferente e conhecer outro canto do universo, ele se perguntou se algum outro lugar no mundo, além de seu amado *Big Sky Country*, passaria realmente aquela sensação de lar. Acontece que ele não tinha nada com que se preocupar, porque a avó havia criado um espaço perfeito para ele, onde ele se sentiu em casa no instante em que entrou nele.

Depois de se sentar na grande poltrona estofada no canto da sala perto da lareira, ela pegou o cobertor sobre o encosto e o colocou em volta das pernas.

Ryan foi à cozinha fazer o chocolate quente. Ele precisava de um tempo para descobrir como poderia abordar o fato de que sua avó havia falhado ao mencionar que Karina era a Karina Black sem revelar o fato de que alguma coisa havia acontecido entre eles. Ele poderia não ter passado muito tempo com a avó desde que era adolescente, mas naquela época ela podia sentir o

cheiro de uma fofoca como um cão farejador, a última coisa que ele queria era que ela sentisse um perfume que exalasse do caminho beijado por Ryan e Karina.

Antes que ele tivesse a chance de propor um plano de jogo, vovó gritou:

— Entãããã...? Como você e Karina ficaram?

O mais casual possível, Ryan respondeu de maneira neutra:

— Ela é ótima. Nós nos divertimos.

— Você gostou dela, então?

Ryan suspirou enquanto despejava a água nas canecas, percebendo que a batida havia terminado.

— Sim, o que há para não gostar? — Voltando para a pequena sala de estar, ele entregou a xícara fumegante de cacau à avó e sentou-se em frente a ela. — E eu não sou o único; o mundo inteiro gosta dela.

Sue Ann não percebeu sua abordagem sutil, o brilho da casamenteira em seus olhos estava ainda maior.

— Isso é bom.

— Sim, é — Ryan assentiu, sabendo que precisava ser muito mais direto. — Também seria bom se eu soubesse quem ela era logo de cara, em vez de ter entrado nessa às cegas.

A testa de sua avó franziu mais profundamente quando ela soprou o vapor crescente.

— O que você quer dizer?

*Ok, então ainda mais direto.*

— Por que não me disse quem era Karina?

— Eu disse. Ontem eu apresentei vocês — Sue Ann o corrigiu gentilmente antes que sua voz se enchesse de preocupação. — Ryan, querido, você está se sentindo bem? Você ficou ao sol o dia todo?

— Estou bem — Ryan assegurou a ela, um sorriso inclinando os cantos dos lábios ao concluir que ele tinha insolação. Se ele estava sofrendo de alguma coisa relacionada ao calor, era por causa do fogo que ele e Karina tinham acendido quando se beijaram, e nada a ver com estar ao ar livre. — E sim, você nos apresentou, mas não me disse que Karina era Karina Black.

O fator de preocupação na voz de sua avó aumentou alguns graus quando ela colocou o chocolate sobre a mesa lentamente.

— Por que eu te diria isso? Você viu quem ela era com seus próprios olhos. Você falou com ela.

Verdade. Ela tinha um argumento muito válido. A única pessoa com



quem ele deveria estar frustrado por sua ignorância era ele mesmo.

— Bem, eu não sabia — ele admitiu. — Não até eu esvaziar caixas do estúdio dela.

— Você não sabia?! — O rosto da avó se enrugou em choque.

— Não — Ryan confirmou, se sentindo cada vez mais envergonhado por esse fato a cada segundo. — Eu não sabia.

Por um momento, sua avó ainda estava sentada, olhando para ele. O rosto dela ilegível. Então, sua cabeça caiu para trás e ela riu tanto que quase não havia som saindo. Quando ela levantou a cabeça, suas risadas se transformaram em uma risada profunda e Ryan viu que lágrimas estavam se formando em seus olhos.

Foram necessárias algumas tentativas para se recompor antes de ter sucesso. Uma vez que ela limpou a umidade dos olhos, disse:

— Oh, eu gostaria de ser uma mosca na parede para ver isso. Deve ter sido hilário. Como isso aconteceu? Karina sabe que você não sabia quem ela era?

— Ela sabe — Ryan respondeu sua última pergunta e ignorou a primeira.

— O que ela disse?

— Na verdade, nada, ela estava meio que em choque. Eu também.

Batendo palmas, ela correu para a beira do sofá.

— Essa não seria a melhor história para contar aos seus filhos e netos?

— Uau. Devagar aí. Eu acho que você está se adiantando um pouco. Não, muito. Olha, vovó, eu sei que você estava tentando ser a casamenteira, mas não quero que tenha muitas esperanças. Eu gosto da Karina, mas é só isso.

— Por quê? — ela retrucou.

— Porque... — Ryan tentou descobrir como explicar isso da maneira certa. — Ela é... quem ela é... e eu sou... quem eu sou.

Sue Ann olhou para ele bruscamente, um pouco surpresa.

— Você está tentando dizer que não se considera suficientemente bom para Karina Blackstone? — ela perguntou incrédula.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não estou dizendo isso. Não se trata de... eu não sei... somos apenas diferentes.

— Sim, você é homem e ela é mulher. Essas podem ser boas diferenças, Ryan — Sue Ann forneceu, abanando as sobrancelhas acinzentadas.

— Eu sei. — Ryan tentou não sorrir, porque não queria incentivar essa linha de questionamento, mas sentiu seus lábios se levantarem. — Escute, é só que quanto mais isso se passa em minha mente, mais eu começo a duvidar de que poderíamos ter algo em comum. Olha, foi um dia longo e eu ainda estou tentando entender isso.

— Bem, adivinhe? — Sue Ann disse. — Ficaré muito mais fácil se você puxar sua cabeça para fora do seu traseiro.

Ryan olhou para cima, chocado.

— Vovó!

— Olha — ela continuou, destemida —, ela pode ser tão famosa quanto o papa. Mas não é quem ela é. É o trabalho dela. No fundo, onde conta, ela é apenas Karina Blackstone, a garota que conheço desde o dia em que nasceu. E ela é uma boa menina. E você pode ser um garoto de uma cidade pequena, mas não é apenas um garoto de uma cidade pequena. Você tem o melhor coração que eu já conheci. Karina Blackstone teria sorte em ter você. Se ela te conhecer, acho que ela perceberá isso. Eu suspeito que o jeito que ela começou a ficar boquiaberta como um peixe fora d'água quando você entrou ontem na cozinha não tinha a ver com o que ela faz da vida, e acho que ela pensou que vocês dois tinham algumas coisas em comum além da química. Se ela não pensou, então não merece você. E essa é a verdade.

— Obrigado, vovó — respondeu ele, sabendo que discutir com a avó era como tentar dizer ao sol para não nascer no Oeste e se pôr no Leste.

— De nada, Ryan — disse ela, sorrindo de satisfação ao pegar seu chocolate. — Mas tudo o que fiz foi falar a verdade.



Karina sentou-se na cama na manhã seguinte, o martelar na cabeça tão forte que na verdade estava causando um som alto e estrondoso. De fato, o som em sua cabeça era tão perturbador que realmente a acordou.

Ela ainda estava tentando se orientar quando as palmas das mãos voaram para as têmporas e seu cérebro explodiu em agonia, o que a fez estremecer de dor, enquanto outra rodada cacofônica de toques rasgava sua consciência.

Foi só então que ela percebeu que o barulho ensurdecedor não vinha de dentro de sua dolorosa cabeça de ressaca, mas de fora. Vinham de sua porta da frente. Ela procurou com raiva o despertador ao lado da cama, e sua indignação só aumentou quando viu as horas. Pouco antes das seis e meia da manhã.

— Sério? — ela murmurou enquanto jogava as pernas para o lado da cama e desajeitadamente calçava os chinelos. — Que tipo de pessoa pensaria que é bom tocar uma campainha a essa hora da manhã?

Ela desceu os degraus e limpou o sono dos olhos, a cabeça latejante a matando e a bile subindo do fundo de sua garganta. Ela sabia que estava pagando o preço pela noite de devassidão solo a que se entregara após seu encontro com Ryan. Ela normalmente não era de beber sozinha, mas estava tão... inquieta com a forma como as coisas tinham acontecido que imaginou que ficaria mais calma e se aliviaria com uma taça de vinho. De alguma forma, um copo se transformou em uma garrafa inteira.

E esta manhã? Ela estava lembrando por que geralmente não bebia sozinha.

Ela chegou à porta da frente e olhou pelo olho mágico.

*Ah, inferno, não.*

Abrindo a porta da frente, ela disse em um tom controlado, uniforme, de raiva logo abaixo da superfície:

— Sério?! É melhor alguém estar morto. Que diabos você está fazendo na minha porta às seis e meia da manhã?

Na porta de Karina, estava Samantha, vestida com macacão de exercício, pulando de pé em pé, sua pele orvalhada e rosada brilhando com a transpiração que ela gerara durante o treino.

— Ei — ela disse sem fôlego, mas ainda alegre, correndo para dentro da casa, passando por Karina. Em vez de parar na entrada, no entanto, ela correu direto para a cozinha sem esperar para ver se Karina iria segui-la.

Karina balançou a cabeça para limpar o nevoeiro que ainda estava agarrado a ela, antes de se arrastar atrás de Sam.

— Ah, sim, por favor. Apenas entre. Sinta-se livre para me visitar sem aviso prévio a qualquer momento — ela entoou mal-humorada.

— Obrigada. Não se importe se eu fizer isso — Sam respondeu de volta, já dentro da cozinha ensolarada.

— Para sua informação, esse lance de “pessoa matinal” que você está fazendo pode se tornar um problema real, em algum momento, só avisando

— Karina disse a ela enquanto se sentava em uma de suas cadeiras da cozinha.

— Melhor hora do dia — Sam retrucou.

Karina grunhiu em desacordo e depois acrescentou:

— Sam, o que, em nome de Madonna, fez você tocar minha campainha no início da madrugada?

— Oh, você estava dormindo? — Sam perguntou inocentemente.

— Claro que estava dormindo! — Karina revidou indignada. — Você perdeu a parte onde são seis e meia da manhã?

— Eu sinto muito. Prometo que não vou fazer disso um hábito — disse Sam sinceramente, abrindo a geladeira de Karina e removendo uma garrafa de água. — Eu mal podia esperar para vir e avaliar o dia inteiro com Ryan ontem. Amanda, Lauren e eu percebemos que houve um período bastante longo em que vocês dois estiveram ausentes juntos ontem. Então o que aconteceu?

— Nada — disse Karina, sem rodeios. — Um monte de *nada*. Foi isso que aconteceu.

— Coisa nenhuma? Nada? — Sam perguntou.

— Certamente nada que justifique uma visita matinal — concluiu Karina.

Os olhos de Sam se estreitaram quando ela inclinou a cabeça para o lado e cruzou os braços.

— Eu tenho muita dificuldade em acreditar nisso. Ontem houve mais fogos do que em quatro de julho. Quer dizer, vamos lá. Se você não quer me contar, basta dizer que não quer me contar.

— Eu não quero te contar — Karina brincou.

— Que pena. Desembucha — disse Sam, sentando-se na cadeira em frente a Karina e tomando um gole de água da garrafa.

Karina afastou o emaranhado de cabelos escuros do rosto e suspirou.

— Faça um café — ela cedeu —, e eu te conto toda a história não sórdida.

— Concordo — disse Sam alegremente, caminhando até o balcão de Karina. Ela abriu e tirou uma sacola de café. Ao abrir vários armários, por sua vez, ela murmurou,

— Filtros de café... filtros de café... hmmm... — Antes de finalmente se voltar para Karina e perguntar: — Onde você guarda seus filtros de café?

Karina balançou a cabeça, que estava, neste momento, descansando de

bruços nos braços, que estavam dobrados na mesa da cozinha.

— Duvido que tenha comprado — disse ela, o som de sua voz abafado.  
— Ainda não comprei tudo o que preciso para a cozinha. Use papel toalha.

— Sim, senhora — Sam falou enquanto rasgava uma toalha de papel do rolo com um floreio, forrando a cesta da cafeteira.

Karina viu a amiga enchendo a panela com água e a esvaziando na máquina. Por fim, ela apertou o botão vitoriosamente, e o aroma delicioso e restaurador do café começou a encher a cozinha. Quando Sam voltou para a mesa, Karina notou um ar de satisfação ao seu redor como uma auréola.

Karina sentou-se, já se sentindo mais alerta.

— Você parece muito orgulhosa por saber usar uma cafeteira — observou ela.

— Bem, você não tem ideia de como é bom fazer as coisas por si mesma depois de ser controlada a vida inteira.

Karina assentiu.

— Sim, posso ver que você está realmente adotando a vida independente. Prova A: você está na minha casa para tomar café logo pela manhã.

Sam descartou isso.

— Não seja resmungona.

— Eu tenho muito poucas pessoas em quem desconfiar quando sou inesperadamente acordada antes das sete da manhã. Confie em mim, “resmungona” é o mais legal disponível.

Sam pareceu imperturbável quando se levantou e serviu uma caneca fumegante de bebida perfumada para cada um deles. Quando foi colocada na frente dela, Karina se inclinou sobre a caneca e respirou profundamente. Depois de vários goles, ela finalmente se sentiu pronta para começar a recontar os eventos de ontem.

— Bem, primeiro de tudo — ela começou —, ele não sabia quem eu era.

— O que você quer dizer? — Sam perguntou.

— Ele não sabia que eu, Karina Blackstone, de Hope Falls, na verdade sou Karina Black, a cantora.

Sam olhou para Karina por um momento, depois jogou a cabeça para trás e riu tanto que ela bufou.

— Fico feliz que você ache isso tão hilário — resmungou Karina.

— Confie em mim. É hilário. — Sam segurou seu estômago enquanto tentava parar de rir. — O que ele disse quando descobriu?

Karina olhou para cima, tentando identificar qual tinha sido sua reação exata.

— Ele apenas pareceu surpreso. Nós realmente não conversamos muito sobre isso porque começamos a nos beijar e depois ele saiu e...

— Espere aí! — Sam exclamou enquanto levantava a mão. — Volte. Rebobine. Que beijo? Como aconteceu o beijo? Ele te beijou?

— Não, ele não me beijou — Karina admitiu. — Eu o beijei. E honestamente, não tenho muita certeza de como isso aconteceu. Mas vou dizer uma coisa: de todas as maneiras que um beijo pode começar e terminar, eu começando o beijo e ele terminando não é a ideal.

— Bem, ele disse por que interrompeu o beijo?

Karina deu de ombros.

— Ele foi educado e cavalheiro e, eu não sei... respeitoso. Ele tava todo: “Cara dama, este aqui não é o momento ou o lugar certo para que este beijo aconteça...”

Sam não pareceu impressionada.

— Esse seria o seu sotaque do Sul?

— Tanto faz. Não é o ponto, ou seja, ele não achava que era a hora ou o lugar certo e que não seria capaz de se parar se ficasse no estúdio comigo, então saiu e voltou ao trabalho.

— Não sei, Kar — disse Sam, parecendo confusa. — Isso realmente soa bem. O que estou perdendo?

— Eu só... nunca me senti tão... confusa. Acho que sempre soube onde estava com os caras. Com Ryan, eu não sei. Ele, sem saber quem eu era, depois fazendo um ato de desaparecimento digno de ninja... Sei lá... Parece estranho.

Sam franziu o rosto e suspirou.

— Desculpe Kar. Mas se isso faz você se sentir melhor, eu estava vendo ele te encarar de olhos arregalados o dia todo ontem. O menino é um fofo. Tenho certeza de que não é a última vez que você verá Ryan Perkins.

Karina balançou a cabeça.

— Aí é que tá. Acho que não quero vê-lo. Ontem à noite, depois de um pouco de *vinhoterapia*, decidi que essa coisa com Ryan foi uma curta aberração de dois dias. Foi uma pequena aventura divertida. Mas agora vou guardar a experiência dentro de mim e retirá-la mais tarde para usar nas minhas composições. Eu acho que só preciso me concentrar na minha música e no motivo de ter voltado para Hope Falls, que era me encontrar novamente

e crescer como artista.

“Isso não é fácil, você sabe. Depois de seguir de uma certa maneira por dez anos, mudar imediatamente... Vai levar tempo, dedicação, foco. E acima de tudo, vai precisar de toda a minha energia. Então é isso que eu vou fazer. Vou dedicar toda a minha energia a isso. É uma causa digna. Eu acho que seria bobagem da minha parte sequer considerar me distrair com Ryan, pra começar.”

— Não — Sam protestou. — Não é bobagem. Nem um pouco. Às vezes, você não pode evitar o que a vida deixa em seu colo a qualquer momento. Às vezes, a vida deixa problemas, mas às vezes a vida deixa cair o amor.

Karina riu.

— Isso é legal, mas, neste caso, acho que definitivamente foi um problema que a vida soltou, e o que preciso fazer é agradecer por ter desviado de uma bala. Essa é a minha história e eu vou ficar com ela. Ok, você ouviu toda a história sórdida, agora saia para que eu possa voltar para a cama.

Sam levantou-se para sair e Karina a seguiu até a porta. Andando pelo caminho, Sam olhou por cima do ombro com um último tiro de despedida.

— Não tenho tanta certeza de que a bala tenha sido esquivada, mas se tiver, pelo menos você está se sentindo bem.

Enquanto Karina observava sua amiga seguir seu caminho, as palavras de Sam pairaram no ar.

Está certo. Ela estava bem com isso. Sim. *Super bem.*





— Então, quem vai estar aqui hoje à noite, vó? — Karina não conseguia decidir se queria encontrar Ryan ou não. Já fazia mais de uma semana desde que o vira pela última vez e, a cada dia, sentia sua sanidade mental diminuindo muito mais.

Num minuto, ela queria vê-lo. No próximo, ela não queria nada com ele. Sua mudança de ideia estava lhe dando chicotadas emocionais.

— É uma cidade pequena — argumentou a avó. — Você vai se deparar com ele mais cedo ou mais tarde.

— Quem? — Karina perguntou com inocência, de olhos arregalados. Ela não estava prestes a admitir que sabia exatamente de quem sua avó estava falando.

— Não se faça de boba, Karina. Não combina com você. Atriz, minha querida, é uma coisa que você não é.

— Touché. — Karina sorriu.

Sua avó sempre teve uma maneira de chegar ao cerne da questão, e ela não era de dourar a pílula, o que Karina sempre apreciou. Mas depois de ter passado tanto tempo na indústria do entretenimento, ela apreciava ainda mais.

O que a avó dissera fazia sentido no nível intelectual. Mas quando chegava ao coração dela? Não muito. Ela não conseguia nem impedir o coração de bater uma milha por minuto ao pensar em ver Ryan novamente.



Isso não era bom.

Tentando recuperar um pouco da compostura que normalmente possuía, decidiu fazer um inventário interno do que estava experimentando. Nervosismo? *Check*. Excitação? *Check*. Enjoo? Um retumbante *check*. O problema era que ela não conseguia identificar o que a agitação interna indicava.

Era frio na barriga? Ou náusea por medo? Intoxicação alimentar por moluscos? Outra possibilidade válida.

Karina sentia que, desde o momento em que Ryan entrou em sua vida, ela ficou incapaz de conter quaisquer pensamentos ou emoções e, de fato, vinha levando sua vida em um estado constante de confusão. Que ela odiava. Ou amava? Ela não sabia dizer.

Era um tema recorrente.

O que ela sabia era que o olhar sábio e onisciente de sua avó estava diretamente apontado para ela. Se a leitura da mente fosse realmente possível, Karina juraria que Renata tinha o dom. Era enervante.

Suspirando, sua avó se voltou totalmente para ela.

— No dia seguinte à sua mudança, falei com você. Você tinha a noção completamente sensata de que iria parar de pensar nesse garoto e deixá-lo de lado. "Concentrar-me na minha música", acredito que foram suas palavras exatas. Isso foi há uma semana e, todos os dias, isso não aconteceu. De fato, você parece falar sobre ele cada vez mais, embora, que eu saiba, ele não tenha tentado entrar em contato com você.

Karina não ia discutir com a avó. Ela ainda tinha algum senso em seu cérebro confuso.

— Aonde você quer chegar?

Os olhos de Renata se estreitaram.

— Se há uma coisa que aprendi sobre homens e mulheres em minha longa vida, é que, se um jovem deseja ver uma jovem, ele encontrará uma maneira de fazê-lo, independentemente dos obstáculos. Se ele não fizer isso, então... — Ela inclinou a cabeça para o lado como se tentasse persuadir algo da memória. — ... acredito que a frase é “ele simplesmente não está a fim de você”.

Karina começou a rir.

— Onde você ouviu isso?

— Não me lembro — respondeu Renata —, mas acho que o sentimento se aplica aqui.

A última coisa que Karina queria era que sua avó pensasse que ela era uma daquelas garotas que desejavam homens que não tinham interesse nelas, porque ela absolutamente não era.

Ela era? Não. Ela não era.

— Não é assim, vó.

— Karina, sinceramente — disse Renata, com a voz tensa —, eu me cansei de discutir esse assunto. É hora de seguir em frente e aproveitar esta oportunidade para se concentrar em sua música e na tribo. É por isso que estamos aqui hoje à noite.

— Ok, vó — Karina cedeu, sabendo quando escolher suas batalhas.

Ela concordou em ir à reunião de planejamento do Hope Falls Harvest Festival no centro comunitário naquela noite. Normalmente, esse não era o tipo de coisa que as pessoas com menos de cinquenta anos frequentavam, mas Renata havia convencido Karina a entrar porque estava preocupada com o declínio da representação cultural da tribo *Washoe* no festival. A tribo era uma parte importante da cidade e da área circundante, e ela queria que eles hospedassem a feira.

Renata havia trazido Karina porque, com a fama que tinha, ela era uma cidadã altamente respeitada em Hope Falls — nas palavras de sua avó, não as dela. Ela era a história de sucesso mais proeminente de Hope Falls e, se ela pressionasse por mais representação para sua tribo no festival da cidade que a amava, ela não via como eles poderiam negar isso a ela.

Karina se sentiu egoísta quando inicialmente resistiu aos desejos da avó. Ela geralmente estava completamente disposta a usar seu status de celebridade para promover qualquer boa causa que estivesse perto de seu coração, e ela oferecia seu tempo e sua voz (literal e metafórica) sem pensar duas vezes. Quando percebeu que estava apenas hesitando por causa de Ryan Perkins, ela imediatamente concordou em ir junto.

Nenhum homem ditaria para onde ela ia em sua cidade natal. Sua mente sabia disso. Agora, tudo o que ela precisava fazer era convencer as borboletas que estavam dando uma festa de dança em seu estômago e ela ficaria bem.



— Ryan, se apresse. Vamos nos atrasar! — Sue Ann chamou no café vazio e entrou no apartamento no andar de cima.

Ryan subiu os degraus dois de cada vez enquanto vestia o casaco. Depois de dobrar a esquina, ele rapidamente atravessou o café em direção a sua avó, que estava impacientemente pulando na ponta dos pés, querendo trancar a porta da frente para que pudessem fazer a curta viagem até o Centro Comunitário de Hope Falls.

— Vovó, você disse que é uma caminhada de dois minutos — disse Ryan —, e a reunião só começa em quinze minutos. Não vamos nos atrasar.

— Temos que chegar cedo — respondeu ela. — No ano passado, cheguei à reunião na hora certa. E adivinhe o que aconteceu?

Fechando os olhos, ele murmurou as palavras junto com ela enquanto ela dizia:

— Aquelas cobras traiçoeiras do “Duas Bolas” roubaram minha barraca!

Ryan respondeu pacientemente:

— Você ainda teve sua barraca, mas não exatamente no lugar que queria.

— Onde eu queria? — ela zombou. — Você quer dizer o lugar que eu tive nos últimos vinte e cinco anos? É tradição.

— Talvez eles não tenham percebido — pensou Ryan, embora, por experiência própria, soubesse que esse era um argumento perdedor.

— Rá! Eles sabiam muito bem — continuou Sue Ann. — E o que eles começaram a servir em sua loja? Nem um mês depois?

— Sanduíches — Ryan recitou relutantemente.

— Sanduíches — Sue Ann informou-o como se ele não tivesse dito nada.

— Para ser justo, vovó — disse Ryan lentamente, escolhendo cada palavra com cuidado —, eles não são a única sorveteria a se ramificar para outros alimentos. Não acho que você deva levar para o lado pessoal.

— Para o lado pessoal? — Sue Ann rosnou, sua voz pingando desdém. — Acredite em mim, Ryan Jackson Perkins. Tudo nesta cidade é pessoal.

Ryan riu e colocou o braço em volta dos ombros da avó.

— Okay, vovó, vamos pegar sua barraca.

— Oh, Ryan, estou tão feliz por você estar aqui. — A avó estendeu a mão e cobriu a mão dele com a dela enquanto explicava: — Percebi que a chave do sucesso deles em roubar minha barraca de mim é o fato de que eles são dois. Tem o marido e a esposa. Assim, um deles pode se inscrever no

estande enquanto o outro está em rede. E mais tarde, um deles pode estar presente na reunião enquanto o outro está... eu não sei... usando o banheiro — ela resmungou. — É por isso que também preciso de reforços. Você sabe, assim que eu entrar, eu vou estar cercada por pessoas que querem me passar para trás.

— Eu sei — ele concordou, com um pequeno meio sorriso nos lábios.

— Assim que batermos na porta, você vai direto para a folha de inscrição da barraca. Você escreve o nome do café nessa caixa, em grandes letras maiúsculas, claras como o dia. Fim da fila do meio, lado esquerdo. Esse é o meu lugar.

— Sim, senhora — ele concordou, dando uma pequena saudação. — Vou cuidar disso.

Ryan não via nenhum problema em ser o apoio de sua avó. Ele faria qualquer coisa por ela.

Ele teria ido feliz com ela, mesmo que não tivesse ouvido, quando a avó de Karina parou para almoçar naquela tarde, que Renata levaria Karina.

Ele não conseguiu tirar Karina da cabeça.

Durante toda a semana, ele queria vê-la. Na verdade, doía. Mas toda vez que ele decidia que sim, algo o detinha.

Ela era Karina Black e ele cometeu o erro colossal de pesquisá-la no Google, em um esforço para conhecê-la melhor. Sua busca saiu pela culatra. Era óbvio que ela viveu uma vida na qual ele sabia que, não importava a conexão que ele sentisse ou o quão incrível o beijo que eles haviam compartilhado tivesse sido, nunca se encaixaria.

Então, quando se convencesse de não vê-la novamente, pensaria em como ela era pessoalmente — e não na sua personalidade pública — e teve que admitir que ela era, na verdade, uma das pessoas mais pé no chão que ele já conhecera.

Ryan sempre se considerou uma pessoa decidida. Ele sabia o que queria da vida e não se comprometia. Depois de tomar uma decisão, ele nunca olhava para trás. Nunca se enganava.

Aos dezoito anos, quando abriu mão de uma bolsa de música para a Universidade Columbia e disse aos pais que ficaria no rancho e trabalharia para que a aposentadoria deles fosse segura, ele não se arrependeu por um momento.

Alguns meses atrás, quando seus pais decidiram vender o rancho e ele teve a oportunidade de se mudar para Nova York com um amigo que era um

músico de jazz de sucesso moderado, ele acabou não indo porque sua avó precisava de ajuda no café. Ele não hesitou ao trocar as passagens de avião.

Essas decisões foram fáceis. Elas eram preto e branco para ele, certo e errado.

Mas quando se tratava de Karina, havia mais tons de cinza do que aqueles livros e filmes dos quais todo mundo estava falando.

Durante toda a semana, ele tentou clarear a cabeça. Tentou descobrir se deveria ver se havia realmente alguma coisa lá ou deixar tudo de lado. Durante toda a semana, ele não encontrou respostas.

Ele esperava que ver Karina novamente tornasse as coisas mais claras.

Ou talvez a avó estivesse certa. Talvez ele só precisasse tirar a cabeça da bunda.

Se fosse esse o caso, hoje seria um momento tão bom quanto qualquer outro.



Quando Karina saiu da conversa que estava tendo e viu Sue Ann Perkins entrar no auditório principal do Centro Comunitário Hope Falls, ela exalou alto. Se essa reação era de alívio ou decepção, ela não sabia, mas havia definitivamente uma diminuição significativa da ansiedade que ela sentira a noite toda.

Na verdade, ela estava tão distraída e nervosa que pessoa após pessoa fora conversar com ela e sua avó que, a certa altura, Renata se virou para ela e disse:

— Karina, você precisa se acalmar. Você está realmente me deixando nervosa.

Bem, se isso era suficiente para deixar sua avó nervosa, ela podia querer tomar um sedativo ou algo assim, porque os nervos de Karina acabaram de chegar ao ápice.

— Oi, querida — Sue Ann disse alegremente enquanto se movia para o lado de Karina, dando-lhe um grande abraço.

— Voando sozinha hoje à noite, hein? — Karina perguntou hesitante,

tentando parecer o mais indiferente possível. Embora tenha percebido que Sue Ann e Renata deviam ter reconhecido imediatamente sua intenção verdadeira, ela ainda tinha algum orgulho. Não queria parecer óbvia demais.

— Ah, não! — Sue Ann exclamou alegremente, um brilho nos olhos. — Ryan está no saguão nos inscrevendo no nosso espaço no Harvest Festival.

Espere. O quê? A ansiedade inundou o sistema de Karina enquanto ela estampava o sorriso mais antinatural em seu rosto, um sorriso que sem dúvida poderia ter ganhado um lugar no Livro Guinness dos Recordes pelo maior sorriso falso. A avó dela estava certa; atriz era algo que ela não era.

Lembrando que Renata havia lhe contado sobre algum drama ocorrido no ano passado, Karina deu sua melhor resposta casual.

— Não quer que o “Duas Bolas” a pegue novamente, não é?

— Exatamente! — Sue Ann exclamou, parecendo ter se sentido apoiada.

— Sim — Renata interrompeu placidamente. — Eu sei que você não gostou de perder o espaço no ano passado.

— Isso é um eufemismo — a voz profunda de Ryan soou atrás de Karina.

*Respire.* Ela teve que lembrar a si mesma quando os arrepios surgiram por todo o corpo.

Tentando se preparar para o que estava prestes a enfrentar, Karina se virou lentamente para ele.

No segundo em que seus olhos se encontraram, o resto da sala, o mundo, desapareceu.

Ela se ouviu sussurrar fracamente:

— Oi.

— Oi, linda. — Ele sorriu largamente.

Fazia apenas uma semana desde que o vira, mas naquele momento, ela percebeu que tinha sentido sua falta. Não apenas porque ela estava loucamente — como se homens de casaco branco pudessem arrastá-la a qualquer momento — atraída por ele. Não, ela sentiu falta da voz dele, dos olhos, do sorriso. Da maneira como ela se sentia como se ninguém mais existisse quando ele olhava para ela.

Renata pigarreou alto. Karina podia sentir o olhar de desaprovação da avó, mas estava muito além de poder se cuidar.

— Como você tem estado? — Karina perguntou. Ela sabia que isso provavelmente parecia idiota, mas ela realmente queria saber.

— Eu vou bem. — Ryan deu de ombros e se inclinou para mais perto

dela. — Na verdade, tenho pensado muito numa garota que conheci na semana passada.

Karina sentiu-se sorrir e corar. Ela não era de corar. Na verdade, ela normalmente tinha pena de quem fazia isso. Mas, assim como com a desaprovação de Renata, ela não conseguia se importar.

— Sério? — ela perguntou timidamente.

— Sim. Não consigo tirar ela da cabeça, na verdade. — A rouquidão no tom de Ryan enviou um arrepio pela espinha de Karina.

— Garota de sorte — ela disse sem fôlego, com um sorriso.

Por mais envolvida que estivesse em sua conversa com Ryan, ela não pôde deixar de notar que Sue Ann estava olhando enquanto os dois flertavam, aparentemente satisfeita, enquanto Renata, por outro lado, estava tendo uma reação completamente oposta.

— Exatamente as pessoas que eu queria ver — a voz de Henry Walker cresceu enquanto ele caminhava até os quatro.

Henry era o consultor jurídico oficial de Hope Falls e, ele era o prefeito em exercício desde a morte de Parker Jacobs, pai de Amanda. Henry conhecera Karina a vida toda.

Depois de cumprimentá-los jovialmente, dar um abraço em Karina e dar um tapinha no ombro de Ryan, ele olhou entre eles e perguntou:

— Vocês dois jovens gostariam de uma oportunidade de servir sua comunidade?

— Sim, com certeza! — Sue Ann concordou.

Ryan riu de bom humor.

— Acho que ele não estava perguntando a você, vovó.

— Do que você precisa, Henry? — Karina perguntou em seu tom de *media training*, sem compromisso, mas amigável.

— Bem, crianças, eis a questão — disse Henry. — Como vocês sabem, o show de talentos é a parte mais popular do Harvest Festival. Mas o processo de audição foi, digamos, disperso na melhor das hipóteses.

— No que diz respeito a isso, nós realmente não temos ninguém aqui na cidade com a habilidade de reconhecer talentos reais, sabem? Então acaba se resumindo a quem está dirigindo o show, seu instinto sobre o que eles gostam e, sejamos honestos, quem são seus amigos.

— Mas agora temos dois profissionais de entretenimento reais e honestos em nosso meio. Então, eu estava pensando, talvez vocês dois pudessem formar uma equipe e assumir a direção do show. Com certeza seria

uma ajuda — concluiu ele.

— Isso parece ótimo — entusiasmou Sue Ann. — Ryan adoraria!

Ryan olhou para ela, divertido, e admitiu:

— Aparentemente, Ryan adoraria. O único problema é que não sou músico profissional.

Henry descartou essa preocupação, dizendo:

— Bem, eu não sei sobre isso. O que eu sei é que as pessoas ouviram você tocar suas músicas no café e ficaram impressionadas. Poderosamente impressionadas, de fato.

Sue Ann sorriu com orgulho.

— Bem, está resolvido, então. Ryan fará isso.

— Karina também fará — disse Renata com firmeza.

Karina virou-se para a avó.

— Karina tem uma opinião sobre isso?

Renata olhou para Karina severamente.

— Seu objetivo nesta tarefa será o mesmo de você estar aqui hoje à noite. É seu trabalho cuidar dos interesses da tribo neste festival e, agora, do show de talentos. Nos dois casos, tenho toda a confiança de que você terá o melhor desempenho possível, trazendo honra e orgulho à sua família e à sua tribo.

Karina deu de ombros.

— E eu pensando que ia apenas realizar algumas audições no show de talentos. — Ela se virou para Henry. — Foi um longo caminho para dizer que não, Karina não tem voz nisso. Eu acho que estou dentro.

Ryan deu-lhe um sorriso desarmante em particular.

— Parece que temos muito trabalho a fazer. Eu provavelmente deveria pegar seu número. Você sabe, para fins de planejamento. — Karina sentiu como se estivesse bêbada, ainda que não tivesse tomado uma gota de álcool.

— Ah, sim.

*Para fins de planejamento. Claro.*







Karina havia circulado o quarteirão seis vezes. É claro que, como o referido quarteirão era o centro da cidade de Hope Falls e não, digamos, um movimentado quarteirão no centro de Manhattan, levou apenas dez minutos.

Ainda assim. Toda vez que ela tentava estacionar, sair do carro e entrar no café de Sue Ann para a reunião de planejamento que ela e Ryan haviam marcado para esta tarde, ela não conseguia fazê-lo. Ela olhava para o relógio do painel, via que ainda tinha mais alguns minutos antes de chegar tecnicamente atrasada e, impulsivamente, decidia dar a volta no quarteirão mais uma vez.

Agora, os números digitais no painel diziam que o tempo havia acabado. Ela teria que estacionar e entrar na Sue Ann ou realmente se atrasaria para a reunião.

*Droga.*

Ela nunca se sentira assim antes. Não no ensino médio, quando teve um crush em Eric Maguire, um garoto alguns anos à sua frente. Não na faculdade, quando teve uma queda por Chris Martell, o quarterback titular. Nem mesmo quando conheceu Leonardo DiCaprio, apesar de ser apaixonada por ele desde o seriado *Growing Pains*.

Enquanto ela estacionava e entrava na Sue Ann, sua irritação com seu comportamento ridículo e totalmente fora do normal fez com que suas

bochechas se incendiassem com o calor, o que significava que mais uma vez Karina, que nunca corava em sua vida, estaria rosada quando visse Ryan.

Perfeito, Karina pensou quando entrou na Sue Ann. Olhando em volta do pequeno, mas movimentado salão, não viu Ryan.

Os pensamentos começaram a zunir em sua cabeça. Talvez ela tenha entendido errado. Talvez ele estivesse atrasado. Talvez ele a estivesse evitando.

— Procurando por mim? — ela ouviu uma voz baixa e sexy por trás dela dizer.

Ela girou, assustada.

Talvez estivesse ficando completamente louca.

Ryan estava sentado em uma das pequenas mesas para duas pessoas perto da janela, bebendo uma xícara de café.

— Ei, linda — ele disse, seus olhos castanho-dourados brilhando de diversão. — Por que você não se senta? Vou pegar uma xícara de café para você.

— Tudo bem — ela disse enquanto se sentava na cadeira à sua frente.

*Recomponha-se.*

Nem era um encontro e Karina estava tão nervosa quanto uma noiva virgem na noite de núpcias. Não que ela soubesse algo sobre ser uma noiva virgem...

Um arrepio percorreu seu corpo quando Ryan voltou para a mesa, com uma xícara de café na mão. Quando ele se sentou à sua frente, ela notou que ele estava com uma barba sexy. Ela considerou sentar em suas mãos para impedir-se de estendê-las e tocá-lo. Com esse pensamento, sua mente começou a imaginar como seria essa barba arranhando-a contra enquanto ele a beijava — e não nos lugares em que ele já a beijara.

— Então, você teve problemas para encontrar uma vaga de estacionamento? — ele perguntou antes de levar a xícara à boca e tomar um gole.

A testa de Karina franziu. Ela estava tendo dificuldade em tirar o pensamento de como lidar com a queimadura de barba entre as coxas e concentrar no que ele estava falando.

Ele sorriu.

— Notei que você contornou o quarteirão seis ou sete vezes antes de escolher uma vaga. Eu pensei que talvez alguém tivesse estacionado no seu espaço favorito.

O rosto dela ardia de vergonha.

— Eu... pensei que tinha esquecido alguma coisa — ela murmurou, ciente de que aquilo não fazia sentido, mas estava impotente para impedir que as palavras saíssem de sua boca.

Ryan, felizmente, teve a boa vontade de deixar o assunto passar, e ela queria beijá-lo por isso. Bem, ela queria beijá-lo por várias razões, e essa era apenas mais uma.

Depois de puxar um bloco do bolso de trás, Ryan abriu-o em uma página vazia e disse:

— Então, o show de talentos?

Um sorriso agradecido puxou seus lábios enquanto ela pegava seu próprio bloco e caneta da bolsa. Ela abriu uma página em branco e intitulou-a Show de Talentos.

— Tudo bem — ela começou, tentando reorientar seu cérebro para a tarefa em mãos e não para as mãos com as quais ela queria realizar todo tipo de tarefa. Depois de pigarrear, disse: — Acho que a primeira coisa em que precisamos pensar é se vamos ter um tema ou não. Embora possa ser extravagante, feito da maneira certa, também pode realmente trazer um senso de coesão a um grupo de pessoas que, de outra forma, não tem relação alguma.

Ela olhou para ele para ver qual era a sua resposta, mas tudo o que viu foi ele sorrindo como se ela fosse a coisa mais fofa que ele já viu.

— O quê? — ela perguntou. — Eu disse algo engraçado?

Ryan balançou a cabeça.

— Não, não. Desculpe. Você parece tão fofa debruçada sobre o seu bloco. Eu fiquei um pouco distraído. Eu diria que sinto muito, mas não sinto. Você me distrai muito. Mas vou tentar me concentrar. Então, você estava dizendo... Um tema?

Mas agora Karina era quem estava distraída. Empurrando o caderno de lado, ela tomou um gole de café. Quando pousou a xícara, sorriu para ele.

Como o homem à sua frente conseguia desequilibrá-la com um olhar, um sorriso, algumas palavras? Em um canto distante de seu cérebro, ela se perguntou se era realmente tão superficial que um simples elogio sobre sua aparência era suficiente para deixá-la à vontade tão rapidamente.

Ela encolheu os ombros mentalmente. E daí se fosse verdade? Havia coisas piores que poderia ser.

Decidindo parar de brigar e ignorar isso... não importava o que fosse,

Karina adotou a abordagem mais direta e a abraçou.

— Na verdade, acho que falar sobre o tema e o resto pode demorar alguns minutos. Você sabe, como trabalharemos intensamente até a noite do show de talentos, acho que provavelmente deveríamos nos conhecer um pouco melhor.

Ryan sorriu, recostando-se na cadeira.

— Eu apoio essa ideia. Pergunte-me o que quiser. Manda brasa.

Karina ficou com água na boca quando a covinha sexy apareceu em sua bochecha. Não, ela não podia se deixar desviar novamente. Esta era a sua chance de descobrir o que excitava Ryan, já que obviamente não era o beijo deles.

— Tudo bem, primeiro o básico. Me fale sobre sua família. Mãe, pai, irmãos, irmãs?

Ryan assentiu.

— Acho que tive uma infância bastante chata e normal. Fui criado em uma fazenda em Montana com minha mãe e meu pai. Eles ainda estão juntos. Sem irmãos ou irmãs. Mas o que posso dizer? Foi o ideal. Quero dizer, acho que se pensar friamente, eu gostaria de ter mais crianças para brincar quando era mais jovem, então sim, acho que ter irmãos e irmãs teriam sido legal. Mas isso é uma pequena reclamação. No geral, eu diria que tive uma infância muito feliz.

— E amigos? Você não tinha amigos para brincar? — Karina perguntou, amando que ela estivesse tendo um vislumbre da vida de Ryan.

— Não. Não durante o ano letivo, pelo menos. Quero dizer, eu fui para a escola, mas era uma escola pequena, mesmo para os padrões rurais. E como todos éramos transportados de fazendas remotas, não era como se pudéssemos simplesmente aparecer nas casas uns dos outros para brincar depois da escola. Sem mencionar que todos nós tínhamos tarefas, de qualquer maneira. Eu tinha um primo com quem eu estava sempre durante o verão, quando não estava trabalhando.

Karina tentou parecer diplomática, mas não pôde deixar de comentar:

— Isso realmente parece meio... triste.

Ryan começou a rir.

— Sim, entendo que você pode pensar isso ao ouvir o que acabei de dizer. Mas, honestamente, não foi como parece. Quer dizer, a maneira como fui criado foi a mesma que as crianças foram criadas por centenas de anos antes de mim. Então é isso: fazer parte de uma tradição de pecuária e

agricultura que remonta à fundação deste país. E você também precisa vivenciar algumas coisas para realmente apreciá-las, mas a terra, nossa terra é linda. Exuberante, maravilhosa. E desde que me lembro, como ajudei minha família a trabalhar naquela terra, sabia que era nossa. Nas minhas primeiras lembranças, eu tinha um senso de conexão e orgulho de propriedade com a terra em que estávamos trabalhando que algumas pessoas perseguem a vida inteira e nunca são capazes de alcançar. Você não pode substituir esse tipo de história por algumas rodadas de pique-pegas depois da escola, sabe?

Karina se viu completamente encantada com a narrativa de Ryan.

— Uau. Você está certo. Agora, estou com inveja — ela riu.

— Ok, e você? Eu conheci sua avó. E o resto da sua família? — Ryan perguntou.

Karina assentiu.

— Bem, já que você conheceu minha avó, você praticamente conheceu todo o clã Blackstone que está por perto. Eu não tenho irmãos ou irmãs... bem, que eu saiba, de qualquer maneira...

Ryan pareceu intrigado.

— Que você saiba?

Karina fez uma pausa.

— Ok, deixe-me voltar. Renata é a mãe da minha mãe...

Ryan parecia ainda mais intrigado.

— Como você acabou com o mesmo sobrenome, então?

— Meu pai sumiu antes de eu nascer. Minha mãe morreu no parto. Acredito, pelo menos. Então eu não imagino que Renata estava ansiosa demais para me dar o sobrenome do meu pai sacana quando ele não podia nem se dar ao trabalho de ficar por aqui.

Ryan balançou a cabeça.

— Como assim, você não tem certeza de que sua mãe morreu no parto?

Karina fez uma careta.

— Sim, eu sei que parece loucura. Como pré-adolescente, eu fui bastante insistente com minha avó para que me contasse todos os detalhes, mas tudo o que ela dizia é que minha mãe se foi e ela estava lá, isso não era bom o suficiente? Quero dizer, você a viu. Você pode ver como ela é. Arrancar detalhes dela que ela não está disposta a compartilhar? É uma batalha perdida.

Ryan assentiu.

— Entendo o que você quer dizer.

Karina suspirou.

— Então acabei desistindo. Mas isso realmente não importa no grande esquema das coisas. Quer dizer, eu tinha minha avó, eu tinha a tribo, todos os meus amigos. Se minha mãe não estava por perto por providência ou por escolha, é tudo a mesma coisa, no final. Por que não focar apenas nas pessoas que estão aqui e não nas que não estão?

Ryan colocou a mão sobre a dela e apertou.

— Eu acho que é realmente uma ótima maneira de olhar para isso.

Ela olhou para os dedos entrelaçados na mesa e não pôde evitar. Sorriu maliciosamente ao perguntar:

— Então, eu sei que você mencionou não poder parar de pensar em uma garota que acabou de conhecer, mas você tem namorada? Em Montana?

Os olhos de Ryan brilharam com diversão e ele riu.

— Bem, já que a garota em quem eu não consigo parar de pensar é a pessoa que está fazendo a pergunta, acho que ela merece uma resposta. Não, eu não tenho namorada. E caso você esteja se perguntando, porque eu tenho uma ideia de que você pode estar, minha última namorada e eu terminamos há mais de um ano. Ela foi meu terceiro relacionamento sério e ficamos juntos por três anos. Eu tive uma namorada no colégio com quem fiquei por dois anos, uma namorada na faculdade com quem também estive por dois anos e depois minha namorada mais recente.

— Só isso? — Karina perguntou incrédula.

— Só isso — Ryan confirmou. — Eu não sei o que te dizer. Eu sou um cara de relacionamentos. Eu não começo a namorar alguém a menos que eu ache que isso pode ir a algum lugar. Eu não vejo motivo.

Karina ficou impressionada. Ela nunca tinha conhecido alguém como ele antes. No grupo com o qual andava, namoro casual era a norma. Ficar sério era uma aberração que acontecia quando duas pessoas que estavam mantendo um relacionamento casual tinham sentimentos mais profundos um pelo outro ao mesmo tempo. Certamente nunca era o objetivo no início do relacionamento. A perspectiva de Ryan era uma maneira totalmente nova de ver as coisas para ela.

— Então, o que aconteceu com você e as três garotas? — ela perguntou. Surpreendeu-a que ela estivesse sinceramente curiosa para ter uma visão mais profunda de como ele via as coisas e como pensava. Ela quase se sentia como uma antropóloga, investigando os rituais peculiares de acasalamento de alguma cultura obscura.

Ryan deu de ombros.

— Bem, cada um é complicado à sua maneira, eu acho, como provavelmente a maioria dos relacionamentos. Não tive muito tempo, considerando que trabalhei de sol a sol no rancho, então não tinha muito como mudar as coisas. Mas no fim das contas, a razão pela qual as coisas não deram certo foi que a garota estava pronta para levar as coisas para o próximo nível, e eu simplesmente não estava lá.

— Casamento? — Karina perguntou, e Ryan assentiu. Ela deu um pequeno sorriso. — Pensei que você fosse um cara comprometido.

— Eu sou. — Os olhos castanhos de Ryan olhavam diretamente para ela, e sua sinceridade a inundou. — Se o relacionamento com qualquer uma delas estivesse certo, eu me dirigiria ao altar em um piscar de olhos. O problema era que nenhuma delas era a certa. Eu pude sentir isso. É claro que, como eu não conseguia apontar nenhum problema específico que tínhamos, era realmente difícil para elas entender por que eu não tentava resolver. Mas, honestamente, quando chegava ao ponto de decidir entre colocar um anel ou terminar, a decisão era fácil. Eu sabia que não era o certo. Eu não sei como eu sabia. Eu só... eu sabia que elas não eram o meu futuro.

Confusa, Karina se viu perdida por uma resposta enquanto olhava nos olhos de Ryan. Algo que ela não sabia o nome passou entre eles, mas parecia significativo.

Eles se olharam por um momento até Ryan finalmente quebrar o silêncio.

— E você, estrela? — ele disse levemente. — Conte-me sobre a trilha de corações partidos que você deixou no seu rastro.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Oh, não, nada tão dramático. O único relacionamento real que tive, se você pode chamar assim, foi o meu primeiro agente. O que eu tive antes de Bernie. Ele durou um tempo. Anos, na verdade. Mas, olhando para trás, pode ter sido apenas uma relação de conveniência. Quer dizer, ele estava gerenciando minha turnê e também minha carreira. Aqueles foram anos magros — ela riu. — Então... nós de fato moramos juntos. Ele compartilhava grande parte do meu dia a dia e, na época, eu estava com apenas vinte, então eu tinha muito pouca perspectiva sobre a vida além do único namorado de verdade que eu já tive. Eu acho que pode ser por isso que ficamos juntos por tanto tempo.

Ryan assentiu.

— Ok, é por isso que vocês ficaram juntos. Por que você se separou?

— Oh, isso é mais fácil. Eu assinei com Bernie.

— Bernie?

— Meu agente. Quando assinei com ele, tive que demitir meu namorado, então...

— Ok, é por isso que você terminou o relacionamento profissional. Por que você terminou o relacionamento pessoal?

O peito de Karina tremia enquanto ela ria amargamente.

— Era tudo um grande relacionamento. Não havia diferença. De qualquer forma, ainda mantemos contato.

— Sério? — Ryan pareceu surpreso.

— No sentido de que ele posta online sobre como ele me descobriu e eu não seria nada sem ele e que o joguei fora como lixo assim que comecei a ter um pouco de sucesso. Então, você sabe, às vezes eu leio essas postagens, que é o que ele realmente quer, no fundo. É muito infantil.

— Isso parece horrível — Ryan disse com simpatia.

— Bem, pelo menos ele não tem fotos minhas nua, ou Deus não permita, um vídeo de sexo — Karina meio que brincou, mas estremeceu com o pensamento.

Ryan ficou chocado.

— Você acha que ele realmente postaria algo assim? Algo tão particular?

— Ah, sim — Karina respondeu alegremente. — Quer dizer, não, ele provavelmente não publicaria. Ele provavelmente venderia. Mesma coisa.

Uma expressão confusa cruzou o rosto bonito de Ryan.

— Você parece tão blasé sobre isto.

Karina balançou a cabeça.

— Quando você é famoso, você deve presumir que qualquer pequeno pedaço de informação, qualquer lembrança pessoal, qualquer pedacinho da sua vida que você ceder ao controle de outra pessoa, tem a possibilidade de ser vendido para os tabloides um dia. É uma realidade doentia do trabalho.

Karina ficou surpresa ao se ver chorando um pouco, o que era muito diferente dela.

— É por isso que Lauren, Amanda e Sam significam tanto para mim. Elas são as únicas três amigas que eu tenho que conheço, sem sombra de dúvida, eu não me importo com o quão zangadas elas estejam comigo ou com o desespero por dinheiro que possam estar, elas nunca me venderiam. Elas



preferem morrer a vender algo pessoal sobre mim para os tabloides. Por causa disso, eu posso ser eu mesma perto delas. Não preciso me preocupar em estar esgotada. Não acho possível explicar o quão raro isso é para alguém na minha posição.

Ela conscientemente limpou a bochecha. Ela não ficava emocionada na frente das pessoas. Nunca. E agora, ela chorou duas vezes na frente de Ryan. Qual o sentido disso?

Ela ficou envergonhada. Quando ele abriu a boca para falar, ela estava com medo do que viria a seguir. Ela conhecia todas as respostas típicas a reclamações como as dela. Que é o preço que se paga por ser famosa ou que ela deveria parar de choramingar, de bancar a pobre menina rica. Ela estava com raiva de si mesma por ter exposto algo tão pessoal a Ryan e se deixado tão aberta ao julgamento. Não era a imagem que ela queria que ele tivesse dela. Mimada. Ingrata.

Mas quando Ryan falou, não era para isso que ela se preparara. Ele simplesmente puxou as duas mãos dela e muito gentilmente as levou aos lábios. Então ele deu um beijo suave e doce em seus dedos antes de baixá-los de volta para a mesa.

Olhando diretamente nos olhos dela, sem um indício de duplicidade, ele disse:

— Eu sei que não nos conhecemos há tanto tempo, mas eu nunca machucaria você, Karina. Não apenas por causa de como me sinto sobre você, mas também porque esse não é o tipo de homem que sou. Se você quiser, pode adicionar mais uma pessoa à pequena lista de pessoas em quem pode confiar.

Karina balançou a cabeça quando mais uma lágrima escorregou de seus olhos.

— Você sabe o que é estranho? — ela perguntou, soltando uma risada trêmula. — Eu realmente acredito em você. Tantas pessoas me disseram que eu podia confiar nelas apenas para logo depois me vender... Eu nunca acredito em alguém que diga que é confiável... Então, por que eu acredito em você agora?

Ele sorriu docemente quando estendeu a mão e limpou a lágrima com o polegar.

— Eu acho — ele disse — que é porque, em algum lugar profundo dentro de você, você tem um instinto que a protege. Nesse lugar profundo, você reconhece a verdade quando a ouve, por mais raro que possa ser. Então,

querida, a razão de você acreditar em mim quando digo que você pode confiar em mim é simplesmente... porque você pode.





Karina ficou no palco no auditório da *Hope Falls High School* e se dirigiu à multidão de residentes de Hope Falls que estavam reunidos para uma audição para o Show de Talentos.

— Muito obrigada pelo seu tempo e interesse em fazer uma audição para o show — ela começou. — Acreditem, se alguém sabe como é difícil se colocar na frente de uma plateia, sou eu. Eu sei que se apresentar é uma das coisas mais assustadoras que uma pessoa pode fazer. É como exibir sua alma e pedir às pessoas que gostem. Se fazer uma performance é intimidador, a audição é ainda mais. Apenas aparecer é um ato de coragem. Por isso, aplaudo todos e cada um de vocês por terem força e coragem para vir aqui e tentar.

Karina respirou fundo e olhou para suas anotações.

— Muitos de vocês sabem quem eu sou. Eu sou Karina Blackstone. Cresci aqui em Hope Falls.

Com isso, a multidão aplaudiu estrondosamente.

— Oh, parem, parem — disse ela, rindo conscientemente. — Agora, gostaria de apresentá-los ao meu co-presidente do show de talentos, Ryan Perkins.

Com isso, para sua surpresa, o nível de decibéis e a intensidade de seus aplausos só aumentaram quando Ryan subiu ao palco para se juntar a ela.

Ela e Ryan sorriram um para o outro, e Karina ficou feliz que ninguém pudesse ver sua calcinha, considerando o fato de que ela estava derretendo.

Com um aceno, Ryan falou alto.

— Olá, pessoal. Estou animado para ver o que todos vocês prepararam. Antes de começarmos, quero agradecer à minha avó, Sue Ann, por isso. — Sue Ann levantou-se do banco na primeira fila e virou-se para acenar para a multidão, após a gentileza de fornecer café e bebidas.

Enquanto Sue Ann acenava, assobios e aplausos de apreciação encheram o auditório.

Karina olhou para Ryan e o olhar de orgulho e amor em seu rosto enquanto observava a avó fez seu coração seguir sua calcinha e derreter.

Não querendo transmitir seu desmaio interno, Karina pigarreou.

— Certo, então Amanda vai chamá-los, um número de cada vez. Publicaremos a lista de chamada final até segunda-feira, o mais tardar. O show é no próximo sábado às sete e meia. Todos os participantes escolhidos devem se reunir aqui às 14h com suas roupas para um ensaio geral. Alguma pergunta?

Karina e Ryan olhavam para a multidão. Quando ninguém falou, ele disse:

— Ok, então. Vamos lá.

Karina virou-se para Ryan.

— Você está pronto para isso?

Ele balançou a cabeça.

— Existe uma maneira de estar pronto para isso?

— Não tenho certeza — ela respondeu. — Vamos descobrir.

Enquanto eles se sentavam cerca de dez fileiras atrás, Ryan descansou a mão na parte inferior das costas de Karina. A mão dele era grande e se espalhava de um quadril para o outro, e o calor da palma da mão pesada estava deixando a calcinha derretida ainda mais quente. Era tão... bom. A tal ponto que Karina ficou tentada a voltar e seguir um caminho mais longo, apenas para aproveitar a sensação tentadora por mais alguns segundos.

Quando eles alcançaram seus assentos, a decepção floresceu dentro dela. Mas rapidamente murchou quando Karina descobriu, depois de se sentar nas pequenas poltronas do teatro, que Ryan era tão grande que seus braços e pernas estavam se tocando.

Seu estômago ainda estava se revirando no aconchego dos assentos quando Amanda entrou no palco; atrás dela estava o primeiro participante.

— Ah, claro que é Kelly — Karina murmurou enquanto revirava os olhos.

— Ela é legal — disse Ryan, parecendo surpreso com o tom dela.

Karina zombou.

— Sim, ela é legal com você, talvez. Mas esse é o último adjetivo que eu usaria para descrever a atitude dela comigo e com minhas amigas. Ela não gosta de nós. Quando criança, ela era basicamente Regina George usando esteroides.

— Regina... quem? — Ryan perguntou, sua testa franzida.

— De Meninas Malvadas — explicou Karina, esperando a lâmpada de reconhecimento iluminar os olhos castanho-dourados de Ryan. Quando não aconteceu, ela continuou: — O filme. Com Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Tina Fey, Amy Poehler.

Ryan balançou a cabeça.

— Nunca vi.

Karina percebeu que ele também não tinha ouvido falar de nenhuma das atrizes que ela acabara de mencionar. Normalmente, ela não tinha nada em comum com pessoas que não compartilhavam sua paixão pela cultura pop. Mas o que ela estava encontrando com Ryan era refrescante. O homem não tinha nenhuma noção de que estava se tornando mais sexy do que ela esperava.

Kelly confiantemente se aproximou da frente do palco.

— Meu nome é Kelly King. — Ela então levantou o papel que tinha o seu número estampado e disse em um tom de paquera: — Eu sou a número um. — Aproveitando o tempo para apontar o dedo para Ryan de forma divertida. — E eu vou cantar *Orange Colored Sky*, de Natalie King Cole.

— Nat King Cole — Karina corrigiu antes que pudesse se conter.

Kelly fez uma careta para ela e retrucou:

— O quê?

— É Nat King Cole. Natalie era filha dele... Quer saber? Deixa pra lá. Estamos perdendo tempo.

— Sim, você está — respondeu Kelly num tom arrogante, revirando os olhos enquanto passava as mãos por um vestido formal que Karina tinha certeza de que ela devia ter desde o colegial.

Ryan inclinou-se até Karina. Sua respiração aquecida em seu pescoço quando ele sussurrou e fez com que seus braços se arrepiassem.

— Você está certa. Ela realmente não gosta de você.

— Sim — Karina sussurrou de volta sem fôlego, não porque estava tentando manter a voz baixa. Ela abriu a boca para falar normalmente e se transformou em Marilyn Monroe cantando parabéns ao presidente. — Com paixão.

— Paixão, é? — Movendo-se em sua cadeira, ele se inclinou para mais perto, de modo que seus ombros e coxas agora estavam se tocando, em vez de apenas seus braços e joelhos. — É mútuo?

Karina não tinha ideia se eles ainda estavam falando sobre Kelly ou se o assunto havia mudado para eles. Era demais para seu cérebro confuso de luxúria processar. Mas de qualquer maneira, a resposta foi a mesma.

— Absolutamente.

— Vai! — Kelly gritou.

O que se seguiu foi uma das performances mais torturantes de *Orange Colored Sky* que Karina já ouvira. Ela estava tão maluca que parecia um gato tentando dar à luz um elefante. A única coisa pior do que o canto de Kelly — e Karina estava usando esse termo vagamente — eram os movimentos de dança que ela estava apresentando desajeitadamente. Ela parecia um bebê girafa tentando se levantar no gelo.

Era tão cômico que Karina quase começou a sentir pena da garota. Isso foi até que ela terminou com um floreio e soprou um beijo em direção a Ryan enquanto piscava sedutoramente. Algo um pouco próximo de ciúme territorial surgiu em Karina. Kelly podia não ser capaz de cantar e dançar, mas ela era bastante habilidosa no que dizia respeito à combinação de piscadela e beijo.

Ryan começou a bater palmas lentamente enquanto Amanda rapidamente conduzia o pisca-pisca do palco.

— Sério? — Karina virou-se para Ryan, as sobrancelhas levantadas. — Aplausos?

Ele balançou a cabeça em reverência, ainda encarando o espaço que Kelly acabara de desocupar.

— Definitivamente não foi bom, mas você tem que admitir que foi... divertido.

Karina começou a rir. Ela parecia fazer muito isso com Ryan. Era uma contradição estranha estar tão à vontade e tão nervosa com alguém ao mesmo tempo.

— A única coisa divertida foi o vestido de baile no estilo dos anos 80. Não que eu tenha ido ao baile nos anos 80, ou em qualquer outra época, mas

é assim que parece nos filmes.

— Você nunca foi ao baile? — Ryan perguntou.

— Não — disse Karina com naturalidade. — Minha avó nunca permitiria. Na vida da tribo, simplesmente não fazíamos coisas assim. Eu não sei como explicar. Quer dizer, não era expressamente proibido ou algo do tipo. Era só... eu não sei... esse tipo de coisa era parecido com uma tolice. Ou bobagem. Indigno. — Ela suspirou. — Eu não estou explicando muito bem.

— Não, acho que entendi. — Ele assentiu. — Não é como se minha família fosse exatamente a mesma, mas eu sei do que você está falando. Na minha família, toda a nossa vida era administrada pelo rancho. Não havia outro mundo além dele. Sem férias, sem sair com os amigos, sem tirar dia de folga. Nada além do rancho e do trabalho. Qualquer outra coisa era considerada frívola.

— Sim. — Ela ficou surpresa que alguém que havia sido criado de maneira tão diferente dela realmente pudesse entender. — Você entendeu.

Ela sorriu suavemente, e Ryan cobriu sua mão com a dele. Quando eles olharam nos olhos um do outro, ela sentiu o vínculo entre eles crescendo como uma coisa física e teve que desviar o olhar enquanto sentia o calor subindo de sua barriga e suas bochechas começando a corar.

Oh, não, ela não iria corar novamente.

— Próximo! — ela gritou.

O resto do dia foi longo, frenético e cheio de uma grande variedade de apresentações. Houve muitos números musicais esperados, com certeza, mas havia muitas pessoas exibindo talentos que Karina nunca teria imaginado.

Roland treinou seus três cães para fazer truques e rotinas em formação sincronizada. A Sra. Kasson girou pratos. Greg Monson andou em pernas de pau. E aos sessenta e dois anos de idade, Lorraine Tilden realizou uma bela apresentação de ginástica rítmica.

Por mais que estivesse gostando da diversidade nas audições, no final do dia da maratona, ela estava exausta e experimentando os primeiros sinais de enxaqueca. Até a novidade de estar tão perto de Ryan e seus toques de arrepiar a espinha não conseguiram impedir a cabeça dela de latejar. Mesmo sem perceber, ela inconscientemente começou a esfregar as têmporas.

— Você está bem? — Ryan perguntou. — Tenho certeza de que só falta um.

Ela tentou se recuperar.

— Sim, eu estou bem.

Ryan sinalizou para Amanda, que estava parada no palco, com o polegar para cima.

Amanda subiu ao palco segurando a mão de Noah, de seis anos. Sua expressão era de nervosismo, mas também havia um ar de coragem em sua forma de se portar. Era óbvio que ele iria fazer essa audição, não importava o quão assustado ele se sentisse.

— Oi, Noah! — Karina exclamou. Ela se virou para Ryan e explicou: — Noah é irmão mais novo de Justin.

— Oh! — disse Ryan. — Ei, Noah. Prazer em conhecê-lo. Eu conheci seu irmão outro dia.

Noah se iluminou, todos os traços de nervosismo deixando seu rosto. Ele disse:

— Meu irmão é o *cara*!

Ryan riu.

— Sim, ele é. Então, o que você vai fazer por nós hoje, Noah?

— Vou recitar um poema que aprendi para a escola — ele disse. — Ele se chama *Sarah Cynthia Sylvia Stout* e é sobre uma garota que nunca tirava o lixo, e tem uma moral.

À medida que prosseguia no poema, sua voz cresceu em confiança e expressividade até que ele finalmente alcançou as frases finais, que imbuiu com uma seriedade grave.

Ryan e Karina começaram a bater palmas, assobiar e gritar.

— Bom trabalho! — Karina gritou.

Quando terminaram de bater palmas, Noah olhou para eles solenemente.

— A moral da história é que sempre precisamos tirar o lixo — ele informou.

Amanda caminhou até a frente do palco para se juntar a Noah, olhando para os bastidores, e disse:

— Bem, parece que Noah foi a última audição. Então, a menos que você precise de mim para mais alguma coisa, eu vou levar esse carinho para casa.

— Não, nós estamos bem — Karina disse enquanto ela e Ryan se juntavam a eles no palco. — Muito obrigada por toda a sua ajuda, Mand. Não poderíamos ter feito isso sem você. Sério. Não consigo imaginar como seria o dia sem você manter tudo organizado e dentro do cronograma.

— O prazer foi todo meu — respondeu Amanda enquanto bagunçava os cabelos de Noah. — Você está pronto para ir, amiguinho?



— Podemos parar e tomar sorvete? — Noah encarou Amanda com olhos de cachorrinho.

— Humm... absolutamente! — Amanda cumprimentou Noah com outro *high five*, e eles desceram do palco.

Ryan e Karina acenaram para Amanda e Noah quando eles saíram. Quando a porta da frente do auditório bateu, Karina subitamente percebeu que ela e Ryan estavam *muito sozinhos*.

Esse fato a fez suar frio. Não era, de maneira alguma, uma novidade para ela estar sozinha com um homem pelo qual se sentia atraída. Karina sempre achou sua sexualidade empoderadora, então era estranho se sentir tão... nervosa.

Ryan se inclinou perto do rosto de Karina.

— Você sabe o que sempre sinto vontade de fazer quando estou sozinho com uma mulher bonita em um auditório grande e vazio como esse? — ele sussurrou com voz rouca.

Karina balançou a cabeça, a voz desativada, a respiração suspensa, todos os nervos do corpo formigando, aguardando a resposta dele.

Ryan demorou-se, prolongando o momento e, se ela não estava enganada, provocando-a. Finalmente, ele sussurrou lentamente:

— Tocar meu violão.

Os dois começaram a rir, e Karina bateu de brincadeira no ombro dele. Então, em meio à risada, ela disse:

— Honestamente, eu também.

— Você trouxe o seu? — ele perguntou.

— Nunca vou a lugar nenhum sem ele — ela disse com firmeza.

— No seu carro?

— Sim — ela respondeu.

— Te encontro aqui em cinco minutos?

Ela sorriu, aumentando a aposta.

— Melhor em quatro.

A adrenalina correu através dela enquanto acelerava e caminhava até o carro. Ela adorava tocar e colaborar com outros músicos. Em sua experiência, quando dois músicos se reúnem, algo especial acontece. Adicione uma atração intensa na mistura e tudo vira uma receita para a magia.

Depois de pegar seu violão, Karina voltou correndo para o auditório.

Para sua surpresa, Ryan já estava reclinado em uma cadeira dobrável no palco, com o violão fora do estojo enquanto tocava trechos de melodia.

— Onde você esteve? — ele perguntou, inclinando a cabeça em direção à cadeira dobrável vazia que montara para ela ao seu lado.

— Como você pode ter chegado ao seu caminhão e retornado nesse período de tempo? — ela perguntou. — Onde você estacionou?

Ele riu.

— Tudo bem, eu admito. Meu violão estava aqui o tempo todo. Deixei nos bastidores quando cheguei.

— Entendi. — Ela riu junto com ele. — Boa jogada, senhor. Boa jogada.

Ela largou o estojo, o abriu e removeu o violão. Depois de deslizar a alça por cima do ombro, se acomodou na cadeira dobrável. Então começou a tocar, acompanhando-o, tocando uma harmonia complementar com a melodia dele e harmonizando sua voz com a dele quando começaram a cantar.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que estivera tão feliz.

Não havia nenhum propósito em suas brincadeiras, nenhum objetivo final. Eles não estavam escrevendo uma música para seu próximo projeto, e ela não estava fazendo um teste para que ele tocasse em sua banda. Eles estavam usando seus instrumentos e suas vozes para fazer música, pura e simples, apenas pelo puro prazer que proporcionava.

Era quase doce demais para suportar.

Era exatamente do que ela sentia falta.

Ao crescer, a avó mantinha uma cópia de um livro chamado Canja de Galinha para a Alma na mesa de centro, repleta de histórias e contos inspiradores. Bem, isso, tocar com Ryan, era canja de galinha para a alma de Karina.

O tempo parecia estar suspenso enquanto eles tocavam. A cada minuto, a cada segundo que passava, Karina sentia a conexão entre eles crescendo e se fortalecendo, como cordas tangíveis enrolando-se intrincadamente ao seu redor. Vinculando-os. Uma era a música. Uma era a crescente confiança um no outro. E a outra eram os olhares eletricamente carregados que eles trocavam continuamente enquanto a música enchia o auditório hora após hora.

Karina ainda estava um pouco assustada com a força de sua reação física e emocional a Ryan. Vulnerável era algo que Karina *nunca* foi. Mas quanto mais tempo ela passava com Ryan, mais ela se sentia mudando de assustada para intrigada com o desenvolvimento inesperado do que quer que estivesse acontecendo entre ela e o Sr. Ryan Perkins.





Na manhã seguinte, no que parecia ser o exemplo mais cruel possível de *déjà vu*, Karina foi arrancada de um sono profundo pelo toque alto da campainha.

Mais uma vez, ela se levantou. Mais uma vez, ela procurou o despertador. Novamente, não faltava muito para as seis horas. E, novamente, era uma Sam brilhante e vestida com elastano que estava em pé na porta da frente, pulando de um pé para o outro, para não deixar seu coração desacelerar.

— Nós realmente precisamos parar de nos encontrar assim — Karina resmungou quando Sam passou correndo por ela e se dirigiu para a cozinha.

— Eu queria descobrir como foram as audições — Sam esclareceu, puxando a garrafa de água habitual da geladeira de Karina.

— Você percebe que sua visita contínua à minha casa a essa hora todas as manhãs só vai me fazer parar de abastecer a água? — disse ela a Sam enquanto se sentava em uma cadeira da cozinha.

Sam deu de ombros com indiferença.

— Paus e pedras podem ser o fim do caminho, mas ameaçar reter água só me fará trazer minhas próprias águas de Março — ela cantou.

Karina riu.

Sam virou-se para Karina e comemorou:

— Sim! Eu fiz você rir!

— É cedo. Minhas defesas caíram — Karina protestou. — Embora isso tenha sido muito fofo. Eu vou admitir a melhoria.

— Então... conte-me sobre as audições — Sam pressionou.

— O que você quer saber? — Karina brincou.

— Como as coisas se desenvolveram com seu... — Sam baixou o timbre de sua voz em um esforço para canalizar Mae West. — ... co-presidente da comissão?

Karina riu de novo.

— Sammy, só você pode fazer com que o termo “co-presidente da comissão” pareça ousado.

— Acho que você está evitando a pergunta — disse Sam com naturalidade.

Karina suspirou e deixou a cabeça cair sobre a mesa.

— Estou confusa. E nunca estou confusa. Não sobre homens. Eles são as criaturas mais simples do mundo. É só alimentá-los, deixá-los jogar videogame e manipular seu joystick de vez em quando. Eles são felizes como amêijoas. Simples.

— *Talvez* Ryan seja uma classe melhor do que aquela com a qual você costuma lidar — sugeriu Sam.

Karina reconheceu o ponto.

— Ele teria que ser. Mas isso ainda não explica por que a presença dele me deixa completamente fora de controle. Respiro engraçado, meu coração dispara, minha pele fica vermelha e meu cérebro para de funcionar. Eu já fui atraída por pessoas antes. Eu sei como é. É um dos meus sentimentos favoritos no mundo. O que sinto por Ryan não é apenas atração.

— Só há uma explicação — concluiu Sam sem rodeios. — Você é alérgica a ele.

— Não pense que não considere isso, minha querida espertinha — Karina gemeu. — Eu só... não sei. Eu não gosto disso. Eu nunca fui uma maníaca por controle, mas sentir estar fora de controle é... perturbador.

Sam suspirou sonhadoramente.

— Aaaahhhhh, o amor...

— E a pior parte é que nada disso importa, porque estou realmente *ansiosa* pela oportunidade de me jogar naquele fogo novamente. Mal posso *esperar* para vê-lo. Sempre que estamos separados, começo a contar os minutos até vê-lo novamente, mesmo sabendo o efeito que ele terá em mim.

Porque eu sei o efeito que ele terá em mim. Eu sou louca?

Sam pegou a mão dela.

— Louca de amor.

Karina retirou a mão do aperto de Sam.

— Essa é a Beyoncé. Não eu.

Sam deu de ombros.

— É você agora. Além disso, não sei por que isso está te incomodando tanto. Me parece o que todo mundo no mundo quer que aconteça a si mesmo. Parece um conto de fadas.

Karina acenou com a mão com desdém, frustrada por sua amiga não poder ver a tristeza de sua situação. Mais do que um pouco de irritação tingiu sua voz quando ela explodiu:

— Não, não é. Você simplesmente não entende porque nunca teve um namorado. Depois de ter um pouco de experiência...

Mesmo quando as palavras escapavam de sua boca, ela ouviu seu próprio tom condescendente e viu a dor no comportamento de Sam quando de repente se sentou mais ereta.

Karina olhou para cima, encontrando o olhar ferido de Sam e disse:

— Oh, não, Sammy, eu não quis dizer isso. Sério. Eu não quis dizer nada disso.

— Não — disse Sam com uma voz levemente magoada —, você está certa. Eu não tenho nenhuma experiência. O que eu sei?

— Você sabe o bastante — Karina assegurou. — Por que você acha que eu continuo derramando meu coração para você manhã após manhã?

Sam sorriu.

— Porque ninguém mais vai ouvir o seu lamento?

— Não — Karina brincou —, é porque você aparece na minha porta quase de madrugada e me pressiona a fofocar antes que meus sentidos tenham a chance de acordar.

Sam deu de ombros.

— De qualquer jeito. Por que mexer com um time que está ganhando?

Karina sorriu e pegou as mãos de Sam nas dela, olhando em seus olhos sinceramente.

— Mas, falando sério, sinto muito. Isso foi uma coisa muito chata de se dizer. — Então ela se levantou e caminhou até o lado de Sam da mesa. — Viu? Para mostrar a você o quanto realmente sinto muito, vou até abraçar você suada, expondo-me aos perigos do suor de segunda mão.

Sam riu.

— Bem, para fazer você pagar por isso, eu não vou negar essa oferta, que é o que eu sei que você esperava secretamente.

Ela abraçou Sam e eles compartilharam um abraço.

— Bom. Eu mereço isso — Karina respondeu com um sorriso torto. Ela caminhou até a cadeira e caiu de volta. — Eu não sei, Sam — ela suspirou. — Estou começando a pensar que talvez o que estou passando seja realmente apenas luxúria reprimida. Talvez seja apenas que nosso relacionamento ainda não esteja consumado. Talvez se eu fizesse sexo com ele, isso o tiraria da minha cabeça.

— Você acha? — Sam perguntou com um tom falsamente inocente enquanto inclinava a cabeça para o lado. — Porque, como você apontou, não tenho muita experiência no mundo real, mas, pelas minhas observações, é praticamente o oposto. Dormir com um cara geralmente a deixa um pouco *mais* envolvida com ele do que antes, e não menos.

Karina considerou as palavras de Sam.

— Hummm. Talvez. Para outras garotas. Mas não para mim. — Ela encolheu os ombros. — Eu nunca fui tão emocional com o sexo. Quero dizer, é o que é. Um desejo físico, um imperativo biológico. Acho que nunca me apeguei a alguém só porque dormi com ele. Eu não acho que sou assim.

Sam, por sua vez, considerou as palavras de Karina.

— Sim, mas acho que Ryan é diferente dos outros caras com quem você esteve.

Karina entendeu o argumento de Sam, mas ainda se viu balançando a cabeça.

— Ele pode ser, mas eu ainda acho que toda essa coisa de descombinação mente-corpo-alma que estou vendo acontecer aqui é inteiramente o resultado de um acúmulo doentio de hormônios sexuais no meu cérebro.

Sam parecia cética.

— Eu não sou médica, mas acho que não é assim que funciona.

Karina não seria dissuadida.

— Bem, como você disse, você não é médica.

— É verdade, mas tenho conhecimento médico suficiente para saber que “hormônios sexuais” não é uma designação científica válida. Acho que todo mundo tem conhecimento médico suficiente para saber disso. Eu acho que isso é sobre sentimentos. Sentimentos reais, não hormônios sexuais.

Karina balançou a cabeça. Por mais que ela gostasse que sua amiga estivesse conversando sobre isso com ela, ela absolutamente não concordava com a análise de Sam. Karina não se apegava ou experimentava amor de conto de fadas. Ela realmente não foi construída dessa maneira.

Limpando a garganta, ela tentou explicar.

— Olha, pense assim. É como a pressão se acumulando dentro de um balão. À medida que o balão se estica, ficando cada vez mais fino, mais ar é espremido dentro dele, criando uma situação impossível e insustentável. O que eu realmente preciso fazer é...

— Estourar o balão? — Sam interrompeu. — Metaforicamente falando, é claro.

— Exatamente! — Karina disse, apontando para ela. — O único problema é que, desde aquele beijo alucinante no estúdio, Ryan *infelizmente* foi o cavalheiro perfeito. Eu *sei* que ele sente a química picante como *jalapeño* entre nós. Então, por que ele não fez algo sobre isso?

— Talvez ele esteja nervoso — Sam ofereceu. — Você é *Karina Black*, afinal. Pode ser um pouco intimidador.

Karina sabia que não era esse o caso.

— Sim, para alguns caras, talvez. Mas não Ryan. Ryan é... — Uma emoção espalhou-se por ela enquanto pensava nas mãos ásperas do trabalho, nos bíceps grandes e abaulados que pressionavam o algodão fino de suas camisas, sua voz profunda e sexy que a fazia girar por dentro como se estivesse no brinquedo de um parque de diversões. — Ryan é um homem. Um homem de *verdade*. Eu não acho que o fato de eu ser *Karina Black* o influencie.

Sam suspirou e assentiu. Então, como se algo tivesse surgido nela, sua testa franziu quando ela perguntou:

— Então, se seu cérebro é o balão da história, você percebe que, depois que ele for estourado, acabará se espalhando pela sala em pequenos pedaços, certo?

Karina deu de ombros.

— Não é uma metáfora perfeita.

Sam respondeu:

— Não é uma situação perfeita.

Karina mostrou a Sam seu sorriso branco perolado e afirmou:

— Não, mas está prestes a ser amplamente melhorada.

Ela não sabia por que Ryan estava levando as coisas tão devagar, mas



tinha certeza de que poderia encontrar uma maneira de acelerar tudo. E era exatamente isso que ela planejava fazer.

Sam não parecia convencida, mas admitiu.

— Ok. Você se conhece melhor que ninguém. Você tem um plano?

Um sorriso se espalhou por seu rosto quando ela acenou para Sam. Ryan pode estar levando as coisas devagar. Ele poderia estar fazendo-a sentir as coisas e agir de uma maneira que normalmente não agia. Mas ele ainda era um homem de sangue vermelho e ela ainda era uma mulher.

O “plano” dela era simples.





— Cortina em quarenta e cinco minutos! — disse Amanda para a lotada área dos bastidores, onde Karina e Ryan estavam tentando encurralar os competidores que haviam feito conseguido uma vaga e compunham a formação do Show de Talentos. — Vocês têm apenas 45 minutos para estar completamente vestidos, maquiados e prontos para subir ao palco!

Karina virou-se para Ryan, com os olhos brilhando.

— Não acredito como isso é emocionante. Eu admito que não estava totalmente a bordo no começo, mas estou realmente gostando agora.

— Sim, eu sei o que você quer dizer. Sei que não faz sentido, mas sinto orgulho. Como se o show fosse o nosso bebê.

Karina estendeu os braços expansivamente e vestiu uma voz falsa de locutor de TV

— Ryan e Karina, parabéns! Vocês são os pais orgulhosos de um show de talentos!

Ryan riu enquanto olhava nos olhos escuros e amendoados de Karina. Todo dia, todo minuto que ele passava com Karina o fazia sentir... mais. Mais do que ele jamais pensou que poderia sentir sobre alguém que ele conhecia há apenas algumas semanas.

— Não há ninguém que eu prefira ter como mãe do meu show de talentos do que você, Karina Blackstone.

Um rosa-claro tingia suas bochechas. De alguma forma, Karina conseguiu tornar o rubor uma das coisas mais sexy do mundo. Claro, ela fazia a mesma coisa ao respirar. Ao falar. Ao ficar parada. E seu favorito absoluto, ao sorrir.

— A energia aqui atrás é palpável! — Sue Ann bateu palmas animadamente enquanto passava para ocupar seu lugar na fila.

Karina assentiu para ela.

— Oh, sim. Esta é uma das melhores partes de se apresentar. Algumas pessoas com quem trabalhei odeiam os momentos antes de entrar, mas eu sempre amei essa parte.

Ryan exalou alegremente.

— Parece que dá onda. Por que alguém usaria drogas quando se pode ter isso? Eu nunca pensei que seria assim. Mas faz sentido. Veja quantas pessoas estão lá fora. Devem ser milhares. A cidade inteira parece ter aparecido.

Os olhos de Karina se estreitaram e sua cabeça inclinou para o lado.

— É uma multidão maior do que aquela pra qual você costumava tocar?

Ryan assentiu.

— Sim. Quero dizer, era uma cafeteria. E eu acho que havia... hmmm... umas dez pessoas lá. No máximo.

Ela pareceu surpresa.

— Então você realmente nunca se apresentou antes?

Ele estava começando a se sentir desconfortável com o interrogatório dela.

— A não ser que conte com a cafeteria.

Seus lindos olhos se arregalaram e ela mordeu o lábio quando franziu a testa. Ela tocou o braço dele e falou devagar, com cuidado.

— Um... okaaayyy. Então aqui vai. Eu fiz uma coisa. Em retrospecto agora? Talvez tenha sido um pouco insensível. Talvez não seja a jogada mais inteligente. Mas depois de contar o que fiz, tente lembrar que meu coração estava no lugar certo.

Ele a olhou desconfiado, a sensação desconfortável não melhorando. Na verdade, estava piorando. Ficando muito pior.

— O que *exatamente* você fez?

Seus lábios se transformaram em um sorriso de megawatts de *superstar* enquanto ela ria um pouco desconfortável.

— Vamos olhar para trás e rir disso um dia.

— Karina. — Ele não quis dizer o nome dela com tanta severidade, mas

queria que ela falasse logo.

Ela sorriu incerta.

— Bem... quando eu estava reunindo a ordem final absoluta dos números a serem enviados para a impressora, eu... uh... coloquei seu nome na lista.

Ele estava confuso.

— Na lista?

— Sim. De números. A lista de quem vai se apresentar hoje à noite.

Ele balançou a cabeça, sem compreender.

— Mas eu não vou tocar.

— Bem, é isso. Você vai, na verdade. — Ela riu, tentando entender o que tinha feito.

Parecia que um elefante de duas toneladas estava sentado sobre seu peito.

— O quê?!

Karina fracamente abriu os braços e deu um salto sem entusiasmo. Com uma voz alta e alegre demais, ela gritou:

— Surpresa!

Ryan riu, mas ouviu o leve pânico transparecendo.

— Então... hoje à noite... em pouco mais de uma hora... eu devo aparecer na frente de alguns milhares de pessoas e tocar. Sem ensaio. Basta ir lá e tocar.

Ela sorriu brilhantemente quando lhe deu dois polegares para cima.

— Sim! Basicamente isso.

Ryan sentiu que precisava de ar. Ele tinha *certeza* de que as paredes estavam se fechando.

— Não sei se posso fazer isso.

A determinação brilhou nos olhos de Karina quando ela parou na frente dele, colocando as mãos em seus ombros.

— Ryan — ela disse intensamente, olhando para ele —, você com certeza pode. Você tem um talento natural. Está preparado. Você consegue fazer isso. Mais do que isso, você vai arrebentar. Eu vi você. Eu sei o que você pode fazer. Conheço talento de *verdade* quando vejo. O mundo merece vê-lo também.

Ele assentiu, acostumando-se à ideia cada vez mais enquanto deixava as palavras dela penetrarem.

— Preciso pegar meu violão em casa — disse ele, procurando as chaves

nos bolsos.

— Não, você não precisa. Sue Ann trouxe. Está tudo pronto — ela assegurou.

— Quando eu toco?

— Logo depois de Noah. Você vai fechar o show.

— Vai ser mais difícil ainda. — Ele riu, mais nervoso do que qualquer outra coisa, enquanto olhava para o jeans e as mangas térmicas. Uau. — Agora me sinto malvestido. Aquele garoto está vestindo um smoking.

Karina riu.

— Não sei que filme ou programa ele viu que o fez pensar que é isso que você tem que usar quando se apresenta no palco, mas é literalmente tudo o que ele consideraria usar. Não se preocupe com suas próprias roupas. Ninguém espera que um WG ao quadrado esteja vestido com nada além de jeans e camiseta vintage.

— WG ao quadrado? — Ele franziu a testa.

— É tipo John Mayer, Jason Mraz, Jack Johnson. Significa *White Guy With Guitar*<sup>1</sup>. — Suas mãos se moveram animadamente enquanto ela explicava.

— Isso é uma loucura. Não acredito que vou realmente fazer isso. Isso é loucura.

Ryan fechou os olhos e respirou fundo, na tentativa de se concentrar. Quando suas pálpebras se abriram, ele viu os olhos intuitivos de Karina penetrando sua alma com preocupação.

— Deus, você é linda.

O pequeno sorriso que surgiu nos lábios de Karina era gentil e doc, e mesmo depois de passar horas no Google pesquisando todas as imagens dela, ele nunca o viu em seu rosto, a menos que fosse direcionado a ele. Esse conhecimento fez com que a excitação o atingisse e o fizesse querer bater no peito, no estilo homem das cavernas.

Inclinando-se mais para perto dela, ele apoiou a mão nas costas de Karina enquanto sussurrava contra a orelha dela

— Obrigado por fazer isso. Não me surpreendo com frequência, mas você, Karina Blackstone, é cheia de surpresas. Quando estou com você, mal posso esperar para ver o que fará em seguida, ouvir o que você dirá, e com certeza mal posso esperar para ver seu próximo sorriso. Esse sorriso é perigoso. Porque eu sei que faria *qualquer coisa* para ser o homem que o coloca em seu rosto todos os dias.



*Droga.*

As palavras que Ryan falou e o som vibrante de sua voz em combinação com os lábios macios roçando no ouvido de Karina fizeram sua cabeça girar com desejo, com luxúria, com... outras emoções que ela não queria descobrir.

Karina fora levada para jantar em lugares da moda. Recebera presentes caros. Escapadas românticas decididas no calor do momento para locais exóticos, mas nunca, nunca, um homem foi capaz de penetrar sua alma da maneira que Ryan fazia só com palavras. Apenas palavras simples.

Seu coração estava galopando em alta velocidade e sua respiração ficou tão rasa que parecia que ela estava se passando por uma operadora de sexo por telefone. Todas essas reações devido a algumas frases ditas em voz baixa contra seu ouvido.

Como compositora, ela estava bem ciente de quão poderosas as palavras poderiam ser. Elas podiam curar um coração partido. Dar esperança aos desesperados. Inspirar os desanimados. Dar direção aos errantes. Dar fé aos perdidos. Dar força aos fracos. Dar paz aos inquietos. Dar voz àqueles que foram silenciados. As palavras mudavam vidas. E de alguma maneira ela sabia que as palavras de Ryan tinham mudado algo dentro dela. Colocou uma peça no quebra-cabeça de sua alma no lugar.

Com as palavras de Ryan ainda pairando pesadamente no ar emocionalmente carregado entre eles, Karina ouviu uma voz atrás dela. Uma voz que era familiar para milhões, mas que ela não ouvia pessoalmente há pelo menos seis meses.

— Karina, meu amor! Surpresa!

Karina congelou no lugar, seus olhos se arregalando.

— Oh. Meu. Deus — ela sussurrou em descrença.

*Ele não. Isso não pode estar acontecendo.*

Ryan, com os olhos cheios de preocupação colados aos dela, perguntou:

— Quem é ele? O que há de errado?

Ela balançou a cabeça, não querendo responder. Só querendo desaparecer. Ou melhor, que a pessoa ligada a essa voz desaparece.

Não, isso nunca iria acontecer.

Ryan olhou por cima do ombro para ver a quem pertencia a voz. Seus olhos ficaram tão grandes que Karina não tinha certeza de que eles ficariam alojados em sua cabeça quando ele disse:

— Puta. Merda.

— Sim — Karina confirmou. — Exatamente.

Ela decidiu que era melhor se virar e encarar seu destino. Ela girou lentamente na direção de seu visitante bem a tempo de ver Kelly King se apressar para a nova chegada e soltar um grito assustador antes de começar a falar sobre o quanto o amava e blá, blá, blá.

Kelly concordou em ajudar no gerenciamento de palco depois de não ter passado na etapa das audições, uma decisão que Karina suspeitava ter tudo a ver com manter uma proximidade de Ryan e pouco a ver com o espírito da cidade e fazer com que o show fosse um sucesso.

— Pelo menos ela está se tornando útil, distraindo-o com sua tagarelice estúpida — Karina murmurou para Ryan.

Ryan olhou para ela, confuso.

— Então você o conhece?

— Sim, pode-se dizer que sim. — Karina suspirou.

O “ele” em questão era Kyle Austen Reed. Terceira estrela masculina de cinema mais bem paga do mundo. Por duas vezes ele foi o homem mais sexy do ano da *People*. Três vezes indicado ao Oscar, duas vezes vencedor. Indiscutivelmente uma das poucas pessoas na terra mais famosas que Karina.

A última vez que Karina teve notícias, ele estava na Amazônia, filmando. No entanto, lá estava ele. De pé nos bastidores do auditório da *Hope Falls High School*.

Amanda veio correndo, prancheta na mão, e agarrou o braço de Karina.

— Eu ouvi um grito. O que aconteceu?

Karina fez um gesto irritado para onde Kelly ainda estava falando com Kyle sobre a grande fã que ela era. Amanda olhou e olhou de novo. Quando assimilou o que estava vendo, a prancheta escorregou de suas mãos e caiu no chão.

— Oh, meu Deus, aquele é...

— Kyle Reed — Ryan forneceu.

— O que ele está... o que... — ela gaguejou.

— Karina o conhece — respondeu Ryan.

A mandíbula de Amanda caiu e ela tirou o celular do bolso de trás e começou a digitar furiosamente.

— O que você está fazendo? — Karina perguntou.

— Estou mandando mensagens para Lauren e Sam virem aqui!

Em menos de vinte segundos, Lauren e Sam correram para o grupo, sem fôlego.

— Qual é a emergência? — Lauren perguntou com urgência.

Amanda apontou para onde Kyle Austen Reed estava parado no meio de uma multidão cada vez maior de artistas da noite e disse:

— Parece que um amigo de Karina decidiu aparecer.

— Uau! — Sam exclamou quando viu quem era.

Até Lauren, que geralmente não era de demonstrar emoções, soltou um suspiro audível.

Ryan balançou a cabeça como se tentasse limpá-la.

— Ok, senhoras. Por mais interessante que isso seja, e não me interpretem mal, isso é uma loucura séria, eu acabei de descobrir que vou tocar hoje à noite, então preciso encontrar meu violão, afiná-lo, aquecer... — Ele deu um sorriso brilhante para Karina e piscou. — Até logo.

Ela se viu sorrindo como um filhote de cachorro doente de amor de volta para ele enquanto ele se afastava.

Sam virou-se para Karina e disse:

— Kyle Austen Reed está aqui para vê-la?

— Sim, provavelmente — Karina murmurou.

Amanda pulou.

— Como você o conhece?

Karina suspirou.

— Nós somos amigos?

Lauren estreitou os olhos, desconfiada.

— Isso foi uma pergunta ou uma afirmação?

Karina lançou os olhos para o céu e jogou os braços em sinal de rendição.

— Bem. Somos amigos com *benefícios*.

Lauren adotou um tom ligeiramente castigador enquanto brincava:

— Eu me lembro disso, quando estávamos brincando de verdade ou desafio na casa de Amanda há alguns meses, e surgiu a pergunta sobre se você já dormiu com alguém da lista-A de Hollywood e você disse que não. Estou me lembrando errado?

— Eu não quero falar sobre isso — Karina resmungou.

— Eu lembro disso! — Sam apontou acusadoramente para Karina. —



Acredito que suas palavras exatas foram: “Eca, pessoal. Caras famosos são nojentos. Eu gosto de ser a mais vaidosa de um relacionamento.”

— Bem... eu menti. — Karina cruzou os braços. — Me processem.

Lauren e Sam pareciam estar gostando da nova munição para provocar Karina. Amanda, por outro lado, parecia um pouco magoada.

Ela virou os olhos de corça para Karina e disse:

— Kar, por que você sentiu que tinha que mentir para nós?

Karina acenou levemente.

— Eu não sei. Quer dizer, não somos públicos. Não que haja algo para ser público. Não é um relacionamento. É apenas... não é nada.

Naquele momento, Kyle Austen Reed se separou da multidão bajuladora ao seu redor e caminhou até onde as quatro meninas estavam de pé.

— Karina, *mi amore!* — ele exclamou. — Eu vim para resgatá-la desse ambiente humilde.

O estômago de Karina agitou-se de náusea enquanto ela sentia que ela e essa situação eram uma bola de neve descendo uma montanha, ganhando velocidade a caminho da base. Tentando evitar uma avalanche completa, ela agarrou Kyle pela manga da camisa e o arrastou para um canto escuro, onde esperava que ninguém pudesse ouvi-los. Não teve o efeito desejado, no entanto, já que suas três amigas os seguiram como patinhos, apesar dos olhares de morte de Karina na direção delas.

— Kyle, o que você está fazendo aqui? — Seu tom era mortalmente calmo.

Kyle ignorou essa pergunta e se virou para Sam, Amanda e Lauren.

— Só um instante, minha beleza de cabelos negros — ele disse. — Quem são essas adoráveis senhoras que compõem sua comitiva?

— Ok, baixa um pouco a bola, diva. Elas não são minha comitiva. São minhas amigas — respondeu Karina.

Sua cabeça estava girando ainda mais rápido agora, mas não tinha nada a ver com luxúria. Ela não podia acreditar que isso estava acontecendo. Ela procurou por câmeras, pensando que devia estar em uma pegadinha. Claro, programas assim estavam fora do ar por anos, mas era a única possibilidade.

— Olá, eu sou Lauren. — Sua amiga aproveitou a ocasião em que viu que Karina estava sofrendo mesmo para fazer apresentações simples. — Estas são Sam e Amanda.

Kyle Austen Reed cumprimentou cada uma delas quando foram apresentados, pegando as mãos que elas ofereceram para um aperto enquanto

as segurava com ambas as mãos grandes e fortes. Ele olhou atentamente para cada par de olhos enquanto repetia o nome e acrescentava:

— Sou Kyle Austen Reed. É um prazer conhecê-la.

Amanda e Sam pareciam muito impressionadas, mas Lauren conseguiu responder:

— Eu não posso acreditar que estamos realmente conhecendo Kyle Reed.

— Kyle *Austen* Reed — ele corrigiu rapidamente, em um tom amigável, mas firme.

— Ok, sim... Kyle Austen Reed — respondeu Lauren como se estivesse em transe.

Karina olhou para as amigas, o rosto pálido e a boca aberta, e acenou para elas. Elas estavam enraizadas onde estavam, e não parecia que tinham planos de deixar suas posições tão cedo.

Não tão sutilmente, Karina disse:

— Gente? Um pouco de privacidade?

Lauren se virou e examinou a área dos bastidores.

— Parece que as pessoas estão se preparando. Estamos praticamente sozinhos.

— Oh, Deus. — Karina começou a esfregar as têmporas, uma dor de cabeça gigantesca se formando atrás dos olhos. Ótimo... uma enxaqueca. Simplesmente perfeito. Onde estava o Doril quando ela precisava? Se havia um momento que ela podia usar para sumir junto com a dor... era esse.

Ela olhou para cima bem a tempo de ver Amanda, hipnotizada, cutucando, meio acariciando, o braço de Kyle como se estivesse tentando verificar se tudo era um sonho ou não.

Kyle desviou sua atenção para Amanda.

— O tecido não é requintado? Este blazer é feito de lã que foi tecida especificamente para mim por monges em um remoto mosteiro na montanha na Itália que quebraram seus votos de silêncio pela primeira vez em vinte anos para discutir o tecido e a coloração. — Ele colocou a mão sobre o coração para ilustrar o quanto o gesto significava para ele. — É uma das minhas posses favoritas.

Karina olhou para ele com incredulidade aberta.

— Sério? As pessoas realmente acreditam em você quando diz coisas assim?

Ele olhou de volta para ela, seu rosto se iluminando como se lembrasse

de sua tarefa original.

Escovando a mão pela bochecha dela, ele murmurou:

— Karina, me perdoe, *bella ragazza*, por deixar minha atenção desviar de você. Garanto-lhe que isso não acontecerá novamente.

Karina se afastou dele, aborrecida.

— Eu não quero sua atenção.

Naquela declaração, ele a esmagou contra o peito em um abraço enorme.

— Tudo bem, meu amor. Você não precisa mais ser forte. Kyle Austen Reed está aqui.

— Repito: não preciso ou quero você aqui! — Karina tentou gritar, mas o resultado foi um murmúrio, na melhor das hipóteses, porque seu rosto estava esmagado contra o peito dele.

— Quando Bernie ligou e me contou sobre sua situação, eu me coloquei em um avião em cinco minutos. Nunca tema, meu amor. Estou aqui para salvá-la desta miséria rural em que se encontra.

— Ei! — Amanda disse defensivamente. A referência de Kyle à “miséria” como a cidade natal de Amanda parecia tê-la tirado de seu devaneio estrelado.

— Ok — Karina suspirou enquanto se afastava dos braços dele. — Tantos pensamentos concorrentes. Onde começar? Primeiro de tudo, Bernie ligou para você? Ele sabe sobre nós?

Kyle Austen Reed assentiu.

— Ah, sim. Bernie tem conhecimento há anos. Ele sempre me liga quando sente que você está se sentindo um pouco triste, um pouco solitária. Então Kyle Austen Reed chega para o resgate! — Ele estufou o peito como um pavão orgulhoso.

Karina empalideceu.

— Oh, bom Deus. Vamos deixar de lado, por enquanto, o fato de você estar voando pelo país há anos à disposição do meu agente, me fazendo visitas como um gigolô de alto preço...

Com isso, Kyle ficou um pouco mais alto e endireitou os ombros.

— Sim, agora que você mencionou, às vezes me lembrava minha performance ganhadora do Oscar em *Gentlemen of the Evening*.

— Não é um elogio, Kyle — Karina falou.

A expressão no rosto de Kyle comunicava claramente piedade. Ele começou a acariciar os cabelos de Karina com movimentos longos e ousados.

— Shhh, shhh, doce Karina. Você está claramente sob muito estresse.

Que bom que Bernie me ligou. Eu posso ver isso agora. Apenas deixe tudo comigo, Kyle Austen Reed.

— Sim, entendemos. Nós sabemos quem você é — respondeu Karina, afastando a mão dele. — Sério, pare de me acariciar. Eu não sou um golden retriever, Kyle.

— *Kyle Austen Reed* — Lauren corrigiu.

Karina fez uma careta para ela.

— Você não está ajudando.

Lauren sorriu de volta para ela maliciosamente.

— Karina, *Kyle Austen Reed* veio resgatá-la do deserto. Você não parece agradecida.

A pressão sanguínea de Karina estava subindo a um ritmo perigoso, então ela respirou longa e lentamente para se acalmar.

*Respira fundo*, ela disse a si mesma enquanto inalava.

— Veja, Kyle...

— Austen Reed — Sam interrompeu.

Karina lançou um olhar para ela antes de respirar tranquilamente mais uma vez e recomeçar.

— Kyle — afirmou ela com firmeza —, esta é minha casa. Decidi ficar aqui. Eu não preciso ser resgatada. Então, muito obrigada por reservar um tempo da sua programação para vir aqui, mas...

O rosto de Kyle se iluminou como se de repente ele entendesse a situação.

— Espere um segundo. Não gosto do seu rosto — disse Karina.

— Não diga mais nada. Eu entendo completamente. — Kyle piscou para ela.

Karina não podia acreditar na diferença que sentia de uma piscadela de Ryan e de Kyle. Ela suspirou.

— De alguma forma, duvido disso.

— Você quer se estabelecer aqui, entre o terreno implacável e as pessoas humildes e camponesas...

— Vou simplesmente renovar meu “Ei!” indignado — interrompeu Amanda.

— Vamos nos juntar a uma tradição orgulhosa de casais poderosos de Hollywood que se retiraram para a simplicidade de um modo de vida mais terreno. Voltaremos à terra. Tudo o que precisamos fazer é encontrar a propagação perfeita para a câmera e contratar uma equipe de funcionários

para o rancho. Ele deve estar desgastado, mas ainda bonito. Uma empregada doméstica, possivelmente que esteja na propriedade há gerações. Existem alguns detalhes adicionais a serem resolvidos, mas, no total, eu diria que estamos a apenas dois ou três meses de convidar Oprah para filmar aqui.

— Kyle — continuou Karina —, não somos um casal poderoso de Hollywood.

— Karina, *mon amour*, você se dá  *muito* pouco crédito.

— Não somos, nem nunca fomos, um  *casal* de nenhum tipo — Karina falou devagar, para que Kyle não perdesse nenhuma palavra, a histeria fervendo logo abaixo da superfície.

Kyle abriu a boca para responder e Karina teve uma suspeita furtiva de que o que ele estava prestes a dizer não seria uma aceitação da realidade. No entanto, ela nunca saberia, porque naquele momento Henry caminhou até o grupo.

— Dia! — ele cumprimentou o pequeno grupo de pessoas que estavam ali.

— Dia *procê* também! — respondeu Kyle, atingindo Henry com toda a força do seu sorriso de estrela de cinema.

— Eu sou Henry Walker. Sou o prefeito de Hope Falls — disse Henry, apresentando-se e apertando a mão estendida de Kyle.

— Prazer em conhecê-lo. Sinto-me honrado por a cidade enviar emissário de tal honra para me cumprimentar, e tão rapidamente. Percebo que Karina fez uma excelente escolha para decidir onde construir nosso novo lar.

Karina enterrou o rosto nas mãos. Quando ela não ouviu a conversa continuar ao seu redor, levantou a cabeça e viu Henry olhando-a perplexo antes de voltar sua atenção para Kyle.

— Bem, filho, eu não sei nada disso, e eu estaria aqui de qualquer maneira, sendo este o show de talentos da cidade. E tenho que me desculpar, mas não sou muito observador de filmes, por isso nunca ouvi falar de você. No entanto, você certamente deixou todos aqui no teatro em polvorosa, devo dizer.

Kyle inclinou a cabeça em uma exibição exagerada de agradecimento. Karina revirou os olhos, mas ninguém estava prestando atenção nela nesse momento.

Henry continuou.

— Então, eu estava pensando, como reconhecimento por ter um convidado tão distinto em nosso meio, se você não se importaria de assumir

as funções de apresentador esta noite.

Karina começou a protestar.

— Não. Essa é uma ideia horrível, horrível...

Mas ela foi interrompida pelo anúncio de Kyle Austen Reed de:

— Eu adoraria! Aponte-me na direção do microfone. Estou pronto para começar.

— Excelente — Henry se entusiasmou, apertando a mão de Kyle e depois entregando a ele uma prancheta. — Aqui está a lista de números anotados na ordem em que vão acontecer e alguns fatos que você pode incorporar em suas apresentações. Agora, você precisa de algum tempo para se preparar, filho? O programa aqui está definido para começar agora, mas se você precisar fazer um feitiço e estudar esta lista aqui, podemos atrasar a abertura da cortina.

— Bobagem, Sr. Prefeito! — Kyle exclamou, abrindo os braços. — Você chamou os serviços de Kyle Austen Reed, e Kyle Austen Reed não falhará com você! Estou pronto, senhor!

Henry parecia cético para dizer o mínimo.

Karina suspirou e relutantemente disse:

— Ele vai se sair bem, Henry. Se há uma coisa que ele pode fazer de maneira brilhante, sem falhas, é improvisar na frente de uma multidão.

Kyle apertou Karina contra o peito, numa pose afetada como se estivessem na capa de um romance. Bem, se as heroínas nas capas dos romances parecessem irritadas e tentassem golpear os rostos dos mocinhos, pelo menos.

— Eu posso fazer qualquer coisa... qualquer coisa... — Kyle entoou dramaticamente —, sabendo que tenho o apoio total do meu único e verdadeiro amor.

De onde seu rosto estava esmagado contra o lado do pescoço de Kyle, Karina conseguiu murmurar:

— Tenho a sensação de que será uma noite muito, muito longa.



Karina podia sentir a energia ansiosa irradiando de Ryan enquanto eles estavam nos bastidores, esperando Noah terminar de recitar seu poema de *Shel Silverstein*. A primeira vez que ela se apresentou na frente de uma multidão desse tamanho, ela teve uma crise nervosa, mas conseguiu tocar na frente de pessoas durante toda a vida.

Ryan nunca havia tocado para mais de dez pessoas — e isso foi em um café aconchegante, não em uma situação como essa — um auditório repleto de luzes, um palco e uma audiência em assentos voltados para a frente, com a atenção concentrada em nenhum outro lugar além dele e de sua música.

Ela realmente o jogou no fundo do poço com essa pequena façanha. Ela só esperava que ele acabasse por perdoá-la se as coisas não corressem bem.

Colocando a mão no ombro dele, ela testou suas águas tensas perguntando timidamente.

— Como você está se sentindo?

Ele olhou para ela, excitação brilhando em seus olhos.

— Eu só quero chegar lá.

Um sorriso se espalhou lentamente em seu rosto quando ela percebeu que estava certa sobre ele. A apresentação estava dentro dele, no fundo de sua alma. As vibrações tensas que ela sentiu saindo dele não eram medo, mas antecipação. Ele nasceu para o palco. Ele simplesmente não sabia, porque nunca havia pisado em um antes daquela noite.

Finalmente, Noah terminou seu poema com um floreio, os braços estendidos dramaticamente, sob aplausos estrondosos. Ele marchou orgulhosamente para fora do palco e Karina deu-lhe um grande abraço.

— Você foi muito bem, Noah — disse ela entusiasmada.

Ele sorriu e respondeu:

— Eu sei!

Karina riu e Noah continuou:

— Vi meu pai e meu irmão tirando várias fotos minhas!

Ela sorriu e bagunçou os cabelos dele.

— Você foi magnífico!

Ele sorriu e agradeceu enquanto corria, informando que ia encontrar Amanda.

Ao lado dela, Ryan respirou fundo e ela agarrou a mão dele enquanto Kyle, com a prancheta na mão, entrava no palco pronto para anunciar o próximo número.

Seu estômago revirou em nervosismo. Não por si mesma, mas por Ryan.

Ela perdeu momentaneamente o foco quando Kyle apareceu inesperadamente naquela noite. Mas agora toda a atenção dela estava onde deveria ser focada, em Ryan. Houve uma ligeira falha em seu foco, recuperado quando Kyle puxou Ryan para seus braços e declarou que sabia que os dois seriam os melhores amigos. Sim, isso a fez querer encontrar o buraco mais próximo, rastejar nele e se esconder. Felizmente, o momento passou rapidamente quando Kyle foi afastado por causa das tarefas de apresentador.

— Está pronto? — Karina sussurrou.

Ryan a surpreendeu inclinando-se e dando-lhe um rápido, mas apaixonado, beijo nos lábios antes de olhar para a frente para ouvir sua apresentação.

Santo Deus. Não apenas seus joelhos tremiam da excitação pura que acabara de atravessá-la, mas também havia um formigamento distinto em seus lábios. Ela se sentia marcada pelos lábios dele. E gostou. Muito.

Os aplausos estrondosos que haviam sido comuns durante todas as aparições de Kyle Austen Reed no palco do auditório naquela noite cessaram quando Kyle se aproximou do microfone.

— Obrigado, obrigado — ele disse sinceramente. — Mais uma vez, sou Kyle Austen Reed. E quero agradecer a vocês por serem o melhor público que já tive a honra de conhecer. Essa é a verdade. Eu não digo isso levemente. Eu certamente não digo isso para todas as pessoas diante das quais me apresento.

Karina revirou os olhos. Ela o ouvira pessoalmente usar essa frase exata em mais de uma dúzia de ocasiões e não conseguia imaginar que a multidão levaria isso a sério. No entanto, eles provaram que ela estava errada ao explodir em uma onda de aplausos, gritos e assovios que envergonhavam todos os seus esforços anteriores da noite. Kyle encorajou-o afastando-se do microfone e abaixando a cabeça em uma demonstração de falsa modéstia. Ele então gesticulou dramaticamente de volta para a plateia como se confirmasse que, de fato, eram eles que mereciam todo o crédito.

E novamente, eles morderam a isca.

Quando os gritos estridentes finalmente se acalmaram, Kyle voltou ao microfone, consultando rápida e sutilmente as fichas que segurava. Ela conhecia esse truque. Era uma técnica de atuação antiga, e ela viu Kyle usá-la em mais de uma ocasião. Na verdade, era uma habilidade impressionante, e ela dava-lhe crédito por isso.

Ele se treinou, como muitos atores, a olhar para um pedaço de papel e



memorizar um pedaço do texto escrito nele, praticamente instantaneamente. Dessa forma, os atores podiam fazer leituras frias — fazendo testes com material que nunca haviam visto antes — enquanto atuavam para os diretores de elenco com apenas um breve olhar para o roteiro.

Isso também era útil em situações como a que Kyle agora se encontrava, porque ele podia apresentar os números sem parecer que estava lendo sobre eles em um papel. Ele poderia ter realmente aprendido sobre cada uma dessas pessoas.

Karina refletiu que, quando se trata de atuar, é como o sábio disse uma vez:

“É tudo uma questão de sinceridade. Depois que você aprende a fingir isso, o resto é fácil.”

— Agora, senhoras e senhores, tenho que ser sincero com vocês sobre este próximo número. Nós realmente guardamos o melhor para o final. Ryan Jackson Perkins não é apenas incrivelmente talentoso, mas também um amigo íntimo e pessoal.

Ryan lançou um olhar confuso para Karina e começou a fazer uma pergunta, mas Karina antecipou e respondeu com um aceno de cabeça antes que ele pudesse expressar as palavras.

— É o mundo de Kyle e todos nós apenas vivemos nele. Ele viu você uma vez. Na cabeça dele, isso faz de você um amigo íntimo.

— Tudo bem, mas como ele sabe meu nome do meio?

Karina deu de ombros.

— Eu não sei. Ele deve ter perguntado a Sue Ann. Mas vindo de Kyle Austen Reed, consideraria o fato de ele estar usando isso como um elogio.

A voz de Kyle ficou mais alta:

— Vocês o conhecem desde sua performance de estreia no Sue Ann's Café, e tenho o prazer de recebê-lo no show de Talentos de Hope Falls esta noite. Por favor, juntem suas mãos para uma verdadeira estrela em ascensão, Ryan Jackson Perkins!

Karina viu Ryan entrar confiante no palco, sob aplausos, surpresa ao se ver batendo palmas e gritando com o resto da multidão. Ela normalmente não era uma pessoa excessivamente demonstrativa, mas Ryan realmente fazia aflorar esse lado dela, e ela tinha que admitir que parecia natural e real. Ela gostou.

Quando ele alcançou o centro do palco e subiu para o microfone, Kyle ficou atrás dele e bateu nos dois ombros como se realmente fossem melhores

amigos. Os aplausos naturalmente começaram de novo, e Ryan parecia que nunca se sentira mais feliz ou mais em casa do que na frente de uma plateia.

Sua voz profunda foi amplificada enquanto ele falava no microfone, e a multidão imediatamente se calou para não perder uma palavra.

— Muito obrigado a todos — ele disse sinceramente. — Eu não estaria aqui hoje à noite sem o apoio de uma boa amiga a quem gostaria de agradecer do fundo do meu coração. Ela desempenhou um grande papel na minha posição diante de vocês agora, e ela é muito especial para mim por causa disso e de muitas outras razões. Na verdade, ela é a única responsável por eu estar aqui esta noite.

Karina começou a ver para onde aquilo estava indo e ficou rígida. Mas, ao mesmo tempo, ela não pôde evitar o pequeno sorriso que brincava ao redor de seus lábios enquanto dizia a si mesma:

— Tudo bem, Ryan. Tudo bem. Toque.

— É por isso que acho que ela não se importará se a chamarmos aqui no palco para se apresentar comigo esta noite. Senhoras e senhores, por favor, juntem as mãos para a minha amiga e a sua, Karina Blackstone.

A respiração de Karina ficou presa na garganta. Ela nunca, nem uma vez na vida, fora anunciada ao palco com seu nome real. Foi um detalhe que afetava muito mais a experiência.

Ela sentiu o coração inchar ao sair para o palco, acenando para a multidão.

Não era uma pessoa que se deixasse levar facilmente, Karina teve que tentar reprimir a emoção que a inundava. Ela estava em sua cidade natal, se apresentando para uma plateia que a vira crescer, e atravessando o palco em direção ao homem por quem ela estava começando a pensar que só poderia estar se apaixonando. Naquele momento, ela não conseguia imaginar nada melhor. Era assim que a vida deveria ser.

O olhar e a atenção dela estavam tão presos a Ryan que ela nem percebeu quando Kyle tocou sua bochecha enquanto eles atravessavam o palco.

Tomando seu lugar à esquerda de Ryan, ela levantou o queixo em direção ao microfone e disse:

— Olá, Hope Falls!

Quando mais uma louca salva de palmas desapareceu, Ryan se inclinou e disse:

— Se vocês não se importam, eu gostaria de tocar algo em que Karina e

eu trabalhamos na outra noite. É completamente inédita. Vocês serão as primeiras pessoas a ouvi-la, além de nós dois.

— Então sejam gentis! — Karina brincou, e a multidão riu.

Ela e Ryan se entreolharam, e ela sentiu faíscas tão intensas que na verdade a deixaram fora de foco.

Ryan deu aquele sorriso doce e enigmático e disse:

— Chama-se *O amor é a chave*, e esperamos que vocês gostem.

Com isso, ele começou a dedilhar a melodia familiar que eles criaram na noite dos testes. Ela observou o rosto dele, tão hipnotizada quanto os membros da plateia que nunca haviam ouvido a música antes, enquanto ele cantava o primeiro verso. Felizmente, Karina sempre foi capaz de lembrar melodias, teclas e letras como *Rain Man* lembrava números. Se ela não tivesse essa capacidade, estaria seriamente ferrada, porque estava completamente envolvida no momento. Perdida no som de sua voz e na melodia que ele tocava com suas mãos talentosas.

Ela entrou no refrão, misturando-se com Ryan, harmonizando, suas vozes subindo e descendo como uma só. Eles se fundiram perfeitamente, combinando-se para criar um som mais bonito pelas magnitudes do que qualquer um dos seus talentos individualmente.

Então, durante o segundo verso, quando ela estava cantando sozinha, percebeu que essa apresentação parecia diferente de qualquer outra que ela fez no passado por mais um motivo. Ela estava tocando uma música sobre se apaixonar, que havia escrito com alguém por quem estava se apaixonando, e estava cantando diretamente para essa pessoa.

Nunca em sua vida houve outra performance tão crua, tão real e verdadeira quanto essa música perfeita com Ryan.

Então, quase antes que ela percebesse, eles estavam cantando, em perfeita harmonia, a nota final da música. Ryan tocou o último acorde e, quando a música desapareceu, ela foi absorvida pela emoção da sala enquanto todo o auditório explodia em gritos e aplausos.

Em um canto distante de sua mente, ela percebeu que a plateia havia se levantado e assobiava, pisoteava e aplaudia com toda força. Ela mal estava ciente do que gritavam:

— Ryan! Karina! Ryan! Karina!

E apenas vagamente percebeu que Kyle havia pegado o microfone e estava encerrando o show.

Todas essas coisas, enquanto estavam registradas em algum canto

distante de sua consciência, pareciam estar ocorrendo em um mundo distante, em um universo paralelo que só tinha o menor fio de conexão com o dela.

Ela, naquele momento, estava completa e totalmente envolvida em seu próprio mundo, um mundo que só tinha espaço para si e para outra pessoa.

Naquele momento, Karina Blackstone, que até então só tivera olhos para a plateia, só tinha olhos para Ryan Perkins.





A adrenalina bombeou nas veias de Ryan. Ele estava voando com excitação e energia, e não sentia como se algum dia fosse voltar ao normal. Apresentar-se com Karina naquela noite foi o ponto mais alto que ele já havia experimentado. Mente, corpo e alma. Ele se sentiu completamente envolvido nessa sensação nova e emocionante.

Ele também não conseguia parar de falar sobre isso. Durante toda a noite, primeiro nos bastidores, depois na festa posterior, Henry hospedou-se no centro comunitário e, mesmo agora, enquanto destrancava a porta do escritório nos fundos do café.

Não passou despercebido para ele que deveria soar como um disco quebrado, mas realmente não conseguia se conter. Ele estava tão empolgado que simplesmente não conseguia calar a boca. Felizmente, Karina não parecia cansada de ouvi-lo refazer a experiência. Na verdade, ela parecia quase tão animada quanto ele.

Finalmente, ele parou de falar e riu de si mesmo.

— Eu sei, para alguém como você, com a sua experiência, não foi grande coisa, mas para mim...

— Não! Foi muito importante para mim — ela o interrompeu, assegurando —, na verdade, foi muito forte.

Ele sabia que ela provavelmente estava apenas brincando com ele. Mas

ele se importou. A noite tinha sido épica. Uma das melhores noites de sua vida. Ele se sentira mais vivo naquele palco do que em todos os seus vinte e oito anos. Ele girou o botão para abrir o cofre, decidindo que também poderia precisar diminuir o entusiasmo. Respirando fundo, calmamente, abriu a porta e colocou a caixa de dinheiro do show dentro.

— Então, Kyle está planejando...

Quando ele se virou para encarar Karina e mudou o disco quebrado que estava tocando repetidamente, parou de repente. Apesar de falar sem parar por horas, ele não tinha certeza de que poderia formar uma sentença agora se sua vida dependesse disso.

Karina estava de pé na frente dele, apenas de sutiã, calcinha e salto alto. Uma mecha de seu cabelo lustroso e preto caía sobre o ombro esquerdo, roçando o monte curvado de seu seio volumoso.

Ryan nunca se considerou um homem apaixonado por seios, mas por algum motivo, sua visão travou lá. Embora a imagem inteira de uma Karina quase nua diante dele fosse a coisa mais sexy que ele já vira, ele não conseguia desviar o olhar do lugar onde aquele cacho macio e brilhante mal tocava o topo de seu seio redondo e firme.

Quando Ryan instantaneamente ficou duro, sua respiração ficou presa na garganta. Seu cérebro parecia estar em curto-circuito, e ele foi deixado à mercê de suas informações sensoriais. Sentindo-se atraído como metal por um ímã, ele afastou o pequeno cacho de seu delicado decote, que agora estava ofegante quando a respiração dela acelerou.

Quando as pontas dos dedos traçaram o lado daquele monte carnudo e lindo envolto apenas em rendas frágeis e vermelhas, ele a sentiu tremer sob seu leve toque. Ele gostava disso. Gostava de ter o poder de fazê-la tremer, tocá-la como se tocasse seu violão, fazer com que a carne do corpo dela respondesse ao menor toque da mesma maneira que as cordas do seu instrumento.

Quando as pontas dos dedos alcançaram a parte inferior do sutiã rendado, ele ergueu a palma da mão e segurou a parte de baixo do seio dela, pegando o mamilo entre o polegar e o indicador e manipulando-o até ficar firme.

Karina gemeu, e o som o trouxe de volta a si mesmo em um piscar de olhos.

Merda. Por mais que se sentissem conectados, dormir com Karina apenas algumas semanas depois de conhecê-la não era algo que ele queria

fazer. Não era nada disso, ele queria... mas não queria. Não era assim que ele operava. Ryan não fazia sexo casual. Nunca.

Ele simplesmente não era assim.

Puxando de uma força interior que ele nem sabia que possuía, ele sussurrou:

— Não. Aqui não. Agora não. Assim não. — Então ele tentou passar por ela, fora do escritório, mas ela se moveu rapidamente para que seu corpo estivesse bloqueando o caminho.

— Sim — ela sussurrou sedutoramente, pressionando seu corpo contra o dele. — Bem aqui. Agora mesmo.

Com isso, ela alcançou atrás dela e desabotoou o sutiã, deixando-o escorregar de seus ombros, dando-lhe uma visão completa e deslumbrante de seus magníficos seios cheios. Eles eram lisos e de cor caramelo, assim como o resto de sua pele brilhante, e eram cobertos com mamilos duros marrom chocolate.

— Isso vai acontecer, Ryan — ela continuou suavemente.

E para mover as coisas nessa direção, ela pegou as mãos dele nas dela e as colocou em seus seios redondos e firmes, moldando os dedos para envolvê-los e arqueando as costas para pressionar os mamilos contra as mãos dele.

Um gemido primitivo rasgou seu peito enquanto seus dedos amassavam a carne macia. Sinceramente, ele não sabia como ainda estava de pé, pois cada grama de sangue em seu corpo corria para a virilha. Nunca antes ele esteve tão excitado. Ele nunca quis tanto alguém como Karina.

— E vai acontecer exatamente assim — ela concluiu com voz rouca. — Eu quero você. Você todo.

Com essa declaração final, as mãos dela deixaram as dele, e ele ouviu o zíper descendo antes de sentir seus dedos delgados mergulharem dentro de sua cueca. Com um aperto firme e confiante, ela segurou o membro dele e começou a acariciá-lo lentamente, no ritmo em que ele estava apertando os seios contra as palmas das mãos.

Todo o seu corpo explodiu com mais necessidade e desejo do que ele jamais sentira em sua vida. Ele passou do ponto sem volta. Ele esqueceu tudo. Certo. Errado. Tudo o que existia era Karina. Seu toque. Sua voz. Ela. Ela queria que ele fizesse amor com ela, e ele faria exatamente isso.

Karina havia falado, e seu corpo havia expressado sua concordância. A consciência de Ryan fora superada em dois a um. Então ele se entregou à

opinião da maioria e decidiu que, como isso iria acontecer, ele não iria se conter.

Ela o queria. Todo ele. Era exatamente o que ela iria ter.

Agarrando seus pulsos, ele puxou a mão dela para fora de suas calças. A decepção brilhou em seus olhos, e ele sabia que ela pensava que ele iria acabar com a coisa toda. Mal sabia ela, ele estava tão longe daquele ponto que mal se lembrava de considerar a possibilidade.

Em vez disso, ele levantou a mão dela, e olhando diretamente em seus olhos o tempo todo, deslizou os dedos dentro da boca, um por um, girando a língua em torno de cada um e chupando-os. Então ele lambeu a palma da mão, colocando muita umidade nela.

Nunca soltando o pulso dela, ele usou a outra mão para empurrar rapidamente seus jeans e boxer ao redor dos joelhos, momento em que tirou os sapatos, as calças e a cueca.

Sem quebrar o contato visual e sem soltar o aperto em seu pulso, ele moveu a mão de volta para sua ereção pulsante, envolvendo os dedos escorregadios em torno dele.

Ele inclinou a cabeça perto da dela, até que suas testas estavam se tocando e eles estivessem olhando nos olhos um do outro, apesar da mínima distância. Então, intensa e suavemente, disse apenas duas palavras, e ficou claro que era uma ordem.

— Mais rápido.



A respiração de Karina ficou completamente suspensa durante o ritual torturante de Ryan. Primeiro, ela pensou que ele iria parar de novo. Então, quando ele lambeu os dedos, ela quase queimou não apenas com a sensação da língua molhada em sua pele, mas também com o visual sensual. Mas o mais sexy de tudo foi quando ela ouviu seu comando áspero. Um suspiro de prazer saiu dela quando um choque de felicidade explodiu entre suas pernas.

Enquanto ela o acariciava, Karina observou como ele deslizava a camiseta por cima da cabeça e depois puxava sua calcinha pelas pernas até os



joelhos. Então ela seguiu o exemplo dele e a removeu. Ele se endireitou, e ela pôde ver pela expressão facial dele, bem como o suor na testa, que quaisquer reservas que ele tinha antes eram esquecidas agora.

Ryan pegou os mamilos entre os polegares e os indicadores, rolando-os para frente e para trás, provocando-os até o auge de seu potencial. Ela tinha certeza absoluta de que seus mamilos nunca haviam estado mais duros ou mais sensíveis do que estavam agora. Eles também nunca haviam experimentado tanto prazer quanto estavam experimentando agora sob o cuidado excitante dos dedos de Ryan.

Com a testa ainda pressionada, eles se entreolharam; dando prazer um ao outro. Karina achava que nunca havia sentido uma conexão tão primordial com um ser humano.

Ryan cobriu sua boca com a dele, sua língua deslizando por seus lábios e explorando sua boca como se ela fosse um tesouro precioso. Assim que a língua dele encontrou a dela, um desejo surgiu como ela nunca tinha conhecido antes. Karina queria mais. Mais beijos, mais excitação, mais Ryan.

Como se sentisse a urgência de Karina, Ryan deslizou uma das mãos firmemente pela barriga, persuadindo as coxas a se separarem quando alcançou o ápice das pernas dela. Enquanto ela afastava as pernas, começou a sair de seus calcanhares, mas Ryan quebrou o beijo e ordenou suavemente, mas com uma voz que não provocava discussão:

— Não. Deixe assim.

Karina colocou o pé de volta no sapato, e seu corpo inteiro ficou emocionado por ser controlado, ordenado, informado exatamente do que fazer.

Se tivesse vindo de alguém que não fosse Ryan — um homem que ela conhecia apenas há algumas semanas, mas confiava tão completamente — não havia como dizer como ela aceitaria. Esta era uma primeira vez para Karina; ela sempre esteve no controle completo de todos os seus encontros sexuais.

Mas vindo de Ryan? Isso a despertou mais do que ela conseguia se lembrar de ter sido despertada em sua vida.

Ryan deslizou as mãos entre as pernas dela, passando levemente os dedos para cima e para baixo nas dobras molhadas de seu núcleo.

— É aqui que você quer que eu te toque? — ele perguntou, com um sorriso malicioso no rosto.

Karina assentiu furiosamente, incapaz de falar.

— Diga-me — ele ordenou baixinho.

— Sim... eu... eu quero... — Karina conseguiu dizer.

Um grunhido vibrou através dele quando ele mergulhou o dedo dentro dela, e ela gritou de prazer, seu corpo contraído contra os dedos dele, os joelhos dobrados. Ela teve que enganchar rapidamente o braço livre em volta da nuca dele para não cair no chão.

Ela ofegou, apertando a garganta, incapaz de falar.

Usando a ponta do polegar áspero, ele esfregou o ponto sensível algumas vezes. Ondas de intenso prazer a atingiram e a deixaram tão tonta que ela perdeu o controle sobre o eixo dele e começou a derreter em direção ao chão.

Quando o braço grande dele envolveu sua cintura, firmando-a, ela mal notou quando ele limpou a mesa com um golpe rápido. A necessidade a inundou quando ela se sentiu sendo levantada e firmemente, ainda que com gentileza, colocada sobre a mesa. Sem fôlego, ela se recostou e descansou nos cotovelos.

— Preservativo... — ela conseguiu ofegar quando apontou. — Na minha bolsa.

Ryan congelou, parecendo um pouco surpreso.

Ela olhou para ele através de seus longos cílios pretos e sorriu, inclinando a cabeça enquanto levantava o ombro esquerdo.

— Eu tinha certeza de que isso iria acontecer hoje à noite.

Quando ela soltou um suspiro que ela nem percebeu que estava segurando, ele balançou a cabeça e riu.

— Droga, o que eu vou fazer com você?

— Eu tenho algumas ideias — ela disse timidamente.

Um sorriso pecaminoso cruzou seus lábios quando ele puxou uma camisinha da bolsa dela. Então ele a deslizou em um movimento rápido e eficiente.

Tremores vibraram através de Karina enquanto seus olhos vagavam pelas linhas e contornos do corpo musculoso de Ryan. Seu físico magnífico a lembrava de um animal poderoso.

Ele era tão masculino.

Colocando-se entre as pernas dela, Ryan afastou suas coxas. Seu corpo tremia quando ele passou as mãos dos joelhos até as coxas, enviando ondas de prazer que a sacudiam como eletricidade.

Sentir as mãos ásperas e gastas de Ryan contra a pele sensível das coxas

era diferente de tudo que Karina já havia experimentado antes, e ela adorou. Suas pernas começaram a tremer e tremer com a sensação erótica de suas mãos e dedos acariciando-a. Ela nunca fora tão afetada por um toque.

Os olhos de Ryan vagavam famintos para cima e para baixo em seu corpo. Karina nunca se sentiu tão viva e vulnerável quanto deitada na mesa dele, com o corpo aberto para Ryan.

— Deus, você é linda — ele respirou enquanto continuava sua massagem sensual para cima e para baixo nas lindas coxas dela.

— Por favor, Ryan, eu preciso... preciso de você dentro de mim agora — ela implorou.

— Querida, tudo o que você precisava fazer era pedir — ele disse enquanto pegava sua ereção na mão e a guiava para cima e para baixo em sua costura molhada até que ela tremeu de antecipação.

Finalmente, ele cedeu ao que eles queriam — precisavam — e deslizou dentro dela, preenchendo-a completamente. Seu corpo se contraiu em torno dele, apertando-o com força enquanto ele empurrava lentamente para dentro e para fora dela.

Ryan segurou firmemente os quadris de Karina, guiando seu corpo enquanto encontravam um ritmo tão perfeito, tão natural que parecia que seus corpos haviam sido criados para isso: ser um do outro. Karina sentiu a pressão em seu corpo crescendo enquanto Ryan crescia ainda mais dentro dela; ela sabia que os dois estavam perto de passar do limite.

Ele se inclinou sobre ela, afastando os cabelos da orelha e pressionou os lábios contra ela, sussurrando, exigindo:

— Não goze. Ainda não.

Apenas o som dessas palavras firmes, tão fortes e imponentes, eram quase o suficiente para levá-la ao clímax naquele momento.

Ela choramingou

— Ryan... por favor... — Todo o seu corpo tremia com o prazer de desistir do controle.

— Ainda não — disse ele, diminuindo o ritmo enquanto a abaixava de volta para a mesa. Segurando a cabeça dela nas mãos dele, ele beijou a testa, as têmporas, a ponta do nariz, o queixo e depois passou os lábios pela boca.

As paredes que Karina nem sabia que tinha construído dentro de si mesma começaram a desmoronar a cada carícia, a cada beijo e a cada impulso de seus corpos se unindo. Ela sabia que deveria ter medo de ser tão exposta emocionalmente, mas estava tão sobrecarregada de prazer que não

havia espaço para medo ou dúvida.

Suas mãos estavam percorrendo as costas de Ryan, saboreando a sensação dos músculos dele se contorcendo sob os dedos enquanto ela explorava o corpo dele. Ela se sentia tão segura, tão protegida com o corpo dele sobre o seu, ao seu redor e dentro dela.

Ela deslizou as mãos pelo corpo dele e agarrou seus quadris, puxando-o mais profundo, mais rápido para dentro dela. Sua respiração ficou mais rápida, o prazer aumentando a uma intensidade que Karina nunca havia experimentado.

— Ryan, meu Deus. Por favor, Ryan... — Karina ouviu o desespero em sua voz.

Rapidamente, ele se levantou, puxou as mãos de Karina das costas dele e as colocou acima da cabeça dela. Com uma das mãos, segurou os pulsos em cativeiro acima dela. Com a outra, alcançou entre seus corpos e brincou com seus mamilos duros enquanto a penetrava várias vezes, aumentando a intensidade estocada a estocada.

Quando ele a sentiu se aproximando, sussurrou em seu ouvido.

— Não. Goze.

Com um tremendo esforço, ela se recuperou do limiar do esquecimento. Mas, inevitavelmente, o intenso movimento de Ryan empurrando nela de novo e de novo combinado com a sensação inebriante de seus braços sendo firmemente mantidos acima da cabeça, bem como as coisas mágicas que seus dedos estavam fazendo com seus mamilos, a levaram de volta para o limite de felicidade em apenas alguns momentos.

Finalmente, quando Karina sentiu que não podia aguentar mais um minuto desse êxtase para que sua própria sanidade não escapasse dela, os lábios de Ryan roçaram seu ouvido enquanto ele sussurrava:

— Karina?

Virando a cabeça levemente na direção dele, ela ofegou.

— Sim?

Uma de suas mãos deixou seu peito e deslizou por sua barriga, seus dedos habilmente manipulando seu clitóris enquanto ele acariciava dentro e fora dela.

— Goze. Agora.

Esses foram os últimos detalhes concretos de que ela teve conhecimento por vários longos minutos enquanto sua mente e seu corpo estavam perdidos em uma explosão consumidora de orgasmo. Ela não sabia se Ryan ainda

estava dentro dela, onde ele a estava tocando, se ela estava gritando ou se ele estava. Tudo de que ela estava ciente era da luz branca brilhante que envolvia tanto sua visão quanto sua consciência e das ondas e ondas e ondas de prazer trêmulo que ela trazia.

Quando finalmente voltou a si mesma, ela se levantou e correu em volta de Ryan, sentada de pernas cruzadas. Ryan sorriu para ela quando seu peito subiu e caiu em respirações difíceis.

Karina balançou a cabeça lentamente enquanto seus lábios se erguiam.

— Então, alguém escondeu suas reais características...

Ryan riu.

— Eu pensei que talvez você pudesse fazer uma pausa de ser a líder o tempo todo.

— Muito perspicaz. — Karina riu levemente, ainda sentindo como se estivesse flutuando em uma nuvem. Nunca antes ela se sentiu tão leve, tão relaxada, tão... feliz.

Quando ela percebeu que seu corpo físico não era a única coisa que continuava a ter tremores secundários, ela pulou da mesa e pegou o vestido no chão antes de deslizá-lo sobre a cabeça. Então começou a juntar o resto de seus pertences de vários lugares ao redor da sala e os guardando na bolsa. Sexo era uma coisa; emoções eram outra.

— Hora de ir.

Ryan estava confuso.

— Aonde você vai?

— Para casa — ela respondeu.

— Você não precisa ir, Karina. Nós poderíamos ir lá pra cima. Eu poderia fazer algumas bebidas ou até algo para comer, se você estiver com fome.

Karina balançou a cabeça.

— Não posso. Desculpe. Tenho que ir.

Quando Ryan olhou para ela, algo brilhou em seus olhos, mas foi rapidamente disfarçado. Seu rosto mascarado para ilegível, e seu tom neutro.

— Ok. Bem, eu te levo para casa, então.

Ela riu, inclinando-se e dando-lhe um beijo rápido.

— Não se preocupe com isso. Você já fez o suficiente essa noite. Meu carro está aqui.

E com isso, ela estava do lado de fora. Destacando-o de tudo o que ela estava sentindo sobre o que acabara de acontecer. O que era mais do que ela

já havia sentido antes.

Seu motor ronronou quando seu Range Rover acelerou na noite e ela tentou processar o que acabara de acontecer entre ela e Ryan.

Definitivamente tinha sido mais do que apenas sexo alucinante. A questão era: o que ela ia fazer sobre isso?





Ryan liberou sua avó do trabalho no café mais cedo. Ela parecia cansada e, depois da noite anterior com Karina, ele gostaria de ter algum tempo sozinho para pensar. Ele sempre achou que fazer trabalho manual solitário era a melhor maneira de focar sua mente na tarefa de resolver um problema.

Quando ele estava prestes a fechar o café, Justin entrou, seguido por dois outros caras que Ryan ainda não havia conhecido.

— Hey — Ryan o cumprimentou com um aceno amigável. — Estamos fechados agora. Quer dizer, a chapa está desligada. Eu poderia fazer alguns sanduíches para vocês, se quiserem.

Justin foi até ele.

— Não, tudo bem. — Ele indicou os caras atrás dele. — Este é Eric e o irmão dele, Jake, alguns dos meus amigos do ensino médio. Na verdade, viemos para ver se você queria ir tomar uma cerveja.

— Sim, isso seria ótimo. Deixe-me terminar aqui — disse Ryan. — Se vocês quiserem se sentar, levarei cerca de cinco minutos.

Ryan percebeu que uma cerveja com os caras parecia ainda melhor do que o trabalho manual solitário. Entre as garçonetes ali no café, sua avó e agora Karina, parecia que ele estava cercado exclusivamente de mulheres o dia todo, todos os dias.

De fato, talvez a influência de todo o estrogênio com o qual ele estava se cercado tenha sido a razão pela qual ele se viu obcecado por seu relacionamento, ou falta dele, com Karina.

Sim. Definitivamente, é um bom momento para dar um tempo nas mulheres.

— Então eu nem percebi que havia um bar aqui na cidade — disse Ryan

enquanto terminava de colocar o material de limpeza no armário.

— Fica bem nos limites da cidade — disse Justin. — Roadhouse do JT. Não é nada chique, mas é um bom lugar para relaxar um pouco e jogar sinuca.

— Parece bom — concordou Ryan.

Quinze minutos depois, enquanto passavam pela porta da frente do Roadhouse, o corpo de Ryan relaxou automaticamente. Ele se sentia em casa em um lugar como aquele. O bar era exatamente como os lugares que frequentava em Montana. Serragem no chão, música country, música ocidental na jukebox, cerveja gelada atrás do bar.

Era o tipo de lugar que poderia ser encontrado em milhares de cidades diferentes do Centro-Oeste e Sul. Passar a noite em um lugar como esse, apenas relaxando, era exatamente a mudança de ritmo que Ryan precisava para parar de ficar obcecado por Karina.

Quanto mais ele pensava sobre isso, menos tenso se sentia.

Todos os músculos do seu corpo começaram a relaxar quando ele, Jake e Justin se sentaram ao redor da única mesa disponível. Não durou muito, no entanto, porque assim que Eric voltou com a primeira rodada, Justin, que estava no telefone, olhou para Ryan com uma expressão estranha no rosto.

— Então... — ele começou, parecendo mais à vontade com cada sílaba gaguejante. — Você e Karina, hein?

— O quê? — Ryan não conhecia Justin tão bem, mas ele realmente não o considerava um adolescente fofoqueiro.

Justin se encolheu.

— Cara, eu sei. Sério, você acha que eu queria falar sobre isso com você?

Ele virou o telefone para Ryan, exibindo uma mensagem de Amanda, que dizia:

*O QUÊ? VOCÊ ESTÁ TOMANDO UMA CERVEJA COM RYAN ?!  
DESCUBRA O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM ELE E KARINA!!!!!!  
QUAIS SÃO SUAS INTENÇÕES ??? APERTA ELE, JUSTIN! APERTA ELE!!!*

— É uma merda, cara. Eu tinha que pelo menos tentar. — Justin deu de ombros.

— Droga, J. O que aconteceu com o código do parceiro? — Jake disse, pressionando seu amigo.

Justin sorriu.



— Ele sai pela janela quando você coloca um anel no dedo dela.

Ryan riu e passou os dedos pelos cabelos enquanto suspirava.

— Desculpe não poder ajudar, mas não há realmente nada a dizer.

Outro texto apareceu e Justin leu em voz alta em um tom neutro:

— Diga a ele que se ele precisar de um amigo para conversar, você está aí. — Olhando para cima do telefone dele, Justin repetiu: — Se você precisar de um amigo para conversar, eu estou aqui.

Ryan riu. Jake deu um tapa no ombro de Justin.

— Droga, se o Justin Barnes do ensino médio pudesse vê-lo agora, ele se enforcaria de vergonha.

— Ah, sim — confirmou Eric. — É patético.

— Patético — Jake ecoou. — Realmente, muito triste.

Justin sorriu e acenou com a cabeça enquanto tomava um gole de cerveja.

— O Justin do ensino médio se ajoelharia e beijaria meus pés por ter conseguido ficar com a única garota que ele já amou.

— Ah... — Jake bateu os olhos dramaticamente. — Isso é tão lindo.

O telefone de Justin tocou novamente. Mais uma vez ele leu em um tom contido.

— Você acha que ele está falando sério ou ele está apenas brincando? Certifique-se de perguntar o que ele pensa sobre Karina.

— Oooh, tenha cuidado com isso, Ryan — Jake entrou com um aviso. — É de Karina que estamos falando.

Ryan sentiu-se ficando na defensiva.

— Karina é incrível.

— Ah, com certeza. — Jake se inclinou para frente, descansando os braços sobre a mesa, levantando as mãos em falsa rendição. — Não me interpretem mal. Conheço Karina desde que estávamos no ensino fundamental. Ela é a melhor. Eu só quis dizer que ela não é exatamente do tipo que pede para ser cortejada com elogios e que queira algo permanente. Quero dizer, eu sei que “nada está acontecendo”, mas é apenas o conselho de um amigo.

Oh. Ryan não podia argumentar com isso, especialmente depois do desaparecimento dela noite passada.

— Vou ter que discordar de você, menino Jakey — Justin inclinou a cabeça —, talvez ela nunca tenha sido do tipo de querer algo permanente antes porque nunca conheceu um cara com quem realmente quisesse ficar.

Quero dizer, eu também conheço Karina desde o ensino médio e você sabe, assim como eu, que ela nunca agiu da maneira que age perto dele.

Ryan gostou do som disso. Ele também gostou do fato de o texto de Amanda ter saído pela culatra e *ele* ser quem estava recebendo informações privilegiadas. Esperando que continuassem conversando, ele permaneceu quieto enquanto bebia um gole de cerveja.

— Verdade — Jake concordou. — Nossa pequena Karina parece ser um pouco menos sarcástica e muito mais melosa desde que o Cowboy Ryan entrou na cidade.

A conversa continuou quando Justin, Jake e Eric debateram se o San Diego Waves chegaria ou não à World Series novamente este ano. Ryan falou enquanto pensava no que os caras haviam dito.

Ele sabia que eles estavam apenas brincando, mas Ryan tinha que admitir que, pela primeira vez desde que Karina se retirou como se o prédio estivesse pegando fogo, depois de terem feito sexo na noite anterior, ele estava começando a pensar que talvez, apenas talvez, ele e Karina tivessem uma chance. Todos diziam que ela ficava diferente perto dele, e de alguma forma, instintivamente, ele já sabia disso. A química deles não era um problema. E ele quis dizer o que disse nos bastidores do show. Ele sabia que faria qualquer coisa para ser o homem que colocava aquele sorriso no rosto dela.

E esse era o problema.

Durante toda a sua vida, Ryan fora planejador. Quando ele estava no ensino médio, tinha um plano de dez anos, vinte e trinta anos para sua vida. Ele alcançou seu plano de dez anos ao ser aceito na faculdade de sua escolha. Ele não foi, mas foi aceito. Seu plano de vinte anos de se casar estava chegando. Ele tinha mais alguns anos. E seu plano de trinta anos era ter filhos e raízes. Uma família. Um lar. Uma comunidade.

Essa era a verdadeira razão pela qual ele estava tendo problemas para se reconciliar com como se sentia em relação a Karina. Ela não era o tipo de garota que se apegava. Até Jake havia apontado isso. Então, mesmo que ela quisesse algo mais sério com ele, havia um futuro lá? Seu coração e outras partes de seu corpo que a conheceram na noite passada votaram sim. Mas a cabeça dele... ele simplesmente não sabia o que pensar.

O telefone de Justin tocou novamente. E mais uma vez eles se divertiram com a leitura do robô.

— Pergunte a ele quando ele vai vê-la novamente. Diga a ele para

convidá-la para sair. — Olhando para cima do telefone, Justin mudou seu tom de volta para conversação. — Quando você vai ver Karina de novo? Você deveria convidá-la para sair.

Ryan balançou a cabeça enquanto ria.

— Uau, ela realmente não vai me deixar passar.

— Não, ela não vai. Uma vez que minha garota coloca algo na cabeça, ela continua trabalhando para que isso aconteça. Então, boa sorte tentando evitar que ela fareje o que está acontecendo. Ela é um tubarão e sente cheiro de sangue. Acho que você é o sangue, nesse caso — Jake apontou.

Ryan tinha que admirar a tenacidade de Amanda.

— Acho que Amanda pode ter perdido a oportunidade de ser casamenteira.

Ryan tinha certeza de que Justin estava apenas brincando quando implorou:

— Escute, é óbvio que você gosta dela e ela gosta de você. Você pode me fazer um favor e convidá-la para que eu possa ter minha esposa de volta?

Por mais que ele fosse adorar fazer exatamente isso, Ryan ainda hesitou.

Quando Ryan permaneceu quieto, Justin continuou a defender seu caso.

— É o lance da fama? Porque sério, isso é apenas um pano de fundo para Karina. Não é onde a vida dela é focada. É o que ela suporta para poder fazer música. Confie em mim. Quando se trata disso, você nunca encontrará alguém que se importe menos com o que as outras pessoas pensam do que Karina Blackstone.

Ryan olhou para o tampo da mesa e bateu o polegar contra a superfície de madeira.

— Eu não sei, cara, Karina deixou claro que não se envolve em relacionamentos. Ela só mantém as coisas casuais. Pode ser um cenário de sonho para noventa e nove por cento dos caras por aí, mas eu não sou um desses caras.

Jake balançou a cabeça.

— Não, cara, você está pensando nisso tudo errado. Você está pensando no futuro, bem lá na frente. O que você precisa fazer é apenas se concentrar no momento. A chave é fazê-la querer *você* mais do que ela deseja manter as coisas casuais.

— Sim — Justin concordou ansiosamente. — Quer dizer, vamos lá. Você não pode esperar que ela desista de algo sem ver que está trocando por coisa melhor, certo?

Ryan assentiu.

— Bom ponto.

— Além disso, você deve se lembrar — disse Justin —, Karina tem defesas, mas elas estão lá por um bom motivo. Deve ser bem raro encontrar alguém que não quer algo dela, direta ou indiretamente, mesmo que seja apenas ser visto com ela. Então, ela mantém as pessoas à distância. Se não o fizesse, seria muito fácil para ela se machucar.

— Sim, isso faz sentido — Ryan continuou assentindo.

Justin assentiu, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Isso significa que tenho boas notícias para relatar?

Soltando uma risada curta, Ryan disse sarcasticamente:

— Ei, pelo menos eu sei que você não tem segundas intenções nem nada.

Justin levantou sua cerveja em meio a aplausos enquanto seu sorriso indisfarçável aumentou.

— Ei, faço qualquer coisa para colocar um sorriso no rosto da minha garota.

*Sim. Eu conheço o sentimento.*

Talvez Jake estivesse certo, talvez ele estivesse fazendo tudo errado. A verdade é que ele queria passar mais tempo com Karina. É verdade que ele também queria que ela fosse dele. Queria protegê-la. Ser quem a faz sorrir. Ser o único a fazê-la rir. Ser o *único* para ela. Mas esse era um quadro geral. Talvez ele precisasse dar um passo de cada vez.

Puxando o telefone, seus dedos voaram sobre o teclado. No momento em que seu dedo pressionou enviar a porta da frente de JT se abriu. Todos os quatro olharam de sua mesa para ver ninguém menos que Kyle Austen Reed entrar no ambiente como se fosse o rei de Hope Falls. Ele examinou o salão por um minuto. Então, quando os viu, caminhou diretamente na direção deles.

— Ryan Jackson Perkins, meu bom amigo! — ele disse entusiasmado, antes mesmo de chegar à mesa deles. — Como você está?

— Vou bem. E você? — Ryan respondeu.

Depois, ele levou um momento para apreciar a estranheza do fato de que ele havia acabado de mandar uma mensagem para Karina Black para sair com ele e Kyle Austen Reed sabia seu *nome*.

Ele sentiu como se estivesse vivendo em uma versão paralela de sua vida.

— Excelente, excelente — respondeu Kyle, puxando uma cadeira. — Apresente-me aos seus colegas.

Ryan ainda não sabia como lidar com o comportamento de Kyle. Ele queria descartá-lo como não sendo real, mas algo lhe dizia que era realmente assim que esse cara era.

Ryan fez apresentações.

— Estes são Justin, Eric e Jake.

Kyle apertou as mãos de cada um, repetindo:

— Kyle Austen Reed. Um prazer. — Para todos os três.

Justin, incapaz de esconder um pequeno sorriso, disse:

— Então deixe-me ver se entendi. Você é Kyle Austen Reed, então?

Kyle assentiu conscientemente.

— Sim. Sei que deve ser um choque me ver aparecendo no seu barzinho local. Vou lhe dar um minuto para processar. — Com isso, ele se recostou na cadeira e esperou silenciosamente que um dos outros falasse.

Ryan finalmente precisou escolher entre falar ou começar a rir da pura tolice dessa situação. Ele escolheu falar.

— Então, o que você vai fazer hoje à noite? Veio tomar uma cerveja?

Kyle parecia muito sério quando se inclinou.

— Normalmente não bebo quando estou pesquisando um papel.

— Qual papel você está pesquisando? — Ryan perguntou.

— O papel da minha vida — disse Kyle com a mesma gravidade que a maioria das pessoas reserva para notícias que mudam suas vidas. Como ter câncer ou quando acontece uma morte na família. Depois de uma longa pausa, que Ryan tinha certeza de que servia como efeito dramático, Kyle continuou. — Residente. De. Hope. Falls.

Os olhos de Ryan se voltaram para Justin, Eric e Jake, que tinham expressões no rosto que espelhavam o que Ryan estava sentindo. Que era: *como assim?*

— A razão de eu estar *aqui*, hoje à noite, é porque sou um aficionado por sinuca, e me disseram que este é praticamente o único lugar para se jogar localmente.

Justin assentiu.

— Sim, é. A menos que você jogue na mesa particular que alguém tenha na sala, na garagem ou algo assim, é o caso das mesas de sinuca em Hope Falls.

Kyle Austen Reed esfregou as mãos quase alegremente.

— Excelente! — ele exclamou. — Quem está preparado para uma rodada?

— Uma “rodada” de sinuca? — perguntou Jake antes de responder com confiança: — Estou dentro.

Os caras pegaram suas cervejas e foram para as mesas de sinuca. Ryan estava mais do que um pouco interessado em ver como seria a batalha entre um ator mundialmente famoso e um garoto local.

Seu dinheiro estava em Jake.

Felizmente, ele não havia apostado dinheiro de *verdade*, porque Kyle Austen Reed humilhou não apenas Jake, mas Eric, Justin e Ryan antes de abrir a mesa para outros clientes do bar que o desafiavam, até mesmo ganhando todos os jogos de uma série.

Depois que a décima vítima inocente de Kyle saiu da mesa, Justin perguntou, com reverência em sua voz:

— Caramba, cara. Onde você aprendeu a jogar assim?

Kyle deu de ombros.

— Eu interpretei um jogador de sinuca em *Behind the 8 Ball*. Eu passei a gostar do jogo desde então. Infelizmente, minhas habilidades caíram ao longo dos anos.

Ryan, Justin, Eric e Jake trocaram olhares antes de Jake dizer:

— Caramba. Se é tão habilidoso hoje, eu adoraria vê-lo quando estava no auge do treinamento.

Kyle pareceu gostar do elogio e começou a mostrar aos caras algumas dicas para melhorar seu próprio jogo. Então o telefone de Ryan tocou no bolso.

Seu coração acelerou quando ele enfiou a mão no bolso da calça jeans. Olhando para a tela, ele não pôde evitar o sorriso que se espalhou por seu rosto.



— Apenas me diga! — Sam implorou quando ela e Karina pararam em frente à casa de Amanda. — Juro que não vou contar a ninguém! Não

precisamos conversar sobre isso hoje à noite.

Karina soltou uma risada curta e irônica.

— Sim, certo! Tenho a sensação de que minha vida amorosa será *tudo* o que qualquer uma vai falar lá hoje à noite.

Sam suspirou.

— Bem, eu gostaria de poder negar, mas você provavelmente está certa.

Enquanto Karina descia do SUV, ela disse:

— Você sabe, “clube do livro” é apenas um eufemismo para “clube do vinho e fofocas”, por mais que Lauren tente fingir o contrário. E que diabos poderia ser uma fofoca mais interessante do que a vida amorosa de Karina?

Embora Karina tivesse feito essa pergunta sarcasticamente, Sam parecia estar pensando seriamente nas opções.

— Sim — disse ela, pensativa, depois balançou a cabeça em falso arrependimento. — Não consigo pensar em uma única coisa que seja mais interessante, então parece que você vai precisar engolir essa, Karina.

Karina revirou os olhos quando abriu a porta de tela da sala de Amanda e gritou:

— Olá! Estamos aqui! Hora de parar rapidamente de falar sobre Karina e agir o mais indiferente possível!

Amanda estava digitando no telefone, e Lauren entrou na sala vindo da cozinha, sorrindo. Todas elas trocaram abraços. Enquanto abraçava Amanda, Karina notou uma menina pequena, de aparência tímida, de óculos encostada na porta da cozinha.

Demorou um momento até Karina a reconhecer.

— Amy Maguire? Uau! Que bom ver você! Como você tem estado? — Karina cumprimentou a garota que não via desde o ensino médio.

Amy levantou a mão, acenou timidamente, um sorriso educado brincava nos lábios e disse baixinho:

— Ei, Karina. Eu vou bem.

Sam olhou. Ela claramente também não havia notado Amy parada ali. Ela sorriu largamente e exclamou:

— Ei, Amy! É bom te ver!

Amy sorriu timidamente novamente e disse:

— Obrigada. É bom te ver também.

— Convidei Amy para se juntar a nós no clube do livro — explicou Amanda. — Os irmãos dela foram tomar uma cerveja com Justin, e eu pensei que, desde que os meninos iam sair, Amy podia querer sair com as meninas.

— Fantástico! — Sam disse entusiasmada.

Embora Amy fosse quieta e tímida e, portanto, um pouco difícil de conhecer no ensino médio — qualidades que ela ainda parecia possuir — Karina sempre gostara dela. Ela não falava muito, mas o que ela dizia demonstrava que ela era atenciosa e perspicaz. Karina também havia notado, em várias ocasiões, que ela se esforçava para ser gentil com as pessoas.

Amy deu um passo à frente, hesitante, para se separar menos do grupo.

— Sim, quando Amanda me convidou, pensei que poderia ser divertido. Foi em cima da hora, então fiquei feliz por já ter lido o livro que discutiremos hoje à noite.

Sam e Karina começaram a rir, e então Amanda se juntou a elas. Amy parecia confusa. Parecia que ela, sem saber, havia cometido alguma transgressão social, mas não tinha ideia do que poderia ser. Lauren, no entanto, parecia singularmente indiferente.

— Não sei por que vocês três acham isso engraçado — disse ela com uma irritação falsa.

— Eu não entendo... — Amy olhou ao redor da sala, hesitante.

— Amy — Karina explicou —, na verdade não lemos o livro!

— Ah — respondeu Amy —, pensei que fosse um clube do livro.

— Obrigada! — Lauren exclamou. — É isso que estou dizendo.

— O que vocês fazem se não vamos discutir o livro? — perguntou Amy.

— Esta noite? — Sam especulou. — Muito provavelmente fofocas sobre a vida amorosa de Karina.

— É o seguinte — Amanda explicou a Amy com um sorriso. — Chamamos isso de “clube do livro”, mas a verdade é que é apenas uma chance de nos reunirmos, bebermos um pouco de vinho, comer alguma coisa, sair... e fofocar, geralmente.

Amy deu de ombros alegremente, empurrando os óculos no rosto.

— Isso parece divertido também.

— Sim — Amanda confirmou. Então ela se virou para o resto do grupo. — E no campo das fofocas, na verdade, temos um assunto succulento para discutir hoje à noite.

— Oooh... — disse Sam. — Diga-nos o que é.

— Bem... — Amanda sorriu misteriosamente. — Justin, Eric e Jake estão tomando um drinque com um Sr. Ryan Perkins no Roadhouse do JT. E eu posso ou não ter pedido a Justin para saber o que estava acontecendo no episódio desta semana de “As crônicas de Karina e Ryan”. Ah, e para dar



uma apertada em Ryan.

Karina abriu a boca, mortificada.

— Amanda, você não fez isso.

Os olhos de Amanda brilharam de alegria.

— Ah, sim, com certeza.

— Por que você faria isso? — Karina queria dar à amiga o benefício da dúvida, mas até agora não parecia bom.

— Porque — disse Amanda defensivamente — quero ter certeza de que ele é bom o suficiente para minha melhor amiga. Não tenho vergonha disso. Eu faria de novo.

Karina balançou a cabeça.

— Isso é gentil, Mand, mas honestamente...

Lauren disse:

— Bem, na verdade, o assunto de Karina e Ryan não estava no topo da minha lista de coisas a discutir aqui hoje à noite.

Todas as cabeças giraram na direção de Lauren.

— Boa! — Karina queria dar um grande beijo molhado em Lauren por mudar de assunto. — Lauren tem a palavra.

— Ok — respondeu Lauren. O olhar em seus olhos verdes de repente fez Karina sentir que não iria gostar mais desse assunto. A boca de sua amiga se inclinou em um sorriso quando ela disse: — Vamos conversar sobre você e Kyle Reed.

O resto do grupo explodiu com exclamações de acordo.

Sam interveio:

— Kyle *Austen* Reed. Não se esqueça.

— Ah, sim. Isso mesmo — disse Lauren. — Ele fazia você usar os três nomes quando estava na cama com ele?

Amanda riu e afetou uma voz sexual ofegante e exagerada.

— Sim, Kyle *Austen* Reed! Aí mesmo, Kyle *Austen* Reed! Mais rápido, Kyle *Austen* Reed! Mais forte, Kyle *Austen* Reed!

Lauren riu.

— Sim, e eu posso ouvir como você deve ter soado no momento climático. “Kyle... *Austen*... ReeEEEEED.”

Karina estreitou os olhos para as amigas.

— Uau. Vocês já pensaram em ser comediantes? Você podem levar esse show para a estrada.

— Eu posso estar tirando sarro disso, mas não me entenda mal — disse

Lauren seriamente. — Ele é um *peixão*.

Muita coisa sobre essa declaração perturbou Karina.

— Oh, por favor, não fale assim. Eu não o pesquei, nem tenho desejo de pescá-lo de nenhuma maneira. Ele pode se sentir completamente livre para continuar nadando, e eu farei a mesma coisa.

— Como dois peixes nadando juntos no meio da noite — disse Sam. Isso ganhou uma risada de Amanda. — Legal — disse Sam, parecendo orgulhosa de si mesma. — Estou conseguindo mais risadas.

— O que quer dizer... nada — Karina brincou secamente.

Sam estendeu a língua para ela.

— Não entendi — disse Amanda. — Se você se opõe tão firmemente a ter um relacionamento com ele, então por que todas as ligações para sexo que se prolongaram por anos e anos? Qual o objetivo?

Karina suspirou e seus ombros caíram.

— Eu não sei. Sexo nunca foi sobre uma conexão emocional comigo. É um ato físico. Só isso. Meu coração e meus hormônios não precisam estar na mesma página. Se confio em alguém e sou atraída por ele, então me divirto e é isso — ela admitiu. — Vocês podem não entender, mas de verdade, é exatamente isso que acontece. Kyle é inofensivo, ele tem um coração enorme, eu confio nele e ele é tão... *bonito* que eu me entreguei. E... continuei me entregando.

O resto das mulheres riu e vibrou.

— Quer dizer, acho que ninguém poderia te culpar, Kar — disse Amanda. — Ele quase parece que não é real. Como se fosse um príncipe da Disney ou algo assim. Como se tivesse sido esculpido em mármore.

— Sim, é exatamente isso! — Karina exclamou. — Ele é como uma daquelas estátuas gregas lindas e lisas, mas é real. Ele é de carne e osso. O problema é que toda vez que eu ligava para ele, pensava: *Ok... é a última vez*. Assim, nem é como se ele fosse fenomenal na cama ou algo parecido. Mas então alguns meses se passavam, ele estava filmando em algum local distante, eu estava viajando ao mesmo tempo... e bam! Inevitavelmente, acontecia e novo.

“Eu acho que parte disso era por eu estar sozinha. Além disso, ele é uma das poucas pessoas que entende as pressões da vida pública como eu, então temos uma espécie de entendimento mútuo quando se trata de coisas da indústria. Você acrescenta o quão *inacreditavelmente* sexy ele é e isso nos leva a ser amigos com benefícios.”

Amanda perguntou:

— Entããããã, é amiga com benefícios de Ryan como é de Kyle?

— Austen Reed! — o resto do grupo gritou.

Karina riu.

— Eu não sei. Quer dizer, sim, quero manter as coisas casuais com Ryan. Eu simplesmente não tenho relacionamentos e compromisso e tudo isso.

— Mas? — Lauren perguntou.

— Mas... eu não sei. Parece que pode haver mais aí. Mas *não* estou pronta para me comprometer. Eu sei disso com certeza.

— Como você sabe disso com certeza? — Amanda perguntou pragmaticamente.

— Eu só sei — Karina retrucou.

— Oooh... defensivo, alguém? — Amanda respondeu com um sorriso.  
— Acho que estamos nos irritando, senhoras.

Lauren perguntou:

— Sam, você se lembra dele no verão que ele veio visitar? O verão em que tínhamos treze anos?

— Sim, sim — disse Sam. — Vocês lembram?

— Sim — respondeu Lauren. — Eu basicamente lembro que ele parecia quieto.

— Eu também — disse Sam. — Ele praticamente se manteve sozinho.

— Sim, eu concordo — disse Amanda. — Ele não se misturou muito com os habitantes da cidade.

— Eu pensei que ele parecia triste — Amy, que estava quieta até esse momento, interveio.

Naquele momento, o celular de Karina vibrou e tocou.

— Quem está me mandando uma mensagem? Noventa e cinco por cento das pessoas que têm esse número está nesta sala.

Ela pegou o telefone e apertou o botão para ver a mensagem de texto. Suas mãos formigaram enquanto ela lia a mensagem. Então leu novamente e não tinha ideia de como responder.

— Você vai compartilhar com o grupo? — Lauren perguntou.

Karina virou o telefone para que todos pudessem vê-lo.

— Ele quer sair para tomar sorvete. O que eu faço? — Ela olhou ao redor da sala e viu um grupo de expressões atordoadas.

Todas as meninas estavam olhando para ela como se ela tivesse duas

cabeças.

Calma e pensativamente, Amy perguntou:

— Bem... o que você quer fazer?

Karina sinceramente não sabia. Ela queria ir tomar sorvete com Ryan? Sim. Ela sabia o que aquilo significava? Não. Aí estava o problema.

— Eu quero e não quero. Eu pareço louca?

Amanda sorriu.

— Você parece uma pessoa apaixonada.

Sam pulou.

— Ou sexualmente atraída! — Ela levantou a mão para várias pessoas ao redor da sala, tentando conseguir um *high five*, mas ninguém retornou o gesto, exceto Amy, que apenas bateu levemente na palma da mão de Sam com as pontas dos dedos para ser educada. — O quê? Isso foi engraçado, não foi? — ela perguntou, indignada.

— Se você tiver que fazer essa pergunta — disse Lauren pragmaticamente —, a resposta é “não”. Sempre “não”.

A sala se dissolveu em risos.

— Minha mãe sempre diz que você deve confiar em si mesma e seguir seus instintos — Amy disse calmamente. — Ela diz que os únicos arrependimentos que já teve na vida vieram de *não* seguir essas regras.

Todas as meninas comentaram o quanto amavam a mãe de Amy. Quando Sam falou sobre uma conversa que a Sra. Maguire havia tido com ela antes de seu primeiro julgamento olímpico, Karina se desligou. Toda a conversa estava barulhenta quando ela tentou fazer exatamente o que Amy disse: ouvir o que seus instintos estavam lhe dizendo para fazer. Não demorou muito para que ela tivesse uma resposta clara. Ela digitou de volta para ele em seu telefone:

*Sorvete parece ótimo. Te vejo amanhã às quatro.*





Karina jogou mais uma blusa na pilha crescente no canto do quarto.

Suspirando de frustração, ela levantou as mãos em derrota.

— Eu não tenho nada para vestir.

Sam olhou para ela como se ela fosse uma alienígena em quem tinha acabado de nascer uma segunda cabeça quando ela olhou para a cama de Karina, onde estava assistindo à exibição. Ela começou a colocar blusas e vestidos de volta em seus cabides. Então começou cuidadosamente a dobrar os vinte pares de jeans espalhados e a guardá-los também.

— Você tem tantas coisas para vestir, todas com uma aparência igualmente linda. Acho que você está apenas nervosa.

— Nervosa? — Karina balançou a cabeça, não gostando dos sentimentos que estava tendo, mas não querendo qualificá-los como *nervosismo*.

O telefone dela tocou e ela o pegou e olhou para a tela para ver quem estava ligando.

— É Amanda — ela disse, pressionando o botão para atender a ligação.

— Oh, eu quero falar com ela — disse Sam, pegando o telefone da mão de Karina e colocando-o no ouvido.

Karina mal percebeu as ações de Sam antes de voltar a se estudar no espelho, segurando desesperadamente blusa após blusa na frente do corpo,

tentando decidir o que vestir.

— Ei, Mand — Sam tocou no telefone. — Você deveria estar aqui! Não, está uma loucura. Ela está enlouquecendo. Ela nem consegue decidir o que vestir. É diferente de tudo que você já viu.

Sem quebrar o ritmo de segurar blusas contra si mesma em frente ao espelho, Karina mostrou o dedo a Sam, que acenou alegremente com um gesto de desdém.

— Amanda? Eu te ligo mais tarde. Não, Karina está recebendo outra ligação. Ok. Falo com você em breve, querida. — Ela jogou o telefone para Karina, dizendo: — É Bernie. Ele é o seu agente, certo?

Karina pegou o telefone no ar e rapidamente e apertou o botão de atender enquanto o movia para o ouvido.

— Bernie? E aí? Você já ouviu notícias da gravadora?

— Sim, e tudo o que eles querem falar é sobre o vídeo do YouTube — respondeu sua voz rouca.

— Um vídeo do YouTube? Que estranho. — Karina não tinha ideia do que Bernie estava falando.

— Você viu?

— Acho que não... você me enviou o link por e-mail?

— Sim — Bernie disse, sua voz soando ansiosa ou excitada. Karina não sabia dizer qual das duas.

— Ok, eu vou ver mais tarde.

— Veja agora — ele disse com firmeza.

— Eu não posso. Tenho planos — Karina explicou.

Nesse momento, a campainha tocou. Karina ficou rígida, olhando para Sam, que estava mostrando-lhe dois polegares para cima. Karina talvez não soubesse o que qualificaria seu estado emocional um minuto atrás, mas agora poderia fazê-lo facilmente. Ela estava em estado de pânico.

As palavras de seu agente estavam a uma milha por minuto, mas Karina não estava prestando atenção.

— Bernie? Eu tenho que ir. Falo com você mais tarde! — Karina pressionou firmemente o botão para desligar o telefone e jogou-o na cama enquanto saía correndo do quarto.

— Karina! — Sam gritou atrás dela.

Karina colocou a cabeça de volta no quarto, de olhos arregalados e quase em pânico.

— Sam! Eu tenho que ir! Ele está *aqui*! — ela sussurrou.

Sam levantou uma linda blusa coral.

— Você pode querer vestir uma blusa — ela entoou.

Karina olhou para o torso, que usava apenas um sutiã sem alças, e olhou para Sam, os olhos arregalados. Então ela se arrastou até onde Sam estava e colocou a blusa o mais rápido possível, conseguindo apenas enredar os braços e a cabeça nas mangas e pescoço.

— Acalme-se. — Sam riu quando ela saiu da sala. — Eu vou atender a porta. Isso é melhor, de qualquer maneira. Você pode fazer uma grande entrada ao descer as escadas.

— Perfeito — Karina concordou, respirando fundo na tentativa de se acalmar.

— Tente não hiperventilar enquanto estou a caminho da porta. — Sam riu enquanto descia as escadas.

Karina ouviu os passos de Sam e depois sua voz.

— Ei, Ryan. Karina estará aqui em apenas um...

Antes que Sam pudesse terminar sua frase, Karina já estava no meio da escada. Sua assistente de guarda-roupa a apelidara “a artista das trocas rápidas” por causa de sua proficiência durante as trocas de figurino em seus shows.

— Oi. — A voz profunda de Ryan ecoou nos tetos altos do hall de entrada, e Karina sentiu um puxão no fundo da barriga.

— Acho que ela vai descer agora — disse Sam alegremente, se afastando.

Quando Karina alcançou a porta da frente, Ryan beijou-a na bochecha e disse:

— Você está maravilhosa. — A admiração que ele sentiu claramente transparecendo em sua voz.

Karina sorriu para ele. Ela ainda não entendia como Ryan poderia fazê-la se sentir a garota mais bonita do mundo, e nada, nem mesmo ser eleita uma das pessoas mais bonitas da *People* ou número três na lista sexy da *Maxim* já havia feito isso.

— Obrigada. — Ela ficou perfeitamente imóvel enquanto olhava para os olhos cor de mel de Ryan. Parecia que o resto do mundo desapareceu.

— Tudo bem — disse Sam, batendo palmas e depois avançando, conduzindo-as para fora. Antes de fechar a porta, ela gritou: — Vocês dois, se divirtam! Faça tudo e qualquer coisa que eu não faria!

Karina sorriu de volta para ela quando Ryan abriu a porta da

caminhonete. Ele colocou a mão nas costas dela quando ela subiu no veículo. Sentir a pressão de seus dedos grandes trouxe de volta uma onda de sensação quando ela pensou em como eram aqueles dedos dentro dela. Um tremor a percorreu quando ela se sentou e se acomodou.

Ela se sentiu hiper consciente de todos os seus movimentos quando ele contornou a caminhonete e entrou. Ela observou as mãos grandes dele enquanto ele colocava a chave na ignição e sua boca encheu d'água. Ela amava as mãos dele. Não apenas por causa de como elas a faziam se sentir quando ele a tocava — ásperas pelo trabalho pesado —, mas também por causa da música que ele fazia com elas. Ver Ryan tocar violão era um afrodisíaco como nenhum outro.

Quando ela percebeu que ele não havia girado a chave, olhou para cima para encontrá-lo virado para ela, olhando-a de cima a baixo e balançando a cabeça.

— O quê? — ela perguntou, olhando para baixo para se certificar de que não havia esquecido outra peça de roupa.

— Você vai me dar todo tipo de problema — ele disse carinhosamente.

Seus lábios levantaram em um meio sorriso malicioso, seus olhos brilhando maliciosamente enquanto ela dizia inocentemente:

— Problemas podem ser divertidos.

— Sim, podem — ele riu quando saiu da garagem dela.

Enquanto eles desciam a montanha, ela estudou o forte perfil dele, e isso fez seu estômago dar cambalhotas, como costumava fazer na ginástica.

Lá estavam eles. Indo tomar sorvete. Num encontro. Um encontro real.

Isso não era casual.



Ryan estacionou na frente do Duas Bolas e desligou o motor. Então ele se virou para Karina. Droga. Ela era tão bonita que ele achava difícil respirar perto dela.

— Está tudo bem? — ele perguntou. — Você mal disse uma palavra durante todo o percurso até aqui.



Karina riu, balançando a cabeça e depois os ombros como se tentasse se livrar de uma nuvem negra.

— Estou ótima — ela disse. — Eu só estou... Bem, eu não posso acreditar nisso, mas estou nervosa — ela disse, parecendo envergonhada. — Eu nunca estive realmente em um encontro antes. Não tenho certeza de como agir.

Porra, ele não achava que havia algo mais bonito do que ver a verdadeira Karina. Vulnerável e doce. Ele sabia que não havia muitas pessoas que eram privilegiadas com isso e se sentia honrado por ser uma delas.

Não sendo capaz de evitar, ele se inclinou para lhe dar um beijo rápido. No momento em que seus lábios se encontraram, um choque de felicidade se espalhou por ele. Ele relutantemente se afastou, sabendo que, se baixasse a guarda perto dela, começaria a deixar a cabeça errada tomar decisões. Apenas por seu breve contato, a respiração de Ryan já estava agitada.

Ele precisava tocá-la, mesmo que não fosse da maneira que realmente queria.

Colocando uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, ele assegurou:

— Então não vamos chamar de encontro e não vamos agir como se estivéssemos em um. Somos apenas duas pessoas tomando sorvete. Você é você, e eu serei eu.

Ela sorriu de volta para ele, e parecia que as nuvens se separaram e o céu se abriu, brilhando sobre ele. Karina poderia iluminar o mundo inteiro com aquele sorriso.

Balançando a cabeça para cima e para baixo, ela disse com um suspiro:

— Eu gosto disso.

Mesmo sabendo que era ridículo, ele ainda não conseguia deixar de se emocionar toda vez colocava um sorriso no rosto de Karina. Com um renovado senso de propósito, Ryan pulou da caminhonete e deu a volta ao lado de Karina, abrindo a porta e ajudando-a a descer.

— Então — ela disse levemente enquanto passeavam de mãos dadas pela calçada, em direção à sorveteria —, como sua avó se sente com o fato de estarmos pela primeira vez em um não-chamemos-isso-de-encontro no Duas Bolas?

Ryan riu.

— Não tenho certeza, mas vou descobrir em breve.

Quando chegaram à porta da frente da sorveteria, Ryan manteve a porta aberta para Karina, fazendo um sino tocar quando eles entraram no pequeno

estabelecimento.

Quando eles entraram na fila, Ryan se inclinou e sussurrou conspiratóriamente:

— Eu sei que minha avó me mataria por dizer isso, mas eu realmente gosto deste lugar. Ele me lembra o que eu sempre imaginei que seria uma sorveteria antiga.

Karina olhou em volta.

— Eu também.

Quando chegou a vez deles, Ryan puxou a carteira e fez o pedido

— Uma bola dupla de morango. — Ele descansou a mão nas costas de Karina, enquanto ela pedia.

— Vou tomar um duplo com uma bola de lascas de chocolate com menta e uma de *rocky road*, mas o *rocky road* deve estar no topo.

A funcionária leu o pedido, mas Ryan não a ouviu. Ele não ouviu nada.



Ryan virou lentamente a cabeça para Karina. Ele parecia atordoado enquanto a olhava com a boca levemente aberta.

O funcionário disse:

— Senhor? Senhor? Deu quatro e vinte e seis.

Ryan piscou, parecendo voltar à realidade. Depois tirou várias notas da carteira e pagou o sorvete.

Quando se afastaram para esperar que suas casquinhas fossem feitas, Karina não gostou da mudança de clima entre eles. Por alguma razão, no segundo em que ela fez seu pedido, algo havia mudado.

Ela não conseguia imaginar o que poderia ser. Por mais que ela buscasse em seu cérebro, não conseguia encontrar uma explicação viável que explicasse seu comportamento estranho.

Olhando de relance para ele, Karina notou que Ryan olhou para longe. Ele estava olhando para o local onde as casquinhas estariam quando estivessem prontas, mas a mundos de distância.

Depois do que pareceu uma eternidade, as duas casquinhas foram

colocados nos suportes na bancada de vidro. Ryan pegou as duas antes que ela pudesse levantar o braço.

Quando ele entregou a Karina a dela, ela sorriu.

— Obrigada.

Ele assentiu, mas nenhum sorriso espelhado acompanhou seu reconhecimento. Enquanto caminhavam para uma pequena mesa na parte de trás da sorveteria, as borboletas no estômago de Karina estavam dando uma festa.

Eles se sentaram em uma pequena mesa perto de uma janela. No momento em que Karina estava prestes a dizer que eles poderiam fazer isso em outra hora, Ryan sorriu para ela e muito gentilmente colocou um cacho perdido para trás da orelha dela.

E assim, seu mundo, que havia caído no esquecimento segundos antes, se estabilizou. Toda vez que Ryan fazia isso, ela sentia tudo se concentrar no ponto onde suas coxas se encontravam. Era como se houvesse um caminho direto do ouvido externo para suas partes femininas. No segundo em que ele a tocava, seu corpo estava a todo vapor. Mas desta vez, ela não teve apenas uma reação física; era emocional também.

No momento em que as pontas dos dedos roçaram sua bochecha, ela relaxou. Seu eixo se endireitou.

E isso a assustou mais do que tudo.

Ela murmurou para si mesma:

— Eu vou ter que ter certeza de que eu colocarei isso de volta melhor da próxima vez.

Ryan sorriu mais largo, olhando diretamente em seus olhos, seu olhar intenso a fazendo derreter mais rápido do que a casquinha de sorvete que ela estava segurando, enquanto ele suavemente disse:

— Não. Não. — A voz grave dele fazia a cabeça dela parecer mais leve que uma pena.

Os dois lamberam seus sorvetes em silêncio por um momento, e então Ryan disse:

— Quando eu era pequeno, minha prima Callie ficava conosco durante o verão e ela e eu costumávamos andar de bicicleta para a sorveteria todo sábado.

Karina levantou os olhos para olhá-lo enquanto ele falava, mas viu que o olhar de Ryan estava na mesa deles e o olhar distante havia retornado.

— Ela sempre pedia exatamente a mesma coisa que você acabou de

pedir. Duplo, com lascas de chocolate e menta e *rocky road*, com *rocky road* no topo. Ela dizia que tinha que ser nessa ordem para que a...

Karina pulou e eles terminaram juntos, suas vozes em perfeito uníssono.

— a menta não poluísse o chocolate.

Ryan olhou para ela, uma expressão de admiração em seu rosto bonito.

— Exatamente.

Karina inclinou a cabeça.

— Ela parece o meu tipo de garota. Ela vai visitá-lo aqui em breve? Eu adoraria conhecer minha alma gêmea de sorvete.

A mandíbula de Ryan ficou tensa e, embora sua voz fosse um estudo de casualidade forçada, ela ouviu a emoção que apertou sua garganta enquanto ele falava.

— Eu adoraria isso — ele disse. — Quer dizer, eu adoraria... muito. Mas ela faleceu quando éramos crianças.

Karina estendeu a mão sobre a mesa e a colocou sobre a de Ryan.

— Ah, não. Sinto muito, Ryan — ela sussurrou.

Ele encolheu os ombros. Mais uma vez, Karina pensou que ele estava tentando parecer casual, mas, na realidade, ele estava transmitindo sua dor a cada pequeno movimento e gesto.

— Não, não é grande coisa — ele disse. — Foi há muito tempo. Ela morreu em um acidente de carro na primavera em que eu tinha catorze anos. Ela tinha doze. Naquele verão, vim e fiquei com Sue Ann. Meus pais não achavam saudável, para mim, estar sozinho na fazenda o verão inteiro, quando nós dois sempre passávamos o verão juntos. Nós éramos inseparáveis. Eles pensaram que seria melhor para mim aqui.

— Foi mesmo? — Karina perguntou gentilmente.

Ryan deu de ombros novamente.

— Eu acho. Quer dizer, vovó fez o que pôde para manter minha mente longe das coisas. Ela nunca me pressionou a falar sobre isso, o que eu apreciei, e me manteve ocupado trabalhando no café. Então, sim, provavelmente foi melhor para mim. — Estendendo a mão, ele limpou os olhos com o dedo indicador e o polegar. — Cara, eu nunca conversei sobre isso com ninguém antes. Você tem algum tipo de poder mágico sobre mim, Karina Blackstone?

Ela sorriu tristemente e arrastou a cadeira para ficar ao lado dele. Sem saber o que dizer, apenas sabendo que queria estar o mais perto possível dele, ela instintivamente apoiou a cabeça em seu ombro. Quando o fez, ele passou

os dedos por seus cabelos e beijou o topo de sua cabeça. Eles ficaram ali por um tempo, tomando seus sorvetes em silêncio. Karina descansando contra o ombro dele, enquanto os dedos dele corriam pelos cabelos dela.

Ela adorava o toque dos dedos calejados dele contra seu couro cabeludo. A cada golpe, ela sentia tantas camadas de emoções que estava tendo dificuldade em distinguir entre elas. Amada. Segura. Despertada. Necessária. Querida. Seu toque estava afetando-a em mais do que apenas um nível físico. Ela sentia isso em um nível profundo da alma. Eles podiam não estar falando, mas definitivamente estavam se comunicando. Ah, sim, a linguagem corporal era uma forma poderosa de comunicação.

Quando terminaram suas casquinhas, Ryan sussurrou contra a cabeça dela.

— Isso. Bem aqui. Eu estive esperando minha vida inteira por isso.

Não foi uma declaração de amor. Não era uma proposta de casamento. De alguma forma, parecia mais do que essas coisas. Parecia tudo.

Karina não tinha certeza de como se sentia sobre esse novo desenvolvimento. Ela definitivamente sabia que se sentia ainda mais ligada a Ryan. Mais conectada a ele do que já sentira com alguém. E ela sabia que se sentia exatamente da mesma maneira que Ryan. Ela estava esperando por isso, por ele, a vida toda. Só não tinha certeza de como se sentia sobre isso.





Karina mal conseguia conter a expectativa quando Ryan a ajudou a sair da caminhonete e a acompanhou até a porta da frente.

Seus longos passos eram poderosos. A maneira como ele se movia com confiança — seu comportamento totalmente responsável — estava fazendo-a ter todos os tipos de sensações. Seu corpo inteiro estava zumbindo de necessidade. Ela saiu da montanha-russa emocional para a qual o momento deles no Duas Bolas a havia enviado e agora estava oficialmente presa no foguete da luxúria, sendo lançada diretamente para o céu.

Desde a pequena aventura no escritório dele, ela não conseguia parar de pensar em repetir a experiência. Ela não podia acreditar em si mesma. Ela não era assim. Claro, ela não era uma puritana — longe disso. Mas ela sempre olhava para o sexo como se fosse uma boa comida — ela se divertia muito quando era colocada na frente dela e, depois que se permitia aproveitar, seguia em frente. Quando ela tinha um desejo, o satisfazia e depois ia embora.

Essa não tinha sido sua experiência com Ryan. Ela o desejava como louca desde o momento em que se tocaram em seu escritório. Ela foi devorada pelo desejo que tinha por ele. Sua mente se enchia aleatoriamente com a imagem da língua dele entrando em sua boca ou nas mãos dele consumindo seus seios, e de repente ela ficava vermelha e respirando com

dificuldade, a pele formigando e o centro úmido e dolorido. Simples. Bem desse jeito. Num *flash*.

Esse era o poder que aquele homem tinha sobre ela.

Ela pode não ter ficado feliz com isso, mas acabou se preocupando.

Ela havia passado o tempo, de maneira alguma desperdiçado o tempo que eles se conheceram, intrigada com sua intensa atração por ele, mas agora percebeu que deveria estar aproveitando.

Então, de certa forma, ela estava certa quando disse a Sam que o que ela realmente precisava fazer era dormir com ele. Ela estava errada sobre o resultado dessa etapa, é claro. Ele estava muito longe de estar fora de sua mente. Ela não sabia se ele estaria fora de sua mente, e ela estava igualmente insegura sobre se o queria fora de sua mente.

Não. Ela estava em um cavalo em fuga, e a única coisa a fazer era pegar as rédeas e segurar o mais firme possível. Tentar controlá-lo e guiá-lo era uma boa maneira de assustá-lo e ser ejetada. Não. Ela precisava simplesmente se render, coração e alma, e ver aonde aquilo a levaria.

Havia uma chance de que ela pudesse ser derrubada e pisoteada? Sim. Ela não podia negar isso. Mas que tipo de artista ela poderia alegar ser se vivesse a vida em sua torre isolada de marfim, nunca se envolvendo demais, nunca deixando a vida ficar muito bagunçada e mantendo-se a salvo das emoções mais perigosas? Não era assim que se vivia uma vida de paixão. Não era assim que se vivia uma vida sobre a qual vale a pena escrever, sobre a qual vale a pena fazer arte.

Se ela tivesse o coração pisoteado, que assim fosse. Ela escreveria músicas sobre isso. Era isso que ela fazia.

Ela sorriu para si mesma. Não importava. A única coisa que ela sabia era que o possível pisoteio não viria essa noite.

Não. Esta noite seria exclusiva de diversão do tipo pele na pele que ela não conseguira tirar da cabeça por quarenta e oito horas.

Ela prendeu a respiração quando seu coração acelerou, e isso aconteceu no momento exato em que ela e Ryan se viraram para se encarar à sua porta.

Os olhos dele brilharam com preocupação.

— Você está bem?

Ela assentiu. Isso não aliviou a preocupação que ela ainda lia no rosto dele.

— Você tem certeza?

Ela nem se deu ao trabalho de responder. Na verdade, ela mal o ouviu.

Em vez disso, ela passou os braços em volta do pescoço dele e ergueu os lábios até os dele, beijando-o gentil e suavemente, a princípio, mas cedeu rapidamente à crescente paixão que a consumia.

Ryan moveu suas mãos poderosas ao redor dela, deslizando-as sob a blusa, de modo que ele estava circundando sua cintura nua. As pontas dos dedos dele se encontraram nas costas, e ela adorou o jeito que suas mãos e corpo grandes e fortes a faziam sentir-se tão frágil e delicada ao seu alcance.

Karina sentiu a agora familiar expectativa aumentar; sua excitação estava atingindo um pico de febre. Com um pequeno salto, ela pulou e envolveu as pernas em volta da cintura dele, nunca quebrando a conexão do beijo apaixonado que estavam compartilhando.

As mãos dele desceram até a bunda dela para apoiá-la, e ela usou essa alavanca para começar a mover os quadris em ritmo contra ele. Ela sentiu as vibrações do gemido que rasgou sua garganta antes mesmo de ouvir o som, e essa foi a gota d'água para ela. Isso colocou seu desejo acima do limite.

Quando ela deslizou pelo corpo dele, colocando os pés de volta no chão, arrastou beijos pelo pescoço dele. Entre beijos, ela se ouviu implorando enquanto balançava contra seu membro rijo.

— Eu quero você, Ryan. Eu quero sentir você contra mim. Quero que você beije cada centímetro meu e preciso beijar cada centímetro seu.

O calor das respirações difíceis de Ryan envolveu seus sentidos. Ela podia sentir o pulso em seu pescoço latejando contra seus lábios e língua. Ele a segurou firmemente contra si, a deliciosa pressão de seus dedos agarrando seus quadris, causando uma perfeita tempestade de prazer dentro dela.

Ela se forçou a se afastar dele.

— Deixe-me abrir a porta. — Depois de se virar, ela se atrapalhou com a fechadura da porta da frente, as tonturas deixando seus dedos moles e desajeitados.

Ryan respirou fundo audivelmente atrás dela, e ela o sentiu dar um passo para trás.

Ela olhou por cima do ombro.

— Só vai demorar um segundo — ela assegurou.

Mas o que ela viu no rosto dele não foi impaciência. Nem era mais desejo. O que ela viu foi uma combinação muito desconcertante de arrependimento e determinação.

Ele suspirou.

— Karina, não posso entrar com você hoje à noite.



Pensando que ela devia tê-lo ouvido errado, ela se virou.

— Espere... o quê? Por quê? O que você quer dizer?

Ele passou os dedos pelos cabelos, o peito ainda subindo e descendo em respirações superficiais.

— Não posso até que nosso relacionamento esteja... em terreno mais sólido.

Ela deu um passo para trás, perplexa, juntando as sobrancelhas.

— Você não pode o quê? Fazer sexo? Nós já fizemos sexo.

Ele sorriu carinhosamente e colocou os cabelos atrás da orelha, enviando um zing, zang, zap direto para o seu núcleo.

*Ótimo. Exatamente o que eu preciso.*

A voz de Ryan era firme, mas gentil.

— E não me arrependo disso. Foi incrível, e estou feliz por termos tido aquela noite juntos. Mas não é quem eu sou. Eu quero mais do que isso, Karina. Eu já... tenho certeza de que estou me apaixonando por você.

Karina não viu como isso poderia ser uma razão para *não* fazer sexo com alguém. “Apaixonar-se” não devia estar firmemente na coluna dos prós?

O sulco entre as sobrancelhas se aprofundou quando ela perguntou:

— Então, por que nós não...

O sorriso dele aumentou.

— Porque, querida, para mim, isso é ainda mais um incentivo para ir devagar, para não se apressar. Para fazer as coisas da maneira certa.

Ela se sentiu prendendo a respiração quando ele se inclinou, pressionando um beijo lento e gentil em sua testa — uma expressão afetuosa e doce que, para Karina, era ainda mais erótica por suas intenções puras. E com isso, ele se virou e caminhou pela calçada.

— Se você acha que fazer sua bunda parecer particularmente fofa enquanto se afasta vai me torturar, você está errado! — ela gritou em tom de provocação nas costas dele.

Ele riu e levantou a mão em um aceno de despedida, mas não quebrou o passo nem se virou. Ele entrou na caminhonete e olhou para ela. Por tanto tempo, de fato, que finalmente se tornou estranho.

Finalmente, ele abriu a janela e chamou:

— Não vou embora até ver que sua linda bunda está em segurança dentro de casa, Karina!

Ela sorriu de brincadeira.

— Bem, talvez eu só fique aqui na minha varanda a noite toda.

Ele riu e balançou a cabeça, exasperado.

— O que vou fazer com você, mulher?

— Eu tenho algumas ideias — ela disse antes de se virar, destrancando a porta da frente e entrando, fechando-a atrás de si.

*Bem, este é um bom estado, ela pensou. Minhas pernas parecem gelatina, não consigo recuperar o fôlego e definitivamente não consigo me livrar desse latejar persistente lá embaixo. É possível morrer de tesão não resolvido?*

Recostando-se contra o interior da porta da frente, ela deslizou lentamente até o traseiro bater no chão. Então, com as pernas abertas na frente dela, começou a bater leve e metodicamente a cabeça contra a porta da frente. Parecia realmente uma metáfora para a situação dela.

Nesse momento, a porta balançou contra suas costas e ela ouviu um bater insistente.

Ela sorriu maliciosamente. Sim, ela pensou vitoriosa. *Ele não podia ficar longe.* Ela se levantou, se limpou e ajeitou os cabelos no lugar antes de abrir a porta.

— Sentiu minha falta? — ela gritou com um sorriso largo.

— Mais ou menos — respondeu Sam, seus olhos brilhando enquanto passava por Karina para dentro de casa com um pouco mais de entusiasmo. — Faz apenas algumas horas.

Os ombros de Karina caíram.

— Sim — disse ela, tentando não deixar que a decepção que sentia sangrasse em sua voz.

— Bem, não leve isso tão a sério. Eu disse *mais ou menos!* — Sam respondeu entusiasmada.

Karina suspirou.

— Não é isso. Mas e aí? Você estava tipo, observando minha porta da frente para correr para cá no minuto em que ele saísse?

— Afirmativo. — Levando a mão à testa, Sam saudou Karina imitando os militares. — Eu também vi bastante coisa. Seus movimentos eram quase acrobáticos.

Karina não pôde deixar de sorrir com a descrição da amiga.

— Treino de dança, minha amiga. Então, suponho que você veio aqui para saber como foi o encontro.

Sam balançou a cabeça.

— Não. Quero dizer, não me interprete mal. Eu quero saber tudo, apenas

não agora. Eu vim aqui porque você não estava atendendo o telefone e estou ligando há horas.

— Eu estava em um encontro.

— Certo, bem, você não estava atendendo o telefone — Sam reiterou.

— Nós estabelecemos isso. Por que você estava ligando? Eu pensei que o único assunto digno por aqui era a minha vida amorosa, e como eu estava realmente em um encontro na hora...

Sam tirou o iPhone do bolso de trás da calça jeans e o enfiou no rosto de Karina.

— Você viu isso? — ela exigiu.

Os olhos de Karina se cruzaram, tentando se concentrar na tela, que Sam estava segurando a meros milímetros do seu nariz.

— Eu nem consigo ver agora — respondeu Karina, empurrando a mão de Sam e o telefone que carregava para uma distância razoável do seu rosto.

Então, quando a visão de Karina da telinha entrou em foco, Sam pegou a mão de volta.

— O que foi isso? Na verdade, eu não vi — disse Karina.

— É um vídeo no YouTube de você e Ryan cantando no Show de Talentos! — Sam disse excitada.

— Ah, certo — Karina disse com desdém, indo para a cozinha e apontando para Sam segui-la. — Bernie me enviou um link de algo mais cedo. Talvez seja isso. Eu ainda não assisti. Ficou bom? Mais importante, quer um pouco de vinho?

— Sim nos dois aspectos — respondeu Sam. — Mas o surpreendente do vídeo não é a qualidade. É a popularidade.

— Oh, as pessoas gostaram? Isso é ótimo.

Nesse momento, o telefone de Sam tocou e ela apertou o botão para atender, levando-o ao ouvido.

— Ei. Sim, ela está aqui. Ela está bem... ela estava em um encontro... não, ele não está aqui. Eu esperei até ele sair. Dê-me um pouco de crédito... como assim, um histórico? Quer saber? Isso não é importante agora... não, ainda estou tentando contar a ela sobre o vídeo... bem, eu não sei. Deixe-me perguntar a ela. — Sam tirou o telefone da boca e estendeu-o, sua voz soando como um repórter. — Karina, você está feliz com o vídeo?

Karina olhou para Sam, tentando decidir se sua amiga finalmente havia caído no fundo do poço ou se era apenas mais uma tentativa de humor enquanto respondia lentamente:

— Eu... acho que sim?

Sam balançou a cabeça e colocou o telefone de volta na boca.

— Não, ela não entendeu. Vou explicar... sim, ótimo, e pegue Amanda no caminho... Ok. Te amo. Vejo vocês em breve. — Então ela desligou a ligação e recolocou o telefone no bolso de trás enquanto aceitava o copo de vinho que Karina estava lhe entregando.

— Suponho que deveria deixar essa garrafa de fora se o resto do quarteto maravilhoso vai se juntar a nós — Karina argumentou, colocando a garrafa no balcão na frente dela. — Ah, e por falar nisso, sintase mais do que livre para convidar outras pessoas para minha casa a qualquer momento. *Mi casa es su casa* e tudo mais.

— Oh, por favor. Não são “pessoas”. São Amanda e Lauren — disse Sam, impaciente. — Onde está o seu laptop?

Karina foi até a mesa da cozinha, onde seu laptop estava entre seus cadernos líricos, contratos, agenda e outros itens aleatórios. Sam o pegou, colocou no balcão, abriu e entrou no YouTube. Na barra de pesquisa, ela digitou Karina Black Kyle Austen Reed Ryan Perkins e apertou enter.

Quando os resultados da pesquisa foram preenchidos, Karina viu uma pequena foto em miniatura dela no microfone no auditório da *Hope Falls High School* e Ryan em pé ao lado dela com seu violão, a boca aberta na música. Ao lado da miniatura estava o título Kyle Austen Reed apresenta Karina Black e Ryan Perkins — “O amor é a chave” (nova música).

Sam clicou na miniatura, exibindo o vídeo em tamanho real, que começou a ser reproduzido automaticamente. Como prometido, Kyle Austen Reed apresentou Ryan, que subiu ao palco no pequeno vídeo, como havia feito alguns dias atrás na vida real.

Karina assistiu, interessada, quando ela e Ryan começaram a cantar. É claro que não era uma experiência nova para ela assistir a cenas dela se apresentando, mas isso era um pouco novo. Obviamente, ela nunca viu nenhuma interação entre ela e Ryan do ponto de vista de alguém de fora, e teve que admitir que havia uma química palpável lá, discernível mesmo se você não fosse uma das partes envolvidas. Por estar tão envolvida na experiência de estar dentro da força e poder dessa atração, ela achou um tanto surreal vê-la de fora.

À medida que a música progredia, Karina encontrou seus olhos vagando pelo resto da página.

Eles chegaram ao número de visualizações que o vídeo recebeu.

— Espere um segundo — disse ela, surpresa e apontando para a figura.  
— Isso diz...?

— Sim — disse Sam, parecendo satisfeita que Karina estava começando a entender a situação. — Diz mesmo. Três milhões de visualizações. Também diz mais de cem mil curtidas e milhares e milhares de comentários. E entrou online esta tarde.

Karina parecia totalmente confusa.

— Como isso aconteceu?

— Acho que as pessoas podem perceber a química absurda que vocês têm e gostam! — Sam explicou.

Eles não eram os únicos.

— Sim, fazemos boa música juntos.

Sam revirou os olhos.

— Ah, qual é. Assista às faíscas voando para lá e para cá naquele palco e me diga que a única conexão que acontece lá é de natureza "musical".

Karina decidiu deixar isso de lado por um minuto.

— Ok, então, como as pessoas descobriram que o vídeo existia, em primeiro lugar?

— Oh, isso é fácil. Kyle Austen Reed twittou.

Karina gemeu.

— Sério?

— Oh, sim — Sam assentiu seriamente. — E então seus fãs realmente gostaram e viralizaram. Foi twittado dezenas de milhares de vezes. A hashtag #AmoreaChave está em alta no Twitter no momento.

Ótimo. Como se o relacionamento dela e de Ryan não fosse complicado o suficiente. Agora, havia isso. Por que as coisas não podiam ser simples, apenas uma vez?

Karina balançou a cabeça para limpá-la e ouviu um som. Ela suspirou.

— Essa é a porta da frente ou minha cabeça que está tocando?

Sam pulou, sim pulou, até a porta da frente e voltou com Amanda e Lauren.

— Como está nossa pequena deusa do vídeo que viralizou? — Lauren perguntou com um meio sorriso enquanto entrava.

— Vai se ferrar — Karina gemeu.

— Então, melhor do que o esperado então — Amanda concluiu, e as outras duas concordaram.

— Olhe — disse Lauren pragmaticamente. — Você odeia esse tipo de

coisa por aí porque não gosta de seus negócios pessoais em público, e esse vídeo parece pessoal. Mas acho que a maneira de remediar isso é tentar pensar nesse vídeo como uma ferramenta profissional, em vez de um momento pessoal.

Esse era um bom argumento, mas não era com isso que Karina estava preocupada.

Lauren continuou.

— Este é exatamente o tipo de música que você queria fazer, e esse vídeo prova ao mundo e aos poderes que você pode ter sucesso e ser popular com esse estilo de música. Ele até expõe seu nome verdadeiro.

Karina assentiu, considerando.

— Por que você não parece convencida? — perguntou Amanda.

Karina deixou cair a cabeça nas mãos, sentindo-se infeliz.

— Eu não sei. O que vocês estão dizendo faz sentido. Simplesmente não parece verdadeiro, emocionalmente. Por dentro, isso parece tão... complicado... eu não sei.

Karina respirou fundo enquanto reunia seus pensamentos, finalmente pronta para uma análise mais profunda de seus verdadeiros sentimentos, por mais raro e doloroso que esse processo pudesse ser.

Suas amigas até se inclinaram para a frente, esperando ouvir o que ela diria a seguir.

Mas então a campainha tocou novamente, fazendo Karina gemer de frustração.

— Sério! Isso aqui está igual à Grand Central Station! — ela exclamou.

Sam correu para a porta da frente e voltou um momento depois, com um sorriso largo no rosto.

— Quem é? — Karina perguntou.

Sam abriu a boca para responder, mas, em vez disso, uma voz masculina gritou expansivamente:

— É Kyle Austen Reed!

A estrela de cinema passou por Sam, os braços estendidos para abranger toda a sala.

Karina cruzou os braços sobre a mesa à sua frente e deixou cair a cabeça sobre eles.

— Vá embora, Kyle! — ela gritou, sua voz abafada pelos braços.

— Austen Reed — suas três amigas completaram.

— Parece que o segredo foi revelado! — Kyle exclamou. Sua voz soou

como se ele estivesse bastante orgulhoso de si mesmo.

Cansada, ela levantou a cabeça e o encarou sem entender.

— Estou quase com medo de perguntar.

Kyle caminhou até Karina e passou o braço em volta dos ombros rígidos e inflexíveis, puxando-a para o peito.

— Sei que não era assim que gostaríamos que acontecesse, mas você nunca deve ter medo quando estou por perto, *mi corazón*.

Soprando uma lufada de ar, Karina balançou a cabeça.

— Bem. Eu vou perguntar. Queria que o quê fosse descoberto?

Kyle abriu os braços novamente.

— Nosso amor.

— Nosso o quê?

Kyle abriu os braços ainda mais para dar ênfase adicional e repetiu com mais ênfase:

— Nosso amor!

— Senhor! — Karina repetiu silenciosamente em sua cabeça enquanto esfregava as têmporas.

Lauren, sempre a pragmática, falou devagar.

— Talvez se você começar do começo...

Karina protestou:

— Não, não! Não comece do começo. Limite-se a esse incidente e me diga exatamente o que você quer dizer com o segredo ter sido revelado em relação a “nosso amor”.

Lauren sorriu e assentiu, reconhecendo que tinha visto onde sua sugestão poderia dar errado.

— O nosso vídeo no YouTube tem mais de quatro milhões de acessos — ele disse com orgulho.

As quatro mulheres se entreolharam, intrigadas.

Karina, magoada, disse:

— Meu Deus, tem mais um?!

Calmamente, Lauren colocou a mão no ombro de Karina.

— Kyle, por que você não nos mostra o vídeo?

— Claro! — Kyle respondeu, puxando o iPad da bolsa flexível de couro. Ele abriu a capa e, com alguns movimentos de seus dedos, chamou o vídeo de “O amor é a chave”.

Karina olhou por um momento para tentar detectar diferenças, mas, não... era exatamente o mesmo vídeo.

— Esse é o vídeo de Karina e Ryan — Lauren apontou gentilmente.

— Não, olhe aqui — ele disse, arrastando o mouse sobre a linha vermelha na parte inferior do vídeo que rastreava seu progresso e arrastando o ponto final de volta ao início para começar o vídeo novamente.

Quando o vídeo começou de novo, Kyle apresentou Ryan. As quatro garotas abriram a boca para protestar, mas Kyle levantou um dedo para segurá-las.

— Esperem... — ele advertiu.

Nesse ponto do vídeo, Ryan havia terminado de chamar Karina para o palco e estava começando a sair. Quando ela e Kyle se cruzaram no palco, eles pararam, e Kyle lhe deu um beijo quase imperceptível na bochecha.

Kyle apertou uma pausa no vídeo para que a tela fosse preenchida com a imagem dele e Karina trocando esse beijo. Depois de virar a parte de trás da capa do iPad para formar um suporte triangular, ele o colocou no balcão de frente para todas elas, que encararam a imagem, quase hipnotizadas.

— Eu lhes apresento — ele disse dramaticamente — Kyline.

— Ah, não. — Uma repentina onda de náusea atingiu Karina.

— Os comentários no vídeo são bastante efusivos. Parece que eles não conseguem superar nossa química avassaladora, meu amor. Eles parecem bastante animados por isso, de fato.

— Kyle, eu odeio dizer isso a você — disse Sam gentilmente —, mas acho que a química a que se referem no vídeo é menos sobre Kyline e mais sobre KaRyan.

— Chega de nome de *shipper*! — Karina sentiu como se estivesse seriamente prestes a ir para o fundo do poço.

— Na verdade, o termo correto é *portmanteaus* — Lauren acrescentou. Mas quando ela viu o olhar que Karina estava dando a ela, acrescentou rapidamente: — Não que isso importe.

— De qualquer forma, os comentaristas, também conhecidos como a voz do povo, falaram — continuou Kyle. — Eles dizem esmagadoramente quanta química temos, quão sexy somos juntos. CaliGurl818 chegou a dizer que nos ver juntos a fazia corar. Então, como você ver, o segredo, como eu disse, está oficialmente exposto. Para esse fim, já entrei em contato com minha empresa de relações públicas e os instruí a fazer uma declaração dizendo que não tenho comentários sobre o status de nosso relacionamento no momento.

Lauren levantou as sobrancelhas e disse:



— Você não precisa receber uma pergunta antes de poder dizer que não tem nenhum comentário?

Kyle deu um tapinha no topo de sua cabeça, o que, por causa da altura de Lauren, não era uma tarefa fácil.

— Doce menina — ele disse como se estivesse falando com alguém cuja falta de conhecimento sobre o modo como o mundo funcionava fosse verdadeiramente lamentável. — No ramo do entretenimento é preciso estar um passo à frente do jogo o tempo todo, se quiser permanecer relevante.

Karina, com a voz estrangulada, disse:

— Jogar a carta “sem comentários” é tão bom quanto dizer que estamos em um relacionamento.

Kyle parecia satisfeito consigo mesmo, e Karina pegou uma almofada na parte de trás de um dos bancos da cozinha e gritou dentro dela.

Ele esfregou as costas dela e disse às outras três garotas:

— Essa é minha florzinha. Tanta paixão. Que fogo.

Karina levantou a cabeça do travesseiro e olhou para Kyle com um olhar assassino.

— Ok! — Amanda pulou rapidamente. — Acho melhor deixarmos Karina em paz antes que ela se lembre de que estamos sentados em uma cozinha com facas. Vamos?

Enquanto o grupo reunia seus pertences e serpenteava em direção à porta da frente, Amanda abraçou Karina e sussurrou em seu ouvido:

— Ligue-me se precisar de mim, querida.

Karina assentiu, e as duas ouviram a exclamação seca de Lauren pela porta da frente.

— Amanda, é melhor você se apressar. Kyle Austen Reed quer nos contar toda a história do relacionamento dele e de Karina, não deixando de fora nem um pequeno detalhe. Eu sei que você não quer perder o começo.

Karina sorriu largamente.

— Por qualquer coisa errada que você já tenha feito comigo, você será recompensada por várias horas entorpecedoras.

Amanda riu.

— Eu acho ele charmoso.

— Fale comigo de novo amanhã.

Quando Karina ouviu a porta da frente fechar atrás de seus visitantes e finalmente ficou sozinha, passou um momento saboreando o silêncio, mas rapidamente percebeu que não estava ajudando em nada a organizar seus

pensamentos. Em vez disso, parecia realmente opressivo.

Não, ela nunca contemplava as coisas em silêncio ao tentar resolver um grande problema. Em vez disso, fazia o que havia feito toda vez em sua vida, quando precisava resolver uma situação ou processar algumas emoções. Ela pegou seu violão.





Ryan virou-se irritado em sua cama — a última virada em uma noite que foi preenchida com um monte de movimentos de um lado para o outro e muito pouco sono — e olhou para os números vermelhos brilhantes de seu despertador de cabeceira. Três e quatro da manhã.

Dez minutos após a última vez que ele checkou.

Os números vermelhos brilhantes o provocaram e o forçaram a pensar sobre o motivo pelo qual ele não conseguia dormir — ou seja, a ereção furiosa — que o atormentava desde que ele deixou Karina, horas antes.

Toda vez que ele conseguia se distrair, uma montagem de imagens começava a passar como um filme com classificação X na sua cabeça. Havia muitas, mas as mais frequentes eram os *flashes* de Karina tirando o sutiã e dando-lhe a primeira visão desobstruída de seus seios cor de caramelo, gloriosos, e com a pele coberta com os botões de chocolate de seus mamilos. Karina furiosamente erguendo a mão para cima e para baixo no membro dele enquanto se encaravam, os rostos tão próximos que as testas se tocavam e ele sentia suas doces exalações. De Karina nos braços dele, nua e tremendo como uma folha, seu corpo se contraindo ao redor dele enquanto ela gritava em liberação.

Centenas de vezes — não, mil vezes — naquela noite, ele teve que se impedir de pegar as chaves da mesa de cabeceira, pular na caminhonete e

voltar para a casa de Karina. Levou toda a força de vontade que ele possuía, e que ele nem sabia que tinha, manter-se em sua própria casa e, mais precisamente, em sua própria cama.

Ele tentara aliviar o assunto, tomando-o com suas próprias mãos, por assim dizer. E isso proporcionou algum alívio. Por um momento. Mas logo após sua libertação auto-manipulada, uma repentina lembrança da sensação do corpo dela pressionado contra o seu, a curva delgada da cintura dela na palma da mão e o toque suave dos lábios dela contra os dele inundariam sua mente, e assim, ele estava de volta à estaca zero.

*Droga.*

Ele teve que parar o filme dos dois no escritório, nus e devorando-se avidamente, de passar repetidamente em sua cabeça. Se ele fosse dormir um pouco — não apenas naquela noite, mas novamente — ele precisava entender isso.

Logo depois, verificou o telefone para ver se ela havia ligado. Assim que seu plano brilhante surgiu em sua mente, a percepção de que ele desligara o telefone para o encontro deles e nunca o ligou novamente lhe ocorreu. E se Karina estivesse tentando falar com ele? Ela poderia ter ligado para ele, mandado uma mensagem...

Depois de pular da cama, ele pegou seu jeans no chão do quarto. Então tirou o celular do bolso e o ligou ansiosamente.

Suas sobrancelhas se uniram em um sulco confuso enquanto olhava para a tela de notificações. Trinta chamadas perdidas? Quarenta mensagens de texto?

*O que...*

Antes que ele pudesse concluir esse pensamento, alguém tentou virar a maçaneta da frente. Então ele ouviu o arranhar da fechadura.

*Que diabos?*

Rapidamente, Ryan vestiu o jeans que ainda estava em sua mão, pegou um taco de beisebol e, com uma furtividade ninja, se aproximou da porta da frente.

Seus nervos estavam no limite enquanto esperava a porta da frente abrir. Ele se perguntou se deveria ligar para a emergência, porque que bem faria um taco de beisebol se o intruso tivesse uma arma?

A porta começou a se mover lentamente para dentro. Ele levantou o bastão e assumiu a posição de combate.

Quando a porta se abriu ainda mais, a imagem do intruso se materializou

na escuridão. Ryan exalou e seus músculos relaxaram quando reconheceu a forma de sua avó enquanto ela entrava no quarto, murmurando e atrapalhando-se com a chave na fechadura.

— Vovó! — Ryan exclamou, fazendo-a gritar e pular quase um metro de altura.

Sue Ann girou sobre ele e deu um soco no seu ombro com mais força do que ele teria pensado que ela era capaz.

— Você me assustou! — ela gritou.

— Eu assustei *você*? — Ryan atirou de volta. — Você é quem está entrando escondida na minha casa às três da manhã como um gatuno!

— Bem — ela disse razoavelmente —, eu não esperava encontrá-lo acordado e alerta. Eu esperava encontrar você desmaiado, de bruços no chão da sala, dormindo em um estupor bêbado!

Ryan estava estupefato.

— Isso é tão... específico — ele finalmente conseguiu dizer. — Por que você acha isso, vovó? Eu quase não bebo.

— Bem, por que mais você não atenderia o telefone? — ela respondeu como se essa fosse a resposta mais óbvia do mundo. — Estamos ligando e mandando mensagens para você há horas. De fato, sua caixa de correio de voz diz que está cheia.

Ryan sentiu seu estômago cair e suas pernas ficarem dormentes.

— O quê? — ele respirou. — Mamãe e papai? Eles estão bem? O que aconteceu?

Foi o mesmo pânico que ele experimentou no dia em que entrou em sua casa naquela tarde de primavera, quando tinha quatorze anos, e viu sua mãe chorando e seu pai dando tapinhas nas costas dela. O mesmo pânico que fechou sua garganta e ameaçou sua capacidade de respirar quando eles se voltaram para ele e muito gentilmente lhe disseram que tinham más notícias. Oh, Deus. Isso não poderia estar acontecendo novamente.

— Oh, eles estão bem! — Sue Ann o tranquilizou, sorrindo de orelha a orelha. — E nada aconteceu. Nada, a menos que você considere o filho deles e meu neto se tornando uma sensação do YouTube como alguma coisa! E eu considero muito!

— Vovó — disse Ryan, balançando a cabeça lentamente —, estamos no meio do que se transformou em uma noite muito longa. Posso não estar cem por cento acordado, mas não estou acompanhando seu raciocínio. Do que está falando?

— Seu vídeo! — ela respondeu, batendo palmas na frente dele como uma criança animada da escola.

Ryan fechou os olhos contra a frustração e respirou fundo.

— Que vídeo?

— Ah, querido, você não viu? Eu acho que você deve ser a única pessoa na internet que não viu!

Ryan ainda estava balançando a cabeça, começando a se perguntar se isso poderia ser, de fato, algum tipo de sonho febril, quando o telefone tocou a mão dele, assustando-o um pouco. Ele olhou para a tela para ver quem ligaria para ele àquela hora, chocado ao ver o rosto de sua ex-namorada, Trista.

— Por que ela está...? — Ryan murmurou para si mesmo. Quando ele olhou para a avó e disse que provavelmente deveria atender, ficou surpreso ao vê-la sentada no computador, digitando.

Ela abriu uma página no YouTube e, quando o vídeo começou, Kyle Austen Reed começou a dar sua introdução na tela, ela se virou para Ryan, com o rosto brilhando.

— Veja por si mesmo!

Ryan se aproximou da tela e assistiu ao vídeo, encantado ao ver a cena se desenrolar diante dele, um momento em que ele não estava ciente de que estava sendo capturado, um momento em que ele estava muito envolvido para registrar realmente.

Ele viu a expressão astuta cruzar seu rosto enquanto chamava Karina para o palco, e seu coração bateu no peito quando ela entrou no quadro do vídeo. Ela era bonita.

Será que ele alguma vez a veria e não teria essa sensação de coração disparado?

Seus olhos se estreitaram quando viu Kyle Austen Reed beijar Karina na bochecha quando ela passou. Ele não havia percebido isso na época, provavelmente por causa dos nervos, e não gostou nem um pouco.

Mas a pontada de aborrecimento que ele sentiu foi varrida por completo enquanto observava Karina ocupar seu lugar ao lado dele e ouvia os dois conversando de um lado para o outro, seguido pelos acordes de abertura de “O amor é a chave”.

Na época, ele estava tão envolvido em tocar que perdeu a expressão extasiada no rosto de Karina quando ela olhou para ele e cantou, e o sorriso largo e impressionado que se espalhou pelo rosto dele enquanto olhava nos

olhos dela. Mas estava tudo muito claro agora. Ele ficou impressionado com a intensidade da conexão deles e com o quão visível isso provavelmente era para o observador casual. Claro, ele sabia como era estar ligado a Karina. Ele ficou chocada que fosse tão claro.

Então lhe ocorreu como era bizarro que ele — o garoto do interior Ryan Perkins, de Montana — estivesse na internet, estrelando um vídeo no YouTube com a sensação pop Karina Black. Era estranho como ele simplesmente não a via assim, ele não a via desde então. Ele levou um tempo para entender o fato de que ela era uma estrela internacional, mas desde o primeiro momento em que ele a viu, acabara de ver... Karina.

Agora, quando ele olhou para ela no vídeo do YouTube, viu... *sua* Karina.

— Você acredita nisso? — A voz excitada de Sue Ann invadiu seus pensamentos quando os acordes finais da música desapareceram na tela do computador. — Você precisa ligar para seus pais. Eles não dormiram nem um pouco a noite toda. Eles continuam atualizando a tela, lendo os comentários e assistindo às visualizações subirem. Eles não podem acreditar que é real! Anda. Liga pra eles!

— Como assim, ver as visualizações subirem? As pessoas estão realmente assistindo isso? — Ryan perguntou.

Sue Ann apontou para o número de visualizações exibidas embaixo do vídeo, e Ryan deu uma olhada. Depois olhou de novo. Ele esfregou os olhos para se certificar de que não estava vendo coisas, mas com certeza o número indicava 8.575.263 visualizações.

— Puta merda. O que está acontecendo? — Ryan deixou escapar.

— Bem — respondeu Sue Ann de maneira um tanto desdenhosa —, posso dizer, alguém ficou tão empolgado que o Sr. Kyle Austen Reed estava na cidade e no show de talentos da cidade, ainda por cima, que pensou que deveria guardar o momento para a posteridade, e depois que você e Karina começaram a tocar, continuou gravando. Então, o que posso imaginar, é que essa pessoa decidiu que o mundo precisava vê-los e, por isso, ela fez o upload no canal do YouTube.

Ryan estreitou os olhos em suspeita.

— Ela?

Sua avó olhou para ele, a imagem de inocência.

— O quê?

— Você disse “ela”. Você parece bem certa de que essa pessoa é do

sexo feminino. Por quê?

Sue Ann abaixou a cabeça timidamente.

— Vovó, não! Você fez o upload? Por que você faria isso?

— Bem, querido, sinceramente, nunca pensei que fosse receber esse tipo de atenção, para dizer a verdade. Eu só queria mostrar para meus inscritos.

— Seus inscritos? — ele perguntou. Ele olhou para a linha abaixo da contagem de visualizações e viu que o vídeo havia sido enviado por 1TwiHardGrannyFan. — Você é fã de Crepúsculo? — ele perguntou surpreso.

— Team Jacob e orgulhosa disso — respondeu ela, estufando o peito como se fosse um distintivo de honra.

Ryan sentiu uma dor de cabeça crescendo atrás de seus olhos. Isso era demais para entender. O que Karina pensaria sobre isso? O que ele pensava sobre isso?

Ele suspirou profundamente, isso era ruim. Era muita atenção. Ele não queria e tinha certeza de que ela também não.

— Você precisa tirar isso do ar, vovó — ele disse gravemente.

Ela descartou a ideia sem nem um momento de hesitação.

— Oh, eu não posso fazer isso! — ela protestou. — Estou muito orgulhosa de você. Sem falar que... olhe para vocês dois. Você não pode negar que é algo especial de se ver. Além disso, tornou-se viral agora, então não faria muita diferença, mesmo que eu removesse. É tarde demais para isso.

Determinado a lidar com essa situação, Ryan entrou no quarto, vestiu um moletom por cima da cabeça e colocou os pés nos tênis.

Sem sequer se preocupar em parar e amarrá-los, ele foi para a porta da frente. Quando saiu, reiterou com firmeza:

— Vovó, você precisa remover. Você pode trancar, quando sair? Vejo você amanhã no café.

— Certo, docinho. Diga a Karina que eu disse olá! — ela cantou quando ele saiu.

A última coisa que ouviu quando desceu as escadas foi a abertura de “O Amor é a Chave” recomeçando quando Sue Ann repetiu o vídeo e começou a cantar junto.





Karina não havia percebido o quão exausta estava até que ela deslizou seus membros doloridos e cansados no doce conforto de sua cama após uma sessão de composição de seis horas que tinha sido física e emocionalmente desgastante.

Quando ela realmente começou a cochilar várias vezes enquanto se sentava, com o violão no colo, percebeu que estava na hora de se render aos seus limites físicos, puxar os cabelos em um nó solto, colocar seu uniforme de dormir que consistia de cueca boxer e um top e se deitou.

Puxando o lençol e o edredom até o queixo, ela suspirou em pura felicidade. Então ela começou a adormecer depois do que oficialmente se tornara o dia mais longo e estranho de toda a sua vida.

Ela tinha acabado de entrar no estado alfa, aquele lugar luxuriante onde a pessoa fica despreocupada e sem peso entre o sono e a vigília, quando foi sacudida na vertical por uma pancada forte na porta da frente.

Ela pulou da cama, lívida, e desceu as escadas correndo, sem sequer parar para vestir um roupão e chinelos.

— Eu vou matar a Sam — ela rosnou com intensidade assassina quando se aproximou da porta da frente. Ela abriu enquanto gritava: — Não atendi meu telefone porque estava dormindo!

O discurso dela morreu em seus lábios e seus olhos se arregalaram quando ela viu a cena à sua frente, que era um Ryan amarrotado — e ainda lindo — de pé em sua varanda, com o cabelo bagunçado e os cadarços de tênis soltos e desamarrados. Parecendo despenteado e *sexy pra cacete*.

Ele deu a ela um meio sorriso irônico.

— Ainda bem que eu não liguei.

Ela riu tristemente e abriu mais a porta, apontando para dentro.

— Se for um momento ruim... — Uma de suas sobrancelhas se ergueu quando ele apontou para trás.

— Não, não é — ela disse, seu humor melhorando a cada segundo. — Eu pensei que você fosse Sam.

Ryan a seguiu enquanto ela entrava na sala e se jogava no sofá estofado e confortável que dava para a parede de janelas com vista para o vale de

Hope Falls.



Ryan congelou, parou morto por sua fofura casual e sem esforço. Ela não estava tentando parecer bem. Ela não estava montada. Nada sobre como ela se movia ou sua aparência era calculado ou planejado agora. Ela usava boxer masculina e um rabo de cavalo desleixado no topo da cabeça.

No entanto, apesar de tudo isso — ou possivelmente por causa disso —, ela parecia mais adoravelmente sexy do que ele já a vira qualquer mulher, para falar a verdade.

Karina bocejou e se esticou com graça felina, os braços alcançando acima da cabeça. O movimento puxou sua blusa para cima para revelar a pele nua e macia de sua barriga, começando baixo nos quadris, logo acima da linha da cueca.

Ryan engoliu em seco. Sua mente estava cheia de pensamentos novamente, e tudo o que ele podia ver era uma imagem dele indo para ela, inclinando-se e beijando a pele impecável e exposta de sua barriga, enquanto empurrava sua blusa sobre os seios perfeitos e continuava a trilha de beijos para cima, parando apenas quando alcançasse seus mamilos atrevidos, o que, é claro, seria difícil para ele.

Viu-se tomando seu tempo com cada ponta dura, provocando-a com a ponta rígida de sua língua antes de sugá-la no calor aveludado de sua boca, brincando com ela, chupando, girando...

— Então, como vai?

Ryan foi abruptamente trazido de volta ao presente pela voz sonolenta de Karina enquanto ela esfregava os olhos, completa e inocentemente inconsciente de seus pensamentos lascivos.

Incapaz de falar, ele ficou parado, revirando o cérebro para lembrar por que ele dirigira até ali como um maldito morcego no meio da noite. Como diabos ele deveria pensar quando ela estava parada ali, parecendo um presente de Natal esperando para ser desembalhado?

Karina olhou por cima, provavelmente para ver por que ele não estava

respondendo, e deu uma olhada dupla quando viu sua expressão intensa. Ela abriu a boca para falar, mas as palavras morreram em seus lábios quando seus olhos se moveram para baixo e espiaram sua ereção perceptível. Sua boca se torceu em um sorriso travesso, e seus olhos brilharam quando ela disse:

— Tudo bem. Entendo. É isso que tá rolando.

Exibindo sua graça felina sem esforço novamente, ela deslizou para a beira do sofá na frente de onde ele estava, posicionando cuidadosamente os joelhos em ambos os lados das pernas dele, o rosto precisamente ao nível dos olhos com o volume de suas calças.

Ele ficou congelado no lugar quando ela sensualmente moveu as mãos sobre as coxas dele, seus músculos das pernas tensos sob o toque dela, um lento e sexy sorriso se formando em seu rosto.

As mãos dela continuaram seu movimento constante pelo corpo dele, viajando dos dois lados da ereção e finalmente chegando ao topo da calça jeans. Ela deixou os dedos deslizarem inexoravelmente para cima até que se encontraram no botão superior da calça.

Então ela metodicamente libertou cada botão em sua braguilha até que estivesse completamente desfeito e sua grande masculinidade saltou da calça, bem na frente do rosto dela. Ryan estava dizendo a si mesmo para parar tudo. Para se afastar. Mas ele não conseguiu. Parecia que seus hormônios estavam no comando. Um desejo feroz se espalhou por ele como fogo.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele.

— Sem cueca — ela sussurrou, um pequeno sorriso brincando nos lábios. — Eu gosto disso.

Olhando de volta para o membro ingurgitado, ela lambeu os lábios. Isso deu a ele um choque tão grande que sua ereção tremeu visivelmente, e Karina riu alegremente.

— Hum... alguém está feliz em me ver — ela ronronou.

— Karina — Ryan disse em um tom de aviso estrangulado enquanto um sorriso puxava seus lábios —, o que eu vou fazer com você?

— Eu tenho algumas ideias sobre o que *eu* vou fazer com você — Karina respondeu enquanto envolvia as mãos delicadas em torno de seu grosso eixo de aço e apertava levemente. Então ela puxou as duas mãos em sua direção, desde a base até a ponta de sua masculinidade latejante.

Ryan jogou a cabeça para trás quando um gemido alto escapou involuntariamente de sua garganta.

Inclinando-se para a frente, Karina abriu a boca e gentilmente, mas com

força, o levou para dentro dela, girando a língua em torno dele enquanto aumentava a sucção.

Justo quando ele estava à beira de não ser capaz de lidar com o intenso prazer por mais um instante, ele a observou eroticamente afastar a boca, nunca interrompendo a sucção com os lábios. Então ela brincou com a cabeça do pênis dele com a língua, sacudindo-o e acariciando-o antes de finalmente deslizar a boca para a base novamente.

Ela começou um ritmo constante de bombear a boca para cima e para baixo no eixo dele, da base à ponta, repetidas vezes, repetidamente, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora... até Ryan ter certeza de que perderia o controle com o puro êxtase que aquilo trazia.

Karina deslizou as mãos sob o jeans dele, agarrando suas costas e controlando o ritmo dos golpes, prolongando o prazer de Ryan, mas também sua agonia. Quanto mais a boca sedosa e insistente de Karina se movia constantemente para cima e para baixo, mais desesperado ele se sentia para explodir.

Ele não sabia quanto tempo mais poderia aguentar. Suas mãos passavam pelos cabelos dela e os dedos se apertaram ao redor do rabo de cavalo que ela usava. Movendo o braço para cima, ele guiou a cabeça dela para cima e para baixo em um ritmo que o fez ver estrelas.

Finalmente, ele percebeu que estava à beira de não ter controle nenhum e avisou:

— Eu vou gozar... Karina, eu vou gozar... — Ele puxou firmemente o cabelo dela para não gozar em sua boca, mas tudo o que fez foi intensificar seus movimentos enquanto ela agarrava sua bunda com mais força.

Ryan jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e se rendeu à agradável liberação do orgasmo. Seus músculos estouraram, ele se ouviu gemendo, e as mãos enganosamente fortes de Karina o seguraram no lugar, de modo que ele permaneceu firme em sua boca enquanto chegava ao clímax.

Ele olhou para ela depois que terminou e acariciou seus cabelos com ternura enquanto ela o lambia de qualquer vestígio.

Quando ela terminou, com ternura, colocou sua masculinidade de volta nas calças e abotoou-o, seus movimentos gentis e amorosos. Ela então deu um tapinha em seu zíper recém-fechado e olhou para ele.

— Isso não foi tão ruim, foi? — ela disse com um sorriso perverso.

Ele exalou e limpou o suor da testa, sorrindo de volta para ela.

— Longe disso.

Ainda sorrindo, ela começou a balançar uma perna ao redor dele, obviamente com o objetivo de se levantar, mas ele a pegou no ar.

Karina riu enquanto ele segurava a perna no alto.

— Ryan, o que você está fazendo?

Ele sorriu e colocou a perna dela de volta onde estava.

— O que você está fazendo? — ele devolveu, caindo de joelhos.

Os olhos dela se arregalaram quando gentilmente colocou a mão embaixo da parte inferior das costas, levantando-a levemente do sofá, e depois puxou a cueca dela para baixo, revelando uma minúscula tanga de oncinha.

— Miau — ele riu.

Karina, parecendo um pouco preocupada, disse:

— Rá-rá, engraçado. Mas sério. O que você está fazendo?

Ele olhou para ela e sorriu.

— Devolvendo o favor.

Ela sorriu apreciativamente, mas com pesar, e começou a empurrá-lo pelos ombros.

— Oh, que fofo. Honestamente, eu agradeço. Mas eu realmente não me importo muito com isso.

As sobrancelhas dele se ergueram, mas ele não se mexeu sob a pressão das mãos dela.

— Sério? — ele perguntou.

Ela parecia desconfortável.

— Sim, quer dizer... eu gosto. Não me interprete mal... Mas no contexto do sexo, sabe? Quando estamos todos excitados e envolvidos. Mas apenas sentar aqui e ter você... você sabe... parece meio estranho.



Ryan ficou pensativo e começou a mover a mão lentamente sobre as coxas e a parte inferior da barriga dela.

— Por quê? Porque você não gosta do desequilíbrio de poder?

Os arrepios começaram a aparecer em sua pele, e sua respiração ficou

mais curta. Mas ela tentou esconder isso em sua voz enquanto dizia:

— Acho que você poderia dizer isso. Eu simplesmente não gosto da ideia de estar totalmente fora de controle enquanto você tem todos os seus sentidos, sabe?

Ele assentiu, passando os dedos pelas bordas da calcinha dela. Ele observou os mamilos dela se enrijecerem sob a blusa fina.

— Como o que aconteceu há alguns minutos — ele observou enquanto seus dedos aumentavam o trabalho e Karina começou a se contorcer sob suas mãos —, só que, nesse caso, *você* era quem estava no controle.

Ela assentiu, incapaz de responder.

— E você parecia estar gostando muito.

Ela assentiu novamente, sem fôlego, o discurso ainda a iludindo.

Ele abriu mais as pernas dela e passou o polegar para cima e para baixo, repetida e insistentemente, sobre o monte úmido, em cima do tecido de leopardo. A pressão dos dedos dele era tão boa que a cabeça dela caiu para trás enquanto as mãos se agitavam para agarrar as almofadas do sofá.

— Sim, tudo bem! — ela gritou, incapaz de controlar as convulsões de seus quadris e tronco. — Eu gosto de estar no controle. Eu admito. Então me processe.

Houve uma pequena risada dele quando puxou a cueca dela para baixo em um movimento rápido.

— Oh, querida. Você vai precisar superar isso.

Com isso, ele abaixou a cabeça e a envolveu inteiramente com a boca, sua língua entrando e saindo dela, seus lábios provocando o pequeno botão que era seu centro de prazer, enviando ondas de choque de excitação pulsando através dela.

— Ooohhhh... — ela gemeu, enterrando os dedos nos cabelos dele enquanto a boca dele trabalhava. — Ryan, sim... sim...

Ela cravou os calcanhares no chão e levantou os quadris para encontrar a língua dele, pressionando-se contra ele ainda mais intensamente.

Ele afastou a cabeça de leve e sorriu maliciosamente.

— Não. Eu estou no controle do ritmo desta vez.

Então ele abaixou a cabeça e levantou as coxas dela, puxando os quadris para a frente no sofá e colocando as pernas sobre os ombros. Sua língua começou a trabalhar nela novamente, e ele ergueu o olhar para o dela, de modo que eles estavam olhando diretamente nos olhos um do outro, enquanto a língua e os dedos a deixavam cada vez mais perto do precipício.

Ele deslizou as mãos para cima, empurrando a blusa dela até a metade do tronco. Entendendo rapidamente, ela se abaixou e a arrancou, expondo sua barriga, seios e parte superior do tórax — todos cheios de excitação. Isso pareceu ter o efeito desejado. Ele lambeu e chupou-a ainda mais furiosamente, fazendo com que seus olhos revirassem enquanto sua cabeça batia na almofada do sofá.

— Não — ele disse, retirando a boca de sua carne macia apenas o tempo suficiente para lhe dar uma breve diretriz naquele tom de comando, aquele que ela descobriu em seu escritório que tinha um efeito erótico intenso nela. — Abra seus olhos e olhe para mim. Eu quero ver seus olhos quando você gozar.

Com grande dificuldade, ela abriu os olhos e os fixou nos dele, observando sua boca se mover entre as pernas dela, vendo a própria barriga se agitar e convulsionar enquanto a língua dele enviava ondas e mais ondas de êxtase irradiando para cima de seu núcleo, observando enquanto os dedos dele massageavam seus mamilos expostos.

De repente, uma onda de prazer intensa rasgou através dela, fazendo-a arquear as costas e gritar, um som intenso, agudo, digno de mocinha de filme de terror. Ela não ficaria surpresa se os vizinhos ligassem para a emergência, em pânico.

Era uma ocorrência tão incomum para Karina, que geralmente podia sentir-se acumulando um orgasmo à medida que se aproximava e, na verdade, ela geralmente precisava ajudar a empurrá-lo para além do limite, fosse com suas próprias fantasias ou com seus próprios dedos.

Esse orgasmo foi uma experiência totalmente nova. Isso era muito mais do que apenas o clímax físico da excitação que ela estava acostumada a experimentar. Era uma sensação eletrizante, de alma rasgando, de ossos se partindo, de corpo ficando mole.

Pela segunda vez em sua vida — a primeira vez no escritório com Ryan, apenas dois dias antes — Karina perdeu completamente a noção do ambiente e das circunstâncias, totalmente inconsciente por alguns segundos felizes de onde estava, com quem estava — inferno, de seu próprio nome. Ela não tinha consciência de nada além da pura felicidade física e metafísica à qual estava sendo levada.

Enquanto ela lentamente voltava à terra, se viu envolvida nos braços de Ryan e aproveitou o momento para apreciar a deliciosa sensação dele acariciando seus cabelos e murmurando doces palavras em seu ouvido.

Suas pálpebras ficaram mais pesadas, junto com seus membros, e ela começou a se afastar em um sono tranquilo, um pequeno sorriso nos lábios, segura no abraço de Ryan.

Até que seus olhos se abriram e o pânico frio inundou seus músculos. Não. O que havia de errado com ela? Ela chegou perigosamente perto de quebrar sua própria regra de “sem passar a noite.”

Respirando fundo e tentando parecer casual, ela se levantou e se espreguiçou, puxando a calcinha e a cueca em um único movimento. Ela bocejou teatralmente.

— Não leve para o lado pessoal — ela sorriu. — Isso estava longe de ser chato. É só que eu não dormi. Então, se estivermos bem aqui, acho que vou voltar para a cama. Você pode sair. A porta trava automaticamente depois de fechada.

Ela caminhou a passos largos em direção às escadas, claramente não convidando-o a ir junto.



Ryan sentiu-se mais do que um pouco atordoado.

— Ok. Hum... bem, tudo bem. Eu te ligo mais tarde.

Então ele foi em direção à porta da frente.

Quando ele estava no meio do caminho para a porta da frente e ela estava no meio da escada, ocorreu-lhe que ele não chegara a abordar o que havia feito com que fosse até ela, em primeiro lugar.

— Oh, espere, Karina — ele chamou em direção às escadas.

Ela se virou e olhou para ele com expectativa.

Ele tirou o telefone do bolso de trás da calça jeans, puxou a página marcada e pressionou play no vídeo.

— Você viu isso? — ele perguntou, ainda espantado com o número de visualizações, curtidas e comentários.

Karina olhou para o telefone dele.

— Sim, eu já vi — ela disse em um tom *blasé*. — Podemos falar sobre isso amanhã, quando eu conseguir juntar dois pensamentos coesos



consecutivos? Boa noite, Ryan.

Com isso, ela continuou subindo as escadas, e Ryan ouviu seus passos enquanto ela caminhava pelo corredor. O próximo barulho a preencher o espaço vazio que ela deixou foi a porta do quarto se fechando, encerrando definitivamente qualquer discussão sobre o assunto.

— Tudo bem, então — Ryan murmurou para si mesmo, intrigado.

Sem saber o que mais fazer, ele saiu, verificando se a porta tinha, de fato, sido trancada atrás dele. Ele voltou para a caminhonete e entrou antes de dar partida no motor e se afastar.

Ele desceu a montanha quando um brilhante nascer do sol laranja começou a espiar as *Sierra Nevadas*, e Ryan tentou descobrir como, em nome de Deus e tudo o que era mais sagrado, ele conseguiria levar as coisas devagar com a sensualidade extremamente sensual e sedutora da senhorita Karina Blackstone.





Ryan ouviu a agitação do Sue Ann's Café desaparecer após o movimento do jantar. Ele se sentia um pouco covarde por se esconder no escritório, mas não conseguiu evitar. Parecia que todas as pessoas em Hope Falls tinham algum tipo de opinião sobre sua nova fama no YouTube. Não apenas isso, mas parecia que todas as pessoas em Hope Falls sentiam a necessidade de ir ao café e compartilhar essa opinião com ele.

Ele aguentou o máximo que pôde, sendo educado, sorrindo, tratando cada pessoa como se verdadeiramente se importasse com o que pensavam sobre seu relacionamento com Karina, sua musicalidade, sua voz, suas letras, sua presença de palco... suas roupas.

Ele colocara seu sorriso falso durante o movimento do café da manhã. E novamente para o movimento do almoço. Mas ele não podia enfrentar a multidão do jantar, já tinha aguentado o suficiente. Ele disse à avó — que, aliás, não poderia estar gostando mais disso — que precisava atualizar o estoque e a folha de pagamento.

Desde sua chegada a Hope Falls, ele assumiu as funções de escrituração contábil no Sue Ann's Café. Era um projeto bastante monumental. Ele percebeu imediatamente que, embora sua avó tivesse mantido todas as informações pertinentes, ela havia abandonado qualquer tipo de sistema de arquivamento. Não apenas isso, mas, sem surpresa alguma, ela havia deixado

de levar seus negócios para o século XXI, até mesmo para o século XX, ao colocar seus registros financeiros no computador. Os recibos estavam guardados em caixas de sapatos e registros manuscritos estavam em livros de contabilidade grossos e empoeirados.

Ryan organizou todos eles cronologicamente, e agora ele estava começando o enorme empreendimento de inserir todos os registros anteriores do café no QuickBooks.

Normalmente, ele adorava tarefas quantificáveis como essa. Gostava que as coisas fossem organizadas e ficava satisfeito ao aceitar o caos e ajustá-lo em entradas simples e compreensíveis em um banco de dados.

Mas hoje? Ele estava sofrendo de dois problemas e ambos envolviam Karina. O primeiro era simples — ele mal conseguia manter os olhos abertos. Depois de sua insônia na noite anterior, ele estava tendo dificuldade para não cochilar. Ele fez inúmeras viagens de ida e volta à cozinha para tomar café fresco, mas a bebida forte não parecia estar fazendo muito para manter as pálpebras mais abertas.

O segundo era mais complicado. Por mais que tentasse, ele não podia deixar de receber flashes de seu ardente encontro toda vez que ele olhava para... bem, praticamente para qualquer lugar. Toda vez que ele olhava para a porta, ele a via de sutiã e calcinha, bloqueando sua saída. Sempre que ele olhava para a mesa, ele se via colocando-a perfeitamente deitada, de costas nuas antes de mergulhar nela.

Sim, se um dos objetivos de ficar sozinho — além de se libertar da maré da opinião pública — fosse desviar a cabeça de Karina para o trabalho, talvez ele não devesse ter se retirado para a mesma pequena sala onde eles haviam feito amor pela primeira vez. *Sim*, ele disse sarcasticamente a si mesmo, *isso pode ter sido um erro*.

Ele deixou a cabeça cair, a testa batendo na borda da mesa com um som agudo. *Eu mereço*, ele pensou miseravelmente.

— Ai — disse uma voz da porta. — Eu sei que o estrelato do YouTube pode vir com pressão, mas não se preocupe com isso.

Ele olhou para cima e viu Justin parado na porta com um sorriso torto no rosto. Ele estava vestido com roupas esportivas, segurando uma bola de basquete.

— Ei, cara — disse Ryan, se animando. — Como tá?

— Bem — Justin assegurou. — Vou encontrar Eric e Jake no centro de recreação para um jogo de basquete. Tá a fim?

— Claro que sim! — Ryan respondeu, levantando-se da cadeira antes que Justin terminasse de falar. — Deixe-me apenas vestir um short e eu te encontro na frente em dois minutos.

Era exatamente disso que Ryan precisava para limpar a cabeça. Um pouco de esforço físico. Desde que ele estava fazendo tudo ao seu alcance para evitar contato físico com Karina — sem sucesso, diga-se de passagem —, se concentrar em um jogo de basquete era exatamente o que o médico receitaria.

Ryan vestiu um short e uma camiseta antes de amarrar o tênis. Quando ele desceu as escadas e chegou à calçada, viu Justin parado lá esperando com ninguém menos que Kyle Austen Reed.

*Ótimo — esse cara.* Toda a emoção foi drenada dele. *Exatamente o que eu preciso.*

— Ryan Jackson Perkins! — disse Kyle, seu rosto se iluminando quando o viu.

— Kyle Austen Reed — Ryan devolveu cordialmente.

Ele não estava exatamente emocionado ao ver Kyle, com certeza, mas isso não significava que seria rude. Não era como se Kyle fosse um cara mau. Ele não tinha noção ao lidar com Karina, mas não era um cara mau. Ele balançou a cabeça levemente, sorrindo para si mesmo. Uma coisa era certa: ele definitivamente podia dizer que nunca havia conhecido alguém que fosse como Kyle Austen Reed, e provavelmente nunca mais o faria.

— Então, sim! — Justin disse, talvez um pouco exagerando ao tentar convencer. — Encontrei Kyle aqui. Ele saiu para correr. Então ele vai se juntar a nós!

Kyle sorriu brilhantemente.

— Eu sou um grande fã do jogo de basquete. Fiz um armador em *All Net* e, desde então, tenho um verdadeiro amor e respeito pelo jogo.

Justin recuou para ficar fora do campo de visão de Kyle, murmurando para Ryan:

— Desculpe.

— Ótimo. Vamos lá — disse Ryan, fazendo o possível para não deixar transparecer sua irritação com a situação. Afinal, não era culpa de Justin. Nem sequer era de Kyle Austen Reed. Era apenas uma daquelas merdas que acontecem.

Quando eles entraram na quadra de basquete no centro de recreação, Ryan viu Jake e Eric sentados na fileira inferior da arquibancada. Jake estava

colocando algo de volta em sua bolsa, e Eric estava amarrando o tênis. Havia também alguns outros caras que Ryan ainda não havia conhecido, e ele acenou para eles quando Justin os apresentou como Eli e Chris.

Eles rapidamente se dividiram em equipes, e Ryan ficou um pouco decepcionado por ter acabado no mesmo time que *Kyle Austen Reed*. Ele estava realmente disposto a provocar alguma agressão ao sujeito — de maneiras socialmente aceitáveis, é claro — e seria muito gratificante subir e descer a quadra com os sons de tênis batendo, a bola de basquete batendo na madeira, e espectadores aplaudindo tudo ecoando em seus ouvidos enquanto ele empurrava Kyle Austen Reed para o chão. Metaforicamente falando.

No entanto, quando começaram a jogar, ficou claro para Ryan rapidamente que esse cenário nunca ocorreria, e ele ficou muito feliz por ele e Kyle Austen Reed estarem no mesmo time.

Kyle dançou ao redor deles como se não estivessem lá, fingindo uma direção e depois outra, arrancando a bola sem esforço, passando rapidamente por eles, ultrapassando-os e sempre fazendo movimentos extravagantes como quicar a bola alternando a mão enquanto girava trezentos e sessenta graus e terminava com um arremesso imediato.

Ele enterrou, fez três cestas de três pontos — algumas delas quase do outro lado da quadra — e ainda conseguiu acenar e se exhibir para a multidão cada vez maior de espectadores que pararam para se maravilhar com suas proezas.

Logo, todo pretexto de um jogo real, um com um elemento competitivo e mantendo a pontuação, foi descartado. Os outros caras estavam basicamente fornecendo o palco onde Kyle Austen Reed poderia se apresentar.

O mais estranho, porém, era que nenhum deles parecia se importar. Era uma experiência tão bizarra fazer parte daquilo que parecia surreal, e era realmente muito estranho e incrível demais para ficar chateado com isso.

Finalmente, depois que a exibição durou tanto tempo que a equipe de atletismo juvenil precisou assumir a quadra para o treino marcado, os caras pararam.

A multidão explodiu em aplausos e Kyle Austen Reed sustentou a bola vitoriosamente. Ele puxou uma caneta *Sharpie* da cintura e assinou a bola antes de jogá-la para a multidão encantada. Então ele correu triunfante para eles, dando autógrafos e posando para fotos.

O resto dos caras migrou para as arquibancadas, rindo para si mesmos e

dando tapinhas nas costas um do outro.

Eric, que estava no time oposto, disse:

— Acho que devo sentir que acabei de perder... Mas eu meio que sinto que todos vencemos, de certa forma.

Justin balançou a cabeça.

— Diabos, ele acabou de dar minha bola de basquete e eu ainda sinto que me dei bem. O que há com esse cara?

Ryan se sentou na arquibancada, sem saber o que sentia sobre a tarde inteira. Ter o ex de Karina lá certamente não ajudou a tirar sua mente dela. Inferno, talvez isso fosse um caso perdido o tempo todo. Deus sabe que nada do que ele tentou até agora chegou nem perto de funcionar.

Os caras estavam arrumando as bolsas e se envolvendo em suas próprias conversas quando Justin se sentou ao lado de Ryan.

— Amanda está tentando reunir todos para uma partida de minigolfe. Tá dentro?

Ryan assentiu.

— Parece uma boa ideia. Estou dentro.

Naquele momento, Kyle correu, brilhando de felicidade por sua vitória e a chance de alegrar-se com os fãs.

— Eu ouvi minigolfe? — ele se entusiasmou, jogando um braço em volta do ombro de Justin e o outro sobre o de Ryan. — Eu adoraria! Fiz um jogador profissional em *Two Under Par* e sou um verdadeiro entusiasta do golfe, desde então. É claro que esse golfe não era da variedade em miniatura, mas acho que um ou dois moinhos de vento agradáveis só deveriam adicionar à experiência, vocês não concordam?

— Uh... claro... — Justin disse, inclinando a cabeça para trás novamente para fazer mímica: “Desculpe” para Ryan.

Ryan deu de ombros. Pelo menos ele sabia que seria divertido.





Karina acordou de um sono profundo com o toque da campainha da frente. Olhando para o relógio, viu que eram oito da noite. Ela esperou para ver se isso iria se repetir antes de agir. Na noite passada, após a visita de Ryan no meio da noite, ela não foi capaz de ir para a cama, então, em vez disso, levantou-se e tocou. Por volta das quatro da manhã, ela foi para a cama e planejava ficar lá por pelo menos doze horas.

Mas quando a campainha tocou novamente, ela se resignou com o fato de que isso não iria acontecer. Droga. Alguém estava na sua porta da frente e ela estava disposta a apostar que essa pessoa tinha um metro e oitenta, cabelos ruivos e usava tênis.

Karina desceu as escadas e abriu a porta, murmurando:

— Bem, eu estava um terço correta — quando Sam, Amanda e Lauren apareceram na entrada.

— O quê? — Lauren perguntou.

— Nada — Karina suspirou. — O que vocês estão fazendo aqui?

Sam olhou Karina de cima a baixo, olhando sua boxer, sua blusa e seu cabelo desganhado.

— Você não está usando isso, certo?

Karina olhou para baixo.

— Bem, parece que eu realmente *estou* usando.

Sam atirou de volta.

— Quero dizer, não vai usar isso para jogar minigolfe, espertinha.

Karina balançou a cabeça para limpá-la.

— Tudo bem, eu ainda estou sonhando? Do que você está falando?

Lauren interrompeu:

— Nós estamos indo para o *Putt N Stuff*. Sam não mandou uma mensagem para você?

Sam disse:

— Pensei que Amanda tivesse mandando uma mensagem para ela.

— Não sei por que você pensou isso. Eu nunca disse que ia mandar uma mensagem para ela — Amanda respondeu.

Lauren disse:

— Bem, estamos dizendo a ela agora. Karina, entre no chuveiro. Nós estamos indo para o *Putt N Stuff*.

Karina voltou a subir as escadas, indo para o banheiro principal e resmungando:

— Bem, tudo bem, então. Já que você pediu com tanto jeitinho...

— Ei, lave sua atitude rabugenta enquanto estiver lá! — Sam gritou alegremente.

A única resposta de Karina foi manter a mão erguida, o dedo médio estendido, enquanto continuava subindo as escadas, sem perder o passo.



Quando saíram do carro no estacionamento do *Putt N Stuff* meia hora depois, Karina finalmente começou a acordar.

— Então, senhoras, o que há com essa súbita necessidade nostálgica de uma noite de garotas no *Putt N Stuff*, afinal?

As outras três se entreolharam, desconfortáveis, o que fez os cabelos da nuca de Karina se arrepiarem.

— Gente, o que vocês não estão me dizendo? — ela perguntou, parando no meio do estacionamento. — Nós não vamos mais longe até me explicarem.



Amanda, puxando-a pelo braço, disse:

— Não, não é nada. Nada que faça valer a pena ser atropelada por um carro, com certeza. Só que não é uma noite de garotas. Justin vai nos encontrar aqui com os rapazes.

Karina estreitou os olhos.

— Os rapazes?

Amanda assentiu.

— Sim.

— O que você quer dizer com “os rapazes”, exatamente? — Karina pressionou.

— Pessoas com pênis — Sam retrucou com desdém.

Karina ignorou Sam e manteve o olhar focado em Amanda.

— Precisamente quais pessoas com pênis?

— Ah, você sabe... — Amanda disse vagamente. — Apenas os caras que estavam por perto e jogando basquete. Exceto Jake, ele está de serviço. Mas Justin e Eric. E você sabe... Ryan.

Karina suspirou.

— Aí está.

Amanda murmurou:

— E talvez KyleAustenReed...

Karina parou de novo e a encarou.

— Amanda Jacobs, você vai dizer isso de novo agora, e desta vez com uma voz normal — ela exigiu.

— E talvez Kyle Austen Reed — ela admitiu timidamente.

Karina balançou a cabeça para frente e para trás em câmera lenta.

— Você quer me dizer que estou prestes a acertar pequenas bolas em estruturas de madeira caprichosas pelas próximas duas horas com Kyle Austen Reed?

— E você pensou que Kafka havia explorado todos os cenários bizarros que podiam existir — Lauren brincou.

— Franz Kafka nunca conheceu Kyle Austen Reed — Karina gemeu.

— Vamos lá, pessoal — disse Amanda. — Eu vejo Justin pela janela. Não há mais discussão. É hora de entrar.

Karina fechou os olhos, cerrou os dentes e forçou os pés a pisar um na frente do outro por pura força de vontade. Também por pura força de vontade, ela estampou seu rosto brilhante e feliz quando entrou no saguão e viu Kyle e Ryan se virarem para ela e sorrirem simultaneamente.

Karina, que se orgulhava de ser considerada auto-confiante pela imprensa, fãs, colaboradores e executivos em todos os tipos de situações e sob tremenda quantidade de pressão, estava completamente perdida quanto ao que dizer ou fazer a seguir.

Felizmente, Amanda pulou e salvou Karina de uma situação realmente embaraçosa.

— Então, como temos um número par, vamos emparelhar, sim? — ela perguntou. Então, avançando antes que alguém pudesse responder, ela continuou: — Acho que devemos emparelhar profissional com profissional aqui. Desde que Kyle Austen Reed interpretou um profissional de golfe em *Two Under Par* e Sam tem a pontuação incontestável de *Putt N Stuff*, que nunca foi vencida, vocês dois devem ficar juntos. Eric e Lauren, Ryan e Karina, e Justin e eu. Alguma pergunta? Não? Ótimo.

— Uau, Amanda. Acho que foi num fôlego só — disse Sam, impressionada.

— Lá vamos nós! — foi a única resposta de Amanda.

O grupo se aproximou do balcão, comprou seus ingressos, selecionou seus tacos e entrou na fila para começar o percurso. Kyle e Sam foram a primeira das quatro duplas a começar de comum acordo.

— Ninguém quer atrapalhar Sam quando se trata de algo competitivo — observou Karina, e todos concordaram.

Amanda piscou para Karina.

— Então Lauren e Eric podem ir, depois Justin e eu, e por último, mas não menos importante, Karina e Ryan.

Quando finalmente chegou a vez de Karina e Ryan jogarem, Ryan gesticulou muito à frente dele.

— Damas primeiro.

Ela sorriu e deu um passo à frente, curvando-se para posicionar a bola de golfe vermelha brilhante que ela escolheu antes de fazer o movimento. Ela bateu na bola, que voou em direção ao *green*, batendo nos diversos obstáculos de madeira várias vezes antes de descansar a centímetros do buraco redondo no centro.

Ryan jogou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Bem, sua abordagem está longe de ser tradicional, mas é altamente entusiasta e, finalmente, bem-sucedida.

Karina riu.

— Meu lema é: tudo ou nada!

Enquanto Karina e Ryan brincavam pelos vários buracos, passando por castelos de madeira e moinhos de vento, por túneis e pontes, eles conversavam e riam. De vez em quando, eles olhavam para cima e acenavam para Amanda e Justin através das árvores ou ocasionalmente para Lauren e Eric. Karina agradeceu suas estrelas da sorte que Kyle e Sam pareciam estar suficientemente à frente para nunca ter um vislumbre deles, ou vice-versa. Ela se sentiu confortável em esquecer o fato de que Kyle estava ali e apenas relaxar com Ryan.

Enquanto conversavam e riam, Karina brilhava com a normalidade de tudo. Parecia um encontro real. Apenas seu segundo encontro real, e seu primeiro encontro em grupo. Não era algo que ela pensou que algum dia experimentaria; ela imaginou que não era para ela. Mas olhe. Estava acontecendo.

Ela olhou para Ryan, e um sentimento que não conseguia identificar começou a brotar dentro dela. Ryan estava fazendo isso acontecer. Ele também estava fazendo as paredes que ela construiu em tenra idade começarem a quebrar e cair.

Como ela nunca obteve uma resposta direta da avó sobre a mãe, era difícil para Karina confiar nela completamente. Claro, ela confiava em seus amigos, mas isso era diferente de um relacionamento ou confiança de família.

Karina começou a imaginar, embora tenha tentado evitar, um futuro com Ryan, que era tão perfeitamente normal quanto esse encontro para jogar minigolfe.

Seria possível? Ela sabia que outras pessoas eram capazes de tê-lo, mas ela poderia realmente ser tão sortuda? Havia um possível cenário futuro em que ela moraria ali em Hope Falls com Ryan como um casal normal? Ela sabia que havia uma razão pela qual normalmente não se permitia entrar em tais fantasias, mas agora estava tendo dificuldade em se conter.

Quando Ryan pegava a mão dela na dele, ou colocava a mão na parte inferior das suas costas e a levava para cima ou para baixo por um degrau ou por uma pequena ponte, parecia certo. Quando Ryan sorria para ela e a chamava de querida, com um brilho afetuoso nos olhos, parecia certo.

Ela suspirou alegremente para si mesma. Tudo nela e Ryan parecia certo.

Mas a melhor parte da noite? Ela estava realmente relaxada perto dele pela primeira vez. Ah, claro, a centelha estava lá, a tensão sexual. Mas ela não se sentia como essa outra versão supersensível e nervosa de si mesma,

como se sentira perto dele no passado.

Ela estava sendo completamente ela mesma. Estava brincando, fazendo observações irônicas, e ele estava rindo delas. O melhor de tudo, ele estava retornando suas observações sarcásticas em um ritmo igualmente rápido e inteligente.

Quando eles saíram no final do curso, depois que Ryan devolveu os tacos, ele puxou Karina nos braços e a girou. Quando ele a colocou no chão de novo, plantou um beijo apaixonado em seus lábios, afastando o rosto para trás quando terminou e gentilmente afastando os cabelos do rosto dela.

— Uau — ela comentou sem fôlego. — Isso foi muito inspirador. O que aconteceu com você?

Ele sorriu.

— Eu não sei. Estou apenas me divertindo muito com você. Sinto que finalmente estou conhecendo você. Quer dizer, eu já sabia que poderia passar o resto da minha vida olhando para você e nunca me cansar da vista. Agora, estou percebendo que poderia passar o resto da minha vida conversando com você e nunca me cansar da conversa. É uma sensação boa. É como...

— Relações intelectuais — ela entrou. — Preliminares cerebrais.

— Exatamente — ele riu, beijando-a brevemente antes de abrir a porta de vidro que levava à praça de alimentação. Com isso, eles atravessaram as portas duplas de vidro de mãos dadas, felizes e confiantes.

Enquanto ela e Ryan se sentavam à mesa, ela perguntou:

— Então, onde os campeões do minigolfe estão se escondendo?

Lauren balançou a cabeça ironicamente e soltou uma risada curta.

— Oh, sim. Você entendeu direito. Eles terminaram o curso em tempo recorde e com uma quantidade recorde de tacadas. Eles estiveram desafiando um ao outro nos jogos de arcade pela última hora.

— Hora!? — Karina exclamou. — Como eles poderiam ter terminado tão rápido?

Amanda riu e brincou:

— Bem, para ser justa, o percurso segue em um ritmo um pouco mais rápido quando você não está parando entre todos os buracos para se beijar.

Lauren sorriu.

— Amanda, se você tentar queimar alguém, deve usar um *shade* que não possa ser aplicado igualmente a você e ao Sr. Noivo aqui.

Justin sorriu

— Sim, e orgulhoso disso — ele disse quando terminou, balançando as

sobrancelhas comicamente.

Karina sentiu Ryan apertar a mão no joelho dela por baixo da mesa, e foi bom. Muito bom.

Quando a pizza chegou, Eric perguntou:

— Devo procurar Sam e Kyle? Eles perderão a pizza.

Karina balançou a cabeça.

— Não, não se preocupe. Tenho certeza de que eles estão se divertindo, e nenhum deles comerá pizza, de qualquer maneira.

Lauren cortou cuidadosamente sua fatia de pizza em pedacinhos do tamanho de uma moeda, furou um dos pequenos pedaços com o garfo e delicadamente colocou-o na boca.

Ela estremeceu.

— Não consigo imaginar não conseguir comer como uma pessoa normal!

As outras cinco pessoas à mesa a encararam por um instante e depois começaram a rir.

Ela parecia confusa e um pouco ofendida.

— O quê? Porque isso é engraçado?

— Não sei, senhorita boas maneiras. Pessoas normais comem pizza de garfo e faca? — Karina perguntou.

Lauren deu de ombros.

— Tanto faz. Eu como.

Enquanto eles estavam terminando as fatias, Sam finalmente apareceu rapidamente à mesa, pegando alguns tomates cereja do topo da grande tigela de salada comum e mastigando-os.

— Esse cara é irreal! — ela disse com a voz ao mesmo tempo entusiasmada e espantada.

— Você está ganhando, Sam? — Karina perguntou.

— De jeito nenhum. Ele está me humilhando! — Sam respondeu alegremente.

— E... você está bem com isso? — Karina perguntou com cuidado.

Normalmente, Sam, uma atleta cujo talento e espírito competitivo a catapultara para as Olimpíadas, não ficava feliz se não estivesse ganhando. Mas ela parecia de bom humor.

— Oh, sim. É a coisa mais estranha — confirmou Sam. — É como se ele fosse... mágico ou algo assim. Ele pulverizou minha pontuação no *Putt N Stuff*. Tipo... abriu muita vantagem! E eu sou a melhor em Hope Falls, de

longe! E ele nunca jogou minigolfe antes. E ele é fenomenal em todos os jogos de *arcade*! Como isso é possível? Eu nem sinto que estou competindo com o cara — concluiu ela. — Como você pode competir com Kyle Austen Reed? Eu realmente estou meio que assistindo espantada neste momento. Enfim, tenho que voltar. É hora do SkeeBall!

Lauren disse:

— Vamos sair em alguns minutos, Sam.

Sam deu de ombros.

— Sim, vão em frente. Nós vamos ficar e jogar. Nós pegamos uma carona depois. — E com isso ela partiu, correndo de volta para fora da praça de alimentação para a sala cheia de todos os jogos de *arcade* imagináveis.

Enquanto o resto do grupo entrava no estacionamento, Ryan puxou Karina para o lado alguns centímetros.

— Ei, você precisa de uma carona para casa?

Antes que Karina pudesse responder “Sim, por favor!” ela ouviu o toque de uma mensagem de texto recebida.

— Espere um minuto — ela disse com um sorriso de lado. Olhando para a tela do telefone, ela franziu a testa.

— O que foi? — Ryan perguntou preocupado.

— Oh, provavelmente nada — disse Karina, aborrecida e preocupada, sombreando sua voz em medidas iguais. — Minha avó me mandou uma mensagem dizendo que quer me ver imediatamente.

— Eu te levo — Ryan se ofereceu.

— Ah, não — Karina disse rapidamente. Então, depois de ver o olhar dele, ela correu para explicar: — É só que... é difícil para ela se acostumar com novas pessoas. Amanda e Lauren vão me levar na van.

Ryan assentiu.

— Você quer patinar no gelo amanhã?

Ela sorriu, um pouco surpresa pela súbita mudança de assunto.

— Patinação no gelo, hein? Você gosta de marcar encontros em locais que se associam com “gelo”, não é?

Ele olhou para ela quando uma expressão divertida apareceu lentamente em seu rosto.

Seu coração se encheu quando ela olhou para ele.

— Eu adoraria.

Ryan sorriu, mostrando a covinha que era tão proeminente e tão cativante toda vez que sorria.

— Te encontro às onze — disse ele, inclinando-se e escovando rapidamente os lábios dela com os dele.

— Tudo bem — ela disse, virando-se para dizer a Amanda que precisava de uma carona.

Ela estava eletrificada. Adorava o fato de Ryan, com apenas a menor palavra, o menor olhar, ou a menor expressão, ser capaz de incendiar seu corpo e sua alma.





Apenas vinte minutos depois, Karina, com Amanda e Lauren atrás dela, entrou na casa da avó e encontrou Renata sentada rigidamente no sofá.

— Vó. O que há de errado? Por que você me mandou uma mensagem?

Renata mal inclinou a cabeça para reconhecer a entrada de Karina ou sua pergunta.

— Vó? — Karina repetiu, sem ter ideia do que se tratava.

Renata respondeu de modo austero:

— Suas amigas podem esperar lá fora.

Intrigada, Karina olhou de volta para Amanda e Lauren para dizer-lhes para não se preocuparem com isso, mas tudo o que viu foi as costas em retirada enquanto se dirigiam para a porta da frente. Embora soubesse que todas as suas amigas amavam a avó, não havia dúvida de que ela também as assustava.

Karina revirou os olhos e murmurou:

— Arregonas.

Então ela voltou para a avó.

— Isso foi meio rude, vó. Elas provavelmente se sentem mal agora — disse ela em um tom respeitoso, mas que mostrou o menor indício de reprovação.

Renata não mencionou isso. Ela apenas disse:



— Suponho que você tenha visto o vídeo.

*Sério?* O vídeo?

— Eu já vi — respondeu Karina, neutra.

— Quando ele será removido?

Karina não entendeu por que a avó perguntaria isso. Normalmente, ela adorava quando Karina recebia esse tipo de atenção.

— O que você quer dizer? Não vai ser removido.

— Você precisa entrar em contato com seu advogado e retirá-lo imediatamente.

Karina sentiu-se irritada.

— Não, eu não farei isso. Por que você se importa?

— Estão roubando de você. As pessoas estão assistindo, mas você não está ganhando dinheiro com isso.

Karina balançou a cabeça.

— Eu não ligo.

— É ruim para a sua carreira — disse Renata bruscamente.

— Mesmo se isso fosse verdade, eu realmente não gosto muito da minha carreira, então estaria tudo bem por mim. Mas isso nem importa, porque... o vídeo está sendo ruim para a minha carreira? Quanto? Em que universo? É exposição. É deixar as pessoas verem um lado diferente da minha arte. É uma ótima exposição para Ryan...

— Aí está! — Renata interrompeu, apontando o dedo para Karina em uma acusação. — É sobre aquele garoto!

Ela se levantou e começou a andar.

Karina estava tão confusa.

— É isso que realmente está te incomodando? Você não gosta de Ryan por algum motivo?

— Você *não* deve ver aquele garoto! — Renata revidou explosivamente.

Isso surpreendeu Karina de uma maneira muito literal. Ela tropeçou para trás, sentindo as palavras atingi-la como um golpe físico.

Seu primeiro instinto foi pular e defender Ryan e seu direito de ter um relacionamento com ele. Afinal, ela era adulta, capaz de tomar suas próprias decisões. Mesmo deixando isso de lado, Ryan era maravilhoso, e Karina não gostava de ouvir falarem mal dele, mesmo que fosse sua avó bem-amada e muito respeitada.

Mas a cabeça mais fria de Karina prevaleceu e ela percebeu que uma estratégia muito mais inteligente seria adiar esse conflito com Renata até que

ele absolutamente não pudesse mais ser adiado. Afinal, agora, ela não tinha nem cem por cento de certeza de onde seu relacionamento com Ryan terminaria. Por que escolher uma briga gigante com Renata, se ela e Ryan não fossem continuar juntos?

Karina respirou fundo e disse:

— Olha, vó. Não sei o que você acha que está acontecendo. Foi uma performance. Isso é tudo.

Renata bufou.

— Oh, por favor. Dê-me uma algum crédito. Eu sei sobre o seu pequeno “encontro para tomar sorvete”. Não minta na minha cara.

— Sim, tomamos sorvete, mas não é como se estivéssemos firmes ou algo assim. Não é como se ele fosse meu namorado. Estou me concentrando agora na minha música, na minha vida, no meu futuro. É nisso que estou me concentrando.

— Eu não sou cega nem burra, Karina. Vejo o que está acontecendo e proíbo.

A voz de Renata era tão firme quanto o aço, e não deixava espaço para interpretação ou argumento.

Karina suspirou.

— Era sobre isso que você queria falar, vó? Porque Amanda tem que acordar de manhã cedo, então temos que ir.

Renata olhou diretamente nos olhos de Karina e disse em termos inequívocos:

— Eu a proíbo, Karina Blackstone.

Karina balançou a cabeça, exasperada, e beijou a avó na bochecha antes de sair. Ela suspirou para si mesma ao deixar a casa em que crescera mais confusa do que nunca.

*Que diabos foi isso?*



Ryan tropeçou cegamente em seu quarto e caiu de bruços em sua cama. Entre sua noite sem dormir, trabalhar o dia inteiro no café, depois o basquete

seguido de minigolfe, ele realmente entendeu, pela primeira vez em sua vida, por que pessoas completamente exaustas se descreviam como se sentindo como mortos-vivos. Ele honestamente sentia que era capaz apenas de embaralhar blocos como um zumbi, e seu cérebro parecia tão útil quanto o de um zumbi irracional também.

A última coisa que ele lembrou foi deitar-se onde estava agora, completamente vestido em cima do edredom, os pés ainda de tênis pendurados na borda da cama, antes de ser acordado pelo zumbido insistente do celular. Ele se virou e sentou-se em um movimento suave, plantando os pés no chão e tentando se orientar.

O telefone tocou novamente e o trouxe de volta à terra. Ele o tirou do bolso e olhou para a tela. Embora não reconhecesse o número, viu que era o mesmo código de área do celular de Karina. Pensando que a ligação devia ser dela ou ter algo a ver com ela, ele apertou o botão e respondeu imediatamente.

— Alô?

— Ryan Perkins? — perguntou uma voz masculina desconhecida do outro lado da linha.

— Sim — ele respondeu, intrigado.

— Davis Johansson aqui — ele disse jovialmente, mas com um ar definido de alguém que esperava que esse nome significasse algo para as pessoas.

Ele não significava nada para Ryan.

— Olá — Ryan o cumprimentou de maneira neutra.

Houve uma pausa na linha, e então Davis falou:

— Da *Spintown Records*...?

Ryan reconheceu a gravadora como aquela em que Karina estava, mas ele não tinha ideia do que eles poderiam querer dele.

— Olá, senhor Johansson — disse Ryan educadamente.

Davis riu com entusiasmo, mas não parecia haver uma verdadeira alegria por trás disso.

— Ah, o famoso charme do meio-oeste! Eu adoro!

Ryan tentou interferir.

— Eu não sou tecnicamente de...

Mas Davis estava avançando como se não estivesse ciente de Ryan.

— Ouça, garoto. Vimos seu vídeo com Karina e gostaríamos de ter uma reunião cara a cara. Poder ser amanhã às quatro? Você consegue vir a LA de

manhã?

— Eu tenho planos amanhã — Ryan respondeu sem nem pensar. Então, quando seu cérebro processou a conversa, ele perguntou incrédulo: — Espere, você disse LA?

— Depois de amanhã, então? — Davis perguntou em tons cortados e apressados. Tudo em sua voz telegrafou que ele era um homem ocupado com coisas importantes a fazer.

Ryan estava tentando acompanhar, mas estava confuso.

— Eu não entendo do que se trata... Isso tem algo a ver com Karina?

Davis riu logo novamente.

— Isso é sobre você, garoto. Gostamos do que vimos no vídeo.

Ryan balançou a cabeça para afastar as teias de aranha do sono que ainda estavam agarradas aos limites de sua consciência.

— Olha, acho que você tem a ideia errada. Eu não sou um músico profissional. Eu acabei de tocar pela primeira vez no festival.

Davis rejeitou esta objeção.

— Você é definitivamente um músico. Deixe a parte “profissional” para a *Spintown*. Isso é o que fazemos. Então, depois de amanhã?

Ryan percebeu que deveria estar em êxtase com essa oportunidade caindo do céu no seu colo. Ele deveria estar fazendo piruetas. Mas ele simplesmente não conseguia entender o assunto e não gostava da sensação de ser pressionado ou apressado.

— Olha, Sr. Johansson, eu realmente aprecio o que está dizendo, mas vou precisar olhar minha agenda e te ligar de volta — respondeu Ryan, embora o que ele estivesse realmente pensando era que ele precisaria conversar com Karina e depois ligar de volta para ele. Ela teria uma ideia melhor sobre essas pessoas e o que realmente queriam.

— Bem, não demore — disse Davis rapidamente. — Este é um negócio de ritmo acelerado, e você está em alta agora. Queremos capitalizar isso.

— Ligo para você até o fim da semana — Ryan prometeu.

— Falo com você depois — Davis respondeu e desligou.

Ryan podia vê-lo em sua imaginação, pressionando o botão para desconectar a linha

e gritando para um assistente fazer sua próxima ligação e lhe trazer o maldito café expresso que ele pediu dez minutos atrás.

Ele deixou cair a cabeça nas mãos. Não pretendia parecer rude ou ingrato, mas tudo isso estava acontecendo muito rapidamente e ele se sentia

um pouco fora de controle, um pouco confuso e oprimido. Ryan não estava acostumado a essas emoções. Ele estava sempre no controle. Sempre decisivo. Sempre relaxado, calmo e controlado.

Por necessidade, se nada mais, Ryan sempre tinha um plano. Claro, Karina o fez se sentir fora de controle, mas ele definitivamente tinha um plano. Era preciso levar as coisas devagar e mostrar a ela como elas poderiam ser boas. Assim, mesmo lá, na faceta mais imprevisível de sua vida, ele tinha alguma medida de planejamento e controle.

*Além disso, ele pensou com um pequeno sorriso, com ela, me sinto fora de controle de um jeito bom.*

Depois de tirar a roupa, ele se arrastou para debaixo das cobertas, recostou-se nos travesseiros e adormeceu, pensando em nada além das onze da manhã do dia seguinte.





Ryan levantou-se de sua mesa no escritório dos fundos do Sue Ann's Café às dez e meia, igualmente dividido entre expectativa e satisfação. Expectativa porque ele estava indo ver Karina. Fazia apenas doze horas desde que a vira no campo de golfe em miniatura, mas ele já sentia falta dela.

Satisfação por poder sair sabendo que tudo no café estava bem controlado. Ele passou a manhã lutando com os livros e finalmente viu uma luz no fim do túnel. Ele ligou para Kelly e pediu que fosse mais cedo para ajudar a cobrir o movimento do almoço, para não ter que se sentir culpado por deixar sua avó em apuros.

Na verdade, ele passou a manhã tão completamente envolvido nos negócios do café que quase esqueceu completamente os vídeos do YouTube e os acordos de gravação.

Quase.

Ele trancou a porta do escritório atrás dele e virou-se para atravessar o corredor e sair pela porta. Quando deu o primeiro passo, esbarrou diretamente em Kelly, que percebeu que devia ter subido silenciosamente pelo corredor e se postado cerca de um centímetro atrás dele assim que o ouviu começar a trancar a porta do escritório.

— Uau! — ele exclamou, tentando dar um passo para trás, mas se viu bloqueado pela porta do escritório.

— Ei, Ryan — disse Kelly, flertando, inclinando a cabeça para o lado e batendo um pouco os cílios. — Fiquei tão animada quando você me ligou hoje de manhã.

Ryan lutou para manter a voz neutra.

— Estou feliz que você tenha ficado feliz com o turno extra.

Kelly riu como se essa fosse a piada mais engraçada que já ouvira há muito tempo. Então ela bateu de brincadeira no braço dele.

— Ryan, pare!

Ryan balançou a cabeça e tentou contorná-la enquanto dizia:

— Tudo bem.

Kelly também deu um passo para o lado para bloquear seu caminho novamente.

— Então, para onde você está indo com tanta pressa?

— Eu vou patinar no gelo.

— Ooooooh! — Kelly gritou quando Ryan tentou novamente passar por ela, mas ela tinha os reflexos de um armador da NBA. — Deveríamos ir patinar no gelo algum dia! Eu tenho o vestido de patinação no gelo mais lindo de quando eu costumava competir.

Ryan terminou de tentar os dois passos com Kelly, então gentilmente passou os dedos em torno de seus braços e a colocou de lado, dizendo, quando passou por ela:

— Olha, Kelly, eu realmente preciso ir agora.

Kelly o esfregou e conseguiu ficar à frente dele novamente em apenas alguns passos.

— Não precisamos patinar no gelo. Nós poderíamos ficar, manter as coisas casuais. Eu sei cozinhar.

Relutantemente, Ryan percebeu que precisaria ficar firme. Ele odiava isso. Não queria magoar os sentimentos dela e não queria tornar a relação de trabalho estranha. Mas ela realmente não parecia estar respondendo a algo mais sutil.

Enquanto ele tentava escrever as palavras certas para decepcioná-la com suavidade, mas de maneira conclusiva, Sue Ann entrou na boca do pequeno corredor e gritou alegremente:

— Kelly! Você tem mesas aqui querendo sua atenção, querida!

Kelly, decepcionada, correu para a sala de jantar e Ryan foi até Sue Ann.

— Obrigado pela ajuda, vovó — ele sussurrou conspiratoriamente enquanto se inclinava para dar um beijo em sua bochecha.

— Sem problemas, querido — disse Sue Ann, parecendo preocupada.

Ryan fez uma pausa.

— O que há de errado?

Sue Ann balançou a cabeça com relutância, mas depois disse:

— Tenha cuidado com Karina agora, ouviu?

Ryan começou a rir.

— Vovó, se a conversa vai ser sobre a cegonha...

Sue Ann bateu no ombro dele.

— Pare!

— Mas falando sério. Eu pensei que você gostasse de Karina.

Sue Ann assentiu.

— Eu gosto. Ela é uma menina maravilhosa, e acho que vocês dois são uma ótima combinação. Só estou um pouco preocupada porque, bem... só não esperava que você caísse tão rápido, sabe?

— Do que você está falando? — Ryan perguntou.

— Filho, qualquer pessoa com ouvidos, olhos e conexão à internet sabe do que estou falando. Está escrito em você toda vez que olha para a garota! Minha única preocupação é que ela esteja sempre um pouco fechada, sabe? Sobre tudo, menos a música dela.

— Ela mantém a guarda alta.

— E você? Você está realmente de coração aberto. Então eu não quero que você pule com os dois pés e depois olhe para trás para ver que ela está apenas testando as águas. Você entende o que eu quero dizer?

Ryan sorriu e abraçou a avó com gratidão.

— Vovó. Você é a melhor por se preocupar comigo, honestamente. Mas eu sou crescidinho, posso cuidar de mim mesmo. Eu juro. Mas amo você por se importar.

— Tá bom! — Sue Ann disse, afastando-o. — Tudo bem, vá logo para o seu encontro antes que eu largue esta cafeteira. Está ficando pesada!

Ryan caminhou até sua caminhonete, puxando as chaves do bolso. Ele refletiu sobre o que sua avó havia dito. O que faria uma garotinha em uma comunidade de pessoas que a amavam e a protegiam manter a guarda alta? Ela parecia próxima de Renata, então ele tinha quase certeza de que a infância dela com a avó fora feliz. Então, por que a necessidade de proteger seu coração com tanto cuidado?

Ryan continuou pensando sobre isso no caminho para Karina. Ele ainda não tinha uma resposta quando caminhou até a porta dela e levantou o punho



para bater, mas então notou uma van de entrega entrando na garagem dela. Interessado, ele observou quando um adolescente, provavelmente por volta dos dezesseis ou dezessete anos, saiu do caminhão. Suas pernas longas e desgrenhadas e sua marcha desajeitada fizeram Ryan distintamente pouco nostálgico para os chamados anos dourados do ensino médio. Ele estremeceu por dentro. Odiava se sentir como um homem adulto, mas não tinha nenhum controle real de sua vida.

Ele esperou enquanto o garoto contornava a traseira da van e depois reaparecia um momento depois com um buquê impressionante de flores silvestres. Quando o garoto subiu a passarela e Ryan deu uma olhada mais de perto, ele acrescentou chiclete maníaco e uma pele cheia de acne aos atributos infelizes do garoto. Ryan sentiu-se mal por ele e foi tomado pelo repentino desejo de lhe dizer que isso também passaria, mas ele percebeu que isso o faria parecer assustador, na melhor das hipóteses.

O garoto passou por Ryan com apenas um olhar e tocou a campainha. Ryan sorriu um pouco, pensando: *Esse garoto tem coragem.*

Karina abriu a porta e suspirou quando viu as flores.

— Ei, Pete. Como vai?

— Ei, Karina — respondeu o garoto, cujo nome era, aparentemente, Pete. — Você quer que eu as traga para dentro como as outras?

— Sim, na mesa de centro da sala está bom.

— O que você quer que eu faça com esse cara que está na sua varanda? Quer que eu me livre dele por você? — Pete continuou com bravata quando entrou no hall.

Assustada, Karina olhou de volta para a varanda, onde Ryan estava agora de pé completamente em seu campo de visão desde que as flores haviam sido movidas. Ele deu um pequeno aceno e ela começou a rir.

— Não, obrigada, Pete. Estou esperando por ele — ela disse com naturalidade. Então ela brincou baixinho quando Ryan passou por ela na porta: — É melhor você se cuidar, senhor, ou eu pedirei ao meu guarda-costas, Pete, aqui, que cuide de você.

Ryan ficou parado na entrada quando Karina deu uma gorjeta a Pete e se despediu.

Pete se arrastou em direção à sua van com um amigável:

— Até amanhã, Karina!

Ryan olhou para ela, confuso.

— Até amanhã?

Karina gesticulou em frustração para a sala de estar, e Ryan deu alguns passos à frente, expandindo sua visão da sala o suficiente para incluir vários arranjos de flores grandes que estavam nas várias superfícies planas, todas tão lindas quanto a que Pete acabara de carregar para dentro.

— Uau. Vejo que você tem muitos admiradores — disse ele, surpreso.

— Não, apenas um.

— Eu deveria estar preocupado? — ele perguntou levemente.

Ela revirou os olhos exasperada.

— Oh, é apenas o Kyle.

— Austen Reed — Ryan disse com uma piscadela.

— Precisamente — Karina terminou com uma risada. — Ele está enviando um fluxo contínuo de flores. Eu as armazenei no meu escritório, mas vou doá-las ao hospital. Todos os dias, recebo um arranjo de flores com um cartão que diz aproximadamente a mesma coisa. Vamos verificar o de hoje?

Vasculharam o arranjo de flores e Ryan pegou o cartão.

— “Karina, *cara mia*” — ele leu com algo parecido com o talento de Kyle Austen Reed para o drama. — “Peço desculpas, mas me pediram para ir à biblioteca ler um livro para as crianças para o programa de alfabetização lá, e participarei de um jantar realizado em minha homenagem no Salão dos Veteranos. Vejo você amanhã, meu anjo. Tudo de bom, Kyle Austen Reed.”

— Sim — Karina riu. — E ontem, estava servindo o jantar no abrigo. Vamos ver... O que mais? Ah, ele fez uma leitura devocional na igreja comunitária Hope Falls, ele falou na escola sobre dizer não às drogas ou apoiando a permanência na escola, não me lembro qual delas, e filmou um anúncio de serviço público para o abrigo de animais local. Acho que ele decidiu abandonar a carreira como ator e assumir o papel de santo padroeiro de Hope Falls.

Ryan riu e depois adotou um ar mais sério. Ele se aproximou de Karina, olhando diretamente nos olhos dela.

— Você estava errada, sabe?

Ela congelou e seus olhos se arregalaram.

— Sobre o quê? — Ela respirou.

Ele estendeu a mão e escovou os cabelos atrás da orelha.

— Sobre ter apenas um admirador.

Karina riu.

— Quem são meus outros? — ela disse timidamente.

Em vez de responder, ele simplesmente se inclinou e a beijou.

Quando eles se separaram, ele sorriu.

— Ok, vá buscar sua jaqueta. Nós vamos nos atrasar.

Enquanto ela corria pelo corredor, ele trabalhou para conter sua irritação pelas flores. Incomodava-o demais que outro homem enviasse flores a Karina diariamente? Sim. Sim, incomodava.

Mas ele realmente achava que Kyle Austen Reed representava algum tipo de ameaça real para ele?

Não. Não, ele não representava.

— Então, para onde vamos para patinar no gelo? — Karina perguntou enquanto seus passos anunciavam seu retorno do corredor.

Ela apareceu na porta parecendo recém-saída do banho e de bochecha rosada, vestindo uma jaqueta de inverno, um boné combinando e luvas. Ela sorriu e, assim como toda vez que ele a via, tirava o fôlego.

— Bem, King's Pond deve ser o melhor da região — ele respondeu.

Karina pareceu desapontada.

— Oh, eu odeio te contar isso, mas tenho certeza de que King's Pond é a única pista ao ar livre ainda não aberta. À medida que o tempo passa, o Sr. King deixa a temporada cada vez mais curta. Acho que ele não vai abrir até depois do Dia de Ação de Graças, este ano.

Ryan sorriu.

— Ainda não está aberta ao público, mas quando a vovó descobriu que eu a convidei, ela ligou para o Sr. King e ele concordou em abrir apenas para nós.

Karina bateu palmas na frente do peito, encantada.

— Oh, que divertido!

Ryan assentiu.

— Sim, e é melhor seguirmos em frente também. Eu acho que ele está esperando por nós.

Enquanto corriam para a caminhonete de Ryan, Karina sorriu maliciosamente.

— Então, o Sr. King concordou em abrir para nós só porque Sue Ann pediu a ele, hein? Acho que não sou a única com “admiradores”.

Ryan divertidamente deu um tapa em suas costas e ela riu, correndo à frente dele. Ele a perseguiu, e ela gritou quando ele a alcançou e a abraçou, levantando-a por trás e girando-a.

— Você tem sorte de ficar de pé durante esse movimento. Teria sido

muito menos suave se você tivesse caído — ela brincou.

— Oh, eu tinha toda essa estratégia traçada — ele assegurou. — Então nós teríamos rolado juntos, rindo, no estilo das comédias românticas, e tudo teria terminado em um beijo.

Ela sorriu para ele.

— Não há razão para não usar esse final de qualquer maneira.





Enquanto Karina e Ryan dirigiam-se para King's Pond, sua mente parecia um cubo mágico que ela estava tentando resolver enquanto lutava para processar os sentimentos que Ryan provocava nela.

Por um lado, estar com Ryan a fazia sentir como se pudesse... ser. Ela amava esse sentimento. Com sua carreira sendo o que era, não era com quem ela estava acostumada. Ela geralmente estava acostumada a saber como agir e o que retratar. A sensação de poder relaxar e dizer o que estava em sua mente a qualquer momento, sem se preocupar com a aparência ou com as repercussões... Era tudo.

Não apenas isso, mas Ryan realmente entendia seu senso de humor. Karina passou os últimos oito anos brincando com as pessoas de quem ela foi forçada a se cercar para que elas dissessem a ela, em vozes preocupadas, que ela devia entender que não deveria falar dessa maneira em público.

Por todos esses anos, sua auto-estima foi lentamente gravada, um soco de cada vez, por pessoas que lhe contaram várias vezes, com a melhor das intenções, que sua personalidade não era adequada para o público. É claro que eles entendiam como ela era, mas ela nunca devia mostrar seu verdadeiro eu a ninguém, porque eles simplesmente não entenderiam.

E ela aguentava. Por quê?

Certamente não por dinheiro. Por uma boa parte desse tempo, ela teve

dinheiro suficiente para se sustentar pelo resto de sua vida, se vivesse modestamente. E Karina realmente não se importava com todas as armadilhas do excesso — os jatos particulares, as joias, o champanhe e o caviar ridiculamente caros, os quartos de hotel que custavam mais por uma noite do que a maioria das pessoas ganhava em um ano. Não. Sua única extravagância foi a brilhante casa que ela acabara de comprar, da qual podia olhar as luzes de sua cidade natal e se sentir confortada, e estava perfeitamente feliz com isso.

Então era a música? Claro que ela vivia para a sua música. Mas a verdade é que, desde o advento da era da internet, ela poderia produzir por si mesma a música que queria fazer. Ela poderia ter feito isso por um longo tempo. Com o reconhecimento de seu nome, ela poderia até ter uma vida muito agradável nisso. Mesmo se o nome dela não significasse nada, porque os fãs de sua música pop não se traduziram no novo material, ela poderia ter sido feliz como um molusco vivendo de suas economias e fazendo música por paixão. Então, dizer que ela suportava a fama o tempo todo porque era a única maneira de fazer sua música também era falso.

Então por quê? Ela não tinha muita certeza. Mas a resposta mais próxima que ela conseguiu, embora não a lançasse sob uma luz muito lisonjeira, pelo menos parecia honesta.

Ela pensou que a razão pela qual ela nunca tinha dado uma boa olhada em sua vida e decidiu pular do trem da fama e dizer a todas aquelas almas para encontrar uma nova vítima era que... isso nunca lhe ocorreu.

Sim. Simples assim. Ela se encolheu por dentro. Ela nunca parou e pensou nisso o tempo suficiente para considerar que a vida que ela estava vivendo talvez não fosse boa para ela. Ela nunca pensou em si mesma como uma pessoa — não como uma mercadoria, mas como um ser humano — para considerar que seus sentimentos poderiam ser tão importantes quanto seu talento.

O que havia mudado isso para ela agora? Se ela fosse honesta consigo mesma, o que ela estava tentando ser agora, ela teria que admitir que era Ryan. Sim, sua decisão de voltar para Hope Falls e voltar às suas raízes havia sido solidificada antes de conhecê-lo, mas, naquele momento, ela ainda pensava nisso como uma boa jogada para si mesma artisticamente. Uma maneira de mudar a direção de sua carreira.

Olhando ao seu lado, ela viu uma de suas vistas favoritas, o perfil de Ryan. Na verdade, qualquer visão de Ryan era sua favorita, mas ele estava

sempre tão atento a ela que ela apreciou a possibilidade de poder admirá-lo sem a intensidade adicional de seu olhar cravado nela.

Ele certamente lançava uma luz diferente sobre a situação dela. Ele segurava um espelho para ela e, quando ela olhava para ele, via Karina Blackstone a encarando de volta, e isso a chocava. Depois de ter se acostumado a olhar no espelho do camarim por mais de uma década e não ver nada além de Karina Black lá, ver o seu verdadeiro eu refletido nos olhos de Ryan era uma revelação.

Então, é claro, havia a enorme quantidade de química que ela e Ryan compartilhavam. Na metade do tempo em que ela estava perto dele, seus hormônios estavam tão intensos que ela ficou surpresa que seu cabelo não saísse chamuscado. Queimava a uma temperatura tão perigosa que ela estava com medo de entrar em combustão espontânea! Quando ele olhava para ela, parecia que o resto do mundo simplesmente desaparecia.

Ela nunca conheceu alguém como Ryan. Ele era confiante e engraçado. Não fazia jogos. Agora que examinara bem a vida que havia feito para si mesma nos últimos dez anos e as pessoas de quem se cercara, parecia um pequeno vislumbre do céu passar um tempo com alguém que era direto, que não estava constantemente procurando por uma abertura, que nem sempre procurava interpretar as coisas por seu ângulo.

Depois, havia o jeito que ele amava sua família. Ele estava lá, ajudando sua avó a administrar os negócios. Isso era um grande sacrifício. Ficava claro quando alguém via os dois juntos que ele real e profundamente se importava com ela. Como Sue Ann também era uma das pessoas favoritas de Karina no mundo, isso lhe valeu pontos importantes com ela.

Ela também adorava a maneira como ele se dava bem com todo mundo que conhecia sem esforço. Ele tinha uma maneira tão descontraída e envolvente que as pessoas eram atraídas por ele naturalmente e, por sua vez, ele parecia ver o melhor naqueles que conhecia.

Inferno, até Kyle Austen Reed, um homem que a maioria dos caras na posição de Ryan veria como um rival, Ryan via com olhos claros como alguém que não era uma ameaça para ele. Após o show de talentos, ele perguntou qual era o lance entre ela e Kyle. Karina tinha sido honesta, e ele não voltou a trazer o assunto à tona. Ele nunca fez aquela coisa de ciumento. Ele apenas aceitou as boas e más qualidades de Kyle pelo que elas realmente eram.

Se ela tivesse que resumir a qualidade em sua essência, imaginou que

teria que chamá-la de confiança, embora a confiança que Ryan demonstrava não tivesse nenhuma semelhança com a arrogante auto-confiança que sempre considerara como a personificação dessa qualidade.

Não. Com Ryan era algo mais silencioso, muito mais sutil. Ele estava simplesmente confortável com quem era. Qualquer um poderia dizer, poucos minutos depois de conhecê-lo, que sabia exatamente quem ele era e estava satisfeito com isso. Ele não sentia a necessidade de inflar esse sentimento de si próprio com engrandecimento ou degradá-lo com falsa modéstia. Era apenas o que era.

Ela suspirou para si mesma. Sim, todas as qualidades de Ryan eram ótimas. Espetaculares. Surpreendentes. Talvez até uma vez na vida. Mas nada disso importava, porque Karina sabia o suficiente sobre como o mundo funcionava para saber que, em última análise, isso nunca daria certo. Não importava quão fortes fossem seus sentimentos ou os sentimentos de Ryan, ou quão fervorosamente ela desejasse que fosse o contrário.

Enquanto ela estudava o perfil de Ryan dirigindo, realmente olhou para ele, para o tipo de homem que ele era. Ela não precisava de uma bola de cristal para ver com que tipo de mulher ele terminaria. O tipo de mulher que ele merecia. Uma mulher de família sólida, com raízes tão profundas e difundidas quanto as dele.

Seria alguém que estava em turnê três quartos do ano? Não. Seria alguém que nem conhecia seus pais, que tinha uma avó que não estava falando com ela atualmente? Não.

Ela fortaleceu sua determinação quando entraram no King's Pond. Mais uma vez, lembrou a si mesma, era por isso que era muito importante se concentrar em aproveitar o tempo que tinha com Ryan, e não arruiná-lo por se preocupar constantemente com o futuro.

*Apenas aprecie o aqui e agora*, ela ordenou a si mesma, *e deixe o futuro cuidar de si mesmo*.

Enquanto Ryan a ajudava a descer do banco do passageiro de sua caminhonete, o Velho King saiu do escritório para cumprimentá-los.

— Olá, pessoal! — ele os chamou com um sorriso largo no rosto. — Vocês têm o lugar todo para si!

Karina cumprimentou-o com um abraço amigável e disse:

— Sr. King, muito obrigada por abrir para nós hoje. Você não precisava fazer isso!

O senhor retribuiu o abraço, dizendo:



— É bom ver você, Karina. E quanto à abertura especial para vocês, bem, agora, vocês sabem que eu faria qualquer coisa por Sue Ann. Ela é uma senhora poderosa.

— Ela é — concordou Ryan, parecendo um pouco desconfortável. — Vou dizer a ela que você disse olá.

— Sim, vocês podem ir lá, está bem? Vou deixar vocês à vontade. Estarei no escritório, se precisarem de algo. Divirtam-se. Quando terminarem, podem sair e tranquem o portão ao sair.

— Obrigado, Sr. King! — eles disseram enquanto se dirigiam para o gelo.

O som da voz do Sr. King os seguiu enquanto eles se afastavam pelo caminho para o lago.

— Agora, não se esqueça de dizer olá para sua avó!

Karina riu e Ryan apenas balançou a cabeça.

— Oh, la la, ela é uma “senhora poderosa!” — ela brincou quando eles se sentaram em um banco e amarraram seus patins. — Sabe, há um verso dos *Barenaked Ladies* que vem à mente. A frase é “idosos apaixonados”. Apropriado, você não acha?



Ryan gemeu.

— Eu não quero pensar em alguém que tenha tesão pela minha avó. Especialmente enquanto estou em um encontro!

Karina riu enquanto amarrava o último nó nos cadarços e se levantava, graciosamente se lançando no gelo. Ryan assistiu, espantado, enquanto ela deslizava, girava e pulava. Finalmente, ela parou na frente dele, as bochechas rosadas pelo prazer e pelo esforço.

— Vamos devagar. Eu pensei que íamos patinar! — Ela balançou as sobrancelhas para cima e para baixo.

Ryan, que ainda nem havia terminado de amarrar os cadarços dos patins, disse apenas em brincadeira:

— Se esse lance de música não der certo para você, pelo menos você

tem um plano B. Você poderia estar nos *Ice Capades*.

Karina girou alegremente, fazendo mais alguns círculos.

— Adoro patinar no gelo! Desde que eu era pequena. É a coisa mais próxima que eu já senti de voar!

— Você sempre soube que queria ser música? E não quero ouvir a resposta enlatada que você deu nas entrevistas. Eu quero saber a resposta real.

Karina continuou a deslizar lentamente, riscando o número oito no chão, e Ryan estava apenas abrindo a boca para pedir desculpas se ele tivesse ultrapassado a linha quando ela respondeu.

— Não profissionalmente, não. A música sempre foi minha fuga, o lugar ao qual eu pertencia. A música nunca me julgou. E era a única coisa em que eu podia confiar que estaria lá, não importando o que acontecesse. A música nunca me decepcionou. Agora que é uma carreira, tornou-se mais dinheiro do que música. Não me interprete mal. Sou muito grata por ter a oportunidade de fazer música para viver. — Ela olhou para baixo e parou. Quando levantou a cabeça novamente, a expressão triste em seu rosto desmentia suas palavras. — Eu tenho muita sorte, sério.

Sua abertura não apenas pegou Ryan de surpresa, mas também o confundiu um pouco. Ele imaginou que, já que ela estava de bom humor, agora seria o melhor momento para perguntar sobre seus pais.

*Tudo ou nada, certo?*

Ele tentou seguir o mais perfeitamente possível, para que a conversa não parecesse um interrogatório.

— Bem, você é naturalmente talentosa — disse ele sinceramente. — Seus pais eram musicais?

Karina deu de ombros em uma tentativa estudada de indiferença.

— Eu não faço ideia. Renata nunca falou sobre como era minha mãe, mesmo quando criança. Eu tentei de todas as maneiras que sabia fazer minha avó me contar sobre minha mãe. Eu implorei, chorei, exigi. Eu até fiz uma greve de fome por três dias uma vez. Não importava a tática que eu usasse. Toda vez que eu perguntava a ela sobre minha mãe ou meu pai, ela mudava de assunto.

E se eu a pressionasse demais, ela diria que não era hora de falar sobre isso.

— Eles são seus pais. Você tem o direito de saber sobre eles — Ryan disse suavemente, esperando que isso validasse seus sentimentos.

Sentimentos que ela não estava expressando, mas que estavam escritos tão claramente em seu rosto adorável.

Karina cuspiu uma risada amarga.

— Você tenta explicar isso para minha avó da próxima vez que a vir. Veja como funciona. — Karina continuou a patinar em silêncio por um momento antes de dizer preocupada: — Eu estava brincando, você sabe. Não toque nesse assunto com ela.

Ryan sorriu enquanto balançava a cabeça.

— Não se preocupe. Eu nunca diria isso para ela. Na verdade, me sinto tão intimidado por ela que não imagino que conseguiria dizer mais do que: “Sim, senhora.”

— Provavelmente é melhor assim — disse Karina com um olhar divertido.

— Você já pensou em procurar seu pai? Talvez ele possa lhe dar algumas respostas.

Karina assentiu.

— Sim, claro. Eu pensei um pouco. Eu costumava pensar que, assim que completasse dezoito anos, iria procurá-lo. Mas, aos dezoito anos, eu já estava na montanha-russa que é a minha carreira. Eu nunca cheguei a fazê-lo.

Ryan tentou processar o que ela havia dito. Uma escuridão pairava entre eles no silêncio. Ele percebeu que definitivamente havia mais na história, mas isso poderia ficar para outro dia. Por enquanto, ele estava meramente agradecido por ela se sentir segura o suficiente com ele para compartilhar tanto quanto havia feito.

Quando o peso do ar começou a se dissipar, Ryan se levantou e começou a arrastar-se rigidamente sobre ela no gelo, quase perdendo o equilíbrio com cada pequeno movimento que ele fazia e agitando os braços descontroladamente, na tentativa de permanecer em pé.

Karina observou por um momento e depois se dobrou de tanto rir.

— Ei! — ele gritou em fingida indignação. — Eu sou tão bom quanto você! Eu só tenho um estilo diferente.

Ela se levantou de novo, ainda rindo e enxugando lágrimas dos olhos.

— Desculpe — ela ofegou entre explosões de hilaridade. — É só que... Ah, cara... Pensei que você tivesse dito que já tinha patinado antes.

— Andei de patins — defendeu Ryan. — Eu só imaginei... que diferença poderia fazer?

— Bem, você está descobrindo exatamente quão diferente pode ser!

Ryan sorriu carinhosamente enquanto se aproximava dela.

— Ei, veja, senhora. Eu acho que você está tendo muito prazer com a minha humilhação. Como você sabe que eu não vou chegar e te levar comigo?

Ele deu um golpe sem entusiasmo nela, e ela gritou e girou habilmente para longe dele. Então ela começou a fazer um grande show de patinação ao redor dele em alta velocidade, aproximando-se mais e depois se afastando quando ele tentava agarrá-la.

Finalmente, ela parou bem ao lado dele, sua pele macia corada e brilhando pelo esforço.

— Já teve o suficiente? — ela disse brincando.

— Mais do que suficiente — ele admitiu com um sorriso. — Eu tenho que me curvar às suas proezas. Você é, de fato, melhor do que eu.

Karina sorriu brilhantemente quando se virou e ficou em pé na frente dele. Diante de Ryan, ela pegou as mãos dele quando começou a patinar para trás, puxando-o junto com ela.

— O truque é empurrar e deslizar. Suave e firme. Essa é a chave.

Ryan seguiu as instruções dela e, depois de um tempo, embora não fosse nem de longe tão gracioso quanto Karina, ele estava andando pela pista sem ajuda, ficando mais firme e confiante a cada volta.

No entanto, ele pode ter superestimado sua capacidade de deslizar quando decidiu acelerar o ritmo para alcançar Karina, que estava poucos metros à sua frente. De repente, suas pernas não estavam embaixo dele, e a próxima coisa que soube foi que estava deitado de costas, de frente para o céu.

Karina girou rapidamente depois que Ryan bateu no gelo com um baque alto, parecendo que ela estava tentando o seu melhor para reprimir o riso que estava borbulhando dentro dela ao ver Ryan comicamente esparramado no gelo. Ela correu para o lado dele.

— Você está bem?

Um enorme sorriso se espalhou pelo rosto de Ryan quando ele olhou para Karina, partes iguais de diversão e preocupação escritas em todo o seu lindo rosto.

— Sim, mas acho que os *Ice Capades* não vão me ligar em breve.

Ela sorriu de volta tão amplamente.

— Bem, se você já teve tortura gelada suficiente... e com isso quero dizer humilhação... você quer ir à minha casa tomar um chocolate quente?

Eu faço o melhor.

— Hmm... — ele disse, fingindo considerar a oferta. — Eu tenho que dizer, assistir à sua bundinha fofa enquanto você gira em torno do gelo não é tão torturante quanto você pensa que é. Mas sim, eu definitivamente poderia tomar um chocolate quente.



Karina não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão leve. Tão feliz. Tão livre.

Eles voltaram para o banco e começaram a desatar os patins. Enquanto seus dedos enluvados trabalhavam nos cadarços, Ryan disse casualmente:

— Recebi uma ligação de Davis, da Spintown.

Karina se levantou e olhou para ele, chocada. E assim, sua bolha de bom humor foi acionada.

— Eles querem se encontrar comigo.

Karina disse lentamente:

— Você vai?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sei.

— O que você disse para ele?

— Eu disse que ligaria de volta até o fim da semana. Eu queria falar com você primeiro.

Ela não sabia o que dizer.

— Sério? Por quê?

Ele olhou para ela como se fosse a pergunta mais ridícula que já ouvira.

— Bem, há muitas razões. Primeiro de tudo, é simplesmente por cortesia. *Spintown* é a sua gravadora. Eu preciso saber como você se sente sobre eu entrar nessa parte do seu mundo. Em segundo lugar, não conheço essas pessoas. Você conhece. Se eu acabar me encontrando com eles, obviamente quero sua perspectiva sobre eles antes que isso aconteça.

Karina estava legitimamente sem palavras, tão surpresa com essa virada de eventos. Nenhum outro homem que ela já namorou, ou mesmo que já

conheceu, teria dado a seus sentimentos um segundo pensamento se ele tivesse recebido uma oportunidade como a que havia sido oferecida a Ryan.

Ryan tinha a chance de uma vida. A chance de participar de uma reunião pela qual centenas de milhares de artistas famintos teriam matado, até mesmo esfaqueado Karina pelas costas. E qual foi sua primeira inclinação? Pensar nos sentimentos dela primeiro.

Ela olhou para ele silenciosamente, uma lágrima lenta escorrendo pelo rosto. Ela parou de desamarrar os patins e ficou parada. Imóvel.

Ryan olhou para ela e se aproximou dela quando viu a lágrima.

— Eu disse algo errado? — ele perguntou, sua voz cheia de preocupação quando o polegar limpou a umidade da bochecha dela. — Karina, eu não quis aborrecer você. Me desculpe se aconteceu.

Em vez de responder, principalmente porque ela não confiava em si mesma para falar, ela se inclinou e o beijou de forma longa e firme. Esse beijo foi diferente do que eles já haviam compartilhado. Karina tinha certeza de que Ryan podia sentir a diferença. Esse beijo não era sobre luxúria. Não era sobre nada físico. Karina deixou seu coração nu para ele, expressando uma emoção que era profunda demais para colocar em palavras. Esse beijo era sobre as almas deles se entrelaçando.

Quando eles finalmente se separaram, algo mudou entre eles. Karina sabia disso, e ela sabia que Ryan também sabia.

Havia uma nova profundidade em seus olhos, uma nova ternura, quando ela disse:

— Você, Ryan Perkins, é verdadeiramente um ser humano de qualidade.

— Vamos sair daqui. — Ryan levantou-se, agarrando a mão de Karina, e dirigiu-se propositadamente para sua caminhonete.





Ryan estacionou a caminhonete na entrada da casa de Karina e deu a volta até o lado do passageiro para abrir a porta para ela. Enquanto fez isso, ele se esqueceu de tudo, mas estava perdido em seus grandes olhos escuros e ficou totalmente hipnotizado por cada movimento dela. Ela parecia ter esse efeito nele. Tudo o que ele tinha com Karina estava consumindo, e ele estava cansado de lutar, especialmente considerando que era uma batalha perdida.

Enquanto caminhavam até a entrada da casa dela, Ryan percebeu que o relacionamento deles talvez não fosse o mais tradicional, mas ele realmente não dava a mínima. Queria levar as coisas devagar, conhecê-la melhor sem que o sexo atrapalhasse. Sentia, em um nível profundo, que eles estavam conectados agora, que se entendiam, que se importavam. Mas quando a cronologia era considerada, foi muito rápido. Muito mais rápido do que ele estava acostumado a se mover, isso era uma certeza. Na verdade, se seu ritmo habitual era um passeio casual, esse relacionamento era como um Sprint de cem jardas.

E ele estava pronto para correr o mais rápido que podia.

Quando chegaram à porta, Karina tirou as chaves e começou a estender a mão na direção da fechadura. Ela congelou, suspirou e depois se virou com um olhar de arrependimento no rosto.

— Não acredito que estou prestes a dizer isso — disse ela, torcendo a

boca em um sorriso adorável —, mas quando você falou com Davis, você colocou meus sentimentos em primeiro lugar. Estou com vontade de colocar seus sentimentos em primeiro lugar agora. É o mínimo que posso fazer. Então olhe, Ryan. Eu não tenho muita experiência com esse lance de ir devagar, aprender o que você gosta. Admito que *realmente* não entendo o objetivo disso. Mas eu sei que é importante para você. Então, mesmo que eu queira... *não* tentarei você a entrar.

E se ele estava vacilando antes, isso teria selado o acordo para ele. Agora, mais do que nunca, ele sabia exatamente o que queria fazer, e com certeza não era entrar em sua caminhonete e ir embora.

Ryan começou a fechar o espaço entre eles, olhando atentamente os olhos de Karina, movendo-se para ela lentamente, a intensidade crepitando entre eles. Ele quase sorriu quando ela tropeçou para trás. Ele queria bater no peito como um homem das cavernas, sabendo que poderia afetar essa mulher autoconfiante, autoconsciente, autoprofessada, a tal ponto que ela vacilava e perdia o controle mesmo que apenas por um momento.

Suas costas bateram contra a porta e seus olhos se arregalaram quando ela respirou fundo, mas ele continuou avançando ainda mais com a decisão que tomou. Estendendo a mão, ele colocou as mãos na porta, uma de cada lado dela, prendendo-a entre os braços.

Então ele inclinou a cabeça para baixo, seus movimentos dolorosamente lentos, até que seus lábios estavam a meros milímetros de se tocar.

— Convide-me, Karina — ele respirou.

Ele sentiu o corpo dela sacudir com a carga erótica que essas palavras enviaram através dela, e saber que ele havia causado aquele tremor nela enviou uma emoção de resposta ao seu próprio corpo.

Ela sorriu para ele com os lábios trêmulos.

— Convidar você para... Estamos brincando de vampiro e donzela inocente? — ela brincou sem fôlego.

— Convide-me para descobrir.





O comando de Ryan fez com que um gemido baixo e involuntário ressoasse profundamente em sua garganta enquanto formigamentos se espalhavam sobre ela, deixando-a tonta de desejo. Depois de girar o mais rápido possível nas pernas trêmulas, ela enfiou a chave na fechadura e empurrou a porta. Ela praticamente correu para a entrada, e ele estava colado em seus calcanhares.

Sem dizer uma palavra, ele usou o pé para fechar a porta, agarrou-a pelos braços e virou-se com ela. Ele a empurrou contra a porta da frente e colocou os lábios nos dela. Parecia que ele a estava beijando com toda a paixão acumulada que tentara reprimir, negar. Tentando lutar contra. Mas ele não estava mais lutando.

Graças a Deus.

Quando ele passou as mãos por baixo da jaqueta e deslizou os dedos sob o suéter, ela estremeceu com seu toque. Ele puxou a blusa dela, mas estava presa pelo casaco preso por seus braços.

— Karina — ele gemeu. — Eu preciso sentir você agora. Eu preciso sentir sua pele sob minhas mãos.

Essas palavras causaram um poderoso choque de excitação no corpo de Karina, e ela engasgou com a força absoluta dele.

Ela começou a arrancar desesperadamente a jaqueta e o suéter. Eles trabalharam juntos tirando as roupas um do outro em um frenesi de energia erótica, quase como se estivessem em transe, como pessoas famintas tentando descobrir a única coisa na terra que saciaria sua fome.

Em meros momentos, eles ficaram nus, seus corpos pressionados firmemente, suas mãos acariciando fervorosamente a pele ardente um do outro.

Ryan começou a beijar bruscamente o pescoço de Karina, e ela agarrou um punhado dos cabelos dele, pressionando-o para baixo, saboreando a sensação que sua língua quente deixou em seu rastro no pescoço e no peito.

Quando ele chegou aos seios dela, ele deslizou as mãos para segurá-los, devorando-os com seus olhos gananciosos, deixando-a desesperada pelo momento em que sua boca seguiria o exemplo.

Ela aplicou pressão na parte de trás da cabeça dele e arqueou as costas, não escondendo o que queria dele, mas ele não se apressou.

— Ainda não tive a chance de realmente dar a atenção que eles merecem — disse ele antes de tomar um mamilo, depois o outro, em sua boca quente e úmida.

Karina choramingou, seu corpo tremendo como uma folha enquanto ela se submetia, impotente, aos redemoinhos e beliscões de sua língua e dentes em seus picos sensíveis. Ela foi embalada no ritmo de sucção suave e língua mágica girando até suspirar de surpresa quando Ryan aumentou a pressão da sucção com a velocidade da luz e com tanta intensidade que ela foi empurrada para a beira do prazer e da dor.

Justo quando ela estava convencida de que não podia aguentar mais um minuto da doce tortura, ele relaxava o aperto de ferro de sua boca em sua carne macia e a acariciava com beijos de boca aberta até que ela se acalmasse mais uma vez. Então ele mudava para o outro seio e a montanha-russa de sensações prazerosas imprevisíveis e enlouquecedoras começava novamente.

As mãos dele deslizaram até a bunda dela e a seguraram. Então, ela se pressionou contra seu aperto forte, amando a sensação de seus dedos fortes cavando seu corpo redondo e macio.

De repente, seus pés deixaram o chão quando Ryan a levantou e, em uma corrida leve, ela percebeu que não poderia estar mais errada sobre patinar no gelo. Isso sim era voar!

Ryan passou um braço forte em volta da cintura para ajudar a sustentar seu corpo flexível. Ela gemeu quando a ponta de sua masculinidade mal escovou seus lábios molhados e inchados, desesperada para que ele entrasse nela.

A mão que permaneceu sob ela se afastou e o braço a segurou apertado. Ela ouviu um barulho estridente e abriu os olhos apenas o tempo suficiente para vê-lo prestes a rasgar um pacote de preservativo com os dentes.

— Estou tomando pílula — ela respirou.

Todo o seu corpo parou e ele a encarou. Hesitante.

— Estou tomando pílula — ela repetiu, desta vez com mais firmeza.

Ela tomava pílula desde os dezoito anos, mas sempre usava proteção secundária também. Mesmo nos relacionamentos, ela insistiu para que usassem preservativos. Ela nunca confiou em ninguém antes. Ela confiava em Ryan.

Sua mandíbula apertou e ele largou a embalagem e agarrou seu quadril, enviando um choque de antecipação por todo o corpo. Ela já tinha feito muito sexo antes. Mas isso era diferente. Isso era mais. Seu coração estava batendo forte quando o membro duro pressionou contra a carne macia de sua entrada, e todo pensamento consciente voou de sua mente.

Ele a segurou ali, pairando logo acima do êxtase, enquanto sussurrava

em seu ouvido:

— Você está pronta, querida?

Ela jogou a cabeça para trás e assentiu freneticamente, incapaz de fazer sua mente formar a palavra sim.

Em um movimento rápido, Ryan avançou meio passo, de modo que as costas de Karina estavam firmemente pressionadas contra a porta da frente e lentamente a abaixou em seu eixo, erguendo-se para encontrar seus quadris ansiosos enquanto fazia isso.

Karina ofegou e apertou as pernas em volta da cintura dele, os braços serpenteando em volta do seu pescoço. Ela se agarrou a ele por sua vida, enquanto ele se empurrava nela de novo e de novo, sacudindo-a até o âmago com cada golpe poderoso.

À medida que a velocidade de seus golpes fortes aumentava, Karina enfiou as unhas nele, lutando para segurá-lo enquanto o êxtase que se formava dentro dela minava a força de seu corpo, mesmo quando o enchia de prazer. Ambos os corpos estavam agora cobertos com uma camada de suor quente cada vez mais escorregadia, e ela estava começando a duvidar que, mesmo pressionada com tanta força contra a porta, ela continuasse suspensa onde estava.

Ela subiu. Ela agarrou. Ela cavou. Mudar de posição naquele momento era impensável. Qualquer coisa que impedisse o ritmo dele de entrar e sair dela era inaceitável. Ela precisava senti-lo dentro dela; não poderia ficar sem ele dentro de si nem por um instante.

Ela deslizou os cotovelos para mais perto do pescoço dele, apoiando as costas dos braços nos ombros dele e enrolando os antebraços para permitir-se agarrar punhos gananciosos dos cabelos dele com força entre os dedos.

Ele sussurrou quando ela agarrou seu cabelo, mas se isso era por causa da dor que ele estava sentindo em sua cabeça ou do prazer que estava experimentando lá embaixo, ela não sabia — e honestamente, ela não conseguia se importar. Tudo o que sabia era que precisava fazer o que fosse necessário para garantir que ele não parasse as arremetidas implacáveis.

Ela se sentiu chegando ao clímax. Isso era novo para ela. Ela nunca foi capaz de gozar sem algum tipo de estimulação manual ou oral antes. Ela ficou maravilhada. Ryan havia lhe proporcionado tantas estreias sexuais apenas em suas poucas vezes juntos. Ela não podia imaginar o que ele seria capaz de mostrar a ela se o relacionamento continuasse por meses ou — dedos cruzados — anos. Ela definitivamente queria tentar descobrir.

Mesmo em seu estado confuso, ela entendia o quão incrível era experimentar um sexo tão surpreendentemente incrível, que mesmo no meio de seu atual encontro sexual, ela já ansiava pelo próximo e pelo próximo e o próximo depois dele.

Era como se Ryan fosse uma droga e ela fosse uma viciada insaciável.

Quando seu orgasmo começou a irradiar para fora de seu âmago, ela jogou a cabeça para trás e gritou. A cabeça dela bateu na porta da frente, contra a qual ela ainda estava empurrada. Sua visão escureceu nas bordas e as estrelas dançaram em sua visão, mas ela não achava que isso fosse inteiramente devido à batida forte na cabeça que acabara de sofrer. Ela pensou que pelo menos uma boa medida dessa visão estrelada poderia ter sido devido ao orgasmo incrivelmente poderoso que estava enchendo seu corpo com um prazer eletrizante.

Enquanto as ondas de êxtase se acalmavam e o ritmo dos golpes de Ryan gradualmente diminuía, ela manteve os braços e as pernas em volta dele, segurando-o lá dentro dela, não pronta para deixá-lo ir ainda.

Eles ficaram lá juntos, ainda intimamente conectados, silenciosos, respirando juntos enquanto Ryan acariciava seus cabelos.

Mesmo que ela não tivesse consciência de colocar isso em palavras, sabia que não havia como manter afastada de Ryan nem mesmo uma pequena parte do seu coração. Não havia “espere e veja como vai”. Não havia “se der certo, ótimo se não, que pena”.

Ela sabia que precisava dele. Ela sabia que ela, Karina Blackstone, independente — que fazia questão de nunca precisar de alguém ou de qualquer coisa —, agora precisava desse homem.

Isso a assustou. Ao mesmo tempo, emocionou-a até os ossos. Ela nunca seria capaz de conciliar os paradoxos que Ryan gerava nela. Ela se sentia mais segura na presença dele do que jamais se sentira, mas também se sentia mais vulnerável a ele do que a qualquer pessoa em sua vida.

Quando ele estava por perto, ela sentia vontade de se abrir e mostrar a ele todos os segredos escondidos dentro dela. Mas ela também era atormentada pelo desejo de se encolher como uma tartaruga e se esconder.



Um pequeno suspiro escapou da boca de Karina quando ela desembarçou seus membros e Ryan a colocou no chão. Com sua habitual graça leonina, ela deslizou pela entrada e lentamente subiu as escadas, alcançando os braços acima dela para se esticar enquanto subia. Ryan observou, sem palavras, enquanto seu corpo nu e bonito recuava pelas escadas e para longe dele.

— Eu preciso de um banho — ela disse casualmente, por cima do ombro.

Ryan, que já conhecia a rotina, começou a recolher suas roupas de onde estavam espalhadas ao acaso pela sala.

— Tudo bem. Eu te ligo mais tarde — ele disse, tentando manter a voz leve. Ele decidiu levar as coisas para o próximo nível fisicamente. Isso não significava que Karina havia decidido fazer o mesmo emocionalmente.

Pelo canto do olho, ele a viu virar no degrau e observá-lo enquanto pegava suas coisas.

— A menos que... — Ela começou a desenhar a última sílaba, sua voz lânguida rica e doce como mel.

Ele se endireitou e olhou para ela, com a respiração presa ao ser tratado novamente com a visão do corpo nu dela nas escadas, desta vez pela frente.

Ela olhou para ele com uma expressão inocente no rosto.

— A menos que, é claro, você queira se juntar a mim — disse ela, com um sorriso nos lábios.

Um sorriso largo apareceu em seu rosto e ele disse:

— Pensei que você nunca perguntaria.

Com isso, ele largou a trouxa de roupas que reunira nos braços e, deixando as roupas onde caíram, subiu as escadas atrás dela.





Ryan estava sentado em seu escritório, olhando para a tela do computador, com um sorriso permanentemente no rosto. Ele estava tentando se concentrar em endireitar o sistema de contabilidade do café — foco na palavra “tentando”. Na verdade, ele estava nisso há quase quatro horas e não havia feito nenhum progresso, então tentativa e *erro* fazia mais sentido.

Ainda assim, ele não conseguia se importar. Por mais que tentasse manter o foco na tela do *QuickBooks*, ele continuava indo até a janela do navegador onde havia aberto fotos de Karina. Ele não podia evitar. Ela estava dominando seus pensamentos.

Durante toda a manhã, ele estivera sorrindo, cantando para si mesmo, tocando bateria na beira da mesa com dois lápis. Ele se sentia como um adolescente apaixonado pela primeira vez. E talvez ele não fosse adolescente, mas estava apaixonado pela primeira vez. Ryan amara as outras pessoas com quem estivera, mas agora, ele não tinha tanta certeza de ter estado *apaixonado* por elas.

Não que ele estivesse realmente firme com Karina.

Eles estavam progredindo, mas ela ainda não quis que ele passasse a noite com ela na noite anterior. Ela o expulsou depois do banho, que foi quente de várias maneiras.

Ele precisou lembrar a si mesmo de que eles não estavam no que

tradicionalmente poderia ser chamado de um relacionamento. Não havia discussões sobre o futuro, promessas de exclusividade, votos de qualquer tipo de compromisso.

Foi chocante para Ryan que ele se importasse tanto com isso. Sim, isso o incomodava. Se ele pudesse, eles firmariam um compromisso aquele dia. Ele estava certo agora do que queria da vida e sabia com certeza que era Karina Blackstone.

Ele também sabia que a última coisa que faria era apressá-la. Ela não era como ele, ela era um espírito livre. Nunca teve um compromisso como o que Ryan tinha em mente, nunca estabeleceu raízes como as que lhe pareciam tão naturais. Isso tudo era novo para ela, e ele tinha que lhe dar tempo.

A esse respeito, ele sentiu que eles estavam em igualdade de condições. Tão desconfortável quanto era para ela considerar se comprometer a longo prazo com ele, era para ele sentir que tentava circular em seu mundo de relacionamento casual e livre.

Em seu mundo, uma pessoa dava seu coração antes de dar seu corpo. No dela, era o contrário. Ambos estavam cedendo.

Ele estava assustado com esses pensamentos quando dois homens que ele nunca havia visto antes entraram em seu escritório como se fossem donos do lugar.

— Posso ajudar, senhores? — Ryan ficou na ponta da cadeira e apontou para os dois assentos à sua frente, mas isso era desnecessário, pois os dois estranhos já estavam se acomodando neles.

Ryan esperou para ver o que esses homens tinham a dizer. Era óbvio que eles não eram de Hope Falls. Primeiro de tudo, ele nunca os vira. Quando você dirige o único café em uma cidade do tamanho de Hope Falls, acaba encontrando — ou pelo menos vendo — praticamente todo mundo, exceto alguns eremitas. Em segundo lugar, suas roupas e aparência gritavam sofisticação da cidade grande. Hope Falls era muitas coisas, mas certamente não era uma cidade grande nem sofisticada.

O mais baixo dos dois homens era mais velho, possivelmente se aproximando dos sessenta, mas estava claro que ele estava em pleno controle de suas faculdades mentais. Ele exalava uma aura de articulação, de observar as situações e de sempre procurar uma vantagem em qualquer uma delas. Ele era baixo e curvado e tinha pequenos tufo de cabelos brancos saindo pelos lados da cabeça careca. Os óculos enormes que estava usando completavam a imagem.

O outro homem era o oposto físico do primeiro de todos os modos imagináveis. Ele era alto, em forma, bronzado e impecavelmente vestido. Seu cabelo escuro estava perfeitamente penteado, sem um único fio fora do lugar. Até os detalhes, tão pequenos quanto as sobrancelhas e as unhas, estavam perfeitamente modeladas e bem-cuidadas. Ele se destacava em Montana, mas provavelmente se encaixava bem em Los Angeles.

O homem mais velho sorriu calorosamente e estendeu a mão sobre a mesa para Ryan.

— Bernie Kaplan.

Ryan apertou sua mão quando o reconhecimento do nome o atingiu.

— Já ouvi esse nome antes. Você é o agente de Karina, certo?

— Você está certo — disse o outro homem, exibindo um sorriso cheio de dentes perfeitamente retos e brancos. Então, estendendo a mão, ele disse: — Davis Johansson. *Spintown Records*.

Ryan apertou a mão de Davis e disse:

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Johansson. Estou surpreso em vê-lo aqui. Sei que te devo uma ligação.

Davis riu com vontade, embora Ryan não achasse que tinha dito nada engraçado.

— Chega de Sr. Johansson. Johansson é meu pai, certo? Por favor. Davis.

— Tudo bem, Davis — respondeu Ryan. — Então, o que posso fazer por vocês, senhores?

— Direto ao ponto. Gosto disso em uma pessoa — disse Davis, inclinando-se para a frente e mudando para o que Ryan reconheceu como seu modo empresário poderoso. — O negócio é o seguinte. A *Spintown* está disposta a fechar um novo contrato de desenvolvimento de artistas com você. Gostamos do que vimos no vídeo. Achamos que você e Karina têm uma química explosiva.

— Explosiva — Bernie ecoou.

— Nós queremos usá-la para posicionar você. Fazer com que ela trabalhe em seu projeto, mandar você para a estrada com ela...

— É uma coisa de sinergia — Bernie falou.

— Exatamente — Davis terminou.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e Ryan percebeu que esse deveria ser o ponto em que ele deveria dar algum tipo de resposta, mas não sabia ao certo o que eles queriam ouvir dele.



— Uau — ele começou. — Então, o que Karina acha disso?  
— Oh, Karina vai adorar — disse Davis, seguro de si.  
— Adorar — Bernie concordou.  
— Vocês ainda não falaram com ela? — Ryan perguntou.  
— Ela vai adorar — Davis reiterou como se não fosse um problema. —  
Então, o que você diz, garoto? Está dentro?  
Ryan disse:  
— De quê?  
Davis riu de novo e de novo, Ryan não sabia o que ele havia dito que era  
tão engraçado.  
— Dos negócios! Nós temos um acordo?  
Ryan balançou a cabeça.  
— Eu não sei. Quer dizer... eu definitivamente teria que falar com  
Karina primeiro.  
Bernie acenou com isso.  
— Não, não. Não é assim que essas coisas funcionam. Você nos diz o  
que quer, nós levaremos para Karina, e ela nos dirá como se sente. Traremos  
de volta para você.  
Ryan franziu a testa.  
— Isso parece... desnecessariamente complicado.  
Davis jogou a cabeça para trás e riu mais uma vez.  
— Eu amo esse garoto! — ele exclamou. — Bernie, você não ama esse  
garoto?  
— Amo — Bernie confirmou.  
— Então, temos um acordo ou não? — Davis perguntou novamente.  
— Eu nem tenho certeza do que você está me pedindo para concordar...  
— Ryan disse confuso.  
Bernie sorriu.  
— Ele é astuto, este aqui!  
— Muito esperto — concordou Davis.  
— Olha, garoto — disse Bernie, inclinando-se para a frente, adotando  
uma atitude que parecia confortável. — É o seguinte. Você é obviamente  
extremamente experiente. Então é isso que eu vou fazer por você. Eu vou  
concordar em ser seu agente.  
— Você é agente de Karina — Ryan protestou.  
— Ela é minha única cliente? — Bernie revidou. — Não, ela não é. Ela  
pode ser a mais bonita, mas não é a única. Você, meu jovem amigo, poderia

participar da lista. Basta dizer sim e Bernie estará cuidando de seus interesses.

Ryan disse:

— Bem... acho que precisaria de um agente. Se isso seguir em frente.

— Você vai precisar.

— Tudo bem — disse Ryan. — Eu te digo uma coisa. Admito que estou interessado nisso. A ideia de poder tocar música para pessoas em uma escala maior... Eu gosto dessa ideia.

— Então você está dentro! — Davis disse com finalidade.

— Estou *interessado*. Grande diferença — Ryan respondeu.

— Ótimo, garoto. Ótimo — disse Davis, distraído, quando ele e Bernie se levantaram para sair. Ele já estava puxando o telefone e apertando os botões. Enquanto Davis e Bernie se retiravam pelo corredor, Davis disse ao telefone: — Sim, sou eu. O garoto está dentro!

Ryan riu. Ele sabia que estabelecer e manter limites profissionais com esses dois seria tão difícil quanto manter limites pessoais com Karina. O que havia com as pessoas do show business que pensavam que podiam imaginar o mundo que queriam e depois fazer acontecer? Carisma? Crença inabalável? A certeza subconsciente de que as coisas dariam certo? Possivelmente uma combinação de todas essas coisas.

Fosse o que fosse, Ryan admitiu ter sido levemente atraído por sua magia. Ele sabia que precisava manter os pés no chão e a cabeça fora das nuvens, para não contar com os ovos antes que as galinhas os botassem. Mas, droga. Mesmo agora, ele podia ter uma visão nítida de si mesmo tocando e cantando em um palco na frente de milhares de pessoas.

E se ele fosse honesto consigo mesmo, gostava dessa imagem. Ele queria aquela vida. Apesar de tudo, ele estava começando a se sentir um pouco animado por Bernie e Davis poderem proporcionar isso a ele.

A única variável, a única coisa no ar na mente de Ryan, era como Karina se sentiria sobre a coisa toda. Sim, claro, Davis e Bernie pareciam ter certeza de que ela adoraria. Mas ele achava que Davis e Bernie teriam igualmente certeza de que o céu estava vermelho, se isso os ajudasse a fechar um acordo.

Ryan sabia que, independentemente do que os dois dissessem sobre o processo de negociação, ele precisava conversar com Karina para descobrir seus sentimentos.

Ele pegou o celular e pressionou o botão de discagem rápida designado para ligar para ela. Quando ele ouviu sua voz, era apenas uma mensagem

gravada.

Ele debateu se deixava uma mensagem no correio de voz, mas decidiu que isso era algo que deveria conversar pessoalmente com ela.

Então, encerrou a ligação e, agora que estava excitado demais para se concentrar no *QuickBooks*, colocou o telefone de volta no bolso. Pegou as chaves do apartamento antes de subir as escadas para fazer a única coisa que sempre, sem falhar, o ajudava a resolver as coisas em sua cabeça e colocar tudo em perspectiva: tocar seu violão.



Karina caiu na cama às oito da noite, exausta, e fechou os olhos. Ela acordou às seis da manhã, após sua incrível noite com Ryan, e sentiu a inspiração pulsando através dela como uma corrente de poder. Ela pulou da cama e literalmente desceu as escadas e entrou no estúdio, onde ficou escondida nas últimas catorze horas.

Ela não tinha comido, tomado banho ou mudado de roupa. Estava voltando a dormir na mesma combinação de boxer e regata que usava quando pulou da cama naquela manhã.

Agora que havia trabalhado com a energia criativa, soltando-a, escrevendo e polindo três novas músicas que achava que funcionariam maravilhosamente em seu novo projeto, a adrenalina que a manteve tão alerta durante todo o dia fugiu repentinamente e ela se sentiu uma marionete cujas cordas foram cortadas.

Enquanto relaxava, ela percebeu vagamente que ficou fora de contato o dia todo e se perguntou se alguém havia tentado contatá-la. Seu estúdio era à prova de som. Ela não podia ouvir a campainha lá dentro, e não levou o telefone. A ideia era se isolar do mundo exterior.

Ela imaginou que provavelmente deveria, pelo menos, olhar para a tela de mensagens em seu telefone para ver se algo urgente havia surgido, mas ela simplesmente não conseguia reunir a vontade de mover seus membros de chumbo para carregá-la até o telefone e buscá-lo. E ela certamente não tinha o desejo de abrir os olhos para ver.

No momento em que estava prestes a dormir completamente, cortando o último fio que a ancorava à consciência e ao pensamento, ela se assustou com o toque daquela campainha infernal.

Ela estava cansada demais para ficar com raiva. O que sentiu foi mais como desespero ou derrota. Ela estava se resignando à possibilidade de uma vida em que nunca mais voltaria a ter uma noite decente de sono ininterrupta pelo som de sua maldita campainha.

Ela abriu a porta e encontrou Sam e Lauren em sua varanda. Seus sorrisos desapareceram quando a viram.

— Oh, Deus — disse Sam.

— O quê? — Karina perguntou, irritada.

— Você está péssima — disse Lauren de maneira direta. — Você pelo menos escovou o cabelo hoje?

— Fiz só um rabo de cavalo — foi a resposta defensiva de Karina.

— Não é a mesma coisa — disse Lauren categoricamente.

— Você está doente? Podemos ajudar? — Sam perguntou.

Karina suspirou.

— Vocês duas querem alguma coisa?

Sam passou pela porta e Lauren a seguiu.

— Tudo bem, senhorita Sunshine — disse Sam. — Pode nos agredir!

Karina respirou fundo, sabendo que a maior parte de seu aborrecimento vinha da exaustão, e não das ações de suas amigas, e tentou modular seu tom.

— Desculpem, meninas — disse ela. — Eu estive no estúdio o dia todo hoje, estou exausta e não comi. Eu estava prestes a ir para a cama. É por isso que estou de mau humor. Não se importem comigo.

— Bem, então, vamos começar do começo. Vamos pegar sopa, torrada ou algo assim — disse Lauren, entrando na cozinha.

À menção desses alimentos específicos, o estômago de Karina soltou um rosnado alto e ela riu.

— Acho que não posso discutir com isso. Vão na frente. — Então ela começou a se mover para a cozinha.

Mas Lauren respondeu:

— Temos as coisas sob controle aqui. Vá trocar de roupa e passe uma escova no cabelo. Nós esperamos.

— Vocês agem como se eu estivesse esperando companhia ou algo assim! — Karina disparou de volta enquanto subia as escadas. — Talvez isso ensine vocês a não aparecerem! Nunca se sabe quando vão me achar

desleixada e sem banho!

— Vamos nos arriscar — disse Sam atrás dela.

Karina sorriu interiormente. Sam nunca iria concordar em parar de aparecer.

Quando Karina apareceu na cozinha, quinze minutos depois, de banho tomado, ela usava uma calça de pijama de algodão macia e elástica e uma camiseta combinando, o que a fazia se sentir como uma mulher totalmente nova.

Ela caiu em uma das cadeiras da cozinha e Lauren colocou uma tigela de sopa de tomate e um queijo quente na frente dela. De repente, ela estava faminta e buscou ansiosamente a comida.

— Deus, isso é bom! — ela disse entusiasmada. — Obrigada, meninas!

— Foi tudo Lauren — admitiu Sam. — Enquanto ela fazia isso, entrei na sua sala para apreciar a vista. O que me leva à minha próxima pergunta...

— As flores? — Karina adivinhou.

— As flores — confirmou Sam. — O que aconteceu pra ter todos aqueles arranjos de flores gigantescos por lá? Alguém morreu?

Karina acenou com a mão em desdém.

— Kyle Austen Reed aconteceu. Ele está vivendo um filme em sua mente e me colocou como a protagonista.

— Você o desiludiu dessa ideia? — Lauren perguntou.

Isso fez Karina rir alto.

— Primeiro, não, porque nunca o vejo. Todas essas flores são desculpas ou algo assim, me explicando o quão ocupado ele estará nesse dia com todos os compromissos pessoais bizarros que ele continua programando pela cidade. Então ele promete me ver no dia seguinte. No entanto, como acho que vocês podem ver pelo volume de arranjos de flores na minha sala, isso ainda não aconteceu.

“Em segundo lugar, mesmo se eu tentasse explicar a ele que não quero mais vê-lo, tenho sérias dúvidas se ele receberia ou não essa mensagem. Ou se ele é capaz de receber qualquer mensagem que não esteja alinhada com a sua visão de vida. Estou meio que deixando essa situação acontecer e esperando que ele se distraia com o próximo objeto brilhante, para que nosso falso relacionamento possa morrer de uma morte natural — concluiu ela.”

— Probabilidade disso? — Lauren perguntou.

Karina deu de ombros.

— Cinquenta/cinquenta? Eu honestamente não tenho ideia.

— E Ryan? — Sam perguntou.

O rosto de Karina se iluminou involuntariamente e, antes mesmo de abrir a boca para falar, as duas começaram a rir.

— O que foi? — Karina perguntou.

— Acho que recebemos nossa resposta pelo seu rosto — Sam riu.

Karina recostou-se na cadeira, sorrindo feliz e mastigando seu queijo quente. Ela tentou pensar nas palavras certas para descrever o que sentia.

— Eu não sei, pessoal. Isso não é como qualquer coisa que eu já tenha sentido antes. Quer dizer... é como essa estranha combinação de emoção e satisfação, sabe? Tipo... é emocionante. Mas, ao mesmo tempo, é seguro. Quando o vejo, quero arrancar suas roupas e enlouquecer. Mas eu também quero apenas me aconchegar e assistir a um filme. Eu quero dizer tudo no mundo para ele de uma vez, mas, ao mesmo tempo, eu só quero ficar quieta junto com ele também. É a coisa mais estranha.

— Como ele se sente?

Karina deu de ombros.

— Eu não sei! Quer dizer, tenho certeza de que ele sente o mesmo. Acho que posso confiar no que ele está me dizendo. Não é como se ele fosse um desses idiotas de Los Angeles que só dizem alguma coisa se isso favorecer suas ambições, seja progredir na carreira ou desabotoar a calça.

Sam e Lauren trocaram um olhar, e os sentidos de Karina ficaram em alerta máximo.

— O que foi? — ela perguntou. — Por que se olharam?

— Tenho certeza de que não é nada — Sam rapidamente a assegurou.

— Anda — Karina disse. Agora cheia de apreensão, ela colocou o queijo quente de volta no prato. — Apenas me digam — ela insistiu.

Lauren disse:

— Olha, Karina. Tenho certeza de que realmente não é grande coisa. É só que vimos Bernie e outro cara entrando no Café da Sue Ann hoje.

— Meu Bernie? — Karina perguntou.

— Sim. Então pensamos que você o encontraria lá. Fomos atrás deles, imaginando que espiaríamos sua reunião de uma mesa próxima e sairíamos para conversar com você depois, caso precisasse de apoio moral, como Amanda fez por você, da outra vez.

— Obrigada, meninas — disse Karina, emocionada.

— Por nada! De qualquer forma, eles não estavam lá para vê-la, obviamente. E eles nem estavam lá para comer. Eles seguiram direto para o

escritório de Ryan — Lauren terminou.

— Eles só ficaram lá por alguns minutos — acrescentou Sam rapidamente.

— Hmm... — disse Karina, considerando esta informação. Ela não tinha certeza do que pensar.

Todas ficaram em silêncio por um momento, e Sam perguntou:

— Então, você sabia que Bernie estava na cidade ou que ele ia conversar com Ryan?

Karina balançou a cabeça.

— Não, mas ele mencionou que Davis havia ligado para ele.

Depois de um momento, Lauren gentilmente disse:

— É só, Kar... quero dizer... você tem certeza de que ele não está usando você como uma espécie de trampolim para uma carreira própria?

Karina olhou pela janela, pensando.

— Tenho certeza, eu acho. Quer dizer, minha gravadora entrou em contato com ele depois que eles viram o vídeo, e ele adiou falar com eles até depois que ouvisse minha opinião. Para mim, isso me diz que ele me coloca em primeiro lugar antes de qualquer ganho de carreira que eu pudesse proporcionar a ele.

— Então tenho certeza de que não é nada — concluiu Sam.

Seu estômago afundou como o Titanic, lento no início, mas depois de uma só vez. Por mais que ela odiasse admitir, havia agora uma pequena dúvida no fundo de sua mente. Ryan a estava usando?

Ela odiava pensar assim. Ela *realmente* não pensava assim. Ela só queria ter certeza.





Depois que Sam e Lauren foram embora, dormir era a coisa mais distante da mente de Karina. Ela andava pelo quarto, obcecada com a possibilidade de Ryan estar usando-a.

Finalmente, ela percebeu que estava ficando louca. Uma vida inteira cercada de pessoas que não eram confiáveis para lhe dar uma resposta direta a fez ver manipulação por trás de cada interação, como se sua vida fosse uma série de batalhas e seus conhecidos fossem maquiavélicos.

Mas Ryan? Ele não era assim. Essa era uma coisa que ela sabia com certeza. Ela só precisava falar com ele, ouvir sua voz, perguntar o que estava acontecendo. Se ela ouvisse a voz dele, saberia se ele estava sendo sincero com ela.

Ela pegou o telefone da mesa de cabeceira, pronta para ligar para Ryan. No entanto, ao passar o polegar para desbloqueá-lo, viu quatro chamadas perdidas. No caos emocional em que ela se envolveu desde que ouviu falar da visita de Bernie a Ryan, se esqueceu totalmente de que ficou fora de contato o dia todo! Ela se sentia uma idiota.

Ela clicou no ícone para olhar para a lista de chamadas recebidas, torcendo contra a esperança de que pelo menos uma delas fosse de Ryan. Quando ela viu a lista, relaxou, dando um grande suspiro de alívio. Sim. Duas das ligações eram de Ryan, uma de Bernie e outra de Davis.



— Karina? — ela disse para si mesma. — O mundo não está conspirando contra você. Em breve, você estará usando um chapéu de papel alumínio...

*E agora estou falando sozinha. Ótimo.*

Rolando os ombros para trás, ela tirou isso da cabeça e pressionou o nome de Ryan na lista de chamadas para retornar a ligação; ela esperou o telefone tocar. Sem resposta. Desconectando a chamada, imediatamente lamentou não ter deixado uma mensagem. Mas, para fazer isso, ela teria que saber o que perguntar ou dizer. Ela não sabia.

Cinco minutos se passaram, e a ansiedade estava enchendo todo o seu ser mais rápido do que um barco a remo com um buraco remendado por uma peneira. Depois de andar por um tempo razoável, Karina fez outra ligação. Mais uma vez, sem resposta. Ela esperou dez minutos. Sem resposta. Então esperou quinze minutos e, novamente, sem resposta. Esse padrão enlouquecedor de espera, ligação, espera, ligação continuou por mais de uma hora. Ryan nunca atendeu, mas isso fez pouco (nada!) para impedir sua viagem paranoica pela avenida insanidade

*Sim, estou ficando completamente louca.*

Infelizmente, aquele momento de autoconsciência não serviu como uma lombada na alameda parafuso solto, que levava direto à Cidade Louca. Não. Ela ainda estava completamente fora de controle. A parte ridícula era que, toda vez que ela ligava para ele, ela realmente esperava que fosse a hora que ele atenderia. Não era essa a própria definição de insanidade: repetir exatamente o mesmo comportamento e esperar resultados diferentes?

Percebendo que, ao fazê-lo, estava sendo completamente ridícula, mas não sendo capaz de se importar muito, ela tirou o pijama e vestiu as primeiras peças de roupa em que colocou as mãos, um par de jeans e uma camisa térmica de mangas compridas. Depois ela rapidamente deslizou os pés no primeiro par de sapatos que pegou, um par de tênis *Converse* vermelho brilhante.

Descendo as escadas, pegou as chaves da mesa do corredor e saiu correndo pela porta, deixando-a bater atrás de si. Depois de correr para o carro e pular nele, ela disparou ladeira abaixo.

Ela sentiu como se tivesse que ver Ryan naquele momento. Parte dela, a parte racional, parecia estar observando de fora de seu corpo, fazendo um julgamento objetivo de que estava se comportando como as garotas malucas de quem sempre teve pena. Ela geralmente não tinha paciência e zombava

impiedosamente de mulheres que perdiam a cabeça dessa maneira por causa de um homem.

Mas Karina não só não foi capaz de convocar a vontade de deixar que a parte racional de seu cérebro se encarregasse de suas ações, como também não tinha interesse em tentar. De uma maneira estranha, na verdade, foi meio libertador deixar que a “área Ryan”, a parte enlouquecida de seu cérebro, assumisse o controle. Parecia honesto, pelo menos. Reconhecia a verdadeira força de seus sentimentos por ele.

Ela estava a ponto de surtar? Provavelmente. Ela estava mais excitada que o normal? Absolutamente. Ele valia a pena? Ela realmente esperava que sim.

Incapaz de estacionar no estacionamento dos fundos porque estava bloqueada por uma corrente, ela gritou na frente do Sue Ann's Café e pulou, correndo em direção à porta da frente.

Mas quando ela puxou, nada aconteceu.

— Ótimo! — ela disse, batendo a palma da mão contra a porta.

Claro. O café estava fechado. Isso explicava que o estacionamento dos fundos estivesse bloqueado.

O que ela estava fazendo ali? Isso era loucura. Ela nunca se comportou dessa maneira.

A exaustão, tanto física quanto emocional, a atingiu como um tapa na cara. Ela se virou, encostou as costas na porta e deslizou até sua bunda atingir a calçada. Lágrimas começaram a cair em suas bochechas pela montanha-russa emocional em que ela estava. No fundo de sua mente, ela sabia que estava em público, vestida horivelmente e agindo como louca. Mesmo que não houvesse mais ninguém na rua agora, ela sabia que, a qualquer momento, alguém poderia tirar fotos no telefone. Na manhã seguinte, ela poderia acordar com as manchetes do TMZ e Perez Hilton:

“O ataque de nervos de Karina Black em público!”

Ela sabia que deveria se controlar. Mas parecia não conseguir. Então ela ficou sentada lá. Em frente ao Sue Ann's Café. Chorando.

Sem nenhum aviso, ela caiu para trás, e a próxima coisa que soube foi que estava deitada de costas, olhando para o rosto muito preocupado de Sue Ann Perkins.

Sue Ann se abaixou e a ajudou a se levantar, pedindo desculpas o tempo todo.

— Desculpe, querida! Eu estava chamando seu nome enquanto

destrancava a porta! Eu pensei que você tinha me ouvido!

Karina fungou, limpando as lágrimas do rosto.

— Não, desculpe — disse ela, envergonhada. — Acho que não te ouvi. Me desculpe. Eu sei que você está fechada... eu precisava ver... falar com Ryan.

— Estamos fechados. Acabei de voltar para trazer um pouco de sopa e biscoitos para Ryan. Ele passou muito mal esta tarde. Espero que seja apenas uma daquelas coisas que passam em vinte e quatro horas.

Os olhos de Karina se arregalaram.

— Ele está doente?

Sue Ann assentiu.

— Oh, sim, coitado. Ele está com febre, calafrios, dor de garganta, dor de cabeça... Foi de repente. Começou esta tarde, e eu estava muito ocupada com o movimento do jantar para ir cuidar dele. Então eu estava fazendo uma sopa agora para levá-la até ele. Para garantir que ele pelo menos coma alguma coisa.

Karina tentou dizer algo em resposta, mas sua respiração começou a engatar e ela começou a chorar novamente.

— Desculpe — ela fungou entre as lágrimas. — Parece que não consigo me controlar. Sinto como se estivesse perdendo a cabeça.

Sue Ann a abraçou e fez barulhos reconfortantes enquanto conduzia Karina para uma das mesas e a ajudava a se sentar, fazendo o mesmo em uma cadeira em frente a ela. Então ela ficou ali sentada e esperou que as lágrimas de Karina diminuíssem.

Quando finalmente isso aconteceu, Karina olhou para cima e disse novamente:

— Eu realmente sinto muito. Eu não sei o que há de errado comigo...

Sue Ann sorriu e deu um tapinha na mão.

— Você está apaixonada!

Karina balançou a cabeça.

— Isso parece mais loucura do que amor. Acho que não consigo entender.

Sue Ann bateu novamente na mão dela.

— Claro que consegue, querida. Você e Ryan são uma combinação perfeita. Eu sei disso há um tempo. Para dizer a verdade, a única reserva que eu tinha sobre vocês dois era que você poderia ter a guarda alta demais para realmente deixá-lo entrar e que ele se apaixonaria mais fortemente por você

do que você por ele.

Karina riu de si mesma depreciativamente.

— Acho que esta noite deixa essa preocupação em particular de lado. Embora aposte que ela tenha criado muitas outras.

Sue Ann riu.

— Oh, querida, quando eu conheci meu Walter, você deveria ter me visto. Eu estava um desastre! É uma maravilha que ele tenha dito duas palavras para mim. E ficamos casados por quarenta e cinco anos. Insanidade? Isso é o que é o amor!

Karina suspirou e deixou cair a cabeça nas mãos.

— O que eu vou fazer?

— Bem — disse Sue Ann sabiamente —, se você quiser, pode começar levando esta sopa para o apartamento dele.

— Boa ideia — ela assentiu enquanto enxugava os olhos. Depois pegou a bandeja que Sue Ann preparara e subiu as escadas silenciosamente até o apartamento de Ryan. Quando ela alcançou a porta, deslizou a chave que estava ao lado da tigela de sopa na fechadura e a girou o mais lenta e silenciosamente possível. Se ele estivesse conseguindo recuperar alguns minutos de sono curativo, ela não queria interromper.

Ela abriu a porta polegada a polegada e entrou. O quarto estava escuro, mas não completamente, iluminado por uma luminária de chão leve que ficava no canto, e ela podia ver Ryan esparramado no sofá, os olhos fechados. Não querendo incomodá-lo, ela silenciosamente colocou a bandeja na mesa da cozinha, depois levou a tigela de sopa para a geladeira e a colocou lá dentro, olhando por cima do ombro para se certificar de que a luz não o acordara.

Enquanto ela voltava na ponta dos pés para a porta da frente, pensando em sair tão discretamente quanto havia entrado, a voz fraca de Ryan disse rouca:

— Você estava tentando se esgueirar?

Mesmo em seu estado trêmulo, ela podia ouvir o tom provocador.

Ela se virou e sorriu para ele.

— Eu não queria te acordar. Está doente.

— Eu não estava dormindo. Apenas descansando meus olhos.

Seu corpo grande estava meio pendurado no pequeno sofá.

— Claro que estava. Vamos. Vou te levar para a cama — ela disse firmemente, cruzando para onde ele estava.

Ryan sorriu fracamente, lutando para se levantar.

— Eu só queria me sentir bem o suficiente para aceitar essa oferta.

Ignorando a piada, ela deslizou o braço em volta das costas dele, debaixo do braço, e o apoiou enquanto ele se levantava. Ele estava quente sob seu toque, Karina imaginou que sua febre devia estar bem alta. Ela poderia dizer que ele estava tentando se apoiar nela o mínimo possível, provavelmente querendo parecer forte, mesmo em seu estado enfraquecido. A meio caminho da cama, no entanto, ele parou e se encostou na parede.

Karina disse em um tom mais acusador do que pretendia:

— Ryan, você está tão fraco. Você já comeu alguma coisa hoje?

Um pouco sem fôlego, ele balançou a cabeça, os olhos fechados.

Ela esperou que ele se afastasse da parede e ficou aliviada quando chegaram à cabeceira dele. Ryan novamente usou a parede como apoio enquanto esperava que Karina abaixasse as cobertas e arrumasse os travesseiros. Ela os puxou para uma pilha fofa no meio da cama, querendo que ele tivesse o máximo de espaço possível para se espalhar.

Depois de voltar, ela tentou abraçá-lo, mas ele a enxotou enquanto subia, sem ajuda, em sua cama. Ela esperou enquanto ele se arrastava para o meio e se colocava em uma posição parcialmente sentada, recostando-se nos travesseiros.

Ele alcançou atrás da cabeça e começou a puxar os travesseiros.

— Só quero me deitar.

— Não — ela respondeu com autoridade, enquanto os pegava e colocava de volta. — Isso é ruim para a sua respiração. O catarro se instalará em seus pulmões, e você poderá sofrer de pneumonia.

Ele sorriu para ela.

— Eu não sei se isso é verdade, mas eu adoro que você se importe.

Honestamente, Karina também não sabia se isso era verdade. Ou se ele tinha catarro nos pulmões. Mas era o que a avó sempre dizia quando estava doente quando era criança. Diz a mesma coisa para Ryan agora a fazia sentir-se conectada à infância, à vida e à família, e isso trazia Ryan para a mistura também. Isso fazia com que o que havia entre ela e Ryan parecesse ainda mais real. Isso a fez sentir algo que nunca havia sentido por nenhum homem antes. Isso a fez sentir que Ryan era sua família.

— Bem, é verdade — Karina disse de novo, com a mesma autoridade que tinha usado antes. *Quer dizer, que diabos,?* ela pensou. *Pode ser verdade. Melhor prevenir do que remediar.*

Quando ela se inclinou para cobri-lo com os cobertores, Ryan passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para ele. Bem, puxou provavelmente era exagerado. Em seu estado enfraquecido, foi mais como cutucar. Mas Karina dificilmente resistiria. Ela deslizou para onde o braço dele a estava guiando.

Quando ela estava sentada ao lado dele, ele se inclinou para ela, passando os braços pela cintura dela e apoiando a cabeça no peito dela com um suspiro contente.

Olhando para baixo, ela sentiu um tremor no peito que não conseguiu identificar ao ver a cabeça dele descansando contra ela. Por alguma razão, parecia tão íntimo, muito mais íntimo do que um beijo. Ou um abraço. Ou sexo.

O que era, é claro, ridículo. Aquele homem tinha visto cada centímetro dela completamente nua. Como um pequeno gesto, quando ambos estavam completamente vestidos, a fazia se sentir tão exposta? Ela não sabia a resposta para isso, mas sabia que, embora isso a assustasse, ela gostava.

As mãos dela se levantaram, aparentemente por vontade própria, e começaram a acariciar os cabelos dele.

— Senti sua falta — ele murmurou sonolento.

— Eu também senti sua falta — ela se ouviu dizer antes que pudesse impedir que as palavras saíssem.

*Ok, ela pensou, isso está ficando fora de controle.* Além disso, Ryan parecia que poderia desesperadamente usar um pouco de nutrição e ele não receberia nenhuma se eles apenas se abraçassem a noite toda. Então ela gentilmente o colocou de volta contra os travesseiros e disse que voltaria logo.

Quando ela voltou um momento depois com uma bandeja carregando biscoitos, refrigerante e a tigela de sopa recém-aquecida, ela meio que esperava que ele estivesse dormindo. No entanto, ele estava completamente acordado, deitado nas almofadas, observando-a com um pequeno sorriso.

— Tudo bem, senhor. Vamos dar um pouco de sopa a você — ela disse em um tom neutro.

Seus olhos viajaram para a tigela de sopa e ele parecia muito menos entusiasmado.

— Apenas deixe na mesa de cabeceira. Depois eu como — disse ele.

— Não. Tenho certeza de que você precisa comer agora.

Ele balançou sua cabeça.

— Mais tarde, Karina.

Karina balançou a cabeça de volta para ele.

— As escolhas são sentar e comer por conta própria ou deitar e me pedir para alimentá-lo. As escolhas não são agora ou mais tarde. Você foi mal informado, receio.

— Eu disse que vou comer mais tarde — ele respondeu no tom firme que havia funcionado tão bem com ela no passado.

Ela sorriu. Ele claramente cometera o erro de pensar que, só porque eles estavam no quarto, ele poderia mandar nela. Tolinho.

— Sim, e eu disse que você vai comer agora. E como eu provavelmente poderia lutar contra você e forçá-lo a se alimentar em seu estado atual, eu sugeriria que você facilitasse para nós dois e cooperasse.

Enquanto falava, ela colocou a bandeja na mesa de cabeceira, sentou-se ao lado dele na cama e depois moveu a bandeja para que ela descansasse na cama sobre o colo dele.

— Alguém já lhe disse que sua maneira de tratar um doente deixa muito a desejar? — Ryan resmungou.

— Não. Eu nunca tive queixas quando banco a enfermeira — ela declarou alegremente, servindo uma colher de sopa e colocando a colher na mão dele.

Uma risada fraca escapou dele, e ele disse:

— Só você poderia me fazer rir quando eu me sinto como a morte.

Um sentimento de orgulho brotou em Karina, e ela tentou encobri-lo, dizendo:

— Ria depois. Coma agora.

— Gosto quando você é mandona — disse ele, sorrindo.

Depois que ele comeu algumas colheres de sopa, a cor começou a voltar ao seu rosto, e ele se levantou para sentar-se mais reto na cama com muito mais facilidade e suavidade do que poderia ter feito momentos antes.

— Na verdade, me sinto um pouco melhor. Você estava certa. Eu admito — ele murmurou.

Ele continuou comendo enquanto ela escorregava da cama e se apressava pelo apartamento, coletando coisas que ele precisava para sua mesa de cabeceira — lenços, uma garrafa de água e pacotes de remédios para resfriado e gripe.

Ela fez isso em parte porque ele precisava das coisas e em parte para que ele não pudesse ver seu rosto, não pudesse ver como cuidar dele a estava

afetando. Ele estava se sentindo melhor agora por causa dela. Ela insistiu que ele tomasse a sopa, e a sopa o fez melhorar.

É claro que ela sabia que era bobo e completamente exagerado, mas sentia-se ridiculamente feliz e orgulhosa disso. Ela nunca havia tomado conta de ninguém antes, mas com Ryan parecia natural.

Depois que Ryan terminou sua sopa e biscoitos, ela levou a bandeja para a cozinha e lavou a louça. Ela voltou para ver se havia algo de que ele precisava, mas o encontrou dormindo.

Não era o sono febril e perturbado que ela testemunhou quando entrou pela primeira vez. Em vez disso, ele estava deitado no que parecia um sono pacífico e contente.

Quando ela se inclinou para dar um beijo suave na testa, ele ainda estava quente. Então ela foi ao banheiro molhou um pano com água fria antes de levá-lo de volta para a cama e esfregar suavemente o rosto dele. Embora tenha se mexido um pouco, ele não acordou. Ela voltou a colocar o pano embaixo da torneira e repetiu o processo, passando o pano frio sobre os braços, o peito, o abdome e depois de volta para o rosto e o pescoço.

Ela fazia isso a cada meia hora mais ou menos. Toda vez que ela sentia sua pele começar a se aquecer novamente.

Perto do amanhecer, ela estava fraca de exaustão, mas o pensamento de deixar Ryan sozinho era completamente inaceitável para ela. Ela decidiu rastejar na cama e dormir apenas alguns minutos antes de voltar para continuar cuidando dele. Ela deslizou sob as cobertas ao seu lado, enrolou-se em uma bolinha e, com um suspiro de alívio, adormeceu rapidamente.

A próxima coisa que ela percebeu ao abrir os olhos foi a luz do sol atravessando a janela do quarto de Ryan.

*Droga, ela pensou. Dormi muito mais do que pretendia!*

Ela virou a cabeça para ter certeza de que Ryan estava bem e o encontrou sentado na cama ao lado dela, sorrindo.

— Ei — ela murmurou grogue enquanto se virava e esticava os braços acima da cabeça. — Como você está se sentindo?

— Como um ser humano de novo — respondeu Ryan. — Graças, em grande parte, aos seus dons como enfermeira ontem à noite, tenho certeza. Obrigado por isso.

— Imagina. Não é grande coisa — disse ela, tentando ao máximo fazer o tom de sua voz combinar com o sentimento das palavras.

— É grande coisa sim — brincou Ryan. — Você quebrou seu credo



pessoal por mim. Não pense que eu não aprecio isso.

— Que credo? — ela perguntou, intrigada.

Ele sorriu largamente.

— O de nunca passar a noite.





— Não estou dizendo que aprovo — Renata reiterou pela centésima vez nos últimos dez minutos desde que chegou à porta de Karina. — Eu não quero que haja nenhuma confusão sobre isso.

Sabendo que precisaria de mais cafeína para ouvir mais esse disco quebrado, Karina levantou-se da mesa da cozinha e caminhou para encher a xícara de café. Ela quase não dormiu na noite anterior e não era como se tivesse começado a noite se sentindo bem e descansada. Agora, estava praticamente morta.

Enquanto Karina despejava a bebida perfumada em sua xícara, Renata começou a falar novamente.

— Só não me sinto confortável com a tensão entre nós, Karina. A vida é muito curta. Você é adulta e faz suas próprias escolhas. Eu respeitarei isso. Mas, por favor, não pense que isso significa que eu aprovo.

— Entendo, vó — disse Karina, com a voz calma e respeitosa, mas, enquanto falava, pegou um garfo no balcão e imitou uma punhalada na cabeça de costas para a avó.

— Karina, tenho olhos na parte de trás da cabeça — disse a avó com firmeza.

— Desculpe — Karina murmurou, sentindo-se como se tivesse dez anos novamente, sendo pega dando a língua para a avó, quando se sentou na

cadeira.

O olhar no rosto de sua avó era algo que ela nunca pensou ter visto antes. Era, se ela não estava enganada, de incerteza. Sua avó normalmente estoica, com o rosto parecendo esculpido em pedra, parecia nervosa, tensa e longe de ter certeza enquanto olhava para a caneca de café que Karina havia trazido.

— Vó? — O estômago de Karina revirou o que poderia ter trazido essa trégua incomum e essa expressão ansiosa. — Você está bem?

— O quê? — Renata olhou para cima. Os olhos dela estavam vidrados, como se ela estivesse mergulhada em pensamentos.

— O que há de errado? — Karina ouviu o pânico em seu tom quando expressou seu maior medo. — Você está doente? Apenas me diga.

Renata afastou a cabeça e a sacudi como se a ideia fosse absurda.

— Não, eu não estou doente. — Então, parecendo frustrada, para si mesma ou para Karina, ela disse com relutância: — Estou apenas fazendo um trabalho ruim com o que vim fazer aqui.

Embora acreditasse na avó quando dissera que não estava doente, Karina ainda se sentia desconfortável. Uma profunda sensação de pavor tomou conta dela.

— O que você veio fazer aqui?

Pigarreando, Renata sentou-se e colocou as mãos cruzadas sobre a mesa. Sua estatura era adequada e rígida, seu rosto parecia sereno, mas seus olhos continham um mar de emoções com ondas agitadas.

— Vim aqui para lhe dizer o motivo pelo qual tinha reservas sobre o garoto. Eu vim aqui para falar sobre sua mãe.

Karina ouvira falar de um fenômeno em que tudo fica entorpecido e tudo o que você ouve é um zumbido alto em sua cabeça, e ela via em filmes quando os personagens obtinham uma visão de túnel que termina em um objeto minúsculo, mas ela nunca havia experimentado nenhuma dessas coisas. Até agora.

Ela ouviu as palavras que sua avó estava dizendo, mas estava tendo dificuldade para processá-las.

— Você não conheceu seu avô, mas ele era um bom homem. Ele era gentil e generoso. Era um guerreiro da tribo e era visto com muita honra. Nosso casamento foi arranjado. Eu tinha dezesseis anos, e ele, trinta. Como era habitual, imediatamente tentamos ter filhos. Por alguns anos, devo admitir, fiquei aliviada por não termos concebido. Eu era jovem e, para ser

sincera, queria mais tempo sozinha com seu avô. Eu o amava tanto e, egoisticamente, não queria compartilhá-lo.

“Mas, à medida que o tempo passava e continuávamos sem filhos, fiquei deprimida e comecei a acreditar que nunca teria meu próprio filho. Seu avô sempre manteve a fé. Quando meu trigésimo ano passou, passei um mês de luto pela ideia de maternidade e depois deixei toda a esperança para trás.

“Então, quando me vi grávida dez anos depois, você pode imaginar minha surpresa. — O olho da avó estava cheio de umidade, e um sorriso triste apareceu em seus lábios. — Seu avô estava mais feliz do que eu já o vi, tão empolgado que os deuses finalmente tivessem nos abençoado. Então sua mãe nasceu e ela era o mundo dele. Os dois anos que todos tivemos juntos foram os melhores da minha vida.

“Então, em Am Suk, no segundo ano de sua mãe, Pallaton, seu avô, adoeceu. Eu fiquei ao lado da cama dele. Seu espírito nos deixou no O'osh. Naquele dia, eu cortei meu cabelo, como é tradição, e nunca mais o cortei desde então.”

Karina viu a avó passar os dedos pela longa trança. Era tão surreal ouvir sobre o avô e a mãe. Ela não sabia que seu avô estava doente desde a primavera e depois faleceu no outono. Que sua avó passara meses sentada ao lado do marido moribundo. Que a morte dele foi a razão pela qual ela nunca cortou o cabelo. Que o nome dele era Pallaton.

— Aiyana, sua mãe, era tão jovem, mas ela era um espírito livre. O último desejo do seu avô foi que eu deixasse o espírito dela subir. Que eu a deixasse soprar livre como o vento. Não fui criada dessa maneira, mas honrei o pedido final do seu avô.

“Essa garota testou minha paciência a cada passo. Então, depois de sua dança Pine Nut, ela deixou a tribo. Ela me deixou. Ela estava saindo com um garoto que eu não aprovava, porque ele era um homem branco. Não tinha sangue nativo. Era músico, baterista, e sua banda estava para sair em turnê. Ela foi com ele e eu não tive contato com ela por dois anos.”

Karina percebeu que sua avó estava ficando engasgada e queria lhe dizer que estava tudo bem, que ela não precisava continuar. Mas a verdade é que ela esperou a vida toda para ouvir o que sua avó estava dizendo e precisava ouvir.

Quando Renata não continuou, Karina perguntou:

— É por isso que não me foi permitido dançar?

A Dança Pine Nut, ou Dança das Garotas, era um ritual de passagem

feminino na tribo. Depois de sua dança, você era considerada uma mulher. Mas Karina nunca teve permissão para participar de uma das tradições mais antigas de sua tribo e ela não sabia o porquê.

Renata respirou fundo e parecia ter percebido suas emoções.

— Sim. Eu sei que não foi justo. Sei que você deve acreditar que boa parte de sua vida não foi justa e, por isso, sinto muito. Só vi sua mãe uma vez depois da dança dela. Dois anos depois que ela empacotou as coisas e partiu, ela apareceu na minha porta grávida de nove meses. Na noite em que chegou, ela entrou em trabalho de parto. Algo estava errado. Ela estava com febre e, contra o aconselhamento dos mais velhos, eu a levei ao hospital em Lake Tahoe. Ela teve que fazer uma cesariana de emergência. Fiquei até depois que você nasceu e ela estava descansando. Depois fui para casa para tomar um banho e trocar de roupa.

“Quando voltei ao hospital, algumas horas depois, sua mãe havia partido. Ela abandonou você... e eu. Na sua cama, havia um bilhete que dizia simplesmente ‘Por favor, cuide da Karina’. Eu nem sabia que ela tinha lhe dado um nome. Fiquei no hospital até você ter alta e te levei para casa. Eu estava determinada a não cometer os mesmos erros que cometi com Aiyana. Não cedi a todos os seus caprichos. Te dei estrutura e disciplina.”

Tudo o que Karina pôde fazer foi assentir.

— Estou lhe dizendo tudo isso agora para que você saiba por que tenho reservas sobre seu relacionamento com o garoto Perkins. Ele não tem nossa linhagem, Karina.

Tanta coisa estava ficando mais clara. Tanta coisa fazia sentido agora. Especialmente o motivo pelo qual sua avó sempre insistiu tanto para que Karina namorasse alguém de dentro da tribo. Como ela era apenas metade *Washoe*, seus filhos seriam apenas um quarto.

— A tribo procurou sua mãe por anos depois que ela partiu. A última vez que foi vista foi na Alemanha. Você tinha oito anos, na época. — A avó tirou um arquivo de papel pardo da bolsa e empurrou-o sobre a mesa. — Essa é toda a informação que você precisa para encontrar sua mãe ou seu pai. Seus nomes, números de previdência social e último endereço conhecido.

Karina olhou para a pasta. Era o que ela sempre quis. Encontrar seus pais. De alguma forma, agora que estava bem na frente dela, depois de ouvir essa história, não parecia tão atraente.

— Meu pai sabia que minha mãe estava grávida de mim? — Karina olhou para a avó.

— Sim — Renata assentiu, tensa de raiva enquanto falava com os dentes cerrados. — Ele disse a Aiyana para interromper a gravidez, mas ela não conseguiu. Ela me disse que ficou com um amigo no último trimestre porque ele não queria ser lembrado... — Sua voz sumiu.

— Lembrado de quê? — Karina perguntou.

— Do erro — disse Renata, sua voz vazia de emoção.

*Eu. Eu sou o erro.*

Karina não tinha certeza de como deveria estar se sentindo. Triste. Brava. Magoada. Abandonada. Traída. Talvez uma combinação de tudo isso. Mas ela não sentia nada disso. Ela apenas tinha uma sensação de calma.

Enquanto passava os dedos pela capa da pasta, ela sabia que seria apenas um movimento do pulso para dar respostas a perguntas que ela sempre fez. Mas percebeu que já tinha todas as respostas de que precisava.

Empurrando a pasta fechada de volta para a avó, Karina disse:

— Obrigada. Por me contar. E por me criar.

— O quê? — Renata parecia que ter ouvido que alienígenas eram reais. — Você não vai abrir?

— Não — Karina disse calmamente.

— Mas foi isso que você sempre quis. — Renata balançou a cabeça em descrença. — Encontrar sua mãe e seu pai.

— Eu sempre tive a única mãe de que precisava. Eu não preciso encontrá-la. Eu estou olhando para ela.

Renata levou a mão à boca enquanto lágrimas caíam pelo seu rosto.

Karina levantou-se para dar um abraço na avó, no momento em que a campainha tocou.

— Sério. — Ela escovou as poucas gotas de emoção que caíram por suas bochechas enquanto fungava. — É como a Grand Central Station por aqui. Desculpe, vó, mas eu provavelmente deveria atender. Descobri que os visitantes não costumam entender indiretas e ir embora.

— Tudo bem. — Renata acenou com desdém.

Karina pensou que sua avó realmente parecia aliviada com a interrupção. Ela nunca gostou muito de emoções e, agora, Karina entendia um pouco melhor o porquê.

Sua mente ainda estava se recuperando das informações que acabara de receber quando abriu a porta, esperando ver Sam. Para sua surpresa, não era sua vizinha e um quarto do Quarteto Fabuloso na varanda. Eram Bernie Kaplan e Davis Johansson. Os olhos dela se arregalaram.

Ela olhou para a camisa térmica surrada, o jeans desbotado e o tênis *Converse* vermelho que ainda estava usando. Ela parecia um skatista de doze anos. E nem mesmo uma menina skatista.

— Oi! — ela disse, surpresa, recuando e gesticulando para dentro. — Tínhamos uma reunião agendada?

Os dois entraram confiantes em seu hall como se fossem donos do lugar. Bernie respirou fundo pelo nariz.

— Sinto cheiro de café? — ele perguntou.

— Sim — disse Karina, sabendo que não havia como negar. — Por aqui.

Ela liderou o caminho para a cozinha, os dois homens atrás dela. Quando viu a avó sentada ereta e séria na mesa da cozinha, ficou feliz ao ver que estava totalmente recuperada. Não havia sinais de que elas tinham acabado de ter um momento de *Arquivo Confidencial*.

— Vó, estes são meu agente, Bernie Kaplan, e o chefe da minha gravadora, Davis Johansson. Esta é minha avó, Renata Blackstone.

Ela graciosamente inclinou a cabeça para os dois homens, de modo reservado como era com a maioria das pessoas novas.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Blackstone — disse Davis em seu jeito liso de vendedor. Karina esperava que Bernie ecoasse imediatamente esse sentimento, mas ele ficou em silêncio. Ela olhou para ele, preocupada, certa de que nada menos que um ataque cardíaco ou algo igualmente catastrófico poderia deixar Bernie Kaplan em silêncio.

O que ela viu realmente a perturbou mais. Bernie estava olhando fixamente para a avó, pasmo, e Karina quase podia ver os corações dos desenhos animados flutuando ao redor de sua cabeça, como costumavam fazer em torno do *Pepe Le Pew*, quando ele se apaixonava pelo gatinho preto e branco.

— Uh. De jeito nenhum. Nem pense... — ela começou, mas era tarde demais.

Ele deslizou na cadeira em frente à avó e a encarou com olhos de corça.

— Renata — ele respirou reverentemente. — Um nome tão bonito para uma bela dama.

Renata estendeu rigidamente a mão para dar um aperto e, num tom igualmente rígido, disse:

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Kaplan.

Em vez de apertar a mão estendida, Bernie gentilmente a pegou na sua,

girou-a de modo que a palma da mão estivesse voltada para baixo, a levou aos lábios e fez contato. Karina sabia que a avó devia estar chocada com as ações dele, porque Renata deixou a mão nas dele, pressionando firmemente contra o beijo/cumprimento de Bernie por muito, muito, muito mais tempo do que Karina teria esperado.

Finalmente, ela recolocou os dedos para trás e colocou as duas mãos em volta da xícara de café.

— Sr. Kaplan, você é muito corajoso — ela advertiu.

— Os mansos herdam a terra? Não, não herdam — ele disse enfaticamente, ainda sorrindo para ela como um estudante.

— Acredito que a citação é que os mansos herdam a terra — Renata corrigiu.

— Citação? Quem está citando? Estou falando da maneira como o mundo funciona — Bernie esclareceu, seu sorriso se espalhando até se esticar de orelha a orelha. — Se você quiser usar aspas, sempre preferi "A sorte favorece os ousados".

— Oh, meu Deus — interrompeu Karina, incapaz de assistir àquilo por mais tempo. — Vó, obrigada por ter vindo. Sinto muito pela interrupção, mas posso visitar sua casa mais tarde.

Renata nem reconheceu que Karina havia falado. Embora seu rosto fosse tão impassível quanto granito, ela continuou olhando para Bernie.

— Vó, não sei quanto tempo isso vai levar, então deixe-me acompanhá-la. Karina começou a caminhar em direção à porta quando ouviu seu agente.

— Não seja boba! — Bernie disse expansivamente. — Gostaria de ouvir a perspectiva de sua avó sobre tudo isso. Está claro que você puxou a beleza dela. Eu estaria disposto a apostar que puxou o cérebro também!

Karina se virou para ver qual era a reação da avó. Aquele era o sinal de um sorriso puxando o lado da boca de Renata? Karina não sabia dizer.

Renata ficou de pé graciosamente, enquanto fazia tudo, e atravessou a cozinha enquanto dizia:

— Sou perfeitamente capaz de sair sozinha, Karina. Podemos continuar nossa conversa mais tarde.

Quando a porta da frente se fechou, Karina sentou-se à mesa e tentou ao máximo mudar para um assunto profissional.

— Ela é uma *lady*, sua avó — Bernie sorriu atrás dela.

Karina carinhosamente colocou a mão em seu ombro.

— Oh, Bernie. Eu odeio te dar essa notícia. Mas você não tem chance



nenhuma.

Bernie parecia totalmente destemido.

— Ver a beleza é uma recompensa em si.

Karina balançou a cabeça.

— Acho que a citação é “A beleza é sua própria recompensa”, na verdade.

Bernie deu de ombros.

— Quem está citando?

Como se toda a troca entre Renata e Bernie não tivesse acabado de acontecer, Davis disse:

— Karina, nos encontramos com Ryan. Conversamos com ele sobre aproveitarmos esse burburinho e a química entre vocês dois para lançá-lo como um novo artista. Ele está pra lá de animado.

— Pra lá — Bernie ecoou.

Karina inclinou a cabeça.

— O que exatamente isso implicaria para cada um de nós? — ela perguntou.

— Ele faria o show de abertura na sua próxima turnê, pra começar — disse Davis.

Ela assentiu.

*Por enquanto, tudo bem.*

— Você escreveria com ele, possivelmente faria um dueto que será lançado em cada um de seus projetos.

Karina assentiu novamente. Ela não tinha ouvido nada que ainda não tivesse sugerido.

— Então é o seguinte — começou Bernie.

Karina se encolheu. Ela conhecia esse tom e conhecia essa frase. Em seguida vinha a parte que ela não iria gostar.

— Precisamos conversar sobre a direção do seu próximo álbum — Davis entrou.

— Eu posso fazer melhor — ela respondeu friamente. — Tenho três faixas esboçadas. Vamos ouvir.

Bernie pareceu aliviado e Davis pareceu entusiasmado quando Karina os levou ao seu estúdio em casa. Quando estavam sentados, ela colocou as três faixas e as tocou sem comentar. Ela não iria implorar em nome deste trabalho, e ela não iria se justificar. A música poderia falar por si.

Quando os últimos acordes da última música terminaram, Davis se

entusiasmou:

— Ótimo, ótimo, Karina. Realmente um ótimo trabalho!

Karina assentiu em agradecimento, mas não tinha muitas esperanças. Era assim que sempre começava. Em seguida, viria a parte da conversa com “Se você pudesse torná-la um pouco mais...”

— Eis o problema — Davis começou, e Karina lembrou-se de permanecer calma e profissional. — É um pouco... elaborado... para o que você costuma fazer.

— Eu concordo — disse ela, comportando-se como se o que Davis dissesse fosse mais um elogio do que uma queixa. — Eu acho que é um avanço real do meu trabalho anterior. Uma coisa que indica mais um “próximo nível”.

— Uma progressão — sugeriu Bernie.

Ela assentiu.

— Oh, eu concordo, eu concordo — disse Davis. — É excelente. Eu, pessoalmente, gostei muito das faixas.

Karina assentiu novamente, esperando o inevitável “mas”.

— O problema é que — ele continuou — queremos garantir que a progressão aconteça na direção certa, estou certo? Seus fãs estão mais acostumados a coisas com letras simples. Isso se repete com frequência. Nos acordes Dó, Sol ou Fá. E tópicos estimulantes. Talvez você possa incorporar essas coisas neste trabalho.

— Isso mudaria fundamentalmente este trabalho — respondeu Karina com firmeza.

— Não, não — Davis insistiu —, isso apenas... apimentaria um pouco.

— Um pouco de tempero é tudo — Bernie ecoou.

Karina suspirou, permitindo que sua frustração sangrasse através de seu comportamento calmo um pouco.

— Olha — disse Davis. — Queremos enviar Ryan em turnê com você. Nós realmente queremos. Mas, para que isso aconteça, é necessário lançar um disco que possa ser lucrativo para promovermos.

Ela inclinou a cabeça.

— Isso é uma ameaça?

Davis deu de ombros, levantando-se enquanto dizia:

— É uma realidade.

Ela e Bernie também se levantaram e saíram da sala. Ela se sentiu triste e derrotada ao acompanhá-los até a porta da frente. Se fosse apenas ela, ela

teria pensado em lutar com unhas e dentes. Mas eles conseguiram atingi-la em seu ponto fraco. Ryan.

Agora, ela tinha não apenas seu próprio futuro profissional em suas mãos, mas o dele também. E ela levava isso a sério. Ela realmente precisava pensar no que ia fazer a seguir.





Ryan estava zumbindo de emoção quando caminhou até a porta de Karina e bateu. Era a primeira vez que ele a levava para o tipo de encontro que uma garota como ela merecia.

Claro, as coisas que eles haviam feito até agora — o sorvete, o minigolfe, a patinação no gelo em King's Pond — haviam sido ótimas. Ryan amara todas elas. Mas ele era um cara de cidade pequena. É claro que ele amaria. Estas eram atividades de cidades pequenas.

Karina merecia mais do que isso de vez em quando. Ela merecia sofisticação, e hoje à noite, ele lhe daria exatamente isso.

Ryan fez reservas em um restaurante de muito bem avaliado em Lake Tahoe. Ele até conseguiu uma mesa imediatamente ao lado das grandes janelas panorâmicas que davam para o lago. O melhor de tudo é que ele reservou um horário que os colocava à mesa durante exatamente o momento certo para assistir ao pôr do sol sobre a grande extensão vítrea.

Havia poucas paisagens no mundo que eram mais espetaculares do que o festival de laranjas e roxos brilhantes que se misturavam enquanto o sol se punha abaixo do horizonte do lago Tahoe todas as noites.

E a verdade era que ele simplesmente sentia falta de Karina e estava empolgado em vê-la.

Estava ficando claro que ela era como uma droga para ele de várias

maneiras. Não só ela tinha um efeito físico sobre ele como um narcótico, mas também levava o vício a um nível totalmente novo, fazendo-o desejá-la quanto mais ficava perto dela. Não havia isso de ficar satisfeito com ele quando se tratava de Karina Blackstone. Nenhuma quantidade de tempo que ele passasse com ela, pelo resto de sua vida, satisfaria seu desejo por ela.

Ryan limpou as mãos nas coxas. Ele estava realmente nervoso quando estendeu a mão para tocar a campainha. Ele havia planejado a noite muito cuidadosamente e queria que fosse perfeita.

De fato, ela nem sabia o que ele havia planejado para eles. Ele queria que fosse uma surpresa. Tudo o que disse a ela era que ela deveria se vestir. Tudo o mais seria um mistério.

Ela gritou para que ele soubesse que ela estava descendo. Um momento depois, ele ouviu os calcanhares dela clicando na entrada. Quando ela abriu a porta para ele envolta em um vestido azul meia-noite, seus olhos se arregalaram e ele respirou:

— Cacete.

Karina sorriu e disse:

— Precisamente o efeito que eu estava buscando.

Quando ela saiu, ele apoiou a mão na base da coluna dela e a levou para a caminhonete. Ele honestamente se sentia o cara mais sortudo do mundo.

— E você está muito gato — disse ela, orgulhosa, olhando-o de cima a baixo. — Mal posso esperar para ver o que você planejou para nós essa noite. Eu amo surpresas. Elas são tão emocionantes.

— Espero que você goste — ele sorriu.

Ryan ajudou Karina a entrar na caminhonete, que ele havia lavado para esta ocasião. Então correu para o lado, ligou o motor e eles desceram a montanha.

Enquanto dirigia silenciosamente, Ryan ficou surpreso ao descobrir que estar todo vestido e a ocasião especial no ar parecia estar provocando todos os tipos de tensão sexual. Era como a tensão sexual normal de Karina e Ryan, que geralmente queimava entre eles, mas com esteroides. Ele gostou, é claro. Mas se ele não tivesse algum controle, teria que segurar o paletó na frente da calça quando eles caminhassem para a mesa.

Ryan virou-se para olhá-la e decidiu tentar uma conversa.

— Você está incrível — ele começou. — Linda.

Ela sorriu agradecida.

Enquanto a caminhonete acelerava pela cidade de Hope Falls e

continuava descendo a montanha, Karina virou-se para Ryan, intrigada.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou.

Ele sorriu.

— É uma surpresa.

A voz dela tinha uma ponta minúscula de apreensão quando ela insistiu:

— Não, sério, Ryan. Aonde estamos indo?

Ele olhou para ela e viu que ela estava falando sério. O plano tinha sido uma surpresa.

— Para Lake Tahoe — ele disse. — Para um restaurante incrível. Avaliações de quatro estrelas. E tem a vista mais insana do lago. Estaremos sentados lá enquanto o sol se põe.

— Você disse a eles que estávamos indo? — ela perguntou ansiosamente.

— Sim — ele disse.

Claro, ele podia ser um cara da cidade pequena. Mas ela pensava que ele era um caipira que não saberia que uma reserva precisava ser feita em um restaurante com avaliação quatro estrelas?

Eles dirigiram o resto do caminho a Lake Tahoe em silêncio, e Ryan percebeu que a qualidade desse silêncio era muito diferente do que era antes. Este não era o constrangimento excitante, carregado de sexo. Era tenso. Ryan lutou contra a crescente sensação de que havia feito algo muito errado, embora não tivesse certeza do que poderia ser.

Quando eles finalmente pararam na estação de manobrista, Ryan ficou aliviado. Ele tinha certeza de que, assim que entrassem no restaurante — quando ela visse como era bonito —, a tensão se dissiparia.

Mas quando ele abriu a porta do lado do passageiro para deixá-la sair, o único olhar que viu foi de preocupação.

— Karina... — Ele ia perguntar se ela queria ir embora, mas pelo canto do olho viu que o manobrista estava indo buscar suas chaves, segurando um ticket na mão esquerda para trocar por elas.

— Eles só têm um manobrista? — Karina perguntou a Ryan baixinho.

— Não sei — disse Ryan, sem saber para onde ela estava indo ou por que isso importava. — Você quer que eu pergunte? Você quer ir embora?

Ela balançou a cabeça. Olhando de volta para o atendente que quase os alcançara, Ryan viu que ele havia parado a um metro deles e estava imóvel, com o queixo caído.

— Oh, meu Deus, você é Karina Black — disse o garoto trêmulo,

puxando o celular. — Posso tirar uma foto com você?

Sentindo-se protetor, Ryan sutilmente se colocou entre eles e disse:

— Na verdade, estamos apenas tentando aproveitar a noite.

A expressão do garoto desmoronou em uma mistura de decepção e constrangimento por uma fração de segundo antes de registrar o fato de que Karina passou por Ryan e estava sorrindo brilhantemente para ele.

— Claro. Eu adoraria tirar uma foto! — ela falou, pegando o telefone e entregando a Ryan. Ela passou o braço em volta do garoto e sorriu radiante enquanto ele tentava conversar com Ryan através de uma série de comandos que permitiriam ao telefone tirar a foto dele e de Karina.

Assim que a foto foi tirada, Karina se virou e entrou rápido no restaurante. Ryan estava ao lado dela e deu o nome à anfitriã. A jovem levou-os para a mesa, enquanto lançava olhares furtivos e vertiginosos para Karina.

Ryan estava tentando julgar como Karina estava se sentindo. Se ela estava desconfortável. Se estava chateada. Ele não conseguia ler. Do manobrista, à anfitriã, a todas as pessoas que olharam duas vezes quando a viram passar pela mesa, Karina ofereceu nada além de sorrisos abertos e ensolarados e um ar agradável e acolhedor.

Não havia nada de errado nisso. Só que não era Karina. Ela simplesmente não parecia... ela mesma. Karina era muitas coisas, mas *Little Miss Sunshine* ela não era. Ele a amava por isso. Ela era muito mais Rizzo do que Sandy, e ele não a queria de outra maneira.

No entanto, lá estava ela, engolindo seu verdadeiro eu, sorrindo e acenando para pessoas como uma debutante sulista nos anos 50. Ele não tinha certeza do que estava acontecendo, mas tinha certeza de que não era mais o responsável pela situação, se é que em algum momento ele conseguiu ser.

A anfitriã os levou à mesa e pôs os menus na frente deles com as mãos trêmulas. Ela se virou para ir embora, mas depois de dar apenas três passos, girou nos calcanhares e voltou, como se não pudesse se conter.

— Eu sinto muito. Eu sei que isso é, tipo, pouco profissional e você provavelmente só quer ser deixada em paz, mas eu sinto que tenho que lhe contar... — ela disse sem fôlego.

Karina colocou a mão no braço e disse encorajadoramente:

— Não, está tudo bem.

— Oh, Deus, eu só tenho que lhe dizer... — A garota se emocionou. — ... que eu literalmente ouvi “Baby, você é o único”, no *repeat* no último verão... tipo, durante todo o verão. Tipo... literalmente acabava, e eu

literalmente começava de novo.

Karina sorriu, abraçou a garota e Ryan tirou uma foto das duas com seu próprio telefone, prometendo postá-la no Facebook mais tarde para que a garota pudesse pegá-la.

Karina parecia estressada. Tensa. E por que ela não deveria estar? Esse jantar íntimo e romântico não estava funcionando da maneira que ele pretendia.

Eles estudaram seus menus em silêncio e depois fizeram seus pedidos com um garçom que — Ryan agradeceu a Deus — era um homem de meia-idade que parecia não saber nem se importar com quem Karina era.

Mal tinham dado as primeiras colheradas na sopa quando um grito agudo ecoou pela sala de jantar. Ryan, surpreso, olhou em volta para ver o que havia acontecido. Ele viu duas meninas se separarem do grupo da família e se aproximarem da mesa.

— Oh. Meu. Deus! — gritou a mais jovem, que parecia ter onze anos. — Vocês são Karina e Ryan. Oh, meu Deus! São Karina e Ryan!

Ryan ficou chocado.

— Como vocês sabem quem eu sou?

A mais alta das duas explodiu:

— Duh! Porque assistimos ao seu vídeo umas mil vezes!

Ambas estavam pulando animadamente de um pé para o outro. Seus pais chegaram à mesa nessa hora, com a câmera pronta. As meninas correram em volta da mesa para ficar entre as cadeiras de Karina e Ryan, e os quatro se aproximaram.

— Digam *xis*! — disse com um sorriso o careca que Ryan supôs ser o pai das meninas.

Enquanto a família se afastava, as meninas conversando animadamente uma com a outra, Ryan ficou pasmo. Ele se sentiu como um cervo diante de faróis. Sim, claro, ele sabia que o vídeo dele e Karina cantando juntos havia recebido milhões de visualizações. Intelectualmente, ele havia aceitado isso. Mas ele realmente não havia processado o fato de que cada um desses milhões de visualizações representava uma pessoa real — sentada na sala de estar em frente ao computador, deitada na cama com um iPad ou em qualquer outro cenário — observando o rosto dele. Escutando sua voz. Tornando-se consciente de algo que relativamente poucas pessoas no mundo até aquele momento sabiam ou se importavam — o fato de que Ryan Perkins existia.

Era um sentimento bizarro.



As exclamações agudas e altas das meninas sobre a presença de Karina haviam atraído a atenção de outros clientes, e as pessoas agora estavam murmurando e apontando para a mesa. Antes mesmo de terminarem a sopa, mais três pessoas pediram para tirar fotos com Karina. O gerente os espantara, mas infelizmente isso só havia atraído mais atenção para eles.

Ryan notou que o casal na mesa ao lado, um homem e uma mulher de meia-idade, estava ficando cada vez mais irritado com a perturbação. Eles continuaram olhando Karina de uma maneira que o deixou com raiva, mas ele não sabia se deveria dizer alguma coisa.

Ele sentiu como se estivesse em um terreno instável, e não gostou nem um pouco.

A mulher na mesa ao lado falou alto. Ela disse ao marido em um volume claramente destinado a fazer Karina e Ryan ouvirem:

— Algumas pessoas são tão rudes. Eles acham que são as únicas pessoas no mundo. Esquecem que existem pessoas comuns que só querem desfrutar de uma refeição em paz. Não. Eles não se importam.

— É verdade — concordou o marido. — E ela provavelmente nem terá que pagar pela refeição. Nós vamos ter que pagar pela nossa, com certeza. Mesmo depois que a rainha de Sabá aqui a arruinou.

Com isso, Ryan teve o suficiente. Ele se virou para dizer algo, mas Karina enfiou os dedos no braço dele e balançou a cabeça.

Ryan olhou para ela silenciosamente, pedindo que lhe deixasse dizer alguma coisa.

— Ryan, sério — ela insistiu com urgência acima de um sussurro. — Deixe pra lá. Estou falando sério.

Ele respirou fundo pelo nariz e expirou pela boca. A frustração estava crescendo dentro dele. Não por Karina, nem mesmo pela mulher ao lado deles. Apenas por toda a situação.

O garçom aproximou-se da mesa, parecendo um pouco desconfortável, perguntando se estava tudo bem.

Karina sorriu para ele, colocando a mão na carteira e habilmente deslizando o cartão Black Amex.

— Sim, obrigada. Você poderia me fazer um favor? Você poderia adicionar as contas de todas as mesas diretamente adjacentes a esta e cobrar neste cartão? E adicione uma gorjeta de vinte e cinco por cento para você também.

— Não, coloque no meu. — Ryan enfiou a mão no bolso para retirar o

cartão.

— Não — Karina exigiu baixinho, seus olhos disparando *lasers* para Ryan, o que não deixava espaço para discussão. Então, voltando-se para o garçom, ela instruiu agradavelmente: — Por favor, coloque no meu cartão.

Os olhos do garçom se arregalaram um pouco, mas ele foi discretamente profissional demais para deixar transparecer qualquer indicação além daquele leve movimento. Ele olhou para o cartão e voltou para Karina.

— Muito bem, Srta. Black. Obrigado.

Antes que o garçom pudesse lhes trazer o prato principal ou até mesmo retornar com o cartão de Karina, a atmosfera no restaurante mudou. De repente, a mesa deles estava cercada por uma dúzia de pessoas que tentavam chamar sua atenção. O gerente e dois garçons estavam tentando fazer com que todos voltassem às suas mesas. Mas era como se estivessem se multiplicando mais rapidamente do que a administração podia controlar.

Mesmo com a desorientação temporária causada por essa repentina reviravolta, Ryan teve a presença de espírito de perceber que as pessoas que estavam ao seu redor agora estavam vestindo jeans e camisetas, sem todo o vestuário que usariam se estivessem de fato jantando naquele estabelecimento elegante. Essas pessoas foram ali especificamente para ver Karina.

Até Karina, que lidava com esse tipo de atenção do público regularmente com maestria, parecia um pouco assustada com essa virada. Ela se esforçou para dividir graciosamente sua atenção entre as várias pessoas ao seu redor, cada uma se tornando mais intensa e insistente.

Ambos ouviram o sinal sonoro que indicava que Karina tinha uma mensagem de texto, e ela pegou o telefone da bolsa e olhou para o rosto.

— Oh, Deus — ela gemeu. — É o Bernie. As pessoas têm twittado que estamos aqui.

O gerente levantou a voz para o grupo de pessoas e insistiu em voz alta que, se tivessem uma mesa no restaurante, precisariam retornar a ela e, se não, precisariam sair. A multidão — que ainda estava crescendo — o ignorou completamente. Ele repetiu as mesmas instruções ainda mais alto e insistentemente. E foi novamente ignorado.

O gerente colocou a mão no ombro de uma mulher para chamar sua atenção e tentar fazê-la se mover, mas a mulher girou sobre ele, sacudindo sua mão.

— Não me toque! — ela gritou, um tom de histeria em sua voz. — Tire suas mãos de mim!

O gerente pareceu surpreso, para dizer o mínimo, com essa resposta maníaca e desproporcional. Ele olhou novamente para a multidão ao redor da mesa e, decidindo que isso era mais do que ele poderia assumir, anunciou em voz alta:

— Vou chamar a polícia. Qualquer pessoa que não tenha por que estar aqui deve ter ido embora quando chegarem.

Com isso, ele instruiu um de seus funcionários a ligar para a polícia.

Isso apenas pareceu alimentar o fogo do ventilador que os sufocava... Ryan estava ficando cada vez mais agitado, sentindo a situação girando fora de controle diante de seus olhos e completamente inseguro sobre o que fazer a respeito. Ele pulou da mesa, pegando a bolsa dela com uma das mãos e usando o braço oposto para tirá-la da cadeira.

Ele a protegeu no canto de seu braço e ombro, estendendo a mão que segurava sua bolsa na frente dele para bloquear os corpos aglomerados e abrir caminho para eles. Então praticamente correu com ela em direção à porta da frente e freneticamente entregou o bilhete ao manobrista.

— Por favor, se apresse — ele insistiu.

Enquanto esperavam o manobrista trazer o carro, começaram a sentir o disparar de luzes brilhantes, uma logo após a outra, bem diante dos olhos deles. Ryan apertou os olhos e levantou a mão na frente do rosto. Karina gentilmente lhe deu uma cotovelada e se inclinou.

— São paparazzi. Não faça isso, a menos que queira terminar na capa de uma revista parecendo um *serial killer*. Apenas tente sorrir o mais naturalmente possível.

Ele olhou para ela, pensando que ela devia estar brincando, mas não. Ele ficou surpreso ao vê-la sorrindo e acenando para os três fotógrafos do outro lado da rua.

Ele tentou sintonizar o que eles estavam dizendo.

— Karina, seu novo parceiro de escrita é mais do que apenas uma aventura profissional?

— Karina, você não está saindo com Kyle Austen Reed?

— Karina, você está traindo?

— Karina, como você se sente ao ser pega traindo?

Ryan ficou furioso. Como eles ousavam desrespeitá-la assim? Ele nem sequer pensou na carranca perversa que devia estar crescendo em seu rosto até Karina dar uma cotovelada nele novamente, desta vez com mais força.

— Ryan, estou falando sério. Pareça agradável — ela sibilou entre os

lábios sorridentes e os dentes cerrados.

Ele fez o seu melhor, mas tinha certeza de que tudo o que conseguia era uma expressão neutra.

Quando ele viu sua caminhonete se aproximando, seu braço apertou o ombro de Karina em preparação. Uma vez que o manobrista parou, Ryan abriu a porta do passageiro e a levou para dentro. Então ele correu para o lado do motorista, enfiou uma nota de vinte dólares na mão do manobrista e pulou na caminhonete, imediatamente partindo pela estrada sinuosa.

Ele olhou para trás várias vezes, preocupado que alguns dos paparazzi loucos e insistentes ou fãs tivessem se amontoado em seus carros e perseguido-os pela montanha. Mas depois de cinco minutos dirigindo em solidão e não vendo faróis aparecerem atrás dele, ele deu um suspiro de alívio.

— Não parece que eles estão seguindo — ele disse, os dedos abrindo e fechando ao redor do volante com energia ansiosa.

Karina, que estava olhando pela janela, não respondeu.

— Você está bem? — ele perguntou, depois de outro momento de silêncio.

Ainda sem resposta.

O silêncio se prolongou. Ele não sabia o que dizer ou se não dizer nada era o melhor curso de ação.

Finalmente, ela disse com uma voz plana e sem vida:

— Você disse que avisou a eles que estávamos vindo.

— Sim. Quer dizer, fiz uma reserva... — ele respondeu, perplexo.

— Mas você não disse a eles que era para mim. — Sua voz ainda estava sem emoção. — Você não disse a eles que eu estava vindo para que eles pudessem fazer arranjos.

— Arranjos? — Ryan perguntou. Ele se sentia como um completo idiota.

— Nos sentando em um canto isolado. Tendo uma entrada e saída nos fundos preparada e estacionando o carro ao lado dela. Avisar à equipe com antecedência para não divulgar nossa visita enquanto ainda estivéssemos lá. Isso não é LA, Ryan. As pessoas não estão tão acostumadas a ver celebridades aqui. O que aconteceu poderia ter sido muito pior.

Ryan não respondeu. Ele ainda estava tentando entender como essa noite maravilhosa e cuidadosamente planejada, que ele estava tão animado para passar com ela, poderia ter se transformado em uma pilha de merda caótica

no espaço de vinte minutos. Ele simplesmente não conseguia entender.

— Ah, Merda! — ele de repente exclamou. — Eles ainda estão com seu cartão de crédito!

Ela deu de ombros, ainda sem desviar o olhar do que era aparentemente uma visão hipnotizante pela janela do passageiro.

— Eu ligo amanhã e peço desculpas por hoje à noite. Lauren irá comigo buscá-lo.

— Não, Karina — Ryan protestou. — Fui eu quem te meteu nisso. Eu pego.

— Não se preocupe com isso. Lauren irá — Karina disse em um tom que o deixou saber que ela não estava preocupada em incomodá-lo. Ela simplesmente não o queria lá.

— Tudo bem — ele disse calmamente.

A meia hora seguinte passou sem que nenhum deles falasse. Não sendo capaz de impedir o crescimento desse cânion crescente de constrangimento entre eles, Ryan tentou iniciar uma conversa.

— Karina, sinto muito pela forma como isso aconteceu. Eu simplesmente não sabia. Sei que você está chateada e tem todo o direito de estar.

Ela não disse nada por um longo tempo antes de responder de maneira tímida

— Não tenho vontade de falar sobre isso. Não estou chateada... apenas cansada.

Ele assentiu e eles seguiram o resto do caminho até a casa dela em silêncio. Quando eles pararam na garagem dela, ele começou a sair da caminhonete para dar a volta ao seu lado e abrir a porta para ela, como sempre fazia, mas antes mesmo de abrir a porta do motorista, ela abriu a sua e saiu, afastando-se do carro sem uma palavra para ele.

Ele a viu puxar as chaves da bolsa e mexer na fechadura. Ele estava sentado na caminhonete, observando-a. Mesmo que ela o odiasse, não havia como ele sair antes de ver que ela estivesse em segurança lá dentro.

Quando ela finalmente abriu a porta e a luz da entrada brilhou em seu rosto, Ryan viu que ela estava chorando. Antes que ele pudesse decidir o que — se é que podia alguma coisa — fazer sobre isso, no entanto, ela desapareceu dentro da casa, batendo a porta da frente atrás dela.

Depois de esfregar as mãos no rosto, frustrado, ele saiu do caminho e desceu a colina. Se ele pudesse chutar sua própria bunda, teria feito isso. A

noite foi um desastre e tudo por culpa dele.

Ele sabia que tinha estragado tudo. Ele só não sabia o que fazer para consertar.





Ryan estava sentado em seu escritório, mais uma vez incapaz de se concentrar no *QuickBooks*, e mais uma vez porque não conseguia parar de constantemente procurar uma tela onde havia tirado fotos de Karina.

No entanto, esse ataque de distração não foi causado pela alegria, como da última vez, mas pelo desespero.

Fazia uma semana inteira desde o desastre em Lake Tahoe. Ryan ligou para Karina tantas vezes que poderia ser facilmente classificado como *stalker*, mas ela não atendeu o telefone. Então, ele aumentou a aposta e foi até a casa dela, mas ela instalou um sistema de segurança com uma câmera para poder ver quem estava na porta da frente e não abriu para ele.

Bernie e Davis o visitavam todos os dias e estavam ficando cada vez mais impacientes para que ele assinasse os documentos que continuavam a colocar na frente dele. No entanto, ele repetidamente disse a eles que não assinaria nada até falar com Karina.

*Dane-se, ele pensou, se ela não falar comigo hoje à noite, eu vou simplesmente acampar na porta dela.*

No momento em que começava a planejar a logística dessa mudança, ele ouviu um farfalhar de tecido na porta e seu nariz sentiu o aroma de perfume. Ele olhou com expectativa, esperando vê-la ali, mas ficou surpreso ao ver os outros três membros do Quarteto Fabuloso.

Ele sentou-se reto.

— Ei, senhoras. Estou surpreso em vê-las aqui. — Ele apontou para as duas cadeiras de visitantes em frente à sua mesa e então foi encontrar uma terceira.

Lauren o deteve.

— Tudo bem, Ryan. Eu pego.

— Então, vocês três estão aqui para reiterar para mim que idiota eu sou? — Ryan perguntou.

Para sua surpresa, as meninas honestamente pareciam não ter ideia do que ele estava falando.

— Como assim, idiota? Você não acha que todo o fiasco de Lake Tahoe foi sua culpa, acha? — perguntou Amanda.

Ele deu uma risada amarga.

— Sim, mas acho que não importa o que eu penso. Karina deixou bem claro que ela acha que foi minha culpa. Isso é tudo que importa.

O queixo de Sam caiu.

— Ela não acha que foi sua culpa!

A testa de Ryan franziu.

— Ela mal falou comigo no caminho de casa. Ela não retorna minhas ligações... imaginei que ela tivesse terminado comigo.

Amanda balançou a cabeça vigorosamente.

— Não, não! Viu? É por isso que foi uma boa ideia vir conversar com você pessoalmente. Eu esperava que fosse algum tipo de mal-entendido como esse.

— Que mal-entendido? — Ryan perguntou cautelosamente. Por mais que ele quisesse que isso fosse um grande mal-entendido, ele não estava disposto a ter esperanças.

— Ela não está brava. Está deprimida — Lauren informou. — Ela acha que você teve um vislumbre na outra noite de como é realmente estar com ela. O que isso implica. Ela acha que você seria louco por querer isso. Ela não quer isso para você. Ela acha que você merece Suzy Homemaker. Ela se convenceu de que vocês dois terminaram e que é o melhor. Acho que ela não está atendendo às suas ligações porque não quer que seja real.

“Também não ajuda que ela continue ouvindo de Bernie e Davis que há alguns papéis que você se recusa a assinar, e acho que eles têm algo a ver com trabalhar com ela. Então ela acha que você não quer mais.”

Balançando a cabeça, ele perguntou:



— Ok, bem, então por que ela comprou uma câmera de segurança para a porta da frente? Para que ela soubesse quando não responder, porque eu fui lá.

— Uau. Egocêntrico, alguém? — Lauren brincou. — Essas câmeras, todo esse sistema de segurança, é porque ela tem medo de que todo o desastre de Lake Tahoe a siga aqui até Hope Falls por meio de paparazzi ou fãs diligentes e investigativamente talentosos. A outra noite a assustou um pouco. Ela só quer estar segura.

Ryan recostou-se na cadeira, respirando profundamente. Foi a primeira respiração livre e profunda que ele conseguiu ter desde que Karina não estava falando com ele.

— E vocês vieram...?

Amanda assentiu.

— Não para exagerar, mas todos concordamos que reunir os dois é a única coisa que vai tirar Karina desse estado, e não podemos suportar vê-la tão infeliz. Não mais. Agora, precisamos que ela fale com você. Alguma ideia?

Ryan sorriu. Ele estava pensando em algo que queria fazer por ela.

— Eu tenho uma ideia. Eu tenho discutido por um tempo. É um pouco louca, e vai dar muito trabalho. Mas acho que será realmente especial. Vocês me ajudam?

Sam sorriu.

— Um pouco louca, muito trabalho e muito especial são nossa especialidade. O que você tem em mente?



Karina ouviu a campainha tocar alto de onde estava deitada na cama e continuou olhando para a frente como se não tivesse tocado. Soou uma segunda vez, ainda provocando nenhuma resposta. Depois da terceira vez, ela suspirou e relutantemente se levantou da cama. Então ela se arrastou até o monitor da câmera de segurança para ver quem não estava disposto a deixá-la em paz.

Quando viu quem era, ela gemeu. Sam, Amanda e Lauren estavam todas de pé na varanda da frente, olhando diretamente para a câmera com expectativa. Ela não tinha gemido porque não estava feliz em vê-las. Pelo contrário, a visão delas à sua porta elevou seu ânimo levemente. Ela gemeu porque eram três das poucas pessoas no mundo que ela não podia simplesmente ignorar. Ela gemeu porque a presença delas à sua porta significava que ela realmente precisava levantar a bunda e sair da cama.

Karina apertou o botão do interfone e avisou que estava a caminho. Então ela fez questão de fazer as coisas com calma e desceu tranquilamente as escadas, antes de atravessar a entrada. Ela sabia que estava sendo petulante, mas não se importava.

Quando ela abriu a porta, as três mulheres entraram, com os braços cheios de sacolas de roupas, kits de maquiagem e várias bolsas penduradas nos ombros.

— O que está acontecendo? — perguntou Karina, examinando tudo o que elas estavam carregando através dos olhos estreitados. Tudo parecia desconfiado com coisas que eles poderiam tentar usar para arrastá-la para algum tipo de interação com o mundo exterior, e essa era a coisa mais distante de sua mente agora.

— Bem — disse Amanda brilhantemente —, pensamos que seria divertido fazer desfiles de moda, como fazíamos quando éramos crianças.

Karina bufou.

— Você pensou errado.

— Vamos, Kar! — Sam choramingou. — Nós tivemos todo esse problema só para fazer algo divertido para você! Reunimos todas essas coisas!

Karina balançou a cabeça.

— Obrigada pela consideração, meninas, mas receio que vocês tenham perdido seu tempo.

Lauren, no entanto, adotou uma tática diferente. Ela não balbuciou, implorou ou culpou. Ela simplesmente pegou a mão de Karina e a levou pelas escadas como se sua cooperação fosse uma conclusão precipitada.

— Vamos — disse Lauren em um tom direto, mas não sem compaixão. — É hora de se juntar à raça humana.



*Que diferença faz uma hora*, Karina pensou enquanto olhava para si mesma e para suas amigas, alinhadas ao longo de seu generoso espelho do banheiro, com maquiagem e produtos de cabelo espalhados por todas as superfícies disponíveis.

Elas estavam rindo e conversando enquanto faziam seus cabelos e maquiagem em estilos extravagantes, e foi honestamente a coisa mais divertida que Karina já fizera em um tempo — excluindo o tempo que passou com Ryan, é claro. Ela se sentia feliz, real e verdadeiramente feliz, com suas amigas. Ela sorriu para si mesma. Ela tinha a sorte de ter mulheres tão incríveis em sua vida, mulheres que se preocupavam com ela tão profundamente que se metiam em todo esse problema apenas para tirá-la da tristeza.

— Vamos. Vamos experimentar nossos vestidos! — Amanda chamou.

Elas correram para o quarto de Karina. Amanda, Lauren e Sam começaram a desfazer as malas e Karina entrou no closet.

Um momento depois, Karina apareceu com um vestido de chiffon esvoaçante em preto, com cristais brilhantes adornando a frente, parecendo nada mais do que diamantes em veludo preto ou estrelas no céu da meia-noite.

Amanda usava um vestido curto, vermelho, cor de carro de bombeiros que parecia fabuloso contra seus cabelos loiros e ondulados e combinava com o batom vermelho cereja que ela aplicara em sua boca de boneca.

Sam escolheu uma peça de seda no verde-esmeralda mais brilhante que Karina já vira. Seu cabelo ruivo queimava, rico e brilhante, contra o tecido luxuoso, e Karina pensou que nunca tinha visto Sam tão adorável.

Lauren, de sandálias altas e de tiras, se erguia sobre os três, vestindo um vestido leve e etéreo de deusa em azul royal, uma delicada corrente de ouro acentuando-o.

Karina soltou um assobio baixo de lobo.

— Caramba, meninas, estamos muito gatas! Não só bonitas. Gostasas mesmo! — ela declarou, e o resto concordou.

Elas ainda estavam no processo de parabenizar alegremente uma à outra

quando tocaram a campainha.

— Sério?! — Karina exclamou. — Quem poderia ser?

— Eu atendo! — Amanda gritou atrás dela enquanto se afastava em direção às escadas.

Karina olhou para as outras duas, intrigada.

— Ela parecia estar escondendo alguma coisa?

Eles balançaram a cabeça, sem fazer contato visual.

Os olhos de Karina se estreitaram.

— Por que vocês acham que ela saiu tão rápido? Com ela vestindo aquela cor vermelha, era quase como se eu pudesse ver chamuscas atrás dela.

As outras duas deram de ombros, fazendo uma grande cena ao endireitar as sacolas de roupas e fechá-las novamente.

Karina estava prestes a fazer outra pergunta quando ouviu a voz de Amanda subir as escadas.

— Vamos lá, pessoal! Eles estão aqui!

Antes que Karina pudesse detê-las, elas passaram por ela. Karina suspirou. Não havia nada a fazer além de descer e investigar por si mesma.

Ela alcançou Sam e Lauren quando todas chegaram ao topo da escada e as seguiu. Na entrada, ela viu Justin, Jake e Eric parados ali, todos de smoking.

Ignorando a dor aguda no peito, culminando em uma sensação de enjoo no estômago, ela se forçou a sorrir. Foi muito gentil da parte deles organizar algum tipo de reunião formal para animá-la, mas ela realmente iria ser a única sozinha? Esse tipo de derrota não seria o objetivo da noite, que era animá-la e fazê-la sentir que perder Ryan era menos importante do que realmente era?

Ainda assim, eles eram amigos dela e obviamente tinham se esforçado bastante para fazê-la se sentir melhor. Ela estava determinada a ser corajosa, impedir que a dor vazasse para a voz ou para o rosto e não expressar nada ao resto do Quarteto Fabuloso, exceto agradecimentos profundos por todo o trabalho duro e carinho.

Amanda já estava de pé com Justin, que estava com os braços em volta dela, e quando Lauren e Sam pisaram nas escadas da entrada, foram até Eric e Jake, dando-lhes beijos rápidos nas bochechas em saudação.

Karina estava parada na entrada, sozinha, fazendo um esforço consciente para manter o sorriso colado firmemente em seu rosto. Quando as amigas se separaram, ela viu um Ryan muito ousado entrar pela porta da frente, vestido com um smoking, os cabelos penteados e carregando um recipiente de

plástico transparente com a orquídea mais bonita.

Isso era um *corsage*?

Karina olhou em seu rosto bonito e se sentiu impactada. Aturdida. Seria possível que ela tivesse esquecido o quão bonito ele era nesse curto espaço de tempo desde que se viram? Porque ela podia jurar que os solavancos que sua beleza física estava enviando através de cada centímetro de seu corpo agora eram dez vezes mais fortes do que nunca. Era como se ele fosse tão bonito que a chocara fisicamente.

— Ryan — ela respirou. Ela sabia que provavelmente estava pálida como um fantasma. Ela sentiu o sangue sair de seu rosto. E agora, não conseguia pensar em nada para dizer além do nome dele, que ela mal conseguiu sussurrar.

*Ele deve estar revisitando quaisquer pensamentos de caridade que já teve sobre o meu QI*, ela se repreendeu. No entanto, pela vida dela, não conseguia sair desse transe induzido por Ryan. Ela apenas o olhou.

Ryan foi até ela, com um sorriso gigante no rosto, e imediatamente a tranquilizou, inclinando-se e dando-lhe um beijo terno e prolongado. Foi maravilhoso, ela percebeu, porque encontrou exatamente o equilíbrio certo entre quente e doce, entre paixão e carinho. Assim como Ryan.

E assim, seu mundo se endireitou.

Quando Ryan se afastou, Karina mal registrou os assobios e aplausos das outras pessoas na sala. Foi assim que ela estava focada nos olhos de Ryan e no fato de estar de volta nos braços dele. Ela estava flutuando em uma nuvem. Ela estava em casa.

Ryan se afastou dela e disse:

— Eu tenho uma pergunta para você, Karina Blackstone. Você vai ao baile comigo?

Karina riu, sem saber o que ele queria dizer.

— O quê?

Ele sorriu para ela.

— É o seguinte. Você pode confiar em mim o suficiente para dizer que irá? Sei que a última surpresa não deu certo, mas adoraria a chance de me redimir.

O rosto de Karina se abriu em um sorriso largo.

— Sim! — Ela pegou as chaves da mesa do corredor e as jogou na bolsa, sentindo-se mais animada do que nunca.

O grupo saiu pela porta da frente e Karina viu uma limusine SUV

esperando por eles.

— Uau, vocês se superaram! — ela disse entusiasmada.

O grupo se amontoou na limusine, maravilhado com todas as comodidades, e passou uma viagem divertida pela montanha brindando com champanhe, conversando e rindo. Karina ainda estava desfrutando da camaradagem fácil da limusine, mesmo quando parou.

— Isso foi rápido! — ela exclamou. — Onde estamos?

Um por um, cada um dos oito desceu e subiu para a calçada, Karina e Ryan por último. Quando ela saiu, percebeu que todos estavam do lado de fora da escola.

— O que, em nome de Jonny Cash, está acontecendo? — Karina perguntou, completamente confusa naquele momento.

— Vamos lá — Ryan disse com um sorriso, estendendo a mão para ela. — Confie em mim.

Ela devolveu o sorriso dele e colocou a mão na dele. Então eles caminharam juntos para a escola.

Quando o grupo chegou às amplas portas duplas que levavam à academia, Karina disse:

— Sério, pessoal. Eu realmente acho que estamos todos um pouco vestidos demais para assistir a um jogo de basquete!

Ryan apenas sorriu e abriu as portas.

Karina entrou no espaço cavernoso, hipnotizada.

Flâmulas estavam penduradas nas paredes e arquibancadas, balões flutuavam perto do teto e as luzes eram fracas. Alguém havia instalado uma bola de discoteca e ela girava, lançando festivamente luzes multicoloridas na multidão de mais de cem habitantes da cidade, todos vestidos com suas roupas de baile. Um DJ tocava uma *playlist* de músicas lentas e os casais estavam na pista de dança, encostados um no outro e se movendo lentamente.

Quando os olhos de Karina se ajustaram à luz fraca e ela começou a ver mais detalhes, ela notou que havia uma mesa preparada com bebidas e, no canto, havia uma estação para tirar fotos.

E no outro canto, como para completar a cena, estava Kyle, dando voltas e cumprimentando as pessoas como um político em campanha. Ele chamou sua atenção e se aproximou do grupo.

— Karina! — ele exclamou quando a alcançou. — Não é a coisa mais mágica que você já viu? Um baile! Para adultos! Que caprichoso! O que essa cidade vai pensar a seguir?

Com isso, ele se foi rapidamente, de volta à multidão para aproveitar a adoração transbordante.

Karina virou-se para Ryan, a emoção brilhando em seus brilhantes olhos escuros.

— É mágico! — ela insistiu. — Você fez isso? Você fez isso por mim?

Ele sorriu gentilmente, afastando os cabelos da bochecha dela.

— Não sozinho. Seus amigos ajudaram.

Ela se virou para eles.

— Pessoal! Eu não acredito nisso!

— Foi tudo ideia do Ryan — Amanda garantiu. — Ele lembrou que você disse que não tinha ido ao baile de formatura e achou que já era hora de isso ser remediado.

Karina passou os braços em volta do pescoço de Ryan e o beijou com força, nem se importando com o fato de estar manchando o batom. Valeu a pena.

Enquanto o grupo inteiro caminhava mais para dentro do ginásio, Karina perguntou:

— Como você conseguiu espalhar a notícia para todas essas pessoas sem que eu descobrisse? Em uma cidade desse tamanho? Essa é uma grande conquista!

— Sim — disse Lauren secamente. — Essa parte provavelmente teria sido muito mais difícil se tivesse ido à cidade esta semana.

Karina sorriu ironicamente.

— *Touché.*

Sam deu um pequeno salto de felicidade quando ela bateu palmas e disse:

— Chega de conversa. Vamos dançar!

Karina riu e disse:

— Eu poderia apoiar essa ideia. Ei, Ryan, seria muito ousado se eu perguntasse se eu poderia ter essa dança?

Ryan deu um sorriso sexy e ardente e disse suavemente:

— Você pode ter o que quiser.

Enquanto Karina e Ryan dançavam devagar, Karina disse:

— Desculpe por não ter atendido quando você ligou. Eu só... eu não sei...

Ryan balançou a cabeça.

— Não. Não peça desculpas. Eu sinto muito. É por isso que eu estava

ligando, para tentar me desculpar. E o mais importante, para garantir que você estava bem.

Karina suspirou e deitou a cabeça no ombro de Ryan.

— Estou bem agora. E eu sinto muito. Nunca mais evitarei suas ligações.

— Bom — Ryan suspirou —, porque não poder falar com você foi uma tortura. Nunca mais quero passar por isso. Além disso, se eu precisar puxar outro grande gesto da minha bunda, quem sabe se o ginásio do ensino médio estará livre de novo?

Karina riu.

— Bom argumento.

Eles se moveram por um tempo em silêncio leve, apenas curtindo a música, dançando e ficando juntos.

Finalmente, Ryan disse:

— Então, Karina?

— Hummm... — ela murmurou.

— Eu odeio trazer à tona o que poderia ser um exterminador de humor, mas Henry apareceu três ou quatro vezes para me perguntar sobre isso...

Ela olhou para ele.

— Perguntar sobre o quê?

— Bem, você se lembra da onda de emoção por ter acabado de tocar no palco no Show de Talentos? Fizemos algo sem realmente pensar primeiro...

Ela sorriu maliciosamente, lembrando suas travessuras no escritório.

— Ah, eu me lembro — ela disse, infundindo toda a maldade que podia nessas três palavras. — E eu discordo de não ter pensado nisso. Era a única coisa em que eu conseguia pensar nas semanas que antecederam.

Ryan riu com voz rouca.

— Isso não. Embora eu goste de onde está sua cabeça. Estou falando de quando concordamos em tocar novamente no Festival de Inverno.

Karina fechou os olhos. Assim que Ryan falou as palavras, a memória voltou rapidamente para ela.

Ela bateu a palma da mão na testa.

— Ryan, Deus! O Festival de Inverno é daqui a uma semana!

— Exatamente. É por isso que eu queria falar com você sobre o assunto. Ainda vamos tocar? O que você acha?

Karina balançou a cabeça.

— Eu não sei. Isso não poderia acontecer em um momento pior, com



Bernie e Davis na cidade. Isso será apenas mais uma desculpa para eles me pressionarem a acelerar as negociações do contrato.

— Sim, eu sei o que você quer dizer. Eles têm conversado muito comigo sobre assinar contratos também. Eu disse a eles que não assinaria nada até falar com você.

Karina assentiu miseravelmente. Ryan não sabia, e ela nunca queria que ele soubesse, que ele estava sendo usado por Davis como um peão nas negociações de *Spintown* com ela. Se ele tivesse sido endurecido e calejado por muitos anos lidando nesse meio, não seria um choque. Mas Ryan não era assim. Ele era direto, honesto e sincero. Ele pegava a palavra de uma pessoa e acreditava nela. E, nossa, chame-a de egoísta, mas ela gostaria de continuar assim pelo maior tempo possível.

Ela olhou para ele e lentamente perguntou:

— Então você está a bordo? Você quer avançar com o acordo?

— Sim! Quero dizer, claro — ele se entusiasmou. — Uma oportunidade de tocar música e ser pago por isso, além de trabalhar com você o tempo todo? Tô dentro!

Ela sorriu encorajadoramente, mas tinha a sensação de que seu sorriso não chegava até os olhos. Essa suspeita foi confirmada quando Ryan inclinou a cabeça, olhando para o rosto dela com uma expressão de preocupação.

— O que há de errado? Você não tem certeza sobre o acordo?

Ela duplicou seus esforços para parecer e parecer entusiasmada.

— Não, quer dizer, sim. Sim, eu tenho certeza sobre o acordo por todas as razões que você acabou de dizer. É apenas, você sabe, uma coisa complicada de contratos. Bernie vai resolver isso para mim. Ele sempre resolve.

— Tudo bem — ele disse devagar. — Se isso é realmente tudo... — Ele parecia ainda não estar convencido.

Ela assegurou, sorrindo. Então ele a surpreendeu girando-a nos braços e fazendo seu corpo se inclinar para baixo. Ela soltou uma risada despreocupada, adorando a sensação de ser abraçada e apoiada por seus braços fortes e poderosos, tanto que ela tinha certeza de que faria um acordo com o diabo para ficar lá.

Talvez fosse exatamente o que ela estava fazendo.



Quando Karina caminhou até a mesa de bebidas, mais tarde naquela noite, ficou surpresa ao ver Renata servindo o ponche. Elas tiveram várias outras conversas sobre a mãe e o avô, e ela poderia dizer honestamente que esse foi o mais próximo que elas já estiveram. Mas aquele era o último lugar em que ela esperava vê-la.

— Vó! — ela exclamou, chocada. — O que você está fazendo aqui?

— Acompanhante — respondeu a avó.

Karina inclinou a cabeça e adotou uma expressão “faça-me o favor”.

— Os bailes escolares precisam de acompanhantes — reiterou Renata um pouco defensivamente, pensou Karina.

— Ah, sei — respondeu Karina, não convencida, pegando o copo de ponche que a avó lhe entregou.

Então, em um tom completamente indiferente, destinado a transmitir exatamente o pouco que ela pensou sobre o assunto, Renata disse:

— Estou surpresa que seu agente não esteja aqui.

Karina balançou a cabeça, colocando o ponche sobre a mesa.

— Olha só... Vó, você está *interessada* em Bernie?

Renata pareceu chocada.

— Esse foi um comentário despretensioso. Você não percebeu pelo meu tom?

— E o fato de você ter tomado a decisão muito improvável de vir servir de acompanhante esta noite?

Renata fez um gesto para Sue Ann, que estava trabalhando do outro lado da mesa, entregando lanches.

— Eu não sou a única. Sue Ann também está aqui.

Ao ouvir seu nome, Sue Ann se apressou alegremente, dando a volta na mesa para cumprimentar Karina com um abraço.

— Você gostou da sua festa, querida? — ela perguntou.

— Eu amei! — Karina sorriu. — Não acredito que Ryan tenha tido todo esse trabalho só por mim.

— Bem, muitos de nós ajudamos — disse Sue Ann.

— Oh, que bom — disse Karina, aliviada. — Quero dizer, só a comida

deve ter custado uma fortuna.

— Oh, não — corrigiu Sue Ann. — Eu quis dizer que todos nós trabalhamos em decorar e divulgar que aconteceria. Ryan pagou por tudo.

— Oh — Karina disse miseravelmente. — Eu odeio que ele tenha se endividado por isso. Eu sei que pode não ser fácil.

Sue Ann olhou para ela, intrigada.

— Ele tem muito dinheiro, querida.

Karina correu para explicar:

— Ah, não, Sue Ann. Eu não quis ofender com isso! Tenho certeza de que o café vai muito bem!

Sue Ann bufou.

— Não tem nada a ver com o café. Ryan não leva um centavo do meu dinheiro por me ajudar. Não, quando os pais dele venderam o rancho no verão passado, eles dividiram o dinheiro entre eles e Ryan, já que teria sido dele, se não o tivessem vendido. Eles consideraram sua herança.

Karina sorriu.

— Tenho certeza de que é uma boa economia.

Sue Ann riu de novo e, ao voltar para o lado da mesa para continuar trabalhando, disse por cima do ombro:

— Se você considerar alguns milhões de dólares por ano, uma boa economia, então sim, é isso que é.

Renata e Karina trocaram olhares assustados.

Karina parecia não conseguir processar a informação.

*Ryan era um milionário? Como ela não sabia disso?*

Eles precisavam ter uma conversa.

Ela o encontrou onde ele estava sentado na arquibancada, conversando com Justin e os rapazes. Ela pediu para falar com ele, e eles saíram para o corredor.

Quando eles estavam no corredor e fora do alcance da multidão, Karina virou-se para ele, respirou fundo e depois lentamente disse:

— Estou sendo fiel à minha nova resolução de falar com você sobre as coisas, em vez de ignorar e evitá-las.

Ryan parecia confuso.

— Uau. Eu estraguei tudo tão cedo? O que eu fiz?

Ela balançou a cabeça.

— Por que você nunca me disse que seus pais venderam a fazenda?

Ele soltou uma risada assustada.

— O quê?

— Sua avó acabou de me dizer que seus pais venderam a fazenda deles e agora você tem milhões no banco pela venda.

— Rancho — ele corrigiu.

— É sério isso?

Ele sorriu.

— Desculpe. Resposta reflexa. E acho que não contei porque... não sei... não achei que isso importasse?

Ela encolheu os ombros.

— Provavelmente não deveria. Mas eu me sinto um pouco desequilibrada por você nunca ter dito nada sobre isso.

— Não sei por que você acha que eu diria. Duvido que você vá contar às pessoas o seu saldo bancário também.

*Sim. Justo.*

Enquanto pensava nisso, Bernie irrompeu pelas portas da academia, quebrando o momento e exclamando:

— Aí está você! Tenho tentado entrar em contato com você. Você já viu isso, garota?

Com isso, ele lançou a última edição da *People Magazine* para ela. Ela a pegou nas mãos e olhou para ele. Na parte superior da capa estava estampada a manchete em negrito: “Quem ela escolherá?”

A foto foi dividida em duas partes, na tela. A primeira era uma captura de tela do beijo rápido entre ela e Kyle do vídeo do YouTube. A segunda foi uma foto de paparazzi dela e Ryan saindo do restaurante em Lake Tahoe.

Karina ficou subitamente irritada demais. Ela jogou a revista no chão, frustrada.

— É sério isso?! Eles não podem me deixar em paz para viver minha vida?

Bernie assentiu com simpatia.

— Sim, eu sei. Então, o que você quer dizer a eles?

Ela suspirou e tentou organizar seus pensamentos.

— Ok. Apenas diga a eles que Ryan e eu vamos trabalhar juntos no meu próximo álbum. E dê a eles um “sem comentários” sobre Kyle Austen Reed.

Bernie assentiu.

— Boa, garota. — Ele balançou as sobrancelhas, fazendo o seu melhor na representação de Groucho Marx. — Agora, se você me dá licença, eu tenho que ir ver uma senhora para falar sobre um ponche — ele disse e voltou

para o ginásio.

Karina virou-se para Ryan, incrédula.

— Você acredita nisso?

Ryan deu de ombros.

— Quero dizer, são uma revista de fofocas de celebridades. O que você espera?

— Ah, sim. Na verdade, eu estava falando sobre Bernie e minha avó, mas sim. A capa da revista também.

Ryan olhou para ela uniformemente.

— Então, é essa a história toda? Vou colaborar no seu próximo álbum?

Karina ficou surpresa.

— Essa é a história para o público. Não tem nada a ver com a nossa vida real.

— Eu pensei que você estava chateada quando Kyle disse a mesma coisa quando o vídeo saiu. Quando perguntei o porquê, você me disse que não comentar era tão bom quanto dizer que você estava em um relacionamento — ele disse, parecendo calmo.

Quase calmo demais.

— Sim, mas se eles pensam que estou com Kyle, eles nos deixam em paz. O mundo pode pensar que estou com ele, mas estarei com você. Em paz — Karina tentou explicar.

Ryan riu amargamente. Ele pegou a revista e olhou para a capa.

— Karina, talvez seja esse o problema. Você vive duas vidas há tanto tempo que nem sabe qual é real. A versão da superstar “Karina Black” para o público ou a versão discreta “Karina Blackstone” que você tenta viver aqui. É isso que realmente te incomoda sobre o meu dinheiro? Quando você pensou que eu era apenas um menino pobre do campo, eu me encaixava muito bem na sua fantasia de cidade natal. Agora que você sabe que tenho dinheiro, essa ilusão não se encaixa mais. É por isso que você não quer assinar os papéis e sair em turnê comigo? Porque, na sua cabeça, eu era apenas o seu pequeno garoto da cidade e você não quer me tirar do papel que me colocou nessa novela? — Ele pegou a revista e a exibiu como se fosse usada como prova A no julgamento em que ele a colocara.

Sem saber como responder a essa linha de questionamento, Karina ficou sem fala, atordoada pelas acusações que Ryan estava lançando contra ela.

Ele balançou a cabeça tristemente, devolvendo a revista para ela.

— Você precisa escolher, Karina. Você precisa decidir o que quer da

vida. Se é uma vida simples e pequena na cidade comigo aqui, sou bom nisso. Se é para você e eu sairmos em turnê juntos, eu também estou dentro. Se é para me deixar completamente para trás, odeio, mas posso lidar com isso também. A única coisa com a qual não posso lidar, e não vou lidar, é com esse limbo constante e uma história para uma pessoa, uma história para outra. O que você quer da vida, você precisa decidir. Não posso te fazer feliz com sua vida, Karina. Somente você pode fazer isso por si mesma. Você precisa escolher.

Ryan devolveu a revista calmamente a ela, depois girou nos calcanhares e caminhou pelo corredor com passos poderosos que exalavam a autoridade sem esforço que era exclusivamente dele.

Relutantemente, Karina voltou-se para a festa e viu que Kyle estava parado na porta, olhando-a com um olhar triste e quase simpático no rosto. Foi o mais perto que ela o viu de parecer totalmente sincero, com quase nenhum traço de seu talento dramático em exibição.

Recompondo-se, Karina disse:

— Ei, Kyle. Há quanto tempo você está aí?

Kyle sorriu docemente e estendeu a mão para ela.

— Não muito. Vamos lá, querida. Precisamos entrar. Eles estão prestes a nos anunciar como rei e rainha do baile.

Quando ele a puxou para o ginásio, ela ainda estava tentando se orientar. Ela perguntou:

— O quê? Como você sabe que seremos nós?

Ele olhou para ela como se ela fosse louca e nem se deu ao trabalho de responder à pergunta.

Quando, momentos depois, eles foram de fato anunciados como rei e rainha do baile, ele sorriu para ela brilhantemente, como se lhe mostrasse como tinha sido tolo questionar se a honra poderia ter sido para qualquer outra pessoa.

Karina seguiu Kyle até a pequena plataforma em uma das extremidades da academia. Kyle ergueu as mãos para acalmar a multidão animada, e eles obedeceram alegremente, olhando para Kyle, com expectativa, esperando ansiosamente pela oportunidade de acreditar em cada uma das suas palavras.

Ele estendeu a mão e tirou a revista das mãos dela. Ela olhou para ele, assustada, de repente aterrorizada ao ouvir o que poderia sair da boca dele.

Kyle adotou um ar grave e abaixou a cabeça por um momento, fazendo uma cena como se estivesse decidindo sobre o que falar. A tensão na

multidão cresceu até que todos no grande ginásio estivessem focados nele antes mesmo que dissesse uma palavra.

*Droga, ela pensou. Diga o que quiser sobre Kyle Austen Reed, mas o cara é bom no que faz.*

Finalmente, ele levantou a cabeça para olhar a multidão. Karina gemeu interiormente quando viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

*Não é um bom sinal, ela pensou.*

— Tenho um anúncio a fazer — ele começou —, e é algo que acho que pode ser chocante e possivelmente até traumático para muitas pessoas aqui.

A atenção da multidão permaneceu extasiada, concentrada nele. Eles estavam encantados.

Kyle levantou a revista para a multidão ver.

— Acho que a maioria de vocês já viu isso — continuou ele —, e sendo assim, acho que a maioria de vocês provavelmente esperou com um suspense quase intolerável, como eu, para saber qual seria o resultado da decisão de nossa adorável Karina. Como a capa pergunta tão apropriadamente... quem ela escolherá? Quem, de fato?

Kyle parou para ver o efeito, olhando para baixo e depois para cima novamente duas batidas depois.

— Agora, esse trágico triângulo amoroso foi fonte de tremenda emoção, drama e desgosto para todos os envolvidos. Mas tenho que lhes dizer — ele disse — que, no corredor, acabei de testemunhar uma cena que tocou meu coração e alma e me ajudou a tomar uma decisão muito importante, embora difícil. Eu testemunhei Ryan e Karina discutindo sobre esse mesmo artigo. Não ouvi tudo, mas o que ouvi foi que Ryan terminou dizendo: “Karina, você precisa escolher.” E, senhoras e senhores, quando ela se virou e vi o rosto dela, vi uma coisa claramente. Ela já escolheu, embora eu tenha certeza de que ela não foi capaz de reconhecer isso para si mesma.

Kyle Austen Reed passou o braço em volta do ombro de Karina e a puxou para perto.

— Karina, minha querida, meu amor... Não quero nada mais do que ver você feliz. Eu sei que essa é uma escolha arrasadora para você. Eu sei que você se sente dividida entre dois grandes amores. Sei que você sente como se seu coração estivesse sendo rasgado em dois. Mas você e eu, minha querida, devemos encarar a verdade. Você está apaixonada por Ryan. Eu vejo isso agora. E eu sei que você nunca poderá reunir forças para me deixar ir. Então eu estou tomando a decisão por você, Karina. Estou me retirando da equação.

Ele se afastou dramaticamente do microfone.

Lançando os braços abertos para o lado, ele disse:

— Estou libertando você, Karina Black! Vá! Siga seu coração! Fique com Ryan! Você tem minha bênção!

Com isso, ele saiu rapidamente do auditório. A multidão ficou em um silêncio atordoadado até Sam dar alguns passos à frente. Claramente apanhada na emoção da performance, ela começou a bater palmas lentamente. Outros se juntaram gradualmente até que todo o ginásio ressoava com aplausos estrondosos.

— Kyle Austen Reed, pessoal! — Sam gritou com entusiasmo. — Kyle. Austen. Reed!

Karina, que não conseguia processar a cena bizarra que acabara de se apresentar na frente dela, de repente percebeu. De uma maneira estranha, Kyle realmente deixou claro para ela exatamente o que ela precisava fazer a seguir. Seu gesto galante, embora dramático e um pouco ilusório, realmente serviu para esclarecer seu pensamento.

Ela saiu correndo pela porta lateral do auditório. A única coisa que restava a fazer era dizer a Ryan.







Ainda usando seu vestido preto esvoaçante, Karina correu pelas ruas vazias e escuras de Hope Falls. Por meio quarteirão, ela tentou acelerar pela rua de salto alto, mas não conseguiu. Parando, ela os removeu e segurou nas mãos antes de começar a correr novamente.

Ela percebeu que devia compor uma imagem insana: descalça, lágrimas e rímel escorrendo pelo rosto, correndo como um animal selvagem por uma rua vazia. Tudo, é claro, enquanto usava um vestido de alta costura, completo, com uma faixa e uma tiara de rainha do baile. Não era algo que uma pessoa visse todos os dias.

Karina correu até a porta da frente do Sue Ann's Café e puxou. Claro que estava trancada. O café estava fechado. Mas Karina não desistiria tão fácil dessa vez. Quando contou a Ryan a história humilhante de Sue Ann encontrá-la sentada no chão diante da porta do café, ele riu e mencionou casualmente a localização da chave escondida que destrancava a porta dos fundos.

Karina correu para o beco dos fundos, pegou a chave do esconderijo seguro e entrou na cozinha, trancando a porta atrás de si e colocando a chave no balcão de aço inoxidável.

Ela correu pela cozinha, subiu as escadas e bateu freneticamente na porta, chamando:

— Ryan! Ryan, abra a porta! Eu escolhi! Ryan, eu escolhi!

A porta se abriu e, diante dela, tudo ficou um tanto confuso diante da visão de Ryan, com os cabelos um pouco despenteados, descalço, vestindo nada além de um par de jeans desbotados, usados muito baixo nos quadris finos e fortes.

Ela ficou momentaneamente distraída com a visão do peito dele, que seus olhos seguiram descendo, descendo, descendo... todo o caminho até o lugar onde sua trilha feliz desaparecia sob seu jeans.

Ela não percebeu que tinha ficado em silêncio até Ryan limpar a garganta, trazendo seus pensamentos de volta à terra. Ela levantou o olhar para encontrar o seu meio sorriso sexy e consciente.

Ela sorriu de volta.

— Você estava certo, Ryan. Eu tinha que escolher. Eu tinha que descobrir o que queria da vida, e agora eu sei.

— Deixe-me adivinhar — brincou Ryan. — Tem algo a ver com uma tiara?

— Sim. É o que eu uso para tomar todas as minhas decisões importantes. — Ela sorriu através das lágrimas.

Ela entrou no apartamento passando por Ryan, tirando a tiara da cabeça. Depois de colocar o sapato na estante dele, ela tirou a faixa e a jogou na mesa da cozinha.

Então ela se virou para ele, pegou suas mãos e disse:

— Ryan, eu escolhi você. Eu escolho você, Ryan. Qualquer que seja a forma que assuma. Se ficarmos aqui em Hope Falls, que assim seja. Se formos escrever músicas e sair em turnê juntos, isso é fantástico também. Eu finalmente entendi. Eu percebi... isso realmente não importa. Não importa como será a nossa vida juntos. A única coisa que importa é que estaremos juntos e que é a nossa vida. Eu acho que parte do motivo pelo qual eu fui tão fechada foi porque eu estava com medo de que minha mãe realmente tivesse me deixado. E sabe de uma coisa? Ela me deixou. Minha avó me contou a história toda e me mostrou que família é quem fica. Eles não vão embora. Você é minha família. Você é minha casa. De agora em diante, não é mais uma escolha *minha*. Nunca mais. É uma escolha *nossa*. Estamos juntos nisto.

Karina recuou, colocando uma mão em cada lado do rosto dele, olhando ternamente para seus olhos, e repetiu:

— Eu escolho você.

Ryan olhou em seus olhos tão intensamente que a deixou sem fôlego.

Então, com uma repentina surpresa e emocionada, ele passou os braços em volta da cintura dela e a pegou do chão, devorando-a com fome em um beijo reivindicador. Ela sentiu o beijo dele até as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Ele a arrebatou. Movendo seus lábios contra os dela, suas línguas colidindo em uma dança erótica, alimentando sua excitação.

Ele partiu sem fôlego e a olhou diretamente no rosto. Sua expressão era de admiração, descrença, carinho e fome ao mesmo tempo.

— Eu amo você — ele disse em meio à respiração. — Eu te amo, Karina Blackstone.

Ofegando, ela sorriu para ele, seu próprio nível de admiração combinando com o dele.

— Eu também te amo, Ryan. Eu te amo muito.

Ryan gentil e lentamente passou uma mecha atrás da orelha dela. Ela adorava quando ele fazia isso. Fazia com que ela se sentisse querida e muito bem-cuidada. Ela esperava com todo o seu coração que fosse capaz de fazer Ryan se sentir tão amado como ele a fazia se sentir.

Ao pegá-la, ele a embalou em seus braços, como se um noivo levasse uma noiva para o outro lado do limiar enquanto literalmente a arrastava. Ele caminhou pelo corredor até o quarto e, depois de chutar a porta com o pé, ele levou Karina para o quarto como se ela fosse a carga mais preciosa do mundo.

Ele deitou Karina na cama, segurando-a com cuidado, como se ela pudesse quebrar. Então, novamente, colocou os cabelos atrás da orelha dela e sorriu.

Ela se inclinou para começar a beijá-lo novamente, e ele moveu a cabeça para trás, desviando dos lábios dela e balançando a cabeça. As pontas dos dedos continuaram a exploração de sua pele macia, passando por cima de seus braços e ombros, às vezes fazendo pequenos círculos ou arabescos, mas nunca parando seu movimento constante e nunca interrompendo o contato com sua pele.

Karina estremeceu e apreciou a sensação, mas depois de alguns momentos, ela estendeu a mão novamente e tentou abraçar Ryan.

Ele sorriu e empurrou os ombros dela de volta para a cama, inclinándose e sussurrando em seu ouvido.

— Apenas relaxe e deixe-me te tocar.

Então ele deu uma mordidinha no lóbulo da orelha dela.

Um arrepio de excitação percorreu o corpo de Karina, e ela

honestamente não sabia se tinha sido causado pela sensação dos dentes dele agarrando seu lóbulo da orelha ou por suas palavras gentilmente controladoras.

Ela suspeitava que, como tantos talentos eróticos de Ryan, era a combinação de ingredientes misturados e cronometrados tão perfeitamente que dava a todo o seu ser a emoção de prazer que atualmente corria de um lado para o outro do corpo.

Ela relaxou no colchão macio, a cabeça apoiada em um monte de travesseiros estofados de Ryan. Não era de sua natureza abrir mão do controle de maneira tão voluntária — na cama ou em qualquer outro lugar —, mas ela estava aprendendo com Ryan.

Essa era uma das coisas que ela amava profundamente nele. Mais uma vez, na cama ou em qualquer outro lugar, eles compartilharam um equilíbrio de poder crepitante. Um deles estaria no controle. Então seria o outro. E então o equilíbrio mudaria. Nunca era totalmente igual, de um jeito ou de outro, mas nunca esteve de um lado ou de outro por muito tempo. O jogo sutil de emoções e sexo era uma das coisas mais intelectual e eroticamente estimulantes que Karina já experimentou, e era uma das coisas que ela podia ver tornando o relacionamento divertido com os anos ou mesmo décadas no futuro. Eles se surpreenderiam constantemente.

Enquanto Ryan lentamente acariciava e massageava sua pele, avançando cada vez mais para o sul com o passar dos minutos, ele sutilmente desceu seu vestido. Quando estava em volta da cintura dela, levantou seus quadris da cama e o deslizou para fora em um movimento suave.

Voltando à tarefa em questão, ele continuou acariciando-a lenta, metodicamente e com amor. Ele passou as mãos em padrões pela barriga e na parte superior das coxas, sempre se certificando de se afastar da única área para a qual Karina mais queria que ele voltasse sua atenção.

Por mais que ela quisesse continuar deixando Ryan guiar esse momento, estava prestes a tomar controle do volante, se ele não mudasse de marcha logo. Quando o dedo áspero dele deslizou por baixo das laterais da calcinha e começou a deslizá-las lentamente pelas pernas, ela quis se contorcer. Mesmo que eles definitivamente estivessem indo na direção certa, ele ainda demorou, deixando-a sentir o tecido que passava por cada centímetro de pele. Ele a deslizou sobre os dedos e a jogou para o lado antes de voltar para ela.

Ela observou o olhar dele levá-la, lentamente, da cabeça aos pés. Ela já estivera nua com ele antes — mais de uma vez, na verdade —, mas nunca se

sentira tão nua como agora, deitada na cama enquanto ele estava vestido ao lado dela, examinando cada centímetro da carne nua dela.

Uma emoção de antecipação e luxúria percorreu sua espinha quando ele se inclinou sobre ela e começou a acariciá-la novamente, prestando mais atenção às áreas que ele havia encoberto antes. Ele deslizou as mãos para cima e para baixo ao longo dos lados dela, na parte interna das coxas e depois por fora. As pontas dos dedos tocaram levemente a pele, aproximando-se cada vez mais do centro úmido e pulsante de sua excitação, que agora doía por seu toque.

Sua pele estava completamente coberta de arrepios agora, sua respiração era superficial e rápida e seu peito estava corado de excitação. Seus quadris se contraíram impacientemente, uma resposta totalmente involuntária, quando ela encontrou os olhos dele e silenciosamente implorou pelo que precisava: a sensação dos dedos dele em sua carne mais macia.

Ele sorriu para ela e nunca quebrou o contato visual enquanto sua mão voltava a subir, e as pernas dela se abriram ainda mais do que antes.

Ainda olhando diretamente nos olhos dela e sorrindo, ele correu os dedos para cima e para baixo em seu monte quente e úmido, provocando-a por nunca dar muita atenção ao seu botão de prazer, o único lugar em que suas carícias poderiam acabar com sua doce tortura. Não. Seus dedos roçavam ali apenas o tempo suficiente para fazê-la palpitar com intenso prazer, apenas o suficiente para fazê-la gemer e arquear as costas, e então deslizavam mais uma vez.

Finalmente, até essas carícias prazerosas de sua pele lisa se tornaram demais para suportar, e ela agarrou seu antebraço, implorando com ele ainda mais desesperadamente com seus olhos, implorando silenciosamente que ele a libertasse.

Com isso, ele sorriu para ela novamente. Ele ainda mantinha seu contato visual intenso com ela, e ela estava determinada a não ser a primeira a quebrá-lo. Não. Mesmo quando ele a levou ao mais alto plano de êxtase, ela exercitou toda a sua força de vontade para não revirar os olhos ou até mesmo jogar a cabeça para trás. Não. Ela o olhava nos olhos quando ele dava ao seu corpo o maior prazer.

Enquanto Karina ainda segurava o braço dele em seu aperto desesperado, Ryan moveu a mão levemente para a frente e empurrou dois dedos dentro de sua passagem apertada. Ela ofegou e seu corpo imediatamente se apertou ao redor deles.

Ryan começou a trabalhar os dedos para dentro e para fora, movendo-os lenta e firmemente em um movimento convidativo, atingindo todos os pontos sensíveis que existiam dentro de seu corpo. Cada movimento de seus dedos fortes e seguros enviou ondas elétricas novas e poderosas através de seu corpo, e sua respiração começou a acelerar e ficar fora de controle. Ela arqueou as costas e apertou seu braço. Então seus olhos se arregalaram, ainda olhando nos dele, e ela ofegou.

Talvez sentindo que ele a havia empurrado o mais perto possível do limite, sem realmente ultrapassá-lo, Ryan ergueu o polegar e começou a acariciar seu inchado centro de prazer, ao mesmo tempo em que seus dedos continuavam a fazer magia dentro dela.

Imediatamente, ela explodiu. Fogos de artifício de prazer explodiram profundamente em seu torso, irradiando para fora, deixando-a tonta, mas nunca roubando completamente sua consciência. Desta vez, ela não deixou. Desta vez, ela estava determinada a olhar nos olhos de Ryan durante todo o orgasmo, por mais poderoso que fosse.

Quando ele viu o que ela estava fazendo — convulsionando em prazer orgástico, mas nunca deixando seus olhos se afastarem dos dele —, um sorriso satisfeito se espalhou por seu rosto.

Mesmo antes de ela terminar de chegar ao clímax, ele usou a mão livre para se livrar do jeans e deslizar a camisinha que arrancou da mesa de cabeceira.

Com o orgasmo ainda pulsando pelo corpo, ela viu Ryan tirar a mão de dentro dela, subir entre suas pernas e mergulhar inteiramente nela.

Ela gemeu baixo enquanto envolvia seus braços e pernas ao redor dele, seus movimentos lentos incentivando seu prazer, deixando-a respirar. Ela acariciou seu rosto e seus cabelos enquanto ele se movia suavemente dentro dela, declarando ofegante:

— Eu te amo, Ryan. Eu te amo — repetidamente em seu ouvido.

Quando ela recuperou as forças, começou a mover os quadris em um ritmo que correspondia ao dele, e ele a abraçou, apoiando a testa na dela e sussurrando:

— Você é minha, Karina. Eu te amo.

Depois disso, o ritmo dele acelerou, e Karina combinou seus movimentos com os dele. Ela passou as mãos pelas costas nuas, que agora estavam escorregadias de suor, e adorou a sensação de seus músculos fortes se contraindo e relaxando enquanto ele empurrava para dentro e para fora

dela.

De repente, ela sentiu todos os músculos das costas dele se contraírem ao mesmo tempo, e ele se curvou sobre ela, puxando-a para mais perto em seus braços. Ela levantou os quadris para encontrar os dele e apertou os braços e as pernas ao redor dele quando ele alcançou seu clímax.

Quando seus músculos relaxaram e ele se afastou de seu abraço apertado, ele amorosamente afastou os cabelos da testa e cobriu o rosto dela com beijos suaves. Ela continuou a acariciar os cabelos dele, e adorava a satisfação suave e felpuda que os envolvia como um cobertor, enquanto eles estavam suados e sem fôlego, acariciando um ao outro com ternura enquanto sussurravam seu amor mútuo.

A última coisa que Karina teve conhecimento foi a sensação feliz de relaxar completamente contra o peito forte de Ryan, fechando os olhos e — pela primeira vez em sua vida — se afastando em nuvens suaves de sono enquanto era envolvida nos braços do homem que amava.





Karina e Ryan estavam sentados em sofás puídos na sala dos fundos do auditório da Hope Falls High School, local do Festival de Inverno. Disseram a Henry que ficariam felizes em tocar, principalmente porque o dinheiro beneficiava o departamento de música do ensino médio.

Karina não sabia o que isso significava para eles profissionalmente. Eles ainda precisavam se reunir com Bernie e Davis e discutir todos esses detalhes. Mas, honestamente, Karina não se importava. Ela estava com Ryan, o resto era irrelevante. Essa era a única parte importante.

Se isso significava uma carreira próspera na música *mainstream* ou uma operação *indie* do tipo faça você mesmo baseada em Hope Falls, era indiferente para Karina. Ela faria seu melhor trabalho e faria sua melhor música, independentemente das circunstâncias, e o faria com Ryan. A vida não poderia ser melhor.

Como se convocados por seus pensamentos, Bernie e Davis entraram no camarim improvisado, com sorrisos largos em seus rostos.

Karina riu.

— Bem, vocês dois parecem com o gato que engoliu o canário.

Bernie bateu no ombro dela.

— Isso, garota, é porque acho que finalmente fizemos um acordo que nenhum de vocês pode recusar.

Karina ficou intrigada e sabia que Ryan também devia estar. Afinal, Bernie e Davis estavam agindo como se estivessem em negociações ativas o tempo todo, enquanto ela e Ryan pensavam que as coisas estavam estagnadas.

Ryan franziu a testa, abriu a boca para falar, mas Karina pulou antes que



ele pudesse com um simples:

— Estamos ouvindo.

Bernie orgulhosamente brandiu os papéis grossos, exclamando:

— Basicamente, eis o negócio, garota. Você obtém controle criativo total de cinquenta músicas dos seus próximos seis álbuns. Os outros seis terão um produtor externo, mas você terá a escolha final sobre esse produtor. Você ganha mais controle criativo sobre direção de arte, imprensa, guarda-roupa etc. A ideia é que ajudemos seus fãs a entender a versão discreta e desconectada de você como artista, em vez de chocá-los.

Karina assentiu.

— E Ryan?

Bernie disse:

— Você achou que eu o esqueceria? Não, eu não faria isso. O acordo de Ryan é completamente independente do seu. Material padrão para novos artistas. Obviamente, queremos que vocês dois façam colaborações juntos. É fundamental na estratégia de apresentar Ryan como uma novidade. Mas nenhum dos seus contratos depende disso.

Karina levantou as sobrancelhas. Isso era basicamente tudo o que ela queria, muito mais do que ela esperava. Ela deveria se atrever a perguntar e correr o risco de azedar o acordo? Ou ela deveria se apressar e colocar a caneta no papel antes que eles mudassem de ideia?

A curiosidade tomou conta dela e ela decidiu que não aguentaria ficar no escuro.

— Isso parece incrível — ela disse antes de acrescentar: — Então, o que levou a essa mudança brusca de coração?

Davis riu.

— Como se você não soubesse! Você estava certo sobre esses dois, Bernie. Astutos como raposas. Bem, não me importo de admitir que fui superado em um jogo de negociação. Bem jogado.

Karina olhou para Ryan, perguntando-lhe com as sobrancelhas levantadas se ele sabia do que estavam falando. Ele balançou a cabeça.

— Foi brilhante nos jogar de um lado para outro — Bernie admitiu. — “Oh, eu tenho que falar com Ryan primeiro.” “Oh, eu tenho que falar com Karina primeiro.” Vocês quase nos enganaram e me fizeram pensar que o negócio realmente iria desmoronar. Mas olhe! Agora está tudo resolvido. Somos todos uma família de novo!

Davis acrescentou:

— E eu não serei tão rápido em descartar sua capacidade de negociação da próxima vez.

Karina e Ryan trocaram olhares.

— Sim — disse Ryan, de forma neutra. — Nós realmente jogamos vocês de lá pra cá, não foi?

Amanda enfiou a cabeça na sala e disse:

— Trinta segundos, pessoal! Vamos!

Karina e Ryan se levantaram e apertaram a mão de Davis, e Karina deu um abraço em Bernie antes de saírem correndo do camarim em direção ao lado do palco no qual iriam entrar.

Karina não poderia estar mais feliz, pois eles estavam lá nos bastidores, esperando ouvir seus nomes sendo chamados, se preparando para ir para o palco juntos para fazer o que eles faziam melhor e mais amavam fazer.

Ela sorriu maliciosamente para si mesma.

*Bem, ela admitiu, talvez a segunda coisa que fazemos melhor e a que amamos em segundo lugar...*

Então estava na hora. Henry chamou seus nomes e eles caminharam juntos pela madeira polida do palco, ouvindo o som estrondoso e abrangente da multidão enlouquecendo. Eles se posicionaram em ambos os lados do microfone, respiraram fundo e compartilharam um sorriso.

Então, quando a energia e a antecipação no auditório estavam chegando ao ponto de ruptura, eles se voltaram para a multidão e começaram a tocar. Karina se perdeu na música, na performance, em Ryan. Ela se perdeu no amor.

*Fim*





Melanie Shawn é a equipe de escritoras da dupla de irmãs Melanie e Shawna. Originalmente do norte da Califórnia, ambas migraram para o sul e agora chamam o Sul da Califórnia de casa.

Ao crescer, Melanie sempre teve a cabeça em um livro e estava sempre trabalhando em contos, manuscritos, peças de teatro e poesia. Depois de se formar magna cum laude pela Pepperdine University, ela passou a dar aulas para crianças de 2 a 8 anos por cinco anos. Ela agora passa seus dias escrevendo e cuidando de seu bebê peludo, um Lhasa Apso chamado Hércules. Em seu tempo livre, sua atividade favorita é se enroscar no sofá com aquela teimosa e engraçada série de TV a cabo em DVD (de preferência pelo menos oito temporadas de duração — uma garota precisa ter seus padrões!) Shawna sempre amou romance em qualquer forma — filme, música ou literatura. Se for uma história de amor com um final feliz, Shawna tem interesse! Ela orgulhosamente reconhece que é uma *romanceaholic*. Seus dias são repletos de escrita, sendo uma esposa, mãe também árbitro de dois adolescentes, e entregando-se à sua segunda paixão (dança!) como instrutora de Zumba. No pouco tempo livre que tem, ela se junta a Melanie em DVDs e assistem a maratonas de seus programas de TV favoritos.

Elas uniram forças para criar um mundo onde Amor verdadeiro e Felizes para sempre têm sempre um toque sexy!

Você pode acompanhar todas as últimas notícias de Melanie Shawn, incluindo novos lançamentos e concursos, em:

<http://melanieshawn.com>



# NOTAS

## Capítulo 4

1 Referência ao livro *O Grinch*

## Capítulo 11

1 Homem branco com violão. O uso do termo ao quadrado vem do fato de a sigla para o termo ser WGWG.

# Table of Contents

[Capa](#)

[Copyright](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Sobre a Autora](#)

[Notas](#)